

policromias

Volume 9 • Número 1 • Janeiro/Abril 2024 • ISSN 2448-2935

volume
09
número
01

Revista de estudos do discurso, imagem e som

policromias

Revista de estudos do discurso, imagem e som





COMISSÃO EDITORIAL

ANA PAULA QUADROS GOMES - Universidade Federal do Rio de Janeiro

ANTONIO FRANCISCO DE ANDRADE JÚNIOR - Universidade Federal do Rio de Janeiro

BEATRIZ PROTTI CHRISTINO - Universidade Federal do Rio de Janeiro

EDMUNDO MARCELO MENDES PEREIRA - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

EVANDRO DE SOUSA BONFIM - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

LEONOR WERNECK DOS SANTOS - Universidade Federal do Rio de Janeiro

LUCAS NASCIMENTO - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

LUCIANA NASCIMENTO - Universidade Federal do Rio de Janeiro

LUIZ BARROS MONTEZ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

MARIA LÚCIA LEITÃO DE ALMEIDA - Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÁRIO FEIJÓ BORGES MONTEIRO - Universidade Federal do Rio de Janeiro

PAULO CORTES GAGO - Universidade Federal do Rio de Janeiro

RAQUEL SOARES - Universidade Federal do Rio de Janeiro





CONSELHO EDITORIAL

ANA PAULA DE MORAES TEIXEIRA - Exército Brasileiro
ANDRÉS ROMERO FIGUEIROA - Universidad de Oriente, Universidad Católica Andrés Bello de Caracas
ANGELA CORRÊA FERREIRA BAALBAKI - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
ARISTIDES ESCOBAR - Universidad Católica de Asunción
BEATRIZ FERNANDES CALDAS - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
BETHANIA SAMPAIO CORRÊA MARIANI - Universidade Federal Fluminense
DOMINIQUE MAINGUENEAU - Université Paris - Sorbonne - Paris IV
CARLOS ALBERTO VOGT - Universidade Estadual de Campinas
EDUARDO ROBERTO JUNQUEIRA GUIMARÃES - Universidade Estadual de Campinas
ENI PUCCINELLI ORLANDI - Universidade Estadual de Campinas
EVANDRA GRIGOLETTO - Universidade Federal de Pernambuco
FREDA INDURSKY - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
JACQUES GUILHAUMOU - CNRS - UMR - MMSH, ENS de Lyon
JEAN-JACQUES CHARLES COURTINE - University of Auckland
JOSÉ HORTA NUNES - Universidade Estadual de Campinas
JUCIELE PEREIRA DIAS - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
KLEBER MENDONÇA - Universidade Federal Fluminense
LÍDIA SILVA DE FREITAS - Universidade Federal Fluminense
LUCAS NASCIMENTO - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
MARIA ONICE PAYER - Universidade Estadual de Campinas
MIRIAM CABRAL COSER - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
MONICA GRACIELA ZOPPI FONTANA - Universidade Estadual de Campinas
NADIA RÉGIA MAFFI NECKEL - Universidade do Sul de Santa Catarina
PATRICK CHARAUDEAU - Université Paris - Sorbonne - Paris XIII
PEDRO DE SOUZA - Universidade Federal de Santa Catarina
ROBERVAL TEIXEIRA E SILVA - University of Macau
RODRIGO OLIVEIRA FONSECA - Universidade Federal do Sul da Bahia
SILMARA DELA SILVA - Universidade Federal Fluminense
SILVÂNIA SIEBERT - Universidade do Sul de Santa Catarina
SYLVAIN AUROUX - Université Sorbone Nouvelle - Paris III
VANISE GOMES DE MEDEIROS - Universidade Federal Fluminense
WEDENCLEY ALVES SANTANA - Universidade Federal de Juiz de Fora



Editor responsável

Tania Conceição Clemente de Souza, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Editores associados

Lucas Nascimento, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Maycon Silva Aguiar, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rodrigo Pereira da Silva Rosa, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rosane da Conceição Pereira, Fundação de Apoio à Escola Técnica

Organizadores da edição

Tania Conceição Clemente de Souza, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Lucas Nascimento, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Maycon Silva Aguiar, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rodrigo Pereira da Silva Rosa, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rosane da Conceição Pereira, Fundação de Apoio à Escola Técnica

Design e diagramação

Cesar Buscacio

Revisão

Lucas Nascimento, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rosane da Conceição Pereira, Fundação de Apoio à Escola Técnica

Divulgação

Maycon Silva Aguiar, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rodrigo Pereira da Silva Rosa, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rosane da Conceição Pereira, Fundação de Apoio à Escola Técnica

Ficha catalográfica

Policromias | Revista do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som – v. 9, n. 1
(Janeiro-Abril/2024) -.- Rio de Janeiro:

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Laboratório de Estudos do
Discurso, Imagem e Som.

Quadrimestral.

ISSN: 2448-2935

Editor responsável: Tania Conceição Clemente de Souza, Museu Nacional, Universidade
Federal do Rio de Janeiro

Editores associados:

Lucas Nascimento, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Maycon Silva Aguiar, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rodrigo Pereira da Silva Rosa, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rosane da Conceição Pereira, Fundação de Apoio à Escola Técnica

1. Linguística. 2. Análise do discurso. I. Título. II.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Laboratório de Estudos do Discurso,
Imagem e Som.

CDD 401.41



SUMÁRIO

EDITORIAL	8
EDITORIAL	9
ÉDITORIAL	10

ARTIGOS

O CORPO ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA: INTERSECÇÕES ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE	12
Elaine Pereira DARÓZ Nadia Pereira Gonçalves de AZEVEDO	
“O NOVO VEIO DE NOVO” - MEMÓRIA & APAGAMENTO NA/DA PUBLICIDADE DA VOLKSWAGEN	36
Luciane Botelho MARTINS Laíze Amaral da COSTA Maren Camile Rutz BERGMANN Mariana Soares da FONSECA	
MATERIALIDADES DISCURSIVAS EM ETNOMATEMÁTICA	59
Rogério LOURENÇO	





ANÁLISE DISCURSIVA DA TEMÁTICA DA DEPRESSÃO NA POESIA
BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM DOS EFEITOS DE SENTIDO EM POEMAS
DO ROMANTISMO, SIMBOLISMO E MODERNISMO102

Cláudio Sampaio BARBOSA
Vitória Carvalho dos SANTOS

SUJEITO E (DES)ESPERANÇA:
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E A PANDEMIA128

Fabio SCORSOLINI-COMIN
Julia Gonçalves BERTOLINO
Soraya Maria Romano PACÍFICO

DO DISCURSO SOBRE A CULTURA E A MORTE:
UMA ANÁLISE DA TRILHA MUSICAL DE *VIVA, A VIDA É UMA FESTA*
NA CONDIÇÃO DE DISPOSITIVO DISCURSIVO157

Íngrid LÍVERO
Pedro NAVARRO

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DO
EMPREGO DA EXPRESSÃO ALA IDEOLÓGICA NA
FOLHA DE S. PAULO E EM *O ESTADO DE S. PAULO*..... 191

André Campos MESQUITA

O SUJEITO PROFESSOR EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS: POSIÇÃO-
SUJEITO DE AUTORIDADE X DESAUTORIZADO 224

Adéli Bortolon BAZZA
Ludmila Vitória SOARES





QUEM ACENDEU O PAVIO? A PRÁTICA DE ENSINO COM
O GÊNERO CANÇÃO À LUZ DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA
E DA PERSPECTIVA ENUNCIATIVO-DISCURSIVA 252
Rodrigo GONÇALVES DIAS PITTA
Sheila Cristina Trevisol GUIMARÃES
Maria Amélia Dalvi SALGUEIRO

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

IMAGENS PARA PENSAR O OUTRO:
A TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO NO NÃO VERBAL.....275
Jean Ignacio LIMA





EDITORIAL

A Revista Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, vinculada ao Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (LABEDIS) e ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – publica estudos nacionais e internacionais referentes à contemporaneidade da teoria do discurso, em áreas do conhecimento em que a linguagem se faz presente, tais como Linguística, Letras e Artes, Ciências Sociais, Ciências Humanas, entre outras.

Policromias tem como Missão e objetivo principal ser um espaço de análise e reflexão sobre estudos críticos, teóricos e práticos, de âmbito simbólico, social e histórico sobre a linguagem verbal e não verbal, em sua relação com aspectos políticos, culturais, sociais, tecnológicos e de ensino. Sua meta é publicar, dentre outros, textos sobre fotos e vídeos, que assinalem qualitativamente questões locais e de cunho internacional sob o escopo proposto.

Busca-se, assim, servir a estudiosos e pesquisadores, no sentido de divulgar pesquisas originais, relevantes e inovadoras para o conhecimento humano, constituindo tanto um espaço de reflexão quanto uma política de memória.

Prof. Dr. Tania Conceição Clemente de Souza - Editor-chefe
Museu Nacional | Universidade Federal do Rio de Janeiro
LABEDIS - Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som
Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som
<http://www.labedis.mn.ufrj.br/>
labedis@mn.ufrj.br





EDITORIAL

The journal *Policromias* - Journal of Speech, Image and Sound Studies, linked to Laboratory of Speech, Image and Sound Studies (LABEDIS) and National Museum of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) - publishes national and international papers about the contemporary use of discourse theory, in areas of knowledge in which language is present, such as Linguistics, Letters and Arts, Social Sciences, Human Sciences, among others.

Policromias has as its mission and main objective to be a space for analysis and reflection on critical, theoretical and practical studies, with a symbolic, social and historical scope on verbal and non-verbal language, in relation to political, cultural, social, technological and education. Its goal is to publish, among others, texts about photos and videos, which qualitatively highlight local and international issues under the proposed scope.

It seeks to serve scholars and researchers in the sense of disseminating original, relevant and innovative research for human knowledge, constituting both a space for reflection and a policy of memory.

Prof. Dr. Tania Conceição Clemente de Souza - Editor-chefe
Museu Nacional | Universidade Federal do Rio de Janeiro
LABEDIS - Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som
Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som
<http://www.labedis.mn.ufrj.br/>
labedis@mn.ufrj.br





ÉDITORIAL

Policromias » – Journal d'études du Discours, l'Image et le Son, lié au Laboratoire de Recherche du Discours, l'Image et le Son (LABEDIS) et au Musée National de l'Université Fédérale du Rio de Janeiro (UFRJ) – publié de séjours nationaux et internationaux sur la théorie contemporaine du Discours, dans les domaines de la connaissance que la langue est présente, comme la linguistique, la littérature et des arts, sciences sociales, sciences humaines, entre autres.

Policromias » a la mission et l'objectif principal d'être un espace d'analyse et de réflexions sur des études critiques, théoriques et pratiques, dans le contexte symbolique, sociale et historique sur le verbal et non verbal, dans sa relation avec des aspects politiques, culturelles, sociales, technologiques et de l'enseignement. Votre but est faire publier, entre autres, les textes sur les photos et vidéos, qui soulignent qualitativement les questions relevant de la réalité locale et internationale du champ d'application proposé.

Ainsi, l'idée centrale est servir les chercheurs, avec l'intention de diffuser les recherches originales, novatrices et pertinentes à la connaissance humaine, ce qui constitue à la fois un espace de réflexion et une politique de mémoire.

Prof. Dr. Tania Conceição Clemente de Souza - Editor-chefe

Museu Nacional | Universidade Federal do Rio de Janeiro

LABEDIS - Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som

Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som

<http://www.labedis.mn.ufrj.br/>

labedis@mn.ufrj.br



Revista Policromias
Volume 09 | Número 1

ARTIGOS



O CORPO ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA: INTERSECÇÕES ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE

THE BODY AS A PLACE OF MEMORY: INTERSECTIONS BETWEEN DISCOURSE ANALYSIS AND PSYCHOANALYSIS

Elaine Pereira DARÓZ¹

Nadia Pereira Gonçalves de AZEVEDO²

RESUMO

Historicamente os dizeres sobre a mulher nos remetem a uma idealização, intrinsecamente ligada ao seu corpo e modo de ser. Neste artigo, visamos compreender as redes de memória sobre a mulher e o seu corpo na atualidade, promovendo um deslocamento da noção de corpo-objeto para a noção de corpo como lugar de memória. Neste gesto, a Análise do discurso de linha Pecheutiana constituirá o nosso aporte teórico-analítico, na compreensão das redes de discursividades que se entrecruzam e regularizam determinados sentidos sobre ser mulher. Para tanto, promovemos um diálogo com a Psicanálise, em especial às questões sobre o corpo e seus sintomas a partir dos estudos de Freud e Lacan. Enfim, apresentamos um entrelaçamento entre as noções de corpo nas abordagens psicanalítica e discursiva, a fim de melhor compreendermos os efeitos de sentidos que recaem sobre os sujeitos contemporâneos, considerando os sintomas que se apresentam na atualidade.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. *E-mail:* nadia.azevedo@unicap.br.

² Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. *E-mail:* elaine.daroz@unicap.br.



PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Análise do discurso. Psicanálise. Redes de memória.

ABSTRACT

Historically, we have been told that women are idealized, intrinsically linked to their bodies and their way of being. In this article, we intend to understand the networks of memory about women and their bodies today, shifting from the notion of the body as an object to the notion of the body as a place of memory. In this gesture, Pecheutian discourse analysis will be our theoretical-analytical contribution to understanding the discursive networks that intersect and regulate certain meanings about being a woman. To this end, we promote a dialog with Psychoanalysis, especially with questions about the body and its symptoms based on the studies of Freud and Lacan. Finally, we present an interweaving between the notions of the body in psychoanalytic and discursive approaches, in order to better understand the effects of meanings that fall on contemporary subjects, considering the symptoms that present themselves today.

KEYWORDS

Body. Discourse Analysis. Psychoanalysis. Memory networks.

PALAVRAS INICIAIS

*Tenho um corpo e tudo o que eu fizer
é continuação do meu começo.
Perto do Coração Selvagem
Clarice Lispector*

Na cultura ocidental, historicamente, os dizeres sobre a mulher perpassam uma série de formulações sobre o seu corpo, direcionando não somente os sentidos do feminino como também da posição que a mulher deve ocupar na esfera social. Como exemplo, a ideia de proporção para a noção de Belo, na Grécia Antiguidade, passa a relacionar-se com a idealização



de mulher a partir de determinados padrões como requisitos ao seu lugar, considerado primordial social: objeto de desejo do homem e, por conseguinte, progenitora (Daróz, 2020).

Este estudo tem por objetivo compreender as redes de memória sobre a mulher e o seu corpo na atualidade. Especificamente, pretendemos propor o deslocamento do corpo-objeto para corpo como lugar de memória, além de evidenciar práticas mais justas e que vislumbrem os diferentes modos de ser mulher na contemporaneidade.

Para tal, convocamos Freud e Lacan, em seus estudos sobre o corpo, bem como Pêcheux, fundador da Análise do Discurso de linha francesa (AD), teoria e dispositivo analítico desse trabalho.

ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA: AS DOBRAS-DURAS DO DIZER SOBRE A MULHER

Como vimos discutindo, a arte clássica materializou, ao longo dos tempos, dizeres a partir de uma representação de mulher que atendesse a esses padrões. Afrodite, a primeira mulher a ser representada nua à época e esculpida por Cnido no século IV d.C. (Salomon, 2005), tornou-se uma referencial de atributos às mulheres. Nudez que trazia no seu âmago sentidos sobre o ideal de beleza e feminilidade à mulher como padrões de um corpo que é inscrito pela cultura e nela se inscreve, porque é histórico.

Em *O mal-estar na cultura*, Freud (2010 [1930], p. 23) afirma que

Como se sabe, a cultura humana [...] mostra dois lados ao observador. Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para a satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si e, em especial, a divisão dos bens acessíveis.



Podemos observar, então, uma relação intrínseca entre cultura e ideologia, na medida em que é na tessitura do discurso que a ideologia tece – sob a forma de dizeres, valores, ética e costumes – os sentidos e práticas que devem ser regularizadas no corpo social. Pensados discursivamente, esses dizeres naturalizados reproduziam, e ainda reproduzem em larga medida, uma sobredeterminação ideológica que tem como um de suas funções naturalizar os dizeres, e sentidos, a fim de colocar os sujeitos a responder às demandas da ordem vigente (Althusser, 1967). Para isso, segundo Althusser (1970), os Aparelhos do Estado – Escola, Mídia, Igreja, Família – são responsáveis por reproduzir os dizeres e sentidos que vão ao encontro da ideologia dominante, ao passo em que sentidos outros são silenciados.

Ao longo dos tempos, os discursos sobre a mulher se pautavam frequentemente na biologização do corpo que pré-determinava uma suposta debilidade feminina (Darwin, 1871). As práticas sociais, portanto, iam (e em certa medida ainda vão) ao encontro dessa representação de mulher naturalizada por meio desses discursos, que direcionam para um imaginário do corpo feminino como um bem público a ser consumido.

De acordo com o dicionário *on-line* “Priberam da Língua Portuguesa”³, o verbo consumir, em sua forma transitiva, é significado a partir de determinadas ações, como: Fazer desaparecer pelo uso ou gasto; Gastar; devorar; destruir; comer; Fazer desaparecer da memória; apagar; corroer; dissipar.

³ “consumir”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/consumir>. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/consumir> > Acesso em 07 mai. 2023.



Ainda na atualidade, não raramente observamos discursos sobre o corpo feminino a se comer, geralmente em falas masculinas/machistas em relação ao sexo. Sob esse aspecto, o corpo feminino além de fonte de prazer é também objeto de uso, a ser gasto ao limite, ou até mesmo extrapolando as margens do que suporta um corpo como em casos que vão desde a violência física e psíquica contra a mulher quanto ao feminicídio que cresce vertiginosamente em nosso país.

Ainda segundo Freud (2010 [1930], p. 27), “[...] na vida psíquica, nada do que uma vez se formou pode perecer”. Nesses termos, as aparentes verdades ideologicamente naturalizadas sobre a mulher, que muitas vezes culminam em sua objetificação e produzem registros de violência (com cicatrizes no corpo ou não), deixam marcas indelévels no seu psiquismo, implicando na imagem que a mulher possui de si.

Para Schilder (1977, p. 15),

O esquema corporal é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos, e podemos também chamá-lo de imagem corporal. Este termo indica que não estamos tratando de uma mera sensação ou imaginação. Existe uma apercepção do corpo. Indica também que, embora nos tenha chegado através dos sentidos dos sentidos, não se trata de uma mera percepção. Existem figurações e representações mentais envolvidas, mas não é uma mera representação.

Extrapolamos, assim, a compreensão do corpo na sua estrutura físico-fisiológica pensado na sua composição multicelular, muscular e intercorporal para pensá-lo a partir de uma estruturalização desse corpo (Schindler, 1977). Nesse deslocamento da estrutura para a estruturalização, o corpo passa a ser compreendido numa perspectiva tridimensional, e concebido como um espaço aberto para uma reestruturação resultante



de um movimento contínuo por que passam os sujeitos, tendo em vista os aspectos emocionais e sociais que também compõem esse corpo do sujeito que se inscreve num corpo social. Sob esse aspecto, a cultura tem papel preponderante.

A respeito da regulamentação das relações dos homens entre si, segundo Freud, precisamos compreender os traços da cultura tal como se mostram nas comunidades humanas. Para isso, ainda segundo o autor, é preciso deixar-nos “[...] conduzir pelo linguístico, ou, como se diz, pela sensibilidade da linguagem” (Freud, 2010 [1930], p. 87). O corpo do sujeito que, sendo matéria, passa também pelo corpo da linguagem para significar no social. Implicado nessa relação intrínseca entre sujeito, linguagem e cultura está uma necessidade de inserir-se em um grupo social, uma comunidade, movida por um “[...] sentimento indissolúvel de pertencimento ao todo do mundo exterior” que conduz o sujeito a um ideal de felicidade (Freud, 2010 [1930], p. 43).

Podemos observar a relação íntima entre Análise do discurso e Psicanálise, desde a gênese da disciplina da AD, em especial no que concerne à presença do interdiscurso na sua segunda fase, quando da construção do *corpus* discursivo. Em desenvolvimento da teoria, Pêcheux toma as contribuições da Psicanálise para pensar o processo pelo qual o indivíduo se torna sujeito em uma determinada sociedade.

Na revisão da teoria, em seu artigo *A Propósito da Análise automática do discurso: atualizações e perspectivas*, Pêcheux explicita a relação constitutiva entre ideologia e inconsciente, trazendo a questão do esquecimento (1 e 2) como constitutivo dessa relação em que, “numa situação empírica concreta na qual se encontra o sujeito, marcada pelo caráter da



identificação imaginária [...] e o processo interpelação-assujeitamento” (Pêcheux; Fuchs, 1997 [1975], p. 177). Nesse processo, Pêcheux afirma que “uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo por aquilo que é estritamente não formulável, já que a determina” (Pêcheux; Fuchs, 1997 [1975] p. 177).

Isso ocorre porque, no jogo discurso, as posições que ocupamos no discurso não expressam as reais condições de existência, mas nelas estão intrínsecas as regras de projeções imaginárias e mecanismos de antecipação constitutivos de todo sujeito. A interpelação ideológica, assim, é a responsável por conduzir o sujeito, “sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo a sua livre vontade, a ocupar o seu lugar” na formação social (Pêcheux; Fuchs, 1997 [1975], p. 166).

A cultura tem um importante papel no direcionamento dos sujeitos na sociedade, funcionando como operadora, via naturalização dos sentidos, da ideologia. Sob esse viés, sentir-se pertencente a um grupo seria, então, estar em consonância com o seu tempo. No entanto, é pelo movimento de estruturação-desestruturação que os sentidos são atualizados.

No século XX, as lutas feministas possibilitaram uma desestruturação desses dizeres aparentemente evidentes sobre o feminino, fomentando debates e disputas em prol da visibilidade e dos direitos da mulher no seio social. Os movimentos de resistência feminina à ordem vigente ganham contornos em diferentes aspectos da sociedade e se materializa nas artes.

Dentre outros artistas, o pintor vanguardista Pablo Picasso (1936) exacerbava a representação de mulher afrodítiana e traz à luz as multiformas que compõem o corpo feminino então materializado em padrões considerados não convencionais.



Fotografia 1 -
Afrodite (Século IV d.C)
Disponível em: <http://greciantiga.org/img.asp?num=0456b>
Acesso 06 maio. 2023



Fotografia 2 - Mulher
nua deitada (1936)
Disponível em:
Musée Pompidou – Paris –
photograph of the author's
personal file Daróz, E. (2019)



É pelo jogo imaginário constitutivo da relação intrínseca entre língua, sujeito e sociedade que o sujeito se diz de si a partir de Outro no/do discurso a partir de sua identificação (ou não) aos sentidos hegemônicos que se regularizam no seio social ao longo dos tempos.

Historicamente, o corpo é objeto de estudos de diferentes áreas do conhecimento dada a sua complexidade. Isso porque o corpo traz marcas indeléveis não apenas na sua constituição fisiológica – seus sistemas e funcionamento – e/ou física – em suas nuances, formas e estilos aparentes – mas também no seu funcionamento psíquico. Sob esse aspecto, Schindler



(1977) promove um deslocamento da noção de estrutura corporal para uma estruturalização do corpo como um movimento contínuo e ininterrupto do sujeito em constituição, que ocorre numa perspectiva tridimensional, ou seja, como resultante das estruturas fisiológicas, sociológicas sem desconsiderar o seu caráter libidinal.

Um corpo que comporta um real, visto que não está dissociado do real do sujeito que nele se constitui e por ele é convocado a simbolizar. Sob esse aspecto, o olhar psicanalítico nos possibilita extrapolar os dizeres, e sentidos, naturalizados no corpo da língua(gem), abrindo-nos novas possibilidades de pensar (e ser) corpo na contemporaneidade.

DO CORPO DA LINGUAGEM AO CORPO DO SUJEITO: UM OLHAR PSICANALÍTICO

Escrever sobre o corpo na psicanálise é pensar além de uma estrutura fisiológica, uma vez que essa estrutura é atravessada por dimensões internas e externas, recebe e doa, e deixa-se atravessar pelo que vem do outro, assim o corpo se constrói, se desconstrói e se destrói. Considerar o corpo apenas como uma estrutura óssea coberto por músculos, nervos e pele seria um equívoco.

Tem-se visto o surgimento de diversas patologias consideradas modernas, tais como as somatizantes, casos-limite ou personalidades aditivas, enfim todas elas apontando para um ponto em comum que é a dificuldade em relação à representação psíquica. O ego corporal, denominado dessa forma por Freud (1976), nos conduz ao ego psíquico que nos faz refletir sobre a importância do corpo na constituição do psiquismo.

A psicanálise é uma teoria complexa que busca compreender o ser humano em sua totalidade, levando-se em consideração aspectos conscientes



e inconscientes. Assim, o corpo assume um papel fundamental na teoria psicanalítica, idealizado como um importante mediador entre a mente e o mundo externo.

Desde as suas primeiras elaborações, Freud percebeu que o inconsciente fala através do corpo, esse foi seu objeto de estudo e observação. Movimento determinante, uma vez que abriu novas indagações sobre as somatizações, e o fez considerar a imagem do corpo na formação do sujeito.

Em seu livro *História do Corpo*, Jean-Jacques Courtine (2011), nos leva a pensar sobre os progressos tecnológicos da medicina e de como tais mudanças aceleradas afetam a forma com que cada indivíduo se relaciona com o próprio corpo, seja no que tange ao adoecimento ou ao envelhecer.

Essas novas relações trazidas por tais avanços estão, hoje, presentes na escuta clínica psicanalítica da atualidade. A busca incessante de um corpo ideal perfeito faz com ele seja excessivamente investido, mas frequentemente sendo fonte de frustração e sofrimento, estabelecendo-se como meio do mal-estar na pós-modernidade.

O oposto de um corpo supostamente perfeito, ideal, seria aquilo que foge aos padrões ditos de beleza à contemporaneidade, qual seja: o corpo gordo, magro demais; corpos que estão supostamente “fora do lugar”. Há uma questão social em que um corpo fora de um padrão esteticamente ideal é considerado uma “poluição”, corpos que não se ajustam, que estão “fora do lugar”, desarmonizam o quadro e, de certa forma, agridem o senso esteticamente agradável. Enfim, não são características intrínsecas dos corpos que transformam em imperfeitos, mas tão somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na medida em que ele é idealizado pelos que procuram a perfeição.



A partir dessa perspectiva psicanalítica, o corpo é entendido como um objeto complexo e carregado de significados simbólicos, que são construídos a partir de relações sociais e culturais que cada indivíduo estabelece ao longo de sua vida. Nesse sentido, a noção de um corpo perfeito ou imperfeito é construída socialmente e está relacionada às normas e padrões estéticos que são valorizados em determinada cultura ou sociedade.

É importante questionar esses padrões estéticos e valorizar a diversidade de corpos e formas físicas, para que cada indivíduo possa se sentir confortável e valorizado em seu próprio corpo.

O CORPO EM FREUD

Ao longo de suas obras Freud trata a relação entre a mente e corpo. Particularmente acreditava que as emoções e traumas reprimidos no inconsciente se manifestariam no corpo através de sintomas físicos.

Freud e Breuer (1895) em “Estudos sobre a Histeria” detalham casos de pacientes que manifestavam sintomas físicos, dentre eles paralisia ou cegueira, a princípio sem qualquer causa física evidente. A partir dessas evidências, sinalizaram que esses sintomas poderiam ser explicados pela presença de memórias reprimidas no inconsciente.

Em sua obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905) elaborou sua teoria da libido e alegou que a sexualidade humana era uma força motriz poderosa, vigente desde o nascimento e primordial para o desenvolvimento emocional. Ele também criou o conceito de “pulsão de morte”, que descreve a tendência inerente do ser humano em se autodestruir.

Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920) sugere uma revisão do conceito de princípio de prazer, introduzido previamente em sua obra.



Ele depreende que a busca pelo prazer e a evitação da dor não são as únicas forças que motivam o comportamento humano, mas há uma tendência inata para a repetição e o domínio de experiências traumáticas.

Freud (1976) argumenta que o corpo é influenciado tanto pelas pulsões internas quanto pelas experiências externas, e que o desenvolvimento do ego é fundamental para a capacidade de adaptação do indivíduo ao ambiente. Desse modo, Freud propõe uma visão complexa e multifacetada do corpo humano, levando-se em conta tanto os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Destaca a importância da compreensão do funcionamento do corpo para compreensão da mente e do comportamento humano.

Ao longo de sua obra, Freud designa o corpo como sendo ‘palco’ onde se desencadeia um jogo intricado das relações entre o psíquico e o somático, e o próprio corpo, sendo o intérprete do enredo dessas relações. O corpo é ao mesmo tempo berço da pulsão, mas também o lugar da satisfação pulsional.

A teoria freudiana evidencia que o somático, as funções orgânicas, fazem do corpo um lugar da realização de um desejo inconsciente. O corpo descreve o que mostra. Tudo que aparece nele tem seu início no psíquico. Não sofre apenas do que está doente nele, mas é o lugar de desejo.

O CORPO EM LACAN

Segundo Lacan (1998a), o corpo é um elemento essencial da experiência humana, e a linguagem exerce um papel fundamental na forma como percebemos e relacionamos com ele. É possível ver, ao longo de seus seminários, como ele apresenta uma teoria da linguagem que destaca a natureza simbólica e como ela é capaz de influenciar a maneira como nos relacionamos com

o mundo ao nosso redor. Além disso, a linguagem é o meio pelo qual os indivíduos constroem sua identidade e compreensão de mundo.

Para o autor (Lacan, 1998a), o corpo é principalmente um objeto simbólico que é formado e moldado pela linguagem e pelas relações sociais. O psicanalista francês propõe uma abordagem complexa e interdisciplinar que considera a interação entre o corpo, a linguagem e a cultura na construção da identidade humana.

Dentre os principais pontos da obra de Lacan que apontam o corpo como sendo um objeto atravessado pela linguagem, é possível destacar que em determinado momento ele subverteu o pensamento de Saussure e concluiu que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Lacan (1998b) afirma que o inconsciente é uma estrutura linguística, em que os desejos e as pulsões se manifestam no corpo por meio de significantes, que podem ser palavras ou símbolos que configuram esses conteúdos.

Sendo a relação do sujeito com o corpo mediada pela linguagem, infere-se que o sujeito não tem acesso direto ao corpo, mas somente a uma representação simbólica dele, que é estruturado pela linguagem. Tal relação do sujeito com o corpo, é então, mediada pela linguagem, que produz uma imagem corporal que pode ser mais ou menos distorcida em relação ao corpo real. Segundo Lacan (1982, p. 178), “o real é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”. Isso porque há nele sempre algo que resta, na medida em que é inalcançável ao sujeito, e deixa marcas de sua incompletude, de sua falta.

Esse pensamento pode ser encontrado em vários momentos da obra de Lacan, mas é sobretudo desenvolvido em seus seminários sobre “A relação de objeto” e sobre “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”,

ministrados entre 1956 e 1964. Nesses seminários, Lacan discute a forma como a linguagem medeia a relação do sujeito com o corpo e como essa relação pode ser influenciada pela imagem corporal que é construída por meio da linguagem. Ele também investiga as implicações desse processo para a constituição do sujeito e para a psicanálise.

O corpo é marcado pela linguagem desde o nascimento. O francês alega que o sujeito é marcado pela linguagem no momento que é inscrito na cadeia significante por meio do Nome-do-Pai. Esse momento é fundamental na constituição do sujeito, pois é a partir dele que o sujeito começa a se relacionar com a linguagem e com o mundo simbólico.

O “Nome-do-Pai”, em Lacan (2010), é um conceito que se refere à função simbólica que é exercida pelo pai na estruturação do psiquismo humano. Não é uma referência direta ao pai biológico, mas sim à figura paterna que é simbolizada na cultura e que representa a Lei e a autoridade simbólica. O “Nome-do-Pai” é, portanto, o elemento que introduz o sujeito na ordem simbólica e lhe permite entrar em contato com a linguagem e com o universo simbólico. Essa função simbólica é essencial para a formação do sujeito e para sua inserção na cultura, mas pode também causar conflitos e angústias, como a castração simbólica e a sensação de falta que acompanha a entrada do sujeito na ordem simbólica.

Outro ponto importante que Lacan traz é que a linguagem produz o desejo e a falta. O desejo é produzido pela falta, que é uma consequência da linguagem. O sujeito nunca acessa diretamente ao objeto de seu desejo, mas apenas a uma representação simbólica dele, que é produzida pela linguagem. Assim, o desejo é sempre um desejo de algo que falta, e que só pode ser buscado por meio da linguagem.



Enfim, Lacan afirma que o corpo é marcado pelos significantes que o sujeito recebe ao longo de sua vida. Esses significantes produzem marcas no corpo que podem se manifestar como sintomas ou como formas de gozo. Assim, o corpo é atravessado pela linguagem de forma a produzir efeitos sobre ele.

Segundo o autor (Lacan, 1972-1973), o amor está conectado à busca pelo outro por natureza, de forma mais profunda e autêntica. Todavia, o autor também considera que esse ser é algo que escapa, que não se deixa aprisionar plenamente pela linguagem. Associar o corpo à linguagem, entende-se, que o corpo é, então, a materialização do ser, é a expressão física do que somos. Por meio do corpo, demonstramos nossas emoções, sensações e desejos. Na trama do amor, o corpo desempenha um papel importante na expressão do sentimento e na conexão com o outro.

O corpo fala, comunica e revela de forma não verbal aquilo que a linguagem muitas vezes não consegue evidenciar por completo. Lacan menciona que o ser que “ia ser” ou que faz surpresa é o ser que se apresenta para além daquilo que é conhecido ou previsível. O corpo, portanto, pode ser um veículo para essas surpresas, uma vez que evidencia aspectos inesperados e espontâneos do ser amado. A linguagem pode ser, então, insuficiente para absorver todas as nuances do amor e suas surpresas, porém o corpo pode transmitir essas emoções e estados de ser de forma mais direta e autêntica.

Por fim, a passagem acima destaca a complexa relação entre o amor, o ser, a linguagem e o corpo. O amor busca compreender o ser na sua essência, contudo enfrenta os limites da linguagem para declará-lo plenamente. O corpo se apresenta como uma via de expressão mais profunda do amor,



trazendo consigo as surpresas e os traços do ser amado, que muitas vezes escapam às tentativas de serem totalmente estruturado pela linguagem.

OS NOVOS SINTOMAS DO/NO CORPO

A exigência de uma imagem perfeita, de um corpo ideal, de procedimentos de harmonização adquiriu uma dimensão inimaginável na contemporaneidade. As *selfies*, as indústrias alimentícias com produtos *fitness*, a moda sem um padrão específico de numeração, a cirurgia estética, as tatuagens são formas de manipulação da imagem corporal e criam um novo valor que o sujeito necessita conferir à sua imagem, uma identidade superegóica através de uma indução imaginária de que seu corpo será imitado ou será diferenciado de um semelhante.

Com tudo isso sendo ofertado de forma fácil, acessível, na margem do visível, surge, porém, o objeto que nem sempre pode ser visto. Por isso, os psicanalistas que se ocupam do discurso do sujeito, ouvem o que eles falam, não o que eles mostram necessariamente. É no discurso que se denunciam esses recentes fatos de nossa época.

A contemporaneidade também contribuiu para os abundantes e variados tipos de transtornos alimentares, os *workaholics*, prática intensa de atividade física, as incessantes intervenções cirúrgicas de modelagem do corpo, a sexualidade compulsiva, horror ao envelhecimento, busca psicopatológica da saúde, ou ao contrário, um esquecimento patológico do corpo, acrescido de uma profusão dos quadros de somatização. Todos estes sintomas mencionados revelam de maneira positiva ou negativa a sujeição absoluta do corpo.

Sujeito e cultura, de certa forma, conservam entre si uma ligação duradoura que faz surgir formações sintomáticas resultantes das mudanças



peculiares à época. As compulsões aumentaram, de uma maneira geral, bem como as depressões, além do esvaziamento do sujeito em relação ao seu desejo, o assombro diante da vida, a falta de expectativas, ou ainda a falta de esperança, descontentamento, o sujeito vê-se afundado num grande vazio. É possível perceber o aumento dos quadros de violência do sujeito ao próprio corpo e contra o outro, além das manifestações de destrutividade. O corpo torna-se testemunha de todas essas situações vividas pelo indivíduo. Ele mantém a memória de tudo que ocorreu.

Lendo um dos capítulos do livro “A História do Corpo”, nos deparamos com um trecho que dizia que “[...] se a palavra-chave do sec. XVIII era a ‘felicidade’, e do sec. XIX a ‘liberdade’, pode-se dizer que a do sec. XX é a ‘saúde’”. Ousamos dizer que, no sec. XXI, seria o ‘gozo’, o excesso de todas essas palavras, acrescida das palavras ‘imagem/perfeição’.

O que temos visto na clínica com bastante frequência é que, com a inviabilidade de conquistar uma imagem ideal, o corpo tem sido atacado, o que impulsiona o fracasso, ou como, visto em tantos outros casos, a conquista dessa imagem por intermédio do sucesso social ou nos negócios gerando o mesmo efeito.

Freud reencontrou no corpo o lugar da realização dos desejos; Lacan enxergou o corpo como um elemento fundamental na constituição do sujeito, mas que é mediado e construído pela linguagem e pelos significantes que circulam na cultura. Explorou as dimensões poéticas e expressivas do corpo e da linguagem, e destacou a importância da palavra e da linguagem para a construção da subjetividade e para experiência humana em geral. Assim, parafraseando uma das letras de Noel Rosa diante de todo esse atravessamento que o nosso corpo é exposto diariamente desde o dia em que



nascemos, resta-nos uma pergunta: Com que corpo que eu vou pro discurso que o Outro me convidou?

DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS ÀS PRÁTICAS SOCIAIS, O CORPO ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA: AINDA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos, e sentidos, sobre o corpo parecem ecoar sentidos aparentemente evidentes a respeito de um olhar do mundo sobre um objeto empírico. No entanto, pensado discursivamente, o corpo passa a ser compreendido na relação intrínseca entre a ideologia e a história.

Nas palavras de Orlandi,

[...] o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentido constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. (Orlandi, 2012, p. 92)

Sob essa perspectiva, distante de uma tela em branco, o corpo traz as marcas da historicidade que lhe é constitutiva, regularizando uma memória sobre o sujeito e seu corpo. Enquanto objeto simbólico, o corpo, então, pode ser compreendido como o ponto de intersecção entre ideologia e inconsciente, cujos sentidos estão sempre em tensão. A materialidade corporal pode ser compreendida, assim, como o lugar no (e pelo) qual os sentidos significam. Há nele sempre algo da ordem do irrepetível, sempre passível a uma re-formulação equivocidade, que também falta, falha e faz ressoar “os sintomas sociais e culturais desses equívocos – tanto os da língua quanto os da história” (Leandro- Ferreira, 2013, p. 78).



Como vimos afirmando com Freud (2010), a cultura tem grande papel na domesticação do sujeito em prol de uma suposta felicidade. Por meio de aparatos culturais que vão ao encontro de uma lógica capitalista, história e memória se entrecruzam, revestindo simbolicamente o corpo feminino, concebido então como um bem público, que buscam pré-determinar a sua forma e o seu lugar social.

Entretanto, consideramos que já não é mais possível ignorar que conjuntamente à materialidade corporal está uma série de impressões, sensações e sentidos que regulam a nossa percepção sobre os outros e, sobretudo, sobre si mesmo(a). Isso implica dizer que corpo e mente estão intrinsecamente ligados, proporcionando ao sujeito registros psíquicos, sinais e sintomas que implicam na forma como o sujeito se vê e, sobretudo, se entende ou não. Nesse caso, en-formar-se à forma do Outro não proporciona, necessariamente, um bem-estar ou sentimento de pertencimento de que nos diz Freud (2010), mas tem sido, frequentemente, um caminho para o adoecimento face às coerções sociais.

Pensar o corpo, assim, implica em inscrevê-lo na história, visto que, segundo Fontes (2010, p. 6), “Em realidade o corpo já estava lá onde a história se fazia. O corpo é testemunha de todas as circunstâncias vividas pelo indivíduo. Ele não esquece e mantém a memória do acontecimento”. Nesses termos, o corpo possui uma história e é atravessado por uma memória composta por fragmentos que vão desde experiências vivenciadas às impressões e(m) marcas num registro psíquico, produzindo efeitos que se materializam no próprio corpo.

Isso porque, ainda segundo Fontes (2010, p. 7), “[...] a história do sujeito ficou em seu corpo”. Sendo assim, em um deslocamento de uma



memória naturalizada em nossa sociedade sobre o corpo feminino ideal e objetificado, propomos pensá-lo como um lugar de memória.

Em “Lieux de mémoires”, o historiador francês Pierre Nora (1984) coloca em relação história e memória, colocando, para a sua definição, a regularidade com que os objetos, quer materiais – museus, arquivos, monumentos, logradouros – quer imateriais – os que se constituem na forma simbólica – retomam na história a partir do seu entrecruzamento com uma memória.

Por meio de uma memória discursiva (Pêcheux, 1999 [1983]), retomamos uma idealização do feminino que traz em seu âmago uma objetificação de mulher e do seu corpo. No entanto, a memória discursiva não é um espaço homogêneo e intercambiável, segundo Pêcheux, ela é “[...] um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularizações... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (Pêcheux, 2015, p. 50).

Como vimos discutindo, historicamente a beleza foi, e em certa medida ainda, é significada como marcas de sucesso e felicidade; significante que traz em seu âmago a representação corporal inscrita num rigor métrico, geralmente relacionado à magreza. A feiura, assim, é inscrita em sentidos que evidenciam um fora desta representação. Num caminho oposto a este olhar exterior que define o corpo, segundo Schindler (1977), o esquema corporal é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos, e a sua imagem está intrinsecamente ligada ao modo pelo qual o corpo se representa para cada sujeito. Em outras palavras, a imagem corporal é dinâmica e, portanto, se reconstrói na medida em que o sujeito se reconfigura.



A reconfiguração do sujeito é possível pelo processo de desestruturação/reestruturação/transformação nas redes de memória na medida em que pode ocorrer no movimento contínuo em que sujeitos e sentidos se atualizam (Pêcheux, 2008 [1983]).

Sob esse viés, ao promovermos o deslocamento do corpo-objeto para corpo como lugar de memória, propomos uma atualização das redes de memória sobre a mulher e o seu corpo na atualidade, a fim de abrir possibilidades para pensá-lo a partir da sua complexidade e potencialidades inerentes à sua constituição e, por conseguinte, práticas mais justas e que vislumbrem os diferentes modos de ser mulher na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Análise crítica da teoria marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

BREUER, J.; FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria. In: FREUD, Sigmund. **Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

COURTINE, Jean Jacques *et al.* **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DARÓZ, Elaine Pereira. Mulheres de/em Atenas: um imaginário de mulher na atualidade. **Revista FSA**, Teresina, v. 17, n. 3, mar. 2020. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1977>. Acesso em 21 mai 2023.



DARWIN, Charles. **Descent of man and the sexual selection**. London: John Murray, 1871.

EDLER, Sandra. **Tempos compulsivos: a busca desenfreada pelo prazer**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. 4^a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FONTES, Ivanise de Azevedo. **Psicanálise do sensível: fundamentos e clínica**. São Paulo: Editora Letras & Ideias, 2010.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre histeria**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1895].

FREUD, Sigmund. O ego e o id. In FREUD, Sigmund. **Edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1905].

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1929-1930)**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentada de uma histeria e outros textos (1901-1905)**. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LACAN, Jacques. (1998a). **Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998^a [1966].



LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a [1966].

LACAN, Jacques. **Le Séminaire, livre V: Les formations de l'inconscient.** Paris: Seuil, 1998b [1957-58].

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 4: a relação de objeto; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.** Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.** Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20: mais, ainda, (1972-1973); texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.** Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956).** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LEADER, Darian. **Gozo: Sexualidade, sofrimento e satisfação.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva. **Revista Eletrônica de estudos do discurso e do corpo - Redisco,** Vitória da Conquista, v.2 n.1, p. 77-82, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.



PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969].

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2008 [1983].

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999 [1983].

SALOMON, Nanette. The Venus Pudica: uncovering art history's hidden agendas and pernicious pedigrees. In: Pollock, Griselda (ed.). **Generations and Geographies in the Visual Arts: feminist readings**. London: Routledge, 2005.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**. Buenos Aires: Paidós, 1977.

Data de recebimento: 22/12/2023

Data de aprovação: 28/03/2024



“O NOVO VEIO DE NOVO” - MEMÓRIA & APAGAMENTO NA/DA PUBLICIDADE DA VOLKSWAGEN

“THE NEW HAS COME AGAIN” - MEMORY & ERASURE IN/OF VOLKSWAGEN ADVERTISING

Luciane Botelho MARTINS¹

Laíze Amaral da COSTA²

Maren Camile Rutz BERGMANN³

Mariana Soares da FONSECA⁴

RESUMO

Partindo do princípio de que a propaganda/publicidade é o discurso do poder (Lage, 2019), esta pesquisa, ancorada na teoria materialista do discurso (Pêcheux, 2009), tem como objetivo compreender os efeitos de sentidos produzidos e apagados a partir da associação da imagem/voz de Elis Regina (póstuma) à imagem da Volkswagen na peça publicitária comemorativa aos seus setenta anos da empresa alemã. Com vistas a dar conta desse objetivo, propomos a análise teórica-analítica de um arquivo formado por seis recortes da publicidade: *O Novo Veio de Novo* a partir do qual busca-se recuperar uma memória que apesar de tudo resiste. Para tal serão mobilizados os conceitos de memória e apagamento, segundo os autores Pêcheux (2009), Orlandi (2007, 2010) e Indursky (2011).

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pelotas. Professora da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: luciane.martins@ufpel.edu.br.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: laizeamaraldacosta@gmail.com.

³ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: camilemaren007@gmail.com.

⁴ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: marisoaresfonsec@gmail.com.



PALAVRAS-CHAVE

Memória. Apagamento. Volkswagen. Elis Regina. Resistência.

ABSTRACT

Based on the principle that advertising is the discourse of power (Lage, 2019), this research, anchored in the materialist theory of discourse (Pêcheux, 2009), aims to understand the effects of meanings produced and erased by associating the image/voice of Elis Regina (posthumously) with the image of Volkswagen in the advertising piece commemorating the German company's seventieth anniversary. In order to achieve this goal, we propose a theoretical-analytical analysis of an archive made up of six clippings from the advertisement: *O Novo Veio de Novo*, from which we seek to recover a memory that resists despite everything. To do this, we will use the concepts of memory and erasure, according to the authors Pêcheux (2009), Orlandi (2007, 2010) and Indursky (2011).

KEYWORDS

Memory. Erasure. Volkswagen. Elis Regina. Resistance.

Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo que fizemos ...

Antônio Carlos Belchior

PALAVRAS INICIAIS

O termo “publicidade” origina do latim “*publicus*” e surge, segundo Gonzales (2003, p. 25), como “ato de divulgar, de tornar público” um produto/serviço. Com o passar do tempo e, sobretudo, em consequência da expansão da indústria - séc. XIX-XX - a publicidade passou a desempenhar também uma ação psicológica sobre o público-alvo, conforme aponta Martins (1997 *apud* Gonzales, 2003). Estratégias de ordem semântica e discursiva passaram a



fazer parte da formulação e circulação do gênero. Segundo, Gonzales (2003), no Brasil e na América Latina não há uma delimitação pragmática no que tange ao uso dos termos publicidade e propaganda⁵, sendo esse último o termo genericamente usado para designar ambos.

Esta pesquisa, ancorada nas afirmações de Lage⁶ (2019) de que: 1. a propaganda é “o discurso do poder” e que, 2. “vivemos, hoje, imersos em um mundo de propaganda”, se propõe a discutir a publicidade/propaganda como gênero multimodal e observatório do discurso de poder de uma classe dominante – o da empresa alemã *Volkswagen* – para uma classe que ocupando o lugar de classe dominada, discursivamente resiste. Dito de outro modo, esta pesquisa tem como propósito compreender os efeitos de sentidos produzidos e “apagados” a partir da associação, via inteligência artificial, da imagem/voz de Elis Regina (póstuma) à empresa alemã *Volkswagen*.

Com vistas a dar conta desse objetivo geral, a pesquisa, situada em uma perspectiva discursiva de filiação francesa, tem como objetivos específicos: i. investigar a relação do sujeito Elis Regina com a memória da repressão; ii. investigar a relação entre a *Volkswagen* e os anos de chumbo no Brasil; e, iii. recuperar por meio de pistas discursivas o “apagamento” de uma memória na publicidade da *Volkswagen*. Para tal, serão mobilizados os conceitos de memória e apagamento, segundo os autores Pêcheux (2009); Orlandi (2007, 2010) e Indursky (2011).

⁵ O termo propaganda tem origem no latim “*propagare*” e significa propagar, difundir, multiplicar.

⁶ Nilson Lage é professor, jornalista e pesquisador e, em 2019 concedeu uma entrevista à APUFSC, disponível em:< <https://nilsonlage.com.br/video/como-a-propaganda-te-vende-ideias/> >



A VOLKSWAGEN, O GOLPE DE 64 E A DITADURA CIVIL-MILITAR

Ao longo do período compreendido entre 1964 e 1985, o Brasil sofreu as consequências de um regime conservador, autoritário e de extrema direita. Esse período foi marcado pela constante violação de direitos, pela censura dos meios de comunicação e por perseguições políticas que na maioria dos casos culminou em prisão, tortura e desaparecimento de cidadãos que lutavam pelo respeito, pela liberdade e pela democracia.

Nesse contexto, a repressão e a censura atingem os campos jornalístico, cultural e artístico, enquanto as grandes empresas recebem incentivos fiscais, créditos e financiamentos do governo para expandir a economia no Brasil. Entre essas empresas a de maior destaque foi a montadora alemã Volkswagen.

Na década de 1970, a Volkswagen do Brasil era a maior empresa privada do país, maior que qualquer empresa nacional e só inferior em termos de faturamento às companhias estatais, como a Petrobrás (Kopper, 2020 *apud* Silva *et al.*, 2022).

Como podemos observar, o crescimento de grandes empresas como a Volkswagen, a Ford entre outras deu-se em decorrência das alianças e colaborações que essas empresas estabeleceram com o governo militar resultando em políticas favoráveis a seus próprios interesses. Nesse cenário, enquanto as empresas prosperavam, os trabalhadores enfrentavam restrições de direitos sindicais e de condições de trabalho. Foi, pois, com a ajuda das grandes indústrias que o regime ditatorial reprimiu greves e movimentos trabalhistas, sob a justificativa de manter a estabilidade nas empresas e na economia. Em suma, as grandes empresas foram “a linha de frente” para a repressão e violação dos direitos humanos e sociais dos trabalhadores.



É válido destacar que à medida que a Volkswagen expandia no Brasil, sua influência sobre o governo também aumentava, ao ponto do presidente da empresa possuir autoridade suficiente para solicitar reduções nos impostos de vendas de carros, ação que era acatada pelo governo sem nenhum debate, sem nenhuma resistência. Assim, com o desenvolvimento da urbanização e das políticas de transporte rodoviários (no lugar do transporte ferroviário), a montadora de carros expandiu a sua força de trabalho.

Portanto, foi durante os governos militares que o direito dos trabalhadores mais sofreu alterações. Devido a mini reforma trabalhista não houve reajuste nos salários, os trabalhadores perderam a estabilidade por tempo de serviço e a carga horária de trabalho semanal aumentou. Além do longo e cansativo tempo de serviço diário, os funcionários realizavam diversas horas a mais (horas extras), visto que, a contratação deste tipo de trabalho havia sido facilitada pelo governo em questão, ocasionando redução no custo da mão de obra.

Ao tratar da Volkswagen, somam-se as condições sanitárias e de segurança da empresa que eram cada dia mais precárias, os funcionários eram expostos a gases, a fagulhas, a poeiras, entre outros materiais que circulavam pelo ambiente, materiais que causavam diversas doenças e traziam consequências à saúde dos funcionários.

Apesar das denúncias e dos relatos de trabalhadores, publicados no *Jornal Operário* da época, a direção da empresa agia na contramão dos fatos divulgando através da revista “*Família VW*” que todos os cuidados de saúde ficavam a cargo do setor de médicos “setor de máxima importância dentro do sistema de relações humanas adotado pela Volkswagen do Brasil em favor da paz e da justiça social” (Silva; Campos; Costa; 2021, p. 151) e que mantinha as condições de higiene e de trabalho adequadas a “um maior



equilíbrio médico social, eliminando possíveis causas de doenças; tratando as doenças e orientando condições de trabalho sempre melhores.” (Silva; Campos; Costa; 2021, p. 151).

Passados 70 anos, a Volkswagen no Brasil, em comemoração ao seu aniversário lança como slogan a frase: *Você dirige a nossa história*. Uma contradição se levamos em conta que a empresa teve seu nome vinculado a diversas polêmicas, sendo a maior delas, o seu envolvimento com a ditadura civil-militar brasileira. Christopher Kooper, historiador alemão contratado pela matriz da VW para o estudo do caso, teve total acesso a todos os documentos internos e trouxe em seu relatório que as primeiras medidas que afetaram os trabalhadores foram comemoradas pelos seus dirigentes, uma vez que favoreciam os mesmos, “A VW do Brasil foi irrestritamente leal ao governo militar e compartilhou os seus objetivos econômicos e de política interna” (Kooper, 2017, p. 130).

Hoje, ainda em comemoração aos setenta anos da empresa, a Volkswagen lança uma peça publicitária no Brasil que vale-se de recursos da inteligência artificial para unir a imagem/voz de Elis Regina, figura que deu “visibilidade às contestações e denúncias dos crimes e violências cometidos pelo Estado brasileiro durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985)” (Almeida e Santos, 2021), à imagem da empresa que responde a pelo menos três inquéritos instaurados pelo Ministério Público por perseguições a funcionários, demissões e tortura dentro das dependências da empresa durante o período em que vigorou o regime.

Dado o descompasso entre a associação dessas duas imagens, seria essa publicidade uma tentativa de apagamento de uma memória coletiva? Em meio a essa tentativa de apagamento não estaria a resistência de uma



classe oprimida sendo revivida na voz (de Elis) e na letra (de Belchior) em “Como nossos pais”?

Desse modo, tomando a publicidade como materialidade discursiva e movidas pelas inquietações geradas pelo descompasso da associação descrita partimos para delimitação do *corpus*. Essa delimitação implicou em um tipo de recorte que pautou-se por nossos objetivos e baseou-se na relação entre imagem (da publicidade) e música (letra), totalizando seis recortes apresentados na ordem em que são apresentadas na publicidade. Assim, para fins de organização do *corpus* discursivo, as imagens são nomeadas com os versos que simultaneamente as acompanham na apresentação em vídeo.

Uma vez estabelecido o recorte discursivo, passamos à análise a fim de (re)construir os sentidos produzidos e seus efeitos na memória. Passemos às reflexões teórico-analíticas.

DA FALTA AO DESCOMPASSO: SINTOMAS DE UMA MEMÓRIA QUE RESISTE À FALHA

Ao darmos início ao debate teórico-analítico sobre a peça publicitária da *Volkswagen* é imprescindível retomar as reflexões de Orlandi, quando a autora discute o papel da memória e afirma que ao tratarmos de história e política não podemos negar que “a memória é feita de esquecimentos e silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos” (2010, p. 59).

Outro conceito teórico que merece atenção nesta pesquisa é o de memória enquanto retomada, regularização e repetição de sentidos, conforme aponta Indursky. Para a autora, essa repetição “pode levar a um deslizamento, a



uma ressignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos” (2011, p. 71) e, é a partir dessas concepções que passamos ao processo de leitura/interpretação da peça publicitária.

Mas antes de iniciarmos nosso gesto de leitura sobre os efeitos de sentidos produzidos pela análise dos recortes é importante registrar que na peça publicitária houve a supressão de alguns trechos da música original. Esse apagamento não se dá ao acaso. Seguem os versos suprimidos:

Por isso cuidado meu bem/ Há perigo na esquina/ Eles venceram
E o sinal está fechado prá nós/ Que somos jovens/ Para abraçar
seu irmão/ E beijar sua menina na rua/ É que se fez o seu braço
O seu lábio e a sua voz/ [...] Eu vou ficar nesta cidade/ Não vou voltar pro
sertão/ Pois vejo vir vindo no vento/ Cheiro de nova estação/ [...] Já faz
tempo eu vi você na rua/ Cabelo ao vento/ Gente jovem reunida/ Na parede
da memória/ Essa lembrança/ É o quadro que dói mais (Belchior, 1976).

De acordo com a análise realizada por Almeida e Santos (2021) essas estrofes tratam da violência institucionalizada e da vigilância do Estado – trabalho dos Aparelhos Repressivos de Estado (ARE), nos termos de Althusser (1983); de uma juventude que resistia, ainda que o medo fosse um sentimento coletivo; e, da união de quem acreditava em tempos melhores – uma referência também ao movimento de contracultura da juventude dos anos 60. A partir da supressão desses trechos da música percebemos a tentativa de apagamento dos sentidos de resistência produzidos por metáforas que remontam a duraw realidade dos anos de chumbo.

Isso posto, passemos, então, ao primeiro recorte, salientando que esses recortes estão dispostos na ordem em que cenas e versos constroem a peça publicitária:



Figura 1: ...e tudo que aconteceu comigo...



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aMl54-kqphE>

Na cena, o fusca – primeiro projeto da *Volkswagen*, produzido em 1937 – associado ao verso da canção, produz um duplo efeito: 1. A tradição da marca/modelo pioneira que resiste ao tempo, sentido metaforizado pelo movimento do carro (da direita para a esquerda vai na contramão da linearidade temporal) e, 2. A ideia do verso – “...e tudo que aconteceu comigo...” que somado ao vazio constitutivo dos sentidos presentes na melodia sugere que o passado de luta e resistência de Elis ficou no passado. Isso nos faz pensar sobre o que Orlandi (2010) ao retomar Pêcheux chamou de fragilidade no processo de inscrição do acontecimento na memória através de um duplo funcionamento: 1. “o acontecimento que escapa a inscrição” na memória e, 2. “o acontecimento que é absorvido na memória como se não tivesse ocorrido” (p. 60). O velho (luta e resistência de Elis ao regime político autoritário para o qual a Volkswagen contribuía) ao se configurar como novo apaga o indesejável, o que não serve mais e mantém apenas o



que sustenta os sentidos que a empresa vende: a tradição. Como bem postula Orlandi “ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (2007, p. 73).

Figura 2: ...o amor é uma coisa boa!



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aMl54-kqphE>

No segundo recorte, a imagem apela ao sentimento materno e nos faz pensar sobre a revista que a empresa fazia circular – *Família VW*–. De acordo com Silva *et al.* (2021), a *Volkswagen* utilizava o meio de comunicação mais comum na época para propagar a ideia de que a empresa estava comprometida com a saúde do trabalhador, assim como uma mãe zela pelo seu filho, podendo contar com uma seção médica dentro da empresa. No entanto, o sindicato dos metalúrgicos contesta essa versão e denuncia que na prática a realidade era bem diferente e os trabalhadores sofriam com diversos problemas de saúde, alguns irreversíveis como problemas respiratórios por intoxicação, além de problemas de visão. Paralelo ao movimento dos sentidos que tenta

restabelecer uma imagem idônea de uma empresa comprometida com a família brasileira, temos os versos cantados pelo par Elis Regina e Maria Rita (mãe e filha) que tiveram a oportunidade de viver a relação mãe e filha precocemente ceifada por questões políticas, mesmo de forma indireta. O tom irônico, senão sarcástico, da associação da imagem mãe e filho à voz do par Elis-Maria Rita pode ser explicado discursivamente como processo que não deixa o sentido ser historicamente elaborado sob pena desse adquirir força identitária, conforme explica Orlandi (2007), ou seja, na movência dos sentidos o apelo emocional da relação mãe-filho (imagem) se sobressai aos fatos com o propósito de manter a imagem de família difundida pela empresa.

Figura 3: Você me pergunta pela minha paixão...



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aMl54-kqphE>

No terceiro recorte, o efeito de sentido é produzido pela simulação de uma conversa entre Elis Regina e Maria Rita sobre memórias e expectativas

do enunciador em relação ao futuro⁷, ou seja, a cena por meio da inteligência artificial (AI) simula o encontro de mãe e filha em um diálogo que rememora vivências e aproxima gerações. Há nesse processo um trabalho de metaforização em que o sentido dado pela aproximação entre mãe e filha e a aproximação dos dois modelos do mesmo veículo (a kombi de 1963 e o novo lançamento 2023) são sobrepostos. Esse processo, embora aparentemente óbvio, não é transparente, pois a “evidência” também é lugar de contradição, de deslizamentos e de sentidos outros.

Sobre o processo de metaforização, vale lembrar que estamos entendendo-o, segundo Pêcheux (2009), como lugar mais ou menos provisório, produto do *non-sense*, isso porque “simultaneamente, a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta última em relação ao interdiscurso” (p. 240). Diante disso e, certos de que o sentido só pode ser compreendido em práticas discursivas, nosso gesto de interpretação aponta para a relação forjada no diálogo fictício entre Elis e Maria Rita e que igualmente forja uma relação entre os dois tempos (passado e presente) da empresa Volkswagen. Em outros termos, se no passado de Elis temos uma voz que evoca uma memória coletiva que representa a juventude de uma década no movimento de resistência à repressão; no passado da Volkswagen temos o oposto: uma memória marcada pela exploração, supressão/violação de direitos trabalhistas, omissão, opressão e tortura de operários.

Assim, temos no recorte 3 um discurso que funciona às avessas. A associação de dois modelos de um automóvel aos laços que unem gerações,

⁷ O futuro refere-se às inovações tecnológicas e à esperança em tempos melhores, livres da opressão

dadas as condições de produção do discurso: o encontro forjado através da IA em combinação com a música *Como nossos pais* (e suas condições de produção), faz emergir sentidos que ao longo do tempo foram negados/silenciados ao passar pelo processo de historicidade. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que o recorte trabalha com um *discurso cínico* dado pela ironização no processo de produção dos sentidos conforme postula Safatle (2008). O autor explica que muitas vezes uma contradição posta visa aparecer como contradição resolvida o que trazendo para a análise e, pensando em um realismo cínico pode ser explicado através da negação da participação da Volkswagen no regime pela própria empresa e da proposta de uma peça publicitária que vale-se de imagem/voz de um sujeito que assumidamente lutou contra o regime, e que por tratar-se do uso de uma imagem póstuma traduz-se como participação compulsória, de assujeitamento, de repressão do sujeito que teve seu livre direito de manifestação violado.

Figura 4: Minha dor é perceber que apesar de tudo ...



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aMl54-kqphE>

Dando continuidade ao processo de análise, temos no recorte 4 a imagem do compositor da música: *Como nossos pais* – Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, mais conhecido como Belchior – estampado em uma camiseta branca que veste um jovem em meio a uma fumaça que simula uma comemoração com fogos de artifício na praia, uma cena que reflete uma prática comum entre jovens, independente da época. No entanto, o que nos causa estranhamento é, justamente o conjunto da obra: cena que roda como um *flash* enquanto a música enuncia: *Minha dor é perceber que apesar de tudo...* Nos termos de Ernst-Pereira o estranhamento corresponde a uma “estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos [...] e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico” (2009, p.5). Isso posto, podemos pensar a cena dos jovens em meio a fumaça como pré-construído que constitui a memória coletiva: conflitos que ocorreram durante a ditadura civil-militar no Brasil, quando a juventude, nas ruas, lutava pela democracia e era reprimida pelos órgãos de segurança (ARE) com bombas de gás que encobriam a violência do estado. Assim como encaixe, um elemento de saber de uma FD (do oprimido pela ditadura) emerge em outra FD, não qualquer uma, mas aquela que reúne *coparticipes* do movimento opressor na ditadura. Esse saberes (memória) são mobilizados pelo enunciado (verso da música) e aponta para uma

...forma cínica de pertencimento de um sujeito à formação discursiva: um certo modo cínico de relação com o saber, em que o sujeito não se filia diretamente, nem se desfilia, mas permanece no horizonte de uma tomada de posição desengajada (Baldini, 2009).

Ainda sobre o enunciado: *Minha dor é perceber que apesar de tudo...*, dois termos chamam atenção: *dor* e *tudo*. *Dor* por ser um termo que basta em si mesmo uma vez que metonimicamente dá conta de todo sofrimento de uma época e, *tudo* (pronome indefinido) por ser capaz de reunir em um único termo aquilo que não pode/deve ser dito em um dado momento, mas cujo sentido pode ser recuperado dadas as condições de produção e o trabalho da memória.

Portanto, o recorte 4, assim como o recorte 3 apresenta um funcionamento discursivo cínico conforme fórmula de Sloterdijk (*apud* Žižek, 1996) “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem” (p. 313), ou seja, como uma espécie de negação da negação da ideologia, a sabedoria cínica concebe “a verdade como forma mais eficaz da mentira [...] uma mentira vivenciada como uma verdade, uma mentira que pretende ser levada a sério” (Žižek, 1996 p. 313), em que a mentira levada a sério é a de que a repressão não existiu, tampouco a empresa Volkswagen teve qualquer envolvimento com o regime.

Figura 5: ... mas é você que ama o passado e que não vê...



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aMl54-kqphE>

Já no quinto recorte o que chama atenção é a composição formada pela imagem: uma miniatura do carro-símbolo da Volkswagen (fusca) sendo manipulada por mão humana sobre uma superfície vermelha, enquanto a música seguindo seu curso enuncia: *...mas é você que ama o passado e que não vê...* Frente a essa materialidade nosso gesto de interpretação é duplamente afetado, primeiro pelas condições de produção da canção e segundo pela historicidade (processo que visa a observação da constituição dos sentidos e a desconstrução das evidências). Ao tratar da historicidade, Orlandi explica que

Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já-dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do “anonimato” e da “universalidade”. Ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história (2007, p. 135-136).

Isso posto, o que é evidente é o chamamento da empresa para o que é inovador, sugerindo o abandono do que é ultrapassado. Contudo, o modo como a evidência se constrói contrasta com o que é opaco. O cenário formado pelo tapete vermelho funciona como gatilho para se pensar a dor e o sofrimento dos trabalhadores no “chão da fábrica”, coletivo responsável por toda linha de produção da empresa e que sequer teve o mínimo: direitos trabalhistas respeitados, sobretudo durante regime civil-militar. Pelo contrário, esses trabalhadores foram explorados e silenciados quando ousaram se rebelar, conforme relatório de Kopper (2017). Além disso, a mão humana que metonimicamente representa donos do capital, ao mover o produto gerado (fusca) sobre o tapete reafirmam seu poder de dominância sobre os dominados em uma clara luta de classes.



No que tange ao verso da canção, chama atenção que “esta voz que se manifesta na enunciação faz sujeito não na linha da oposição entre o fato e ficção, mas na esteira da história que torna possível uma certa subjetividade” (Souza, 2023, p. 113), ou seja, ao refletirmos sobre a subjetividade, temos um sujeito na voz de Elis que é o sujeito do passado (aquele que tem viva a memória dos tempos da repressão) e tem a memória como elemento que merece ser preservado sob pena de voltar a se repetir no futuro. No entanto, a composição (peça publicitária) ao unir a voz desse sujeito às imagens produz um sentido outro. Essa resignificação dos sentidos aponta para uma *política do silêncio*, nos termos de Orlandi (2007), uma vez que faz uma crítica ao interlocutor (você) que insiste em manter viva a memória de um passado. Esse discurso sugere o apagamento de um passado que é dado como algo sem importância, senão pela tradição da marca (Volkswagen) – única a resistir ao tempo. Orlandi explica que a “política do silêncio produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz” (2007, p. 73), ou seja, se define pelo fato de que ao produzir um discurso X, outros sentidos possíveis, porém indesejáveis, são apagados.

Diante disso, podemos afirmar que o recorte trabalha com o discurso de censura, uma vez que impede a elaboração histórica dos sentidos, bem como a identificação dos sujeitos. Esses sentidos são produzidos, sobretudo, pela relação forjada entre a voz (de Elis) e as cenas que constituem a peça publicitária e o objeto da peça (Volkswagen).



Figura 6: O novo veio de novo

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aMl54-kqphE>

Antes de passarmos para o último recorte, é imprescindível retomar Pêcheux quando o autor afirma que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (2009, p. 82), reflexão que revela uma clara crítica ao sistema capitalista e as relações sociais que o sustentam. A relevância desse pensamento está no fato de que a empresa que a peça publicitária representa funciona como detentora dos meios de produção – classe dominante –, enquanto os sujeitos que atuam na peça funcionam como a força de trabalho – classe dominada – a serviço da divulgação do produto. Segundo essa lógica, temos uma ideologia que “logra pleno êxito quando até os fatos que à primeira vista a contradizem começam a funcionar como argumentos a seu favor (Žižek, 1996, p. 326), ou seja, mesmo diante



das contradições⁸, a empresa não só se mantém em sua tradição e solidez no mercado de automóveis no Brasil como também desdenha o acontecimento histórico da ditadura brasileira ao utilizar-se da voz de Elis Regina para comemorar os 70 anos da empresa e lançar um novo modelo da tradicional Kombi, versão 2023.

Dadas as considerações, atentemos agora para os elementos que compõem o último recorte e sustentam a análise apresentada. Formado pela imagem das duas versões da Kombi: a da esquerda representando a versão do passado, na cor azul e branca e, a da direita representando a versão nova – 2023, na cor amarela, observamos que a disposição dos veículos em cena coincide com o movimento cronológico do tempo. Além disso, diferentemente dos demais recortes, nessa imagem ainda temos o enunciado: “O novo veio de novo” como uma resposta ao predições do último verso da canção: “o novo sempre vem!”. Discursivamente o que nos parece evidente é que a Volkswagen é uma marca de tradição que não só resiste ao tempo como se refaz, se renova, assim como o próprio capitalismo. De acordo com Žižek,

O capitalismo é capaz de transformar seu limite, sua própria impotência, na fonte de seu poder – quanto mais ele “apodrece”, quanto mais se agrava sua contradição imanente, mais ele tem que se revolucionar para sobreviver (1996, p. 329).

Outro elemento importante nessa reflexão são as cores dos veículos. O primeiro em azul e branco faz referência às cores da bandeira nacional

⁸ A empresa se diz comprometida com a saúde e bem-estar de seus funcionários, mas negligencia condições mínimas de trabalho; coloca-se como uma grande família em campanhas junto aos funcionários, mas omitiu/fraudou informações sobre funcionários desaparecidos durante a ditadura civil-militar, deixando várias famílias desamparadas, cf. aponta o relatório do MPF.



brasileira, o que no passado significou apoio ao regime militar. Já o modelo lançado em 2023 – amarelo –, temos novamente uma referência a um símbolo nacional, mas ligado ao sentido de riqueza.

Novamente, o recorte trabalha com sentidos em conflito: imagens que fazem emergir a relação da Volkswagen com os governos autoritários/opressores e a voz de Elis Regina com uma memória que resiste. A reincidência da contradição e o modo como os sentidos são construídos sugerem um funcionamento discursivo cínico, isso se explica porque nos termos de Žižek,

O cinismo [cynicism] é a resposta da cultura dominante a essa subversão cínica [kynical]: ele reconhece, leva em conta o interesse particular que está por trás da universalidade ideológica, a distância que há entre a máscara ideológica e a realidade, mas ainda encontra razões para conservar a máscara. Esse cinismo não é uma postura direta de imoralidade; mais parece a própria moral posta a serviço da imoralidade (1996 p. 313).

Ou seja, o *non sense* produzido pela justaposição de duas Formações Discursivas antagônicas (uma pró-ditadura e outra contra a ditadura), emerge como estratégia que desqualifica o acontecimento histórico produzindo o apagamento da história.

“É VOCÊ QUE AMA O PASSADO E QUE NÃO VÊ” – UM EFEITO DE FECHAMENTO

Para efeito de fechamento e partindo do princípio de que a materialidade discursiva é linguística e histórica e conseqüentemente o discurso configura-se



como lugar em que a relação entre língua e história se materializa, passamos às reflexões finais desse trabalho teórico-analítico.

A pesquisa aponta que há uma tentativa de apagamento de uma memória sobre a ditadura civil-militar envolvendo a participação ativa da empresa *Volkswagen* e para tal a publicidade dos 70 anos vale-se da aproximação de figuras que ideologicamente ocupam lugares antagônicos: de um lado, ocupando o discurso da classe dominante, a *Volkswagen* como *coparticipe* das ações repressivas do Estado e de outro, ocupando o lugar da classe dominada, a voz de Elis Regina (apropriação póstuma), que apesar de tudo resiste. Nos termos de Orlandi, o silêncio nessa relação “responde à ‘retórica da resistência’ fazendo esse silêncio significar de outros modos” (2007, p. 85), ou seja, apesar da tentativa de apagamento construído por meio de um discurso cínico, a memória persiste e resiste na voz, no tom, no timbre e no silêncio da eterna Elis Regina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ivana Veloso de; SANTOS, Lorena Danielle. História e música: uma reflexão sobre Elis Regina como voz de resistência durante a ditadura civil-militar no Brasil. **Revista Outras Fronteiras**, 8(1), 2021, p. 68–85. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/437> Acesso em 24 jan. 2024.

BALDINI, Lauro José Siqueira. Cinismo, Discurso e Ideologia. In: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso** (4.: 2009 : Porto Alegre, RS). Anais do IV SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.discursousead.com.br/iv-sead-2009>. ISSN 2237-8146.



BRASIL. Ministério Público Federal – MPF, Ministério Público do Estado de São Paulo – MPSP e Ministério Público do Trabalho – MPT. **Direitos humanos, empresas e justiça de transição: o papel da Volkswagen do Brasil na repressão política durante a ditadura militar**. Relatório conjunto. São Paulo: MPF, MPSP, MPT, 2020.

COSTA, Alessandra de Sá Mello da; SILVA, Marcelo Almeida de Carvalho. Empresas, violação dos direitos humanos e ditadura civil-militar brasileira: a perspectiva da Comissão Nacional da Verdade. **SciELO**, Salvador, v. 25, p. 015-029, Jan./Mar. 2018 16 www.revistaoes.ufba.br

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/ interpretação do corpus discursivo. In: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso** (4.: 2009 : Porto Alegre, RS). Anais do IV SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.discoursead.com.br/iv-sead-2009>. ISSN 2237-8146.

GONZALES, Lucilene. **Linguagem Publicitária: análise e produção**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda et al. (Orgs.). **Memória e História na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. pp. 67- 90.

KOPPER, Christopher. **A VW do Brasil durante a Ditadura Militar brasileira 1964 -1985: uma abordagem histórica**. Editora Departamento de História Corporativa da Volkswagen, 2017.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. 6^a ed. Campinas: Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. 3^a edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.



SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SILVA, Marcelo Almeida de Carvalho; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; COSTA, Alessandra. A Volkswagen e a ditadura: a colaboração da montadora alemã com a repressão aos trabalhadores durante o regime civil-militar brasileiro. **Revista Brasileira de História**, 2022, vol. 42, n 143 o 89 • pp. 141-164.

ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. pp. 297-330.

G1. **Volkswagen faz acordo com MPF para reparar violações dos direitos humanos durante a ditadura**. 23 set. 2020. Disponível em: Disponível em: < <https://g1.globo.com/carros/noticia/2020/09/23/volkswagen-faz-acordo-com-mpf-para-reparar-violacoes-dos-direitos-humanos-durante-a-ditadura.ghtml> >

Data de recebimento: 22/02/2024

Data de aprovação: 25/03/2024



MATERIALIDADES DISCURSIVAS EM ETNOMATEMÁTICA

DISCURSIVE MATERIALITIES IN ETHNOMATHEMATICS

Rogério LOURENÇO¹

RESUMO

Este artigo investiga como os marcadores discursivos influenciam o raciocínio numérico na resolução de problemas de matemática. O estudo analisa respostas de alto desempenho na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) entre 2010 e 2013. A análise revela que a linguagem, além de expressar palavras, também materializa números e imagens de forma estilística. A diversidade de estilos linguísticos nas respostas não interfere na sua eficácia matemática. A partir da perspectiva de análise de discurso de Michel Pêcheux, explora como variações culturais em palavras, números e imagens criam possibilidades discursivas para uma comunicação matemática eficiente. Argumenta-se que a integração de referências e práticas culturalmente relevantes na educação matemática aprimora a capacidade dos alunos de articular e interagir com diferentes modos semióticos em suas respostas. O estudo examina como os marcadores discursivos operam lógicas lexicais, numéricas e visuais, gerando um efeito de sentido próprio de cada resposta. Enfatiza a importância de pesquisas futuras sobre os aspectos estilísticos e discursivos da educação matemática, a fim de compreender como essas dimensões se inter-relacionam e são influenciadas por fatores sociais, históricos e culturais.

PALAVRAS-CHAVES

discurso; língua portuguesa; educação matemática; Etnomatemática; cultura.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador do LABEDIS (Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som) do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: metaimagem@gmail.com.



ABSTRACT

This article investigates how discursive markers influence numerical reasoning in solving mathematical problems. The study analyzes high-performance responses in Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) between 2010 and 2013. The analysis reveals that language, besides expressing words, also materializes numbers and images stylistically. The diversity of linguistic styles in the responses does not interfere with their mathematical efficacy. From the perspective of Michel Pêcheux's discourse analysis, it explores how cultural variations in words, numbers, and images create discursive possibilities for efficient mathematical communication. It argues that integrating culturally relevant references and practices into mathematical education enhances students' ability to articulate and interact with different semiotic modes in their responses. The study examines how discursive markers operate lexical, numerical, and visual logics, generating a specific meaning effect for each response. It emphasizes the importance of future research on the stylistic and discursive aspects of mathematical education to understand how these dimensions interrelate and are influenced by social, historical, and cultural factors.

KEYWORDS

Discourse; Portuguese language; Mathematical Education; Ethnomathematics, culture.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa como os marcadores discursivos materializam o raciocínio numérico na resolução de problemas de matemática. Tem como objeto um conjunto de respostas com as melhores notas em todo o país entre 2010 e 2013 na Olimpíada Brasileira das Escolas Públicas – OBMEP (Lourenço, 2015). O resultado dessa análise sugere que a discursividade da língua expressa estilisticamente não apenas palavras, mas também números e imagens. O critério de análise das melhores notas evidenciou que a diversidade linguística das respostas não compromete sua eficácia numérica.

O ponto inicial é a leitura crítica das concepções semióticas multimodais de base formal, aquelas que prescindem da história e da cultura (Marcondes Filho, 2018, p. 5). Considera, porém, outras de base social que reconhecem os



fatores históricos e culturais (Presmeg *et al.*, 2018; Souza; Nuernberg, 2003), e suas implicações no ensino e aprendizado de matemática. Examina nestas teorias, as implicações político-epistemológicas e tecnológico-pedagógicas do foco restrito em um modelo hegemônico de ensino da matemática. Utiliza para tal objetivo o quadro conceitual e metodológico da Análise de Discurso (Pêcheux, 1997), sua relação com a educação matemática (Kieran; Forman; Sfard, 2003) e sua extensão para a imagem (Souza, 1998) e o raciocínio diagramático (Steensen; Johansen, 2016). Explora como a variação cultural de palavras, números e imagens materializa discursivamente possibilidades, ou formações discursivas que preservem eficácia numérica.

Uma consequência central do apagamento da história e da cultura na educação, neste caso, com a matemática, é a confusão entre acreditar na universalidade da matemática com a universalidade de pensamentos matemáticos. Como será visto, tal reducionismo, como veremos mais a frente, tem duas origens filosóficas, a Platonista, com a noção de verdade e perfeição numérica, e a Aristotélica, com a primazia da linguagem verbal. Essas duas críticas, a de não reconhecer a relação entre palavra e número, e, portanto, a língua e cultura, e a primazia do verbal sobre o não verbal que nega uma discursividade própria da imagem, são aqui aplicadas à educação matemática. Nesse contexto redutor, há por conta do aprendizado de língua portuguesa e matemática, enormes dificuldades dos mais diversos tipos.

Este trabalho busca contribuir para o entendimento dessas dificuldades. Propõe que o desenvolvimento de referências e práticas ligadas à cultura em educação matemática cria a capacidade criativa de articulação discursiva de interação nas respostas entre palavras, números e imagens. Sugere-se aqui, que os usos discursivos da categoria de número implicam uma lógica



distinta da gramática, mas, ainda assim, subjetiva e dependente da língua para manipular valores, medidas, quantidades e proporções.

CONTEXTO

Estas são considerações iniciais sobre as bases culturais de uma estilística do discurso matemático. Resultam da pesquisa de doutorado em linguística que realizou a análise de um conjunto de questões da OBMEP, Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Lourenço, 2015).

Tem como trajetória a pergunta inicial, que foi qual é a relação entre número e palavra e destes com a imagem, até a pergunta atual, discutir as relações e possibilidades de ensino e aprendizagem comuns entre a língua portuguesa e a matemática. Isso é feito por meio da observação de que a língua contém números, numerais, quantitativos e os marcadores, com os quais é possível fazer referências a quantidades, magnitudes e durações. Já a imagem, ao expressar e ilustrar conceitos de tempo e espaço por meio de estruturas, relações e processos, tem também seu gesto discursivo expresso na língua. O discurso unifica essas dimensões, emergindo na forma cultura.

A sugestão da observação do “estilo” das respostas mantém um diálogo com estudos que aplicam tal dimensão a compreensão matemática (Betts, 2005; Cruz, 2012; Garnica, 1996; Machado, 2007; Pacheco, 2001). Para isso, observa-se como o uso dos marcadores discursivos opera as lógicas lexical, numérica e visual, indo além da resposta e imprimindo nesta um traço, ou gesto discursivo que cria o efeito de sentido. Dado que o quadro analítico não toma o indivíduo como base de análise, mas sim suas filiações sociais, históricas e ideológicas na hora da escrita. Ou, em outros termos, sua cultura expressa na língua como formação discursiva.



ORGANIZAÇÃO

O texto está constituído em três partes. A primeira situa os campos da Análise de Discurso (AD) e da Antropologia na observação das práticas de ensino e aprendizagem em Educação Matemática. Relaciona estas práticas aos esforços e propostas do Programa Etnomatemática em suas dimensões culturais, linguísticas e tecnológicas para ampliar a concepção de uma matemática ancorada. Sugere que tais práticas contribuem para a compreensão conjunta dos pontos comuns entre a língua portuguesa e a matemática, por meio da apropriação crítica e estilística de conceitos e técnicas numéricas em contextos históricos e sociais específicos.

A segunda oferece como exemplo da argumentação aqui delineada uma análise de uma questão da OBMEP. Evidencia como os marcadores discursivos, em conjunto com as tecnologias simbólicas utilizadas nas respostas, funcionam como mecanismos cognitivos de produção estilística. Coloca a pesquisa sobre o uso dos marcadores estilístico-discursivos aplicados ao raciocínio matemático como uma abordagem etnomatemática.²

Por fim, coloca-se a importância de pesquisas futuras sobre os aspectos estilístico-discursivos no ensino de matemática. Em geral, consideradas separadas, não se tem um entendimento objetivamente definido sobre o quanto essas duas dimensões se relacionam, devido às suas variações ao longo do tempo nas diferentes sociedades. Estudar essa variação será tão essencial quanto explorar a influência mútua entre essas dimensões. Assim, é importante examinar as condições de produção discursivas em que o

² Está em curso a retomada de aproveitamento da tese para sua transformação em um projeto de aplicativo de educação matemática: <https://slides.com/rogeriolourenco/deck-1>.



conhecimento das práticas em educação matemática é realizado e como elas conectam essas dimensões.

RESULTADOS

Os resultados da análise das respostas sugerem a importância da variedade estilística nas respostas. Evidenciam a relevância da discursividade discutida em trabalhos em educação matemática e multimodalidade (Gerofsky, 2012; O'Halloran, 2007), ainda que estes tenham como perspectiva a dimensão “extralinguística” e seu papel no raciocínio numérico. A perspectiva da AD se afasta dessa semiótica tradicional, a qual os estudos em educação matemática têm mais produção teórica (Chandler, 2022; Vile, 2016). Nesses, termos como “gráfico” e “figurativo”, são analisados em uma hierarquia de níveis estruturais.

Um caminho possível foi apontado nos estudos sobre o silêncio como materialidade significativa (Orlandi, 1995, p. 3,8), que evidenciam o caráter comunicativo de dimensões para além do léxico. Estendendo essa crítica para a imagem, pôde-se se mostrar que a materialidade desta nas provas é também de ordem discursiva (Souza, 1998, 2011). Tais estudos, seguindo a tradição discursiva de Pêcheux, expandem o alcance do conceito de língua, incorporando elementos até então tidos como extralinguísticos. Por meio não de estruturas formalizadas *a priori*, mas *a posteriori*, por gestos discursivos que organizam palavra, número e imagem.

Na resolução de provas, os problemas surgem apenas durante o processo, sem conhecimento prévio pelo respondente. Isso sugere que as habilidades linguísticas e matemáticas estão envolvidas em um processo discursivo *ad hoc*. A análise das provas da OBMEP revelou que notas mais



altas refletem não apenas um domínio maior e mais complexo nessas áreas, mas mais variado estilisticamente, enquanto notas mais baixas mostraram deficiências gramaticais e matemáticas.

A OBMEP é um evento nacional, o que resulta em uma ampla variedade regional de estilos linguísticos nas respostas. Diante desse contexto social de produção das respostas e, conseqüentemente, a necessidade de garantir a precisão na análise para sua eficácia quantitativa, foi proposta uma etapa subsequente de pesquisa (Lourenço, 2019) para saber como a variação lexical não comprometeu a expressão numérica. Passou-se à investigação sobre as condições de produção desse entrelaçamento linguístico e matemático no raciocínio discursivo. A motivação foi a de saber por que a variedade discursiva dessas respostas não alterou a variação da eficácia numérica.

O CONTEXTO BRASILEIRO

No Brasil, esse esforço de unir a língua portuguesa e a matemática tem sido feito de modo esparso por pesquisas nas áreas de linguística (Cagliari, 1997, p. 17, 21,29,31) com o questionamento inicial sobre a possibilidade de as dificuldades em matemática terem relação como a língua. Há esforços pioneiros (Mollica; Leal, 2012, p. 182) no sentido de implementar na sala de aula tais pontos em comum. Há também na educação matemática (Machado, 2011) a reflexão sobre como tanto a linguagem quanto a matemática expressa experiências tangíveis por meio de traduções simbólicas, sejam elas gráficas ou ideográficas. Esses três pontos de reflexão são a base dos trabalhos atuais sobre matemática e linguagem no Brasil.

Há trabalhos em grupos socialmente distintos como a Educação de Jovens e Adultos (Mollica; Leal, 2015) e o Ensino Fundamental (Mollica; Leal,



2006) sobre a construção de uma rede de significados envolvendo habilidades comuns nas duas áreas. Igualmente fundador, e de modo semelhante à compreensão dos aspectos comuns à língua e ao número, está uma linha epistemológica que busca compreender a linguagem matemática em suas características linguísticas (Machado, 1987; Souza; Junqueira, 2017).

A partir destas iniciativas, várias outras seguem na mesma linha de aproximar matemática e língua (Constantino, 2000; Costa, 2010; Cristine; Paiva, 2018; Danyluk; Gomes; Borges, 2009; Matos; Cardoso, 2018; Souza; Junqueira, 2017).

A pesquisa brasileira enfrenta o desafio da falta de uma tradição estabelecida de diálogo interdisciplinar entre antropologia, linguística e educação matemática³. Este estudo propõe uma definição alternativa para ajudar a preencher essa lacuna, argumentando pela existência de uma dupla natureza do discurso como instrumento gramatical na cognição numérica, mediada pela cultura. A análise dessa proposta busca entender como ela pode contribuir para uma compreensão mais profunda da interação entre essas disciplinas no contexto brasileiro.

A SITUAÇÃO DA BNCC E A DIMENSÃO DISCURSIVA

A BNCC é o documento oficial no país para a implementação de políticas públicas sobre educação matemática e língua portuguesa. Há considerações críticas, necessárias, sobre suas contradições, como a falta de formação

³ Embora haja grupos de trabalho como o da Sociedade Brasileira de Educação Matemática – GT09 – Processos cognitivos e linguísticos em Educação Matemática, ou no CNPQ como o Prolem – Processos Linguísticos em Educação Matemática, como será visto adiante, estas abordagens ainda não fazem parte dos documentos oficiais no Brasil.



específica para professores, ou uma avaliação padronizada, mas não flexível estejam em debate (Freitas; Fantinato, 2021, p. 8). Todavia, esta, e outras, como a reforma do ensino médio, ou a importância da educação pública em si escapam ao escopo aqui proposto.

Como parte dos aparelhos do Estado, a BNCC tem múltiplas dimensões, tanto sociais quanto culturais e, conseqüentemente, em sua concepção pedagógica. Ao nomear o documento como “Comum Nacional” tem-se desdobramentos que vão do nivelamento à pasteurização. Todavia, a questão de olhar as práticas que incorporação da cultura precisam ir além da metodologia (Silva, 2023, p. 391). Alcançar o debate epistemológico é tão necessário para mudar o paradigma quanto implementá-lo. Sua consideração tem como objetivo situar potencialidades de uso desse instrumento em um contexto não teórico. Busca comentar a possibilidade de aplicação de princípios conceituais e práticas reflexivas de ensino conjunto ou coordenado, a partir dos elementos existentes neste documento.

A palavra “discurso” e suas variações aparecem 130 vezes no texto da BNCC (versão final, com Ensino Médio), principalmente nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

É possível afirmar que a BNCC permite adotar uma progressão na abordagem da compreensão do conceito de discurso ao longo da Educação Básica. Na Educação Infantil, o foco está no desenvolvimento de habilidades básicas de linguagem. No Ensino Fundamental, os estudantes são expostos a diferentes tipos de textos e discursos, e começam a desenvolver a capacidade de analisá-los criticamente. No Ensino Médio, o foco está na consolidação e ampliação das habilidades de uso e de reflexão sobre as linguagens, incluindo



a análise crítica de discursos em diferentes campos de atuação social e a produção de textos e discursos posicionados.

Olhando dessa perspectiva, a explicação para essa progressão está em diferentes seções do documento. De forma particular, nas seções que tratam do componente curricular de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – Anos Finais (página 136) e no Ensino Médio (página 498). Nesses trechos, o texto da BNCC explicita que o Ensino Médio deve aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos.

No que se refere à matemática e sua ligação com a língua há estudos que analisam como a perspectiva da BNCC e suas potencialidades para implementar tais práticas na sala de aula (Cristine; Paiva, 2018). A BNCC, de certa forma permite, então, pensar uma progressão no desenvolvimento das habilidades de análise e produção de discursos, de modo que os estudantes possam desenvolver capacidades discursivas na expressão matemática

O fato de que a estrutura atual da BNCC ainda permite que certas práticas de educação matemática sejam adotadas e internalizadas como se fossem naturais ou perfeitas, no sentido de superioridade, faz com que se confunda sua metodologia com sua validade (Silva, 2022, p. 89–90). Troca-se o modo específico como tais práticas são executadas, seu método, por sua epistemologia. É necessária uma investigação dos fundamentos gerais do conhecimento, incluindo os princípios, métodos e a justificação utilizados para adquirir e validar o conhecimento em matemática.

A possibilidade, ainda que reduzida, de uso da BNCC como um instrumento positivo de criação de condições favoráveis ao entrelaçamento da língua com os números existe. Há, porém, fatores que extrapolam a escola,



sendo encontrados na sociedade mais ampla, na forma de comportamentos, tradições e crenças.

DISCURSO, ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Até agora, foi argumentado que a intersecção entre gramática e matemática ocorre como raciocínio discursivo. E que, neste nível, a dimensão considerada “extralinguística” resulta do entrelaçamento de elementos semióticos, tais como diagramas e figuras, considerados aspectos expressivos de raciocínio. As respostas das provas têm elementos cujas origens culturais são distintas como meio ambiente de linguagem. Mostram como esta influência se reflete nas regras, tanto implícitas quanto explícitas, assim como nos símbolos e notações matemáticas utilizadas nas diversas respostas. O uso desses símbolos e sinais gráficos, por sua vez, também pode, ou não, ter uma uniformidade (Chrisomalis, 2010, p. 7), ou convenção estabelecidas. As variações nos sistemas métricos ao redor do mundo refletem como a interpretação dos conceitos matemáticos é influenciada por fatores como geografia, cultura, história, educação e linguagem.

Assim como no Brasil, internacionalmente, há um histórico de interesse dos matemáticos pela linguagem, especialmente pela língua (UNESCO, 1974), por perceberem que dela depende o entendimento numérico. Isso se traduz mais diretamente em classes gramaticais como a dos numerais⁴ (Corbett, 2000, p. 1; Wiese, 2003, p. 68–91), em suas modificações lexicais, os quantitativos e as distinções semânticas entre tipos de contagem, bem como

⁴ Ainda que os linguistas estudem a categoria de número, esta é, segundo Greville Corbett: “a mais subestimada das categorias gramaticais. É enganosamente simples e muito mais interessante e variada do que a maioria dos linguistas imagina”



nas relações entre literatura e educação matemática (Bohlmann; Pretorius, 2008). Não há como especificar aqui de modo mais detalhado tais relações entre a matemática e a linguística como constituindo um gênero. Significaria pensar as relações dessas duas disciplinas como um todo já identificável; nos obrigaria a traçar um caminho “coletivo” de estilo (Luvison; Grando, 2012; Ripardo, 2014), se distanciando do foco em olhar como se desenvolve o senso estético pessoalmente.

Embora existam pesquisas sobre a interseção da língua com os números há mais de 60 anos (Pimm, 2018), ou de quase meio século sobre problemas que contêm imagens (Verschaffel *et al.*, 2020, p. 6). Dessa literatura, emergem duas visões sobre “discurso”: uma ligada a fundamentos linguísticos, e outra, como reflexo de práticas educacionais. Em ambas, há majoritariamente uma abordagem psicológica, olhando a cognição, ou estados emocionais, como ansiedade ou ludicidade.

MODELOS MENTAIS E DISCURSIVOS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

A ideia de que se aprende matemática por meio de modelos mentais, ou a modelagem, como uma área da educação matemática é um campo estabelecido (Barbosa, 2004; Carolina; Magnus, 2020; Kaiser, 2017; Leiss *et al.*, 2010; Nasser *et al.*, 2018). Nestas abordagens, há pontos em comum ao priorizar o contexto como fonte de sentido. Há abordagens que partem do psicológico (Barwell, 2013; Hadamard, 1945; Pimm *et al.*, 2014, p. 26; Zhang *et al.*, 2022), outras do comunitário (Graff; Ripardo, 2023; Sfard, 2018). Essas abordagens, ainda que distintas, têm a noção de que ao se fazer matemática é uma ação, individual ou coletiva, e não a expressão de um dom interno de natureza superior. O limite da



crítica tem início quando a agência, tanto técnica quanto social exclui os aspectos sociais como externalidades, ou elementos periódicos (os estudos de desenvolvimento sobre números como forma de pensamento puro), ou periféricos, como questões materiais de registro e preconceito, ou em políticas linguísticas, no caso de povos indígenas e o ensino de matemática nas línguas maternas (Souza, 2021).

A educação matemática “psicologista” (e não psicológica), ao priorizar essa perspectiva psicológica, fica por consequência com sua capacidade explicativa reduzida, frequentemente sob a crítica de “psicologismo”. É evidente que há temas e problemas que são psicológicos, (Dowker; Nuerk, 2017). Todavia, o escopo, bem como as abordagens podem e devem ser variadas. No contexto dessa superação da quase exclusividade da psicologia, Pimm propõe alternativas para análise do pensamento numérico ao afirmar que a educação matemática ainda está “à sombra do psicologismo”. Ele enfatiza a crença dos psicólogos em estudar a matemática como uma “forma de raciocínio puro”.

A perspectiva predominante na educação matemática, frequentemente criticada por sua aderência ao “psicologismo”, tem sido objeto de debate entre pesquisas do campo (Planas; Morgan; Schütte, 2018; Planas; Pimm, 2023). As discussões examinam as limitações e críticas associadas a essa perspectiva, entre elas, a de estudar a matemática como uma “forma de raciocínio puro”. Há, contudo, movimentos para escapar desse formalismo, estruturas alternativas têm sido propostas (Pimm *et al.*, 2014), inspiradas em conceitos lacanianos e psicanalíticos, para incorporar elementos sociais na análise do pensamento numérico.



Essa posição é compartilhada pela ótica da AD⁵. Como observado acima, os padrões gramaticais usados discursivamente na OBMEP revelam uma variedade de respostas. Tal variação tem sido observada igualmente sob outras perspectivas híbridas, como a noção de *Commognition* (Sfard, 2018); tomando o ato de raciocínio como resultado do engajamento em comunicação conjunta no ambiente de aprendizagem. Soma-se a isso, também, as pesquisas em linguística antropológica sobre a cognição e saberes de sociedades tradicionais (D'Ambrosio, 2006; Gerdes, 2000; Pica *et al.*, 2004), ainda que a maioria destes concentra-se em aspectos psicológicos (Planas; Pimm, 2023). Todavia, tais estudos, ainda que promovendo o esforço de compreensão dos pontos em comum entre língua e número, são em quantidade insuficiente, ainda, para uma implementação mais direta dentro de propostas pedagógicas institucionais mais amplas.

DISCURSO

As bases epistemológicas, teóricas e práticas da metodologia adotada na pesquisa sobre respostas a provas da OBMEP foram organizadas segundo as premissas da obra de Michel Pêcheux. São três os princípios epistemológicos de sua elaboração sobre o discurso. A Língua, como centro de significação da realidade com o primado do significante sobre o signo e o significado; A Psicanálise como representação simbólica da origem, criação, controle e validação social dos significados. O Marxismo, como uma análise crítica das representações tangíveis da dimensão ideológica contida nas palavras.

⁵ Cabe notar que a comparação não toma o campo psicanalítico como base de formulação explanatória. Trata-se de observar como a agência é pensada como sendo resultado de condições psíquicas socialmente condicionadas, ou em termos psicanalíticos, são inconscientes.



Para Linguística tradicional, iniciada por Ferdinand de Saussure, o significado na linguagem é função do signo. Indo dos fonemas, que constituem a sílaba, até a sintaxe, que ordena as sentenças modulando que ele divide em dois componentes: o significante (a forma que o signo assume) e o significado (o conceito que ele representa). Esta relação é arbitrária e baseada em convenções sociais e, em geral, e a princípio, não tem qualquer conexão inerente entre forma e significado. O significado é, portanto, estável dentro de uma comunidade linguística na medida em que existe um consenso sobre a relação entre significantes e significados. Analogamente, em matemática, consideremos a equação, $x^2 - 5x + 6 = 0$ onde qualquer mudança dos itens não resulta em um sentido próximo a ordem original.

A abordagem de Pêcheux difere notavelmente porque não vê o significado como algo fixo ou estável, mesmo que temporariamente. Em vez disso, o significado está sempre sujeito às condições da sua produção, que são moldadas por formações ideológicas e discursivas. Para Pêcheux, o discurso não é simplesmente uma questão de linguagem, mas envolve a interação de forças sociais e posições ideológicas que determinam o que pode e o que não pode ser dito (ou pensado) em circunstâncias específicas.

O modo como essa construção aparece na língua é articulado com estudos de Louis Althusser sobre os mecanismos de interpelação do indivíduo em sujeito pelos aparelhos de Estado (Pêcheux, 1997, p. 129, 133). A concepção althusseriana de interpelação dos sujeitos em “cidadãos” pelas formações ideológicas das instituições sociais é empregada por Pêcheux em sua teoria do assujeitamento. Tal mecanismo objetivo produz subjetividades nos fornece um meio pelo qual a materialidade da disputa de classes produz escolhas expressas como individuais.



O apagamento dessa precondição social, denominada pela AD como “duplo esquecimento” (Pêcheux, 1997, p. 175), envolve tanto a tendência a esquecer aspectos sociológicos mais amplos ao comunicar, quanto a perda da particularidade do discurso, tratando-o como universal ou absoluto. Como a própria literatura em educação matemática já indica (D’Ambrosio, 1984, 2009; Powell, 1998; Powell; Bairral, 2006), os discursos pedagógicos transcendem a técnica formal. Tornam-se uma expressão de lutas simbólicas para ideologias e relações de poder. Pêcheux propõe a compreensão e expressão dessa dimensão simbólico cognitiva como materialização linguística da luta de classes.

O modo como as políticas públicas para a escola formam professores e alunos cria sujeitos enunciadore de estas políticas. As formações discursivas a que estas pessoas estão sujeitas, muitas vezes, são externas a elas mesmas. No contexto da OBMEP, a prova nivela a natureza diversa de quem responde, mas as respostas, por sua vez, com soluções discursivamente diversas, convergem todas em um sentido. Há um primeiro fator de diversidade de socialização anterior à situação da prova, nivelado por meio da questão. Em segundo, a criatividade das respostas está restrita ao escopo da solução e, portanto, submetida às regras gramaticais e aos operadores numéricos.

O conceito de formação discursiva considera esses dois elementos e estabelece as condições “invisíveis” de subjetivação pela sujeição. Uma vez que é um processo de esquecimento que gera um efeito de sentido, este determina o que pode e deve ser expresso, sempre a partir de uma determinada posição em um contexto específico. Alcançar uma nota elevada implica não apenas ter uma pontuação, mas também obter reconhecimento social através de diversas formações discursivas com as quais esta nota dialoga.



Pêcheux argumenta que o discurso não é apenas resultado do sujeito da enunciação ou da estrutura da língua, mas, sim, dessas condições materializadas no uso da gramática por meio da sintaxe. Isso significa que o sentido de um discurso não é preexistente, mas é construído pelas relações de poder (ou saber) no momento da enunciação.

A formação discursiva é então o recorte da (re)formulação sintática em sequências discursivas autônomas (SDA). Como efeito dessas condições sócio-históricas, modela os papéis de ensino de aprendizado e a sua reprodução (os dois esquecimentos). Mas a formação modela, também, os modos de raciocínio numérico e o uso multimodal das anáforas, como a referência a variáveis em uma equação, e dêiticos, como apontar para um ponto em um gráfico, e adjetivos, como “positivo” ou “negativo” para descrever números.

Nesse contexto, os números podem assumir funções gramaticais; casos em que se transformam em verbos (como em triplicar), adjetivos (como em “primo” ou “quociente”. A dimensão sintática da gramática, assim como a operação dos elementos na matemática, tem propriedades similares em ordem e prioridade. A associatividade, por exemplo, pode ser observada na forma como os elementos linguísticos são agrupados dentro de uma frase, ou como os números, em uma equação. Assim também, com outras propriedades relevantes, tais como a precedência, a distributividade e a existência de elementos neutros ou de identidade. Os símbolos e notações têm, portanto, existência complementar. Da mesma forma, para com a imagem, um status social legitimado, tais como gráficos e ilustrações usados de forma a combinar logicamente palavras, números e imagens.



Existem 130 menções ao termo discurso e suas variações na BNCC. Destas, as relacionadas à língua portuguesa, com 34 ocorrências, têm a maior parte das menções. Contudo, é na seção de Ciências da Natureza e suas Tecnologias que o uso do termo melhor se encaixa ao aqui proposto (Brasil, 2018, p. 552). Ao mencionar a necessidade de linguagens específicas para cada disciplina, o faz sob a perspectiva de desenvolver nos estudantes o discurso correspondente àquela área.

DISCURSO, NÚMERO E IMAGEM

As pesquisas em educação matemática que observam o raciocínio matemático na língua têm, em geral, a premissa de que os elementos numéricos e imagéticos são exteriores a esta (Bateman, 2011, p. 24; Sfard, 2007, p. 573). Isto decorre de uma adoção da linguística saussuriana como base epistemológica. Como foi visto, a AD se contrapõe a essa noção, porque nela o sentido é o resultado da agência individual e do sentido dado, literal. Nesta, o sentido é produzido pelo sujeito, em vez de resultar das formações discursivas que o assujeitam. Também há em relação a imagem a concepção ilustrativa, descrita acima na metodologia de análise das respostas. A materialidade de imagens e figuras não é atrelada à dimensão acessória da língua.

O ponto central dessas abordagens em educação matemática tem a ver com as duas concepções filosóficas que tratam da noção número como perfeição e da palavra escrita como expressão privilegiada do pensamento. De modo que há abordagens baseadas “semióticas” (ou multimodais) em Vygotsky e suas teorias sobre mediação e práticas de andaime, (Sfard, 2008) sua negação da separação entre fala e pensamento, e outras partem de Wittgenstein e sua negação da existência de um pensamento



puro, desincorporado (Sfard, 2011, p. 235). Todavia, como foi visto, tais abordagens não se estendem à noção de que não apenas a língua é expressa discursivamente, mas, também, números e imagens; como, da mesma forma, não recobre a noção de assujeitamento, que decorre da produção desse significado.

Ao manter o foco da relação entre língua e palavra escrita como puramente psicológica, ou linguística, retira os aspectos críticos da luta de classes. Isso elide o modo como os “indivíduos” se constituem, não como entidades externas à língua, mas surgem de dentro desta como sujeitos enunciativos. Assim, gráficos, e mesmo os elementos sonoros vocálicos, mas não verbais, são considerados paralinguísticos.

Em termos antropológicos, há materialidades significativas diferentes para informações e suportes diferentes (Leach, 1973, p. 136; Lemonnier, 2012, p. 117; Sigaut, 1994, p. 434). O compartilhamento semântico que estes elementos têm é, não raro, descartado como não alfabético. Isso faz com que os números tenham uma “abstração” das palavras, tornando a imagem ora acessória, ora instituída pelo verbal que a descreve.

Dessa perspectiva tradicional da educação matemática, todas as operações simbólicas significam uma submissão ontológica da imagem e do número à linguagem. No entanto, a materialidade desses elementos não é totalmente determinada pela língua (O’Halloran; Smith, 2011, p. 45,61). Assim como a vocalização não depende exclusivamente da gramática para ter significado, essas formas, embora estejam dentro da linguagem, são consideradas externas porque existe uma crença sobre como a mente humana processa esses tipos de informação. Trata-se de uma crença porque não há tal relação, e o oposto é amplamente documentado, ou seja, a influência das



dimensões numérica e visual na interpretação de problemas de matemática (Betts, 2005). Há, de fato, resultados iniciais de pesquisas o auxílio diagramático que corroboram que a dimensão visual por si é um instrumento de raciocínio (Gros; Thibaut; Sander, 2024)

Assim, os aspectos visuais constituem o que se convencionou chamar de “extralinguístico”. Para o senso comum, os números estão “separados” da língua, ainda que possuam uma classe gramatical própria. Já a imagem, divide-se em “legenda, descrição” ou sua determinação pelo verbal e, por outro lado, observa-se apenas seus aspectos técnicos e psicofísicos (Vilches, 1991).

Para a linguística de Saussure e suas tradições subseqüentes, essa concepção tem sua formulação na oposição *langue / parole*. A língua, como sistema, se diferencia das intersecções, interjeições, das falhas e silêncios. Essa visão da língua como destacada de outras fontes materiais de sentido, parece derivar das concepções de Aristóteles sobre a primazia da língua sobre a imagem (Givón, 2001, p. 4; Hans Arens, 1984).

Em seu *De Interpretatione*, desenvolve o argumento que a palavra verbal, sendo a “origem do pensamento” (expressão da alma), pode ser transposta para a escrita, mas esta, por sua vez, é um estágio posterior de significação. Retirar da imagem a possibilidade de expressão direta do pensamento é uma redução epistemológica que faz com que todo e qualquer suporte que não seja o verbal seja visto como inferior ou acessório.

Há estudos sobre o alfabeto Maya, ou a escrita Chinesa (Coulmas, 2003, p. 2, 21) que mostram que tal postura desconsidera a existência de modos de significação diferentes daqueles dos cânones adotados pela tradição grega. Como mencionado, as pesquisas em AD que estendem o imbricamento da língua com o silêncio (Orlandi, 1995), e com a imagem



(Souza, 1998, 2001, 2011) têm em comum o ponto de incorporação na língua do que, até então, era considerado exterior a ela.

Esse foco em elementos “não-verbais”, “extralinguísticos” ou “extranuméricos” ocorre em alguns estudos em etnomatemática (Andersson; Wagner, 2021; Gerdes, 2002) que descrevem formas de quantificar, medir, contar culturalmente diversas. Fora dessa perspectiva culturalista, há tentativas de incorporar elementos estéticos na discursivização de problemas de matemática (Fenyvesi; Lahdesmki, 2017; Whitin, 2014) e mesmo abordagens sobre a dimensão corporal (Abrahamson *et al.*, 2020). Como será visto na próxima seção, na prática, há evidências de que o que acontece não é a suposta separação.

O estudo sistemático desses padrões sociocognitivos, historicamente estabelecidos em normas simbólicas, compõe a base da antropologia da educação matemática. Não há uma “naturalidade de formas para a comunicação” e, portanto, neutralidade expressiva, mesmo para a matemática. Como foi dito acima, uma das considerações que a AD faz sobre a língua é a de que há uma certa “autonomia” da língua em relação ao que é discursivizado. Isso pode ser entendido tanto como influência social ou cultural; no primeiro caso, ocorre como transmissão familiar e institucional, no segundo, como comportamento identitário generalizado de modo público na sociedade.

ANTROPOLOGIA

Existe um pequeno número de iniciativas interdisciplinares em antropologia e educação, tais como a rede argonautas⁶, fundado em 2021,

⁶ <https://redeargonautas.com.br/index.php/>



que reúne iniciativas na área. São discutidas aqui, as abordagens utilizadas pelas pesquisas em educação matemática. Aquelas que partem da linguagem e, mais especificamente, discutem a relação da matemática com a realidade sócio-histórica. Dentre as abordagens comentadas acima, as que atendem esse critério partem das considerações da filosofia de Wittgenstein (Das, 1998; Silveira; Cunegatto, 2016) onde a linguagem, de modo socialmente construído, cria a percepção do cognoscível, e de Vygotsky (Sfard, 2008; Souza; Nuernberg, 2003), que enfatiza a mediação semiótica que a sociedade exerce nas relações de aprendizado; ambos têm a ótica da cultura como premissa da realidade.

Se, por um lado, Wittgenstein, que era filósofo, teve contato com a obra de Franz Boas e Bronislaw Malinowski, os dois antropólogos, buscando dar dinamicidade ao conceito de cultura, tinham posições antagônicas entre si. Malinowski criticou Boas por sua relatividade excessiva (não há natureza humana), ignorando necessidades e expressões humanas universais. Boas, por sua vez, criticou Malinowski por seu funcionalismo extremo, negligenciando a agência individual (Helm, 2001). Wittgenstein toma essas posições e afirma, ao modo dos dois esquecimentos de Pêcheux, que o individual (Boas) tem o limite social da autonomia da língua (Malinowski).

O objetivo dessa descrição é mostrar como esses dois antropólogos nos interessam, aqui principalmente, pelos seus aspectos tanto socialmente compartilhados, quanto suas abordagens sobre a concepção da pessoa na interpretação de mundo. Exemplifica o debate, em antropologia, dos mesmos dilemas sobre as “atitudes individuais” e as “práticas coletivas” em educação matemática.

A proposta teórica que estes trabalhos compartilham se adequa ao enfoque trabalhado anteriormente (Lourenço, 2019) que buscou estabelecer



critérios de uso dos termos adotados pelos estudos etnomatemáticos. De modo que, uma antropologia da educação matemática que revele um campo multidisciplinar, leva em consideração estes três termos como fatores culturais, históricos e linguísticos, no contexto do ensino e aprendizagem da matemática.

O PROGRAMA ETNOMATEMÁTICA

Nas pesquisas em educação matemática, aquelas que consideram tanto a história quanto a cultura como elementos constituintes da cognição humana têm como objeto a pesquisa etnomatemática. As respostas da OBMEP foram então analisadas de uma perspectiva socialmente situada em como os grupos sociais desenvolvem e aprimoram o pensamento numérico. Considerando esse pensamento como resultado das relações entre linguagem, cultura e tecnologia, o esforço de compreensão terminológica desses três termos buscou detectar a origem de duas premissas: a platonista, sobre a “perfeição” dos números como verdade (Barton, 1990, p. 55; Borba; Skovsmose, 1997; Eglash, 1997, p. 112; Joseph, 2011, p. 26) e a aristotélica, sobre a “primazia” do alfabeto como forma superior de pensamento (Coulmas, 2003, p. 2; Givón, 2001, p. 4).

É possível localizar na literatura corrente (Netto, 2023), um debate sobre tanto os fundamentos, quanto à aplicação desse programa⁷, em maior ou menor grau, com maior ou menor fidelidade e variação. Há em discussão duas posições polarizadas: a primeira, como o nome indica, tem

⁷ Nota-se aqui a proposta do Currículo Trivium para a Matemática (D’Ambrosio, 2002, p. 6), no qual são considerados três componentes: a) literacia, que está relacionada com a funcionalidade dos indivíduos na sociedade; b) a materacia, que está relacionada com o entendimento de situações inovadoras desenvolvidas por indivíduos criativos; e c) a tecnocracia, que está relacionada com a utilização astuta dos materiais disponíveis em contextos culturais diversos.



como objetivo estabelecer um programa de pesquisa, tendo como fundo as bases antropológicas que mostram a ocorrência do pensamento numérico em diversas culturas. Em outro polo, estão os que consideram tais aspectos apenas como uma metodologia de ensino (Silva, 2023, p. 398–401). Há também critérios que corroboram essa crítica de redução da cultura à metodologia, mapeando trabalhos em áreas que tocam explicitamente nas questões epistemológicas. De fato, estes mostram que o número de pesquisas que abordam questões de Epistemologia e Filosofia em etnomatemática produzidas é crescente (Netto, 2023, p. 193).

A etnomatemática, portanto, é crítica dessa redução epistemológica que exclui outras formas de notação numérica, consideradas extralinguísticas, em bases filosóficas, e não científicas. Tais bases ideológicas são estabelecidas pela luta de classes que desqualifica formas de cultura material diferentes da origem Helênica. A despeito de o pensamento humano ser caracterizado por sua criatividade e capacidade de adaptação, a rigidez com que se considera as premissas das disciplinas relacionadas à matemática prejudica outras formas culturalmente distintas.

CULTURA, LINGUAGEM E TECNOLOGIA

A extensão do objeto de pesquisa sobre as 252 respostas da OBMEP foi a busca do porquê a variação lexical não compromete a eficácia numérica (Lourenço, 2018). Teve como ponto de partida para esta indagação critério cultural de análise, observando para este ponto de vista, o uso de termos linguísticos e antropológicos feito por pesquisadores em etnomatemática. Consistiu em testes sintáticos sobre sua constituição, ou modo como podem, ou não, serem substituídos, permutados e coordenados. Essa ordenação da



gramática, por sua vez, mostra as estruturas cognitivas e sociais articuladas nas respostas de forma discursiva. Trata-se do assujeitamento como a intersecção entre linguagem, cultura e matemática na pesquisa etnomatemática.

O resultado dessas operações sintáticas foi a observação documentada da reflexão e compreensão terminológica dessas variações culturais, as quais foram produzidas sob condições discursivas diversas dentro do país. Posteriormente, tornou-se evidente que tal abordagem corrobora as perspectivas dos educadores em etnomatemática, que consideram tais termos matematicamente relevantes. Em todas as análises realizadas, as respostas com as notas mais altas apresentavam uma eficácia no uso de elementos estilísticos provenientes de diversas estratégias.

O aspecto tecnológico dessas respostas foi considerado então como uma tecnografia (Sigaut, 1994, p. 423), ou a análise de como as técnicas numéricas (Chrisomalis, 2010, p. 18) são concebidas e aplicadas em situações sociais diferentes. O registro gráfico em seu estilo matemático. Vistas dessa perspectiva, a gramática, assim como a notação matemática, são tecnologias simbólicas. Em sua essência, são dispositivos que permitem estruturar sistematicamente quaisquer informações qualitativas e quantitativas nas diversas situações no tempo e espaço em que emergem.

Como resultado dessa prática com números o uso prolongado de tais formas discursivas de objetificação adquirem seu estilo. O discurso matemático revela-se um sistema autopoietico⁸ (Sfard, 2007, p. 579) — um sistema que produz seus próprios objetos.

⁸ O termo autopoietico faz conceito criado pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, derivado das palavras gregas “auto” (αὐτός) para “si mesmo” e “poietic” (ποιητικός) para “criar” ou “produzir”. Uma tradução possível aqui é “dar-se conta”, no sentido de autonomia tanto cognitiva, quanto expressiva.



ANÁLISE DAS RESPOSTAS À QUESTÃO DA OBMEP

Ao propor uma análise das respostas segundo o que foi aqui argumentado, há o movimento de detecção das SDAs, que oscilam entre a gramática e a matemática. Assim, ainda que haja observações gramaticais sobre a complexidade da frase, ou usos lexicais, parte-se da premissa de que são resultados de excelência, a despeito de seu estilo.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS PROVAS

A metodologia adotada se baseou em dois critérios. O primeiro, um exame discursivo do uso numérico da língua na representação de imagens. O segundo foi observar se havia palavras ou frases que apontavam para coisas específicas (dêiticas) ou faziam referência a algo mencionado anteriormente nos problemas (anafóricas). Foram observadas as relações entre o conteúdo textual, composto pelos marcadores, bem como os numerais e quantificadores.

Das 42 questões coletadas, foram selecionadas 252 respostas, e dessas, foram analisadas 31 questões com as 6 melhores notas em cada uma, totalizando 186 respostas. As respostas compreendem o período entre 2010 e 2013.

O tratamento analítico para esse corpus foi concebido segundo a metodologia desenvolvida pela Escola Francesa de Análise de Discurso (cf. 2.2). Partiu do encadeamento lógico e sintático dado às respostas. Por meio da composição de sequências discursivas autônomas (SDA) (Pêcheux; Léon, 2011)⁹. Nestas, foram agrupadas as paráfrases para uma mesma questão,

⁹ A segmentação sintática destas se baseia em critérios nas provas como conexões interfrásticas, incluindo conectivos como conjunções de coordenação, locuções adverbiais e preposicionais, além de advérbios frasais.



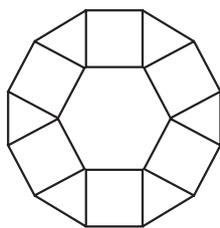
como será visto a frente (3.2). Dado o critério de pontuação, foi possível, então, analisar em condições matemáticas satisfatórias sua estilística numérica. Da mesma forma, no uso das imagens estão incluídas anáforas, elipses e marcas de enunciação.

Funcionando como operadores lexicais e numéricos, os marcadores discursivos, usados contextualmente, permitem nas respostas a performance de narratividades no uso de palavras, números e raciocínio diagramático descrito (Hoffmann, 2011; Steensen; Johansen, 2016). Apesar disso, a compreensão multimodal ser reconhecida em educação matemática, para a linguística tradicional, tal relação foge ao escopo de estudo da língua. Mesmo na linguística aplicada, o uso central do léxico segue a primazia Saussuriana da dicotomia entre língua e palavra (Barwell *et al.*, 2005). Tal postura exemplifica o posicionamento e as implicações de concepções que têm origem na concepção da primazia do verbal sobre o não verbal.

O PROBLEMA ANALISADO: UM DODECÁGONO (N2Q3_2010)

A figura mostra um dodecágono regular decomposto em seis triângulos equiláteros, seis quadrados e um hexágono regular, todos com lados da mesma medida.

Figura 1 – Dodecágono



Fonte: OBMEP.



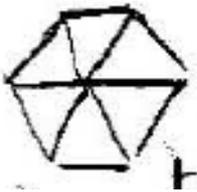
a) Se cada triângulo tem área igual a 1 cm^2 , qual é a área do hexágono?

Resposta 1

Sem imagens na resposta.

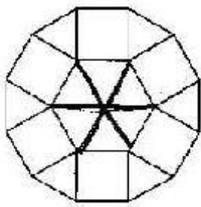
“Todo hexágono regular pode ser dividido em 6 triângulos equiláteros iguais $(6-2) \cdot 180 = 720 / 6 = 120$ e $120/2 = 60$. Então se o lado dos triângulos equiláteros acima são iguais ao lado do hexágono, os triângulos equiláteros do hexágono, tem o mesmo lado dos triângulos equiláteros do hexágono, tem o mesmo lado dos triângulos equiláteros das figuras, e conseqüentemente, a mesma área. Então o hexágono tem área: $6 \times 1 \text{ cm}^2 = 6 \text{ cm}^2$ ”

Resposta 2



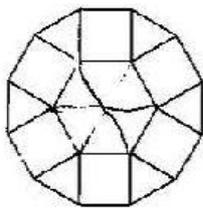
“ 6 cm^2 . Como o hexágono é regular, pode ser dividido em triângulos equiláteros da seguinte maneira. Cada triângulo desse tem área 1 cm^2 , pois são congruentes aos outros (todos os lados de todas as figuras têm (sic) mesma medida, e como o lado dos triângulos do hexágono tem mesmo lado do hexágono, tem mesmo lado também). Como tem 6 triângulos, então a área é $6 \times 1 \text{ cm}^2 = 6 \text{ cm}^2$ ”.

Resposta 3



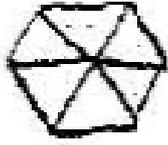
“Temos que um hexágono regular pode ser dividido em 6 triângulos equiláteros de lado igual ao lado do hexágono, como desenhado na figura. Como os triângulos que formam o hexágono tem o mesmo lado dos outros formando o dodecágono, então todos terão a mesma área: 1 cm^2 . Cada hexágono é formado por 6 triângulos, ele terá igual a $6 \cdot 1 = 6 \text{ cm}^2$.”

Resposta 4

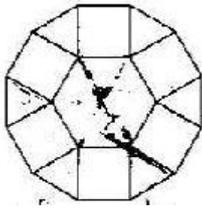


“O hexágono regular pode ser dividido em 6 triângulos equiláteros. Como cada triângulo tem área de 1 cm^2 , o hexágono possui 6 cm^2 .”



Resposta 5

“Se todos têm lados da mesma medida, basta repartir o hexágono em seis triângulos. Se a área de triângulo é 1 cm^2 , multiplica-se por 6 (número de triângulos do hexágono) e temos a área de 6 cm^2 pertencente ao hexágono.”

Resposta 6

“Se ligarmos um vértice ao lado oposto, teremos que essa reta será bissetriz de dois ângulos, logo cada ângulo terá 60° , se fizermos isso com todos os vértices teremos 6 triângulos equiláteros congruentes aos outros, como a área dos outros é 1 cm^2 , temos que a área do hexágono será $6.1 = 6\text{ cm}^2$ ”

Fonte: Adaptada de OBMEP.

ANÁLISE DAS RESPOSTAS

Ao analisar as seis respostas ao problema, é possível identificar “contextualmente” termos de estilo e estratégias discursivas (lexicais, morfológicas, sintáticas) utilizadas para resolver a questão. Na resposta 1, por exemplo, o optou-se por uma explicação mais detalhada, utilizando termos como princípios matemáticos gerais como “todo hexágono regular”, “triângulos equiláteros”, e “consequentemente”, o que pode indicar uma asserção de uma resposta mais completa e embasada. Já a resposta 2 é mais concisa, fazendo uso indireto dos princípios “pode ser dividido” usando conceitos como os de “regular” e “congruentes” para explicar a relação entre os triângulos e o hexágono.

Desse modo, será possível observar que as respostas apresentam estratégias discursivas diferentes para a resolução do problema do dodecágono



regular. Algumas respostas mencionam que um hexágono regular pode ser dividido em seis triângulos equiláteros iguais (respostas 1, 2 e 3), enquanto outras destacam que os triângulos equiláteros do hexágono têm o mesmo lado dos triângulos equiláteros das outras figuras (respostas 2 e 3).

Atendo-se somente à gramática, perde-se lógica matemática na resposta 3 que inclui uma expressão incompleta que não faz sentido no contexto gramaticalmente aceito, mas tem contexto matemático evidente “Como os triângulos que formam o hexágono tem mesmo lado dos outros formando o dodecágono....” (O “onde” igual ao do hexágono refere-se a figura subentendida no meio do dodecágono). Por outro lado, todas as respostas concordam que cada triângulo equilátero tem área igual a 1 cm^2 e que o hexágono é formado por 6 triângulos equiláteros, resultando em uma área total de 6 cm^2 .

A resposta 4 é a breve, utilizando uma linguagem mais direta e objetiva para fornecer a resposta. Contrastando, na resposta 5, é feito o uso de uma linguagem mais informal, com o uso de expressões como “basta repartir” e “pertencente”, o que pode indicar uma intenção (estilística) de simplificar a explicação. Por fim, na resposta 6, há uma maior ênfase na construção matemática, com o uso de termos como “bissetriz”, “ângulos” e “congruentes”, o que pode indicar uma preferência por uma explicação mais fundamentada em conceitos matemáticos.

Outra diferença que pode estar relacionada a marcas de classe é a estrutura sintática das respostas. Algumas utilizam uma estrutura mais complexa e elaborada, com várias subordinadas e orações coordenadas, como a resposta 1. Já outras utilizam uma estrutura mais simples e direta, com poucas subordinadas e orações coordenadas, como a resposta 2.



Em um “micro-corpus” com o visto acima, já surgem diferenças notáveis em relação a elementos gramaticais como metáforas, anáforas, partículas dêiticas, estrutura argumental e sintática, para se ater no que foi analisado. Evidenciam que a produção discursiva da matemática não elide as demais marcas sociológicas e estéticas presentes na fala, e observada comumente na análise de gêneros textuais.

A presença de orações subordinadas adverbiais condicionais, nas respostas 1 e 6, novamente, o chamado às regras e princípios e a presença de orações subordinadas adjetivas, na resposta 5, indicando o raciocínio lógico. O uso de anáfora também varia entre as respostas, com a repetição do pronome “eles” (resposta 2) ou “todos” (resposta 5) para se referir aos triângulos equilátero ou “eles” para se referir aos ângulos mencionados anteriormente, ou “os outros” para se referir aos triângulos equiláteros das outras figuras (resposta 6), tais usam são modos de marcar um ponto de referência no desenvolvimento do problema.

Há respostas que fazem uso de dêixis espacial para se referir aos elementos da figura, como “acima” (resposta 1) ou “ele” (o triângulo, resposta 3). As estratégias utilizadas para resolver o problema também diferem entre as respostas, no que se refere a operações, como a divisão do hexágono em triângulos equiláteros (respostas 1, 2, 3, 5 e 6) ou o cálculo da área total do dodecágono (resposta 4).

As diferenças encontradas nas respostas ao problema do dodecágono mostram ainda, estilos discursivos que podem estar relacionados à questões de formação sociocultural e marcas discursivas de classe. Por exemplo, algumas respostas têm uma linguagem mais formal e técnica, como a resposta 1, que utiliza a fórmula matemática para calcular a área do hexágono. Já



outras respostas utilizam uma linguagem mais coloquial e menos técnica, como a resposta 2, que utiliza uma linguagem mais simplificada para explicar o cálculo. Essas diferenças sugerem níveis de acesso ao vocabulário técnico-matemático.

Sobre o uso da imagem, nas respostas 3 e 6 há uma estratégia de visualização, desenhando a figura do hexágono e dos triângulos para explicar o cálculo da área. Indicam uma formação expressiva e raciocínio diagramático cultural que valoriza a visualização e a ilustração para a compreensão de conceitos matemáticos. Já as respostas 1 (sem imagem) e 4 (que desenha, mas não se refere à imagem) utilizam uma estratégia mais abstrata e formal, utilizando fórmulas e conceitos matemáticos para explicar o cálculo.

Em um “micro-corpus” como esse, já surgem diferenças notáveis em relação a elementos gramaticais como metáforas, anáforas, partículas dêiticas, estrutura argumental e sintática, para se ater no que foi analisado. Evidenciam que a produção discursiva da matemática não elide as demais marcas sociológicas e estéticas. As tecnologias simbólicas de expressão linguística, as quais incluem a expressão numérica, têm em comum a autonomia relativa da língua, e com essa base, surgem nas respostas os efeitos de sentido.

PERSPECTIVAS

O argumento principal deste artigo é o de sugerir que ao aprender matemática, o uso da língua serve também para aprender a “dar-se conta” da dualidade da língua ao operar elementos gramaticais e numéricos. Foi sugerido que o uso de critérios multimodais para a relação ensino-



aprendizado pode colaborar com o desempenho da apropriação dessas duas dimensões simultâneas.

A crítica sobre as abordagens educação matemática e suas premissas que em geral que partem de concepções filosóficas, feita com o contraponto das pesquisas em etnomatemática têm o objetivo de inserir nesta discussão a necessidade da pesquisa e de diálogo interdisciplinar entre antropologia, linguística e educação matemática.

A etnomatemática amplia horizontes ao abraçar várias formas de conhecimento. Dessa perspectiva, a cultura, linguagem e tecnologia desempenham papéis cruciais, desafiando a noção de uma matemática universal. Para isso, torna-se fundamental que estas abordagens baseadas na cultura sejam concebidas para além da mera aplicação apenas como atividade alternativa. É preciso que a etnomatemática seja vista nos documentos oficiais como parte da reflexão da língua e da matemática como elementos da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAMSON, D. *et al.* The Future of Embodied Design for Mathematics Teaching and Learning. **Frontiers in Education**, 2020.

ANDERSSON, A.; WAGNER, D. Culturally Situated Critical Mathematics Education. In: **Applying Critical Mathematics Education**. Leiden, The Netherlands: Brill, 2021. p. 24–46.

BARBOSA, J. C. Modelagem Matemática: O que é? Por que? Como? **Veritati**, n. 4, p. 73–80, 2004.



BARTON, B. Ethnomathematics and Philosophy. In: Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology. **Anais...** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1990. p. 54–58.

BARWELL, R. *et al.* Applied linguistics and mathematics education: more than words and numbers. **Language and Education**, 2005.

BARWELL, R. Discursive psychology as an alternative perspective on mathematics teacher knowledge. **ZDM Mathematics Education**, v. 45, p. 595–606, 2013.

BATEMAN, J. A. The Decomposability of Semiotic Modes. In: **Multimodal Studies Exploring Issues and Domains**. New York: Routledge, 2011.

BETTS, P. Toward How to Add an Aesthetic Image to Mathematics Education. **International Journal for Mathematics Teaching and Learning**, v. 13, 2005.

BOHLMANN, C.; PRETORIUS, E. Relationships Between Mathematics and Literacy : Exploring Some Underlying Factors. **Pythagoras**, v. 55, n. June, p. 42–55, 2008.

BORBA, M. C.; SKOVSMOSE, O. The Ideology of Certainty in Mathematics Education. **For the Learning of Mathematics**, v. 3, n. November, p. 17–23, 1997.

BRASIL, M. DA E. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: Ministério da Educação do Brasil, 2018.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

CAROLINA, M.; MAGNUS, M. Espreitando a emergência da Modelagem Matemática na Educação. **Revista BOEM**, p. 17–33, 2020.

CHANDLER, D. **Semiotics: The Basics**. 4. ed. New York: Routledge, 2022.



CHRISOMALIS, S. **Numerical Notation: A Comparative History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CONSTANTINO, G. A. Resenha Matemática e Língua Materna: Resenha de “Matemática e Língua Materna: Análise de uma Impregnação Mútua”. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 1, 2000.

CORBETT, G. G. **Number**. London: Cambridge University Press, 2000.

COSTA, A. M. A Importância da Língua Portuguesa na Aprendizagem da Matemática. **Revista Lusófona de Educação**, v. 16, p. 151–154, 2010.

COULMAS, F. **Writing Systems An Introduction to their Linguistic Analysis**. New York: Cambria Press, 2003.

CRISTINE, L.; PAIVA, B. A língua materna e o ensino de matemática: uma análise à luz da BNCC. **Revista Ibero – Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE**, v. 8, n. 3, p. 542–557, 2018.

CRUZ, M. DE O. **O estilo em Matemática: personalidade, criação e ensino**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

D’AMBROSIO, U. **Socio-cultural bases for mathematical education**. Proceedings of the Fifth International Congress on Mathematical Education. **Anais...** Birkhäuser Boston: Springer Science+Business Media LLC, 1984.

D’AMBROSIO, U. **Etnomatemática Elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

D’AMBROSIO, U. **Ethnomathematics Link between Traditions and Modernity**. Rotterdam: Sense Publishers, 2006.

D’AMBROSIO, U. Nonkilling Mathematics. **Political Science**, 2009.



DANYLUK, O. S.; GOMES, C. H. P.; BORGES, N. L. **Língua Materna e Linguagem Matemática: Uma Transposição Didática**. X Encontro Gaúcho de Educação Matemática. **Anais...** Ijuí: Unijui, 2009.

DAS, V. Wittgenstein and Anthropology. **Annual Review of Anthropology**, v. 27, p. 171–195, 1998.

DOWKER, A.; NUERK, H. **Linguistic Influences on Mathematical Cognition**. online: *Frontiers in Psychology*, 2017.

EGLASH, R. Recursion in Ethnomathematics. **American Anthropologist**, v. 99, n. 1, p. 112–122, 1997.

FENYVESI, K.; LAHDESMKI, T. **Aesthetics of Interdisciplinarity: Art and Mathematics**. Cham: Birkhäuser, 2017.

FREITAS, A. V.; FANTINATO, M. C. Os distanciamentos entre a Base Nacional Comum Curricular e a etnomatemática. **Revista de Educação Matemática (REMat)**, p. 1–10, 2021.

GARNICA, A. V. M. Apontamentos para um estudo do discurso e do estilo matemáticos e algumas de suas implicações para a Educação Matemática. **Ciência & Educação**, v. 2, p. 18–25, 1996.

GERDES, P. On Mathematical Ideas in Cultural Traditions of Central and Southern Africa. In: **Mathematics Across Cultures: The History of Non-Western Mathematics**. Dordrecht: Springer Science+Business Media, B.V., 2000.

GERDES, P. Mathematical Activity in Mozambique. In: SENECHAL, M. (Ed.). **Mathematical Communities**. New York: Springer-Verlag, 2002. p. 26–29.

GEROFSKY, S. A Linguistic and Narrative View of Word Problems in Mathematics Education. **For the Learning of Mathematics**, v. 16, n. 2, p. 36–45, 2012.



- GIVÓN, T. **Syntax Volume I**. New York: John Benjamins, 2001.
- GRAFF, B. R.; RIPARDO, R. B. Comognição e Materacia : enlaces teóricos para a promoção do discurso matemático escolar. **Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática**, v. 7, n. 1, p. 1–16, 2023.
- GROS, H.; THIBAUT, J.-P.; SANDER, E. Uncovering the interplay between drawings, mental representations, and arithmetic problem-solving strategies in children and adults. **Memory & Cognition**, 2024.
- HADAMARD, J. **The Psychology of Invention in the Mathematical Field**. Princeton: Princeton University Press, 1945.
- HANS ARENS. **Aristotle’s Theory of Language and its Tradition**. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v. 29.
- HELM, A. A. Franz Boas and Bronislaw Malinowski: A contrast, comparison and analysis. **Lambda Alpha Journal of Man**, 2001.
- HOFFMANN, M. H. G. Cognitive conditions of diagrammatic reasoning. **Semiotica**, v. 4, n. 2011, p. 189–212, 2011.
- JOSEPH, G. G. **The Crest of the Peacock – Non European Roots of Mathematics**. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- KAISER, G. The teaching and learning of mathematical modeling. In: CAI, J. (Ed.). **Compendium for Research in Mathematics Education**. Reston, VA: The National Council of Teachers of Mathematics, Inc., 2017. p. 267–291.
- KIERAN, C.; FORMAN, E.; SFARD, A. (EDS.). **Learning Discourse: Discursive approaches to research in mathematics education**. New York: Kluwer Academic, 2003.
- LEACH, E. Some anthropological observations on number, time and common-sense. In: HOWSON, A. G. E. (Ed.). **Developments in Mathematical**



Education: Proceedings of the Second International Congress on Mathematical Education. Cambridge: Cambridge University Press, 1973. p. 136–153.

LEISS, D. *et al.* The Role of the Situation Model in Mathematical Modeling—Task Analyses, Student Competencies, and Teacher Interventions. **Math Didakt**, v. 31, p. 119–141, 2010.

LEMONNIER, P. **Mundane Objects: Materiality and Non-verbal Communication.** Walnut Creek: Left Coast Press, 2012.

LOURENÇO, R. **Metaimagem: uma análise do discurso nas provas na olimpíada de matemática das escolas públicas (OBMEP).** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

LOURENÇO, R. A Etnomatemática como tecnografia das práticas culturais: um olhar antropológico. **Educação matemática em Revista**, v. 23, n. 60, p. 75–90, 2019.

LUVISON, C. DA C.; GRANDO, R. C. Gêneros textuais e a matemática: uma articulação possível no contexto da sala de aula. **Revista Reflexão e Ação**, v. 20, n. 11, p. 154–185, 2012.

MACHADO, N. J. **Matemática e Realidade.** São Paulo: Editora Cortez, 1987.

MACHADO, N. J. Os algoritmos devem ser ensinados? **Pátio Revista Pedagógica**, v. XI, n. 41, p. 48–51, 2007.

MACHADO, N. J. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONDES FILHO, C. **Esquecer Peirce?** São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 2018.



MATOS, D.; CARDOSO, N. Língua Portuguesa e Matemática, juntas em sala. **Ciência Hoje**, p. 1–6, 2018.

MOLLICA, M. C. DE M.; LEAL, M. B. B. Português e Matemática: parceria indispensável em política educacional. In: **Linguística: práticas pedagógicas**. Santa Maria: Editora Pallotti, 2006.

MOLLICA, M. C. DE M.; LEAL, M. B. B. Lendo Matemática. In: **Leitura e mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2012.

MOLLICA, M. C. DE M.; LEAL, M. B. B. Linguagem e Matemática em Cartas, trabalhando na EJA. **HELB**, n. 9, 2015.

NASSER, L. *et al.* **MESA REDONDA: Resolução de Problemas, Modelagem Matemática e Linguagem Matemática**. II Semana do Matemático – UERJ. **Anais...**Rio de Janeiro – RJ: maio 2018.

NETTO, M. DE S. L. **Um retrato da produção de conhecimento sobre Etnomatemática em periódicos nacionais em uma década**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2023.

O'HALLORAN, K. L. Systemic Functional Multimodal Discourse Analysis (SF-MDA) Approach to Mathematics, Grammar and Literacy. In: **Advances in Language and Education**. London: Bloomsbury Academic, 2007.

O'HALLORAN, K. L.; SMITH, B. A. (EDS.). **Multimodal Studies Exploring Issues and Domains**. New York: Routledge, 2011.

ORLANDI, E. P. Efeitos do Verbal sobre o Não Verbal. In: ORLANDI, E. P. (Ed.). **Revista Rua**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. v. 1p. 35–48.

PACHECO, G. DE P. **Estilos Individuais de Escolha no Processo de Aprendizagem**. Florianópolis: Universidade Federal De Santa Catarina, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.



PÊCHEUX, M.; LÉON, J. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva. In: ORLANDI, E. P. (Ed.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011.

PICA, P. *et al.* Exact and approximate arithmetic in an Amazonian indigenous group. **Science (New York, N.Y.)**, v. 306, n. 5695, p. 499–503, out. 2004.

PIMM, D. *et al.* Audience, Style and Criticism. **For the Learning of Mathematics**, v. 29, n. 2, p. 23–27, 2014.

PIMM, D. Sixty Years (or so) of Language Data in Mathematics Education BT. In: MOSCHKOVICH, J. N. *et al.* (Eds.). **Language and Communication in Mathematics Education: International Perspectives**. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 11–23.

PLANAS, N.; MORGAN, C.; SCHÜTTE, M. Mathematics education and language : Lessons and directions from two decades of research. In: **Developing Research in Mathematics Education Twenty Years of Communication, Cooperation and Collaboration in Europe**. London: Routledge, 2018.

PLANAS, N.; PIMM, D. Mathematics education research on language and on communication including some distinctions : Where are we now ? **ZDM – Mathematics Education**, n. 0123456789, 2023.

POWELL, A. B. Socially emergent cognition: interactions mathematical problem solving. **Discourse**, 1998.

POWELL, A. B.; BAIRRAL, M. A escrita e o pensamento matemático: interações e potencialidades. **Perspectivas em Educação Matemática**, 2006.

PRESMEG, N. *et al.* (EDS.). **Signs of Signification Semiotics in Mathematics Education Research**. Berlin: Springer, 2018.



RIPARDO, R. B. **Escrever bem aprendendo matemática: tecendo fios para uma aprendizagem matemática escolar**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

SFARD, A. When the Rules of Discourse Change, but Nobody Tells You : Making Sense of Mathematics Learning From a Commognitive Standpoint. **The Journal of Learning Sciences**, v. 16, n. 4, p. 567–615, 2007.

SFARD, A. **Thinking as communicating: Human development, the growth of discourses, and mathematizing**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SFARD, A. Discursive Approaches to Learning Mathematics. In: **Encyclopedia of Mathematics Education**. Cham: Springer, 2011. p. 234–237.

SFARD, A. Commognition. In: **Encyclopedia of Mathematics Education**. Cham: Springer, 2018. p. 1–7.

SIGAUT, F. Technology. In: **Companion Encyclopedia of Anthropology**. New York: Routledge, 1994. p. 420–459.

SILVA, D. F. DA. **A Etnomatemática na formação inicial de professores de Matemática: desafios e potencialidades**. São paulo: Universidade de São Paulo, 2022.

SILVA, D. F. DA. A etnomatemática é uma metodologia de ensino? **Revista Paranaense de Educação Matemática**, p. 386–404, 2023.

SILVEIRA, M. R. A. DA; CUNEGATTO, T. Por uma Antropologia da Educação Matemática. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS**, v. 9, 2016.

SOUZA, A. DE; JUNQUEIRA, S. M. DAS. **Leitura ao Quadrado: Ampliando Competências de Leitura pela Aproximação entre Língua Portuguesa e Matemática**. Novas Topografias Textuais. **Anais...Passo Fundo**: 2017.



SOUZA, L. O. DE; NUERNBERG, A. H. A relação natureza e cultura: O debate antropológico e as contribuições de Vygotsky. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 2, p. 315–326, 2003.

SOUZA, T. C. C. DE. Discurso e Imagem: Perspectivas de análise do não-verbal. **Ciberlegenda**, n. 1, 1998.

SOUZA, T. C. C. DE. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Revista Rua**, v. 7, p. 65–94, 2001.

SOUZA, T. C. C. DE. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. In: **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi**. Rio de Janeiro: Editora RG, 2011.

SOUZA, T. C. C. DE. Línguas indígenas , fronteiras e silenciamento Indigenous languages , borders and silencing. **Líng. e Instrum. Linguíst.**, v. 24, n. 48, p. 132–150, 2021.

STEENSEN, A. K.; JOHANSEN, M. W. The role of diagram materiality in mathematics. **Cognitive Semiotics**, v. 9, n. 2, p. 183–201, 2016.

UNESCO. **Interactions Between Linguistics and Mathematical Education: Final Report of the Symposium**. Final Report of the Symposium. **Anais...**United Nations Educational Scientific and Cultural Organization, 1974.

VERSCHAFFEL, L. *et al.* Word problems in mathematics education: a survey. **ZDM**, v. 52, n. 1, p. 1–16, 2020.

VILCHES, L. **La lectura de la imagen**. Buenos Aires: Paidós, 1991.

VILE, A. What can semiotics do for mathematics Education ? **Advances in Mathematics Education**, v. 6441, n. February, p. 87–102, 2016.



WHITIN, D. J. The Potentials and Pitfalls of Integrating Literature into the Mathematics Program. **Teaching Children Mathematics**, v. 8, n. 9, p. 503–504, 2014.

WIESE, H. **Numbers, Language, and the Human Mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ZHANG, Y. *et al.* Acta Psychologica Numerosity sense correlates with fluent mathematical abilities. **Acta Psychologica**, v. 228, n. October 2021, p. 103655, 2022.

Data de recebimento: 01/04/2024

Data de aprovação: 30/04/2024



ANÁLISE DISCURSIVA DA TEMÁTICA DA DEPRESSÃO
NA POESIA BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM DOS
EFEITOS DE SENTIDO EM POEMAS DO ROMANTISMO,
SIMBOLISMO E MODERNISMO

DISCOURSE ANALYSIS OF THE THEMATIC OF
DEPRESSION IN BRAZILIAN POETRY: AN APPROACH
TO THE SENSE EFFECTS IN POEMS FROM
ROMANTICISM, SYMBOLISM, AND MODERNISM

Cláudio Sampaio BARBOSA¹

Vitória Carvalho dos SANTOS²

RESUMO

Pela vertente da Análise do Discurso francesa, esta pesquisa analisa os conceitos de memória discursiva, efeitos de sentido e formações discursivas de acordo com Pêcheux (2015) e Foucault (2008) em poemas do Romantismo, do Simbolismo e do Modernismo brasileiros, evidenciando-se semelhanças no que diz respeito às críticas sociais e à temática da depressão embasadas por Debord (1997) e Kehl (2015). As análises indiciam a maneira com a qual a melancolia do século XIX e as sociedades de aparências, impulsionadas pelo materialismo no mesmo período, atravessam estilos literários e permanecem nos poemas do século XX. A semelhança e a persistência de antigas temáticas sociais, menosprezadas pelas sociedades de épocas passadas, são responsáveis por certa estereotipação dos poetas românticos associados ao Mal do Século. Além disso, tais temáticas persistem não apenas

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: claudiosampaio@ufam.edu.br.

² Graduada em Letras: Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal do Amazonas. E-mail: vivi.scarvalho@hotmail.com.



nos poemas, mas na sociedade do século XX, a qual, assim como a anterior, mantém a valorização das aparências em sobreposição à essência, às especificidades de cada pessoa.

PALAVRAS-CHAVES

Análise do Discurso francesa; Literatura Brasileira; Críticas Sociais; Sociedades de Aparências; Depressão.

ABSTRACT

By the line of french Discourse Analysis, this research analyzes the concepts of discursive memory, sense effects and discursives formations in according to Pêcheux (2015) and Foucault (2008) in poems of brazilians Romanticism, Symbolism and Modernism, evidencing likenesses about social critics and depression theme as stated by Debord (1997) and Kehl (2015). The analysis indicate how the melancholy from 19th century and the appearance societies, stimulated by materialism in same time pass, through literary styles and stay in the poems from 20th century. The likeness and the persistence old social thematic, despised by the societies of past ages, are responsible for certain stereotyping of romantics poets associated to Evil of Century. Moreover, those thematic stay not only in poems, but also in society from 20th century which, such as previous, stay the appreciation of appearances above essence, above specificities of each person.

KEY-WORDS

French Discourse Analysis; Brazilian Literature, Social Critics; Appearances Societies; Depression.

INTRODUÇÃO

Longo foi o caminho até se chegar ao entendimento de depressão tal como ele é hoje. No século XIX, era a melancolia que ocupava o seu lugar, porém, com o mesmo olhar preconceituoso dos dias atuais. Para o psiquiatra francês E. J. Esquirol (1820 *apud* Berrios, 2012, p. 595): “a palavra melancolia, consagrada na linguagem popular para descrever o estado habitual de tristeza



que afeta alguns indivíduos, deve ser deixada para os poetas e os moralistas cuja solta expressão não está sujeita às restrições da terminologia médica”.

Portanto, o termo melancolia era mais designado para escritores, principalmente os românticos, como uma forma de menosprezar e diminuir tanto a doença quanto os próprios escritores. Tornou-se reconhecidamente uma doença a partir do principal nome da Psicanálise do século XX: Sigmund Freud, com o ensaio *Luto e Melancolia*:

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição (Freud, 2013, p. 28).

Sendo assim, a melancolia representa, de fato, muitos traços característicos dos poemas românticos, mas poderia, também, não se tratar apenas de um traço estético em comum naqueles textos literários.

Para a psicanalista brasileira Maria Rita Kehl (2015, p. 44):

A melancolia antes de Freud – mas também antes de ser entendida como um distúrbio a ser curado pela medicina psiquiátrica – era vista como uma forma de mal-estar que denunciava o desajuste entre alguns membros de uma determinada sociedade e as condições do laço social. [...] Nesse sentido, as antigas formas de melancolia podem ser entendidas como variações do sintoma social e representam preciosos elementos de compreensão das condições de inclusão dos sujeitos no laço social ao longo da história.

Assim, depreende-se que os entendimentos desse distúrbio psíquico não só demonstram a sua presença em séculos passados, mas também contribuem para a compreensão das relações sociais das sociedades de outros séculos e



de como elas influenciavam e ainda influenciam psicologicamente, positiva e/ou negativamente, seus integrantes.

O termo depressão ganhou força somente por volta da metade do século XIX e até o fim dele já era considerado um sinônimo de melancolia (Berrios, 2012). Após diversas discussões nos últimos séculos, a depressão é finalmente tratada como doença, assim como a melancolia, e hoje chega a ser abordada como sintoma social, segundo a psicanalista Kehl (2015). Para Kehl (2015, p. 49), “*Depressão* é o nome contemporâneo para os sofrimentos decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro”. Esse “Outro” é resultado de uma teoria lacaniana também explicada por Kehl (2015, p. 44):

O Outro, na teoria lacaniana, diz respeito à dimensão simbólica que está na origem da divisão do sujeito. A face simbólica do Outro pode ser resumida como a existência *necessária* da linguagem que determina e precede a existência dos sujeitos. Mas o campo simbólico é sustentado subjetivamente por representações imaginárias: o imaginário provê consistência ao simbólico e à Lei que ele determina.

Ainda conforme Kehl (2015, p. 30), a eficácia dessa lei simbólica se deve por meio de versões imaginárias do “Outro” as quais, em sociedade, são representadas por figuras de autoridade capazes de responder ao questionamento “o que o Outro quer de mim?”. Portanto, esse “Outro” indica uma versão imaginária a qual os sujeitos procuram satisfazer, como se pode inferir pela pergunta acima, e, quando sentem que não podem mais atender às necessidades dele, perdem o sentido na vida tornando-se depressivos. Além de se sentirem incapazes de satisfazer tais versões imaginárias, os sujeitos depressivos sentem-se inadequados ao ambiente no qual estão inseridos.



Para o psicólogo Leandro Anselmo Todesqui Tavares (2010, p. 16):

A depressão [...] representa o fracasso do sujeito na participação da cultura do narcisismo e do espetáculo. [...] Nesse sentido, o sujeito depressivo (ex)-siste no cenário social, está à margem do estilo de existência priorizado pelo espetáculo, devido a sua incapacidade de identificar-se com as representações forjadas pela ideologia predominante das aparências.

Quando não consegue mais atender às exigências da sociedade que o cerca, o sujeito depressivo se sente deslocado de sua realidade, acreditando ser ele o culpado por tal acontecimento, o que contribui com o seu adoecimento psíquico. Porém, ele não é culpado, pois, embora não seja perceptível para muitos, vive-se, de fato, em sociedades do espetáculo nas quais quem não encena não ganha visibilidade, prestígio e é automaticamente rejeitado.

Em 1967, o escritor francês Guy Debord publicou o livro *A Sociedade do Espetáculo*, no qual faz críticas às sociedades capitalistas e a como esse sistema econômico age diretamente sobre os integrantes do espetáculo, modificando-os e determinando suas vidas. Para Debord (1997, p. 16): “[...] o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência. [...] o espetáculo nada mais é que o *sentido* da prática total de uma formação econômico-social, seu *emprego do tempo*”. A aparência firma-se sobre a realidade humana, concretizando o espetáculo fortalecido pelo consumismo desenfreado.

Ainda segundo Debord (1997, p. 44), “o espetáculo não exalta os homens e suas armas, mas as mercadorias e suas paixões”. Percebe-se que a cena gira em torno dos bens possuídos, da ideia de felicidade que passam e da falsa sensação de igualdade e pertencimento referentes ao meio social. Segundo Tavares (2010, p. 14), “o espetáculo é o empobrecimento,



a sujeição e a negação da vida real: a genuína expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem”. Pela encenação, os homens rejeitam suas essências para adquirirem uma nova face, vestirem uma máscara e participarem do espetáculo, acreditando estarem seguindo os modelos exigidos e mais próximos uns dos outros, quando, na verdade, afastam-se ainda mais e escondem-se por trás de máscaras.

Conforme Freud (2019, p. 140), “cada indivíduo é parte integrante de muitas massas [...]” e, sendo assim, a psicologia individual deveria ser, também, psicologia social já que o outro exerce diversos papéis na vida psíquica do indivíduo, como modelo, objeto, ajudante e até mesmo adversário (Freud, 2019, p. 35). Logo, cada indivíduo pertence a uma massa social e, conseqüentemente, recebe influências de seus integrantes. O psicólogo francês Gustave Le Bon, citado por Freud (2019, p. 47), descreve traços de indivíduos inseridos numa massa, como o desaparecimento da personalidade consciente, o predomínio dos pensamentos e dos sentimentos sugeridos e adquiridos pelo contágio da massa. Sendo assim, quando imersos em uma coletividade, os sujeitos perdem sua individualidade e sua autonomia, pensam e agem conforme a massa que lhes acolhe, seguindo os seus ideais.

Para tornar possíveis as análises deste trabalho, utilizou-se – também - o aporte teórico da Análise do Discurso francesa a qual possibilitou um olhar mais social para os poemas. A Escola Francesa de Análise do Discurso surgiu nos anos 1960, a partir de textos do seu principal representante, Michel Pêcheux, e aborda a língua fazendo sentido e como parte do trabalho social constitutivo do homem e da sua história, segundo afirma a linguista Eni Puccinelli Orlandi (2020, p. 13), conceituada tradutora dos textos de Pêcheux aqui no Brasil. Logo, estuda-se a língua a partir de seus possíveis



significados nos discursos do homem enquanto membro de uma sociedade num determinado momento histórico.

Um dos principais conceitos aqui abordados é de fundamental importância na percepção de sentidos é o conceito de memória discursiva. Pêcheux (2020, p. 48) a define como um meio de “[...] restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Pêcheux (2020, p. 46) afirma, ainda, tratar-se da “[...] memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”.

Portanto, é uma memória coletiva dotada de elementos históricos externos ao texto, que permite resgatar discursos já enunciados os quais possuem uma relação com um discurso atual e, a partir deles, estabelecer uma relação de sentido entre o já dito e o que está sendo dito, construindo sentidos. Inclusive, os sentidos, constituem outra parte fundamental desta pesquisa: os efeitos de sentido.

Segundo Pêcheux (2015, p. 53):

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxicosintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.

A Análise do Discurso francesa se destacou por essa abordagem dos efeitos de sentido que um discurso pode derivar possibilitando diversas



interpretações em um campo logicamente estável de sentidos. Finalmente, tem-se o conceito de formações discursivas segundo um outro grande nome da AD francesa: Michel Foucault. Para ele:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (Foucault, 2008, p. 43).

Além de uma regularidade, as formações discursivas (FD) representam discursos já ditos pertencentes a outras FD, mas que não se encerram neles mesmos, reaparecendo em novos discursos para resgatar ou contribuir com a formação de sentidos. Sendo assim, as FD estabelecem uma correspondência entre textos da mesma época ou não, o que contribui com a percepção dos efeitos de sentido nas interpretações dos poemas deste trabalho.

AS SOMBRAS DO ULTRARROMANTISMO BRASILEIRO

Lembrança de Morrer

No more! o never more!

Shelley

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.



Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Poucos, — bem poucos — e que não zombavam
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,



À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida. —

Sombras do vale, noites da montanha,
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua pratear-me a lousa!

(Azevedo, 2009, p. 84-85)

O poema acima é um belo representante da segunda geração do Romantismo brasileiro marcada pela temática emotiva de amor e morte, melancolia e depressão, segundo explica o crítico Alfredo Bosi (2017). É marcada – também - pelo mal do século, uma contradição entre os desejos do eu e a impossibilidade de realizá-los, culminando no desejo de morte como libertação, conforme explanam os professores Valentim Facioli e Antonio Carlos Olivieri (2011). Foi escrito por um dos principais poetas do ultrarromantismo brasileiro: Álvares de Azevedo, “[...] o escritor mais bem dotado de sua geração”, segundo Bosi (2017, p. 116).

A inspiração em poetas românticos europeus estabelece uma formação discursiva entre os poemas do Romantismo principalmente referente às características da segunda geração brasileira já que os poetas daqui adotavam temáticas semelhantes às adotadas na Europa, a saber o pessimismo, a temática da morte, amor não correspondido etc. Ao citar um trecho de um poema inglês na sua epígrafe, Álvares de Azevedo cria uma memória



discursiva que conecta o seu poema ao do poeta Shelley, estabelecendo, assim, uma correspondência e uma semelhança entre eles.

Ao comparar sua morte com a saída de um caminheiro do deserto e com o fim de um pesadelo, o sujeito lírico considera a sua partida como um grande alívio, uma solução bem-vinda para sanar suas dores a acabar com a sensação de deslocamento e (ex)-sistência na sociedade onde está inserido, o que explica o pedido para não lamentarem sua morte já que ela lhe foi oportuna. Isso representa a melancolia definida por Freud (2013) e o sentimento de mal-estar e desajuste perante a sociedade (conforme Kehl, 2015), pois o eu lírico, acometido por um desânimo profundo e se sentido inadequado em meio àquela sociedade, esperava ansiosamente pela morte por enxergar nela a única solução para findar os seus desalentos.

Juntamente com Álvares de Azevedo, a segunda geração romântica brasileira conta – também - com o talento de Casimiro de Abreu. De acordo com Bosi (2017), o poeta aproveitou alguns de seus poemas para expressar um pouco de seus ressentimentos. Veja-se, abaixo, um poema do seu único livro de poemas, *As Primaveras* (1859).

IV Fragmento

O mundo é uma mentira, a glória – fumo,
A morte – um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que s'esvai na campa!
O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos lábios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se belo d'ilusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,



E um dia o vendaval do desengano
 Varre-lhe as flores do jardim da vida
 E nu das vestes que lhe dera o berço
 Treme de frio ao vento do infortúnio!
 Depois – louco sublime – ele se engana,
 Tenta enganar-se pra curar as mágoas,
 Cria fantasmas na cabeça em fogo,
 De novo atira o seu batel nas ondas,
 Trabalha, luta e se afadiga embalde
 Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
 Pobre insensato – quer achar por força
 Pérola fina em lodaçal imundo!
 – Menino louro que se cansa e mata
 Atrás da borboleta que travessa
 Nas moitas do mangal voa e se perde!...

.....

(Dezembro - 1858)

(Abreu, 2014, p. 207-208)

Conforme os efeitos de sentido apreendidos, observa-se que o poema aborda a vida de uma maneira melancólica e pessimista, cheia de ilusões e desenganos, mágoas e tristezas semelhante ao poema de Álvares de Azevedo. Há uma regularidade temática nos textos literários românticos abordados principalmente no que se refere ao tom depreciativo com o qual descrevem a existência humana, enfatizando a tristeza e a morte. Com isso, tem-se uma formação discursiva, uma semelhança entre enunciados nos quais se pode definir uma regularidade entre suas escolhas temáticas, conforme conceituada por Foucault (2008).

Nota-se a perda de interesse pelo mundo externo, consoante a melancolia conceituada por Freud (2013) quando se afirma que “o mundo é uma mentira



[...]” e, ainda, estabelece-se uma relação com a sociedade do espetáculo de Debord (1997), já apresentada neste trabalho, na qual existe a afirmação de toda vida humana como simples aparência. Portanto, depreende-se que o sujeito lírico do poema, após sofrer desilusões e enganos, enxerga a vida repleta de infortúnios e mentiras, busca inútil por algo que não se pode alcançar, bem como a borboleta citada no penúltimo verso, podendo ser entendida, pelos efeitos de sentido conceituados por Pêcheux (2015), como sendo a felicidade considerada inalcançável para o eu lírico.

A REALIDADE POR TRÁS DOS SÍMBOLOS

Acrobata da Dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
De uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,
Agita os guizos, e convulsionado
Salta, “gavroche”, salta, “clown”, varado
Pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!
Vamos! Retesa os músculos, retesa
Nessas macabras piruetas d’ação...

E embora caias sobre o chão, fremente,
Afogado em teu sangue estuoso e quente,
Ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(Sousa, 2014, p. 70)



O poema acima representa a estética simbolista brasileira ocorrida no final do século XIX, a qual, segundo o crítico Tenório Telles (2018), questionou o modelo social burguês no qual se valoriza(va) o ter em detrimento do ser, pois, para os simbolistas, essa valorização esvaziava a alma do homem de seu conteúdo humano. Trata-se de um estilo voltado para a essência humana, valorizando a sensibilidade e a alma em lugar dos bens materiais. Na época, o Brasil vivia a recente abolição da escravatura de 1888, o surgimento da República e as revoltas devido às falsas esperanças de uma vida melhor para o povo (Telles, 2018).

O maior autor do Simbolismo brasileiro é Cruz e Sousa, poeta negro e filho de escravos alforriados, que recebeu o epíteto de Dante Negro com a publicação de *Missal e Broquéis*, ambos em 1893 (Telles, 2018). No poema acima, do livro *Broquéis* (1893), é possível observar a descrição das ações de um palhaço ou alguém que age como tal, ri, gargalha, porém, não de felicidade, mas de angústia, um riso cheio de dor, de nervosismo e de desespero.

Um dos efeitos de sentido analisados aqui é o de uma falsa felicidade representada pela figura do palhaço que, apesar das tristezas, sorri para o público ao seu redor porque essa é a reação que se espera dele. Na terceira estrofe, apesar de ter concluído o ato em meio à tensão e à dor, o equilibrista ainda deve atender aos bis pedido e refazer as acrobacias para não decepcionar a plateia que lhe assiste, haja vista que ela é a responsável pela sua fama e sustento.

Aborda-se, aqui, a noção de contágio segundo Freud (2019) baseado em Le Bon, o qual afirma ser todo sentimento e todo ato contagioso dentro de uma multidão, levando um indivíduo a sacrificar seu interesse pessoal em favor do interesse coletivo. Logo, o acrobata, inserido numa massa,



numa multidão, é contagiado por ela e sacrifica o seu interesse em favor do interesse alheio, refazendo as piruetas mesmo que não se sinta confortável com isso. A atitude dele se deve em decorrência de o público ser o Outro da teoria lacaniana, citado por Kehl (2015), a quem ele deve satisfazer em detrimento de suas próprias vontades e do seu bem-estar.

Nos versos finais, expõe-se uma sociedade espetacular na qual, apesar das dores, deve-se sorrir em meio ao cenário social, pois o “tristíssimo palhaço” é o que Debord (1997, p. 40-41) chama de “vedete do espetáculo”, um modelo de identificação que pode representar vários estilos de vida e que renunciou à sua autonomia para atender às leis do espetáculo. O acrobata da dor deve fazer malabarismos com suas mazelas e apenas sorrir para a multidão que lhe assiste. Como explica Tavares (2010, p. 14), “ante as imposições do cenário espetacular, o sujeito vê-se pressionado a atender as exigências sociais em um sentido estético de sua existência”. Logo, existe a necessidade, nesse cenário espetacular, de aparecer segundo exigido por ele e pela massa que o compõe, atendendo às expectativas e às imposições de ambos.

Para se juntar a Cruz e Sousa e consolidar a virada do século XIX para o XX, apresenta-se um poeta tido como de transição por não ser filiado a um único estilo de época: Raul de Leôni. Ele era considerado um vínculo entre o Parnasianismo, o Simbolismo e o Modernismo, além de criador de uma poesia filosofante e reflexiva que faltava ao movimento simbolista, segundo comenta o crítico Massaud Moisés (2012).

O poema abaixo pertence ao livro *Luz Mediterrânea* (1922) e foi publicado quando o Brasil enfrentava transformações científico-tecnológicas e a burguesia usufruía de luxo, enquanto o proletariado vivia na penúria, conforme elucidam os críticos Tenório Telles e Marcos Frederico Krüger (2014).



Pudor

Quando fores sentindo que o fulgor
Do teu ser se corrompe e a adolescência
Do teu gênio desmaia e perde a cor,
Entre penumbras em delinquência,

Faze a tua sagrada penitência,
Fecha-te num silêncio superior,
Mas não mostres a tua decadência
Ao mundo que assistiu teu esplendor!

Foge de tudo para o teu nadir!
Poupa ao prazer dos outros o teu drama!
Que é mesmo triste para os olhos ver

E assistir, sobre o mesmo panorama,
A alegoria matinal subir
E a ronda dos crepúsculos descender...

(Leoni, 2001, p. 40)

Conforme anuncia o título, tem-se um poema voltado para algo ligado à vergonha, ao constrangimento. A partir da união das duas primeiras estrofes, infere-se que a orientação apresentada ao leitor diz respeito ao modo como ele deve agir quando sentir seu brilho, seu ânimo e seu entusiasmo de adolescente prestes a se apagarem. Diz respeito, ainda, à ocultação de sua decadência, seja ela material ou sentimental, orientando-o a não demonstrar sua tristeza e suas derrotas ao mundo que outrora lhe prestigiou por sua alegria e por suas vitórias.

A partir de efeitos de sentido apreendidos e segundo já explanados por Pêcheux (2015), mostra-se que o leitor não deve demonstrar sua tristeza em público, porque tal atitude não é bonita de se ver e pode até causar



uma sensação prazerosa a quem assiste. Acerca disso, Kehl (2015, p. 31) comenta que “a tristeza, os desânimos, as simples manifestações da dor de viver parecem intoleráveis em uma sociedade que aposta na euforia como valor agregado a todos os pequenos bens em oferta no mercado”. De acordo com Danièle Silvestre (2001 *apud* Kehl, 2015, p. 31), “do direito à saúde e à alegria passamos à obrigação de ser felizes [...]”. Sendo assim, infere-se que a sociedade do espetáculo, eufórica por si só, não aceita demonstrações de infelicidade e dor naturais ao ser humano, privilegiando apenas demonstrações felizes.

Tavares (2010) afirma que no início do capitalismo havia a degradação do ser para o ter, mas, com o passar do tempo, houve um deslizamento do ter para o parecer ou (a)parecer no cenário social. Portanto, depreende-se que os poemas abordados nesta seção pertencem a uma mesma formação discursiva, porque se referem ao fato de a sociedade espetacular priorizar uma aparência eufórica de felicidade e prosperidade. Isso pode ser visto tanto no “Acrobata da Dor”, negadas as manifestações de tristeza e desânimo, quanto em “Pudor”, inferindo-se que, de fato, há uma obrigação de ser feliz ou, pelo menos, aparentar contentamento acima de tudo (e todos).

NOVOS TEMPOS, VELHOS PROBLEMAS

Não se mate

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que será.



Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão,
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam, anúncios
do melhor sabão, barulho que
ninguém sabe
de quê, praquê.

Entretanto você caminha
melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro, é
sempre triste, meu filho, Carlos,
mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.

(Andrade, 2006, p. 57-58)

Como já dito por Telles e Krüger (2014), as primeiras décadas do século XX no Brasil foram marcadas por crises políticas e sociais. É em meio a tal cenário que se desdobra um novo estilo de época: o Modernismo brasileiro, com alguns velhos e conhecidos problemas do século antecedente. Ainda conforme



os críticos (Telles; Krüger, 2014), os escritores modernistas estavam voltados para os problemas vividos pelo homem brasileiro e, assim como no Romantismo, redescobrem o Brasil retratando-o criticamente. Logo, tem-se um estilo voltado para o cotidiano brasileiro e para a sua realidade social e política.

Um dos principais poetas modernistas e um dos mais importantes da literatura brasileira é Carlos Drummond de Andrade, autor do poema acima, publicado em 1934 durante o governo Vargas, quando o Brasil sofria com os crescentes operariado e classes médias. Cenário também em que a aristocracia do café era prejudicada pela crise de 29 e a nova burguesia industrial dos centros urbanos, conforme elucida Bosi (2017).

Observa-se no poema de Drummond a continuidade da temática melancólica e depressiva antes abordada nos poemas românticos, sendo possível, assim, estabelecer uma formação discursiva. Nas composições românticas do século XIX, a melancolia/depressão era tida como um traço estético a fim de esconder a possibilidade de denúncia de uma sociedade melancólica e depressiva. Já o poema drummondiano dos anos 30 do século XX pode expressar, conforme característica dos modernistas e dos efeitos de sentido, a depressão presente em membros de uma sociedade economicamente prejudicada por crises políticas e desigualdades sociais, cada vez mais evidentes e crescentes.

O poema resgata essa temática depressiva para o século XX, estabelecendo uma memória discursiva com os poemas românticos do século passado, pois não se trata de uma memória pessoal, individual, mas de uma memória coletiva, histórica, que faz com que, ao se ler o poema modernista, seja possível recordar as semelhanças também presentes nos poemas românticos. O “Carlos” drummondiano remete aos sujeitos poéticos dos poemas do Romantismo, sujeitos que desejavam a morte por estarem melancólicos/



depressivos devido às decepções amorosas, decepções com suas vidas, com a sociedade que os cercava, dentre outros motivos.

Apesar de resgatar esses sujeitos líricos deprimidos, o poema apresenta motivos pelos quais não vale a pena eles se suicidarem por causa de frustrações amorosas, já que “[...] o amor / é isso que você está vendo: / hoje beija, amanhã não beija, / depois de amanhã é domingo / e segunda-feira ninguém sabe / o que será”. Além das frustrações amorosas, existem as sociais, pois “Carlos” “[...] é o grito / que ninguém ouviu no teatro / e as luzes todas se apagam”, ou seja, ele não é visto e muito menos ouvido. A dor do “Carlos” permanece silenciosa com ele porque, como explica Kehl (2015, p. 22), os depressivos são tidos como “[...] doentes contagiosos, portadores da má notícia da qual ninguém quer saber”.

Com isso, o sujeito depressivo se vê sozinho, excluído, tendo que lidar com o “[...] desprestígio social de sua tristeza” (Kehl, 2015, p. 22). Segundo Tavares (2010), “Carlos” fracassou na sociedade espetacular e narcisista, não consegue mais atender às exigências do “Outro” lacaniano, explicado por Kehl (2015). “Carlos” se sente inadaptado numa sociedade em que sofrer é feio, sinônimo de vergonha, fazendo com que ele se sinta responsável por seu fracasso social, como explica Tavares (2010). Portanto, devido às exigências das sociedades espetaculares, os depressivos permanecem afastados, sem encontrar acolhimento, mas sim rejeição, discriminação às manifestações de dor e tristeza, predominando as aparências.

Ainda no movimento modernista do século XX, chega a vez de uma poetisa marcar presença nesta pesquisa. Trata-se de Hilda Hilst, importante escritora da chamada Geração de 45 a qual apresentava tendências neossimbolistas, conforme explica Bosi (2017). Hilst teve dificuldades em conquistar leitores



no começo de sua carreira, tornando-se polêmica pela utilização da temática erótica e por reivindicar seu espaço no meio literário, segundo comenta Victor Heringer no posfácio do livro *Da Poesia* (2017).

A seguir, veja-se um poema do livro *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*, publicado em 1974.

XIII

Ávidos de ter, homens e mulheres
Caminham pelas ruas. As amigas sonâmbulas
Invadidas de um novo a mais querer
Se debruçam banais, sobre as vitrines curvas.
Uma pergunta brusca
Enquanto tu caminhas pelas ruas. Te pergunto:
E a entranha?
De ti mesma, de um poder que te foi dado
Alguma coisa clara se fez? Ou porque tudo se perdeu
É que procuras nas vitrines curvas, tu mesma,
Possuída de sonho, tu mesma infinita, maga,
Tua aventura de ser, tão esquecida?
Por que não tentas esse poço de dentro
O incomensurável, um passeio veemente pela vida?

Teu outro rosto. Único. Primeiro. E encantada
De ter teu rosto verdadeiro, desejarias nada.

(Hilst, 2017, p. 297)

O poema alude à sociedade do espetáculo, conceituada por Debord (1997), porque critica a busca que as pessoas fazem por mercadorias, as quais transmitem a falsa sensação de semelhança com os demais membros de uma sociedade. De acordo com Tavares (2010), o cenário social, o qual



funciona como palco do espetáculo, incita a priorização e a valorização extrema da imagem e da aparência, demonstrando, assim, a demanda por reconhecimento e aceitação dentro dessas sociedades espetaculares. Em busca da imagem recomendada, as pessoas se debruçam sobre vitrines, como dito no poema, a fim de encontrar a aparência que elas não desejam, mas necessitam para serem aceitas pelos outros e pelo Outro lacaniano.

Como explica Debord (1997, p. 30), “o espetáculo é o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social”, ou seja, é o momento em que o ter determina o ser. Feita essa determinação, é cada vez mais comum encontrar homens e mulheres “ávidos de ter”, ávidos, principalmente, de atender às exigências das sociedades espetaculares por acreditarem que essa é a forma ideal de se viver, desprezando o bem mais precioso que possuem desde quando nasceram: a “entranha” citada no poema, a essência, as particularidades de cada um.

Nos belíssimos versos finais, o poema apresenta uma nova alternativa àqueles ávidos de ter para parecer com outrem: olhar para si mesmo, para o que se é de verdade, sem espelhamento em outras pessoas, a fim de desejar ser cada vez mais parecido consigo mesmo. Após esse passeio para dentro de suas próprias entranhas, perceberiam que o que se tem/é já basta, satisfaz, não havendo a necessidade de procurar em outros o que já existe neles mesmos.

Retomando a essência humana, a “entranha” forma aqui uma memória discursiva com os poemas simbolistas já analisados nesta pesquisa, pois uma das características do Simbolismo é a valorização do interior humano, dos sentimentos e da alma, o que pode ser entendido como a “entranha” do poema de Hilst. Assim, resgata-se a temática voltada para a valorização da essência humana. Aponta-se, ainda, uma formação discursiva perpassada



entre o poema hilstiano e os poemas simbolistas, já que os três criticam a seguinte memória discursiva: o acúmulo de bens materiais, voltando-se para a essência e a sensibilidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, os poemas românticos brasileiros de Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu apresentam a temática da melancolia/depressão marcada por pessimismo, tristeza e desejo de morte que volta a aparecer em poemas do Modernismo brasileiro, tal qual no de Carlos Drummond de Andrade. Isso estabelece uma memória discursiva entre os textos literários, pois o poema drummondiano resgata um tema já abordado no Romantismo brasileiro. Além disso, cria-se uma formação discursiva, ou seja, uma correlação entre as escolhas temáticas dos textos literários românticos e do moderno, observando-se, portanto, que a melancolia/depressão não fez parte apenas do século XIX, como um traço do Romantismo e dos poetas românticos, mas ainda persistiu nos poemas do século XX e na sua sociedade.

Notou-se a transposição temporal da temática da depressão representada nos poemas e, sendo assim, a persistência dessa questão social nas sociedades modernas, o que reforça a necessidade de sua conscientização, de sua abordagem, de seu respeito e de seu tratamento.

Quanto aos poemas simbolistas de Cruz e Sousa e Raul de Leôni, destacou-se a crítica ao que Debord (1997) chama de sociedade do espetáculo, uma sociedade que valoriza as aparências e os bens materiais, como formas de prestígio social, o que pode contribuir com o quadro clínico melancólico/depressivo, uma vez que alguém não se sinta capaz de corresponder às



exigências dessa sociedade espetacular, às exigências do Outro (em sentido lacanianiano explicado por Kehl, 2015).

O poema moderno de Hilda Hilst resgata a temática em questão e critica o desejo incessante de consumir mercadorias para atender aos padrões estabelecidos, constituindo, assim, uma formação discursiva com os poemas simbolistas brasileiros, devido à semelhança entre suas temáticas, no caso, a crítica à sociedade do espetáculo. Estabelece, ainda, uma memória discursiva com os poemas simbolistas por se tratar de uma memória histórica, a qual retoma os preceitos implícitos já abordados no antigo estilo literário (Simbolismo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Casimiro de. **As primaveras**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Brejo das almas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A., 2006.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos e poesias diversas**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

BERRIOS, G. E. Melancolia e depressão durante o século XIX: uma história conceitual. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 590-608, setembro 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2330/233024762011.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.



FACIOLI, Valentim; OLIVIERI, Antonio Carlos. **Poesia brasileira: romantismo**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HILST, Hilda. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2015.

LEONI, Raul. **Luz mediterrânea e outros poemas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2012.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 5. ed. Campinas: Pontes, 2020.

SOUSA, Cruz e. **Broquéis faróis últimos sonetos**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.



TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. **A depressão como mal-estar contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TELLES, Tenório. **Parnasianismo, Simbolismo e Pré-modernismo – Poesia e Poetas.** Manaus: Editora Valer, 2018.

TELLES, Tenório; KRÜGER, Marcos Frederico. **Prosa modernista – pioneiros do modernismo.** Manaus: Editora Valer, 2014.

Data de recebimento: 24/01/2024

Data de aprovação: 09/04/2024



SUJEITO E (DES)ESPERANÇA:
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
E A PANDEMIA

SUBJECT AND (UN)HOPE:
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
AND THE PANDEMIC

Fabio SCORSOLINI-COMIN¹

Julia Gonçalves BERTOLINO²

Soraya Maria Romano PACÍFICO³

RESUMO

Este ensaio teórico tem como objetivo refletir sobre como a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) pode ser disparadora de uma leitura de mundo no contexto da pandemia da COVID-19. O *corpus* foi constituído por poesias presentes nas obras *Alguma poesia* (originalmente publicada em 1930) e *Antologia poética* (originalmente publicada em 1962). O referencial teórico empregado foi o da análise do discurso pecheutiano, a AD. Para além de uma visão literária que associa a capacidade do autor ultrapassar a sua realidade, tornando-se atemporal, a AD nos ajuda a compreender a perenidade da condição humana capturada pelo modo como a ideologia interpela o sujeito, fazendo frente ao seu mundo, o que atravessa tanto o contexto de produção de Drummond como o atual. As reflexões

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail*: fabio.scorsolini@usp.br.

² Enfermeira pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail*: julia.bertolino@usp.br.

³ Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail*: smrpacifico@ffclrp.usp.br.



operadas pelo contexto entre guerras no qual Drummond produziu boa parte de suas obras são revisitadas na pandemia da COVID-19, permanecendo os indícios de um sujeito que, individualmente, é incapaz de reagir, de promover a mudança, embora tenha a ilusão de ser um sujeito psicológico que tudo pode e que pode ser outro após o trânsito pandêmico.

PALAVRAS-CHAVE

Carlos Drummond de Andrade. Saúde mental. Pandemia. Literatura. Análise do discurso.

ABSTRACT

This theoretical essay aims to reflect on how the poetry of Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) can be a trigger for a reading of the world in the context of the COVID-19 pandemic. The corpus was composed of poems from *Alguma poesia* (originally published in 1930) and *Antologia poética* (originally published in 1962). The theoretical reference used was the Pecheutian discourse analysis, AD (in Portuguese). Beyond a literary vision that associates the author's ability to surpass his reality, becoming timeless, discourse analysis helps us understand the perennality of the human condition captured by the way ideology interpellates the subject face his world, which crosses both the context of Drummond's production and the current one. The reflections operated by the interwar context in which Drummond produced a good part of his works are revisited in the pandemic of COVID-19, remaining the indications of a subject that, individually, is incapable of reacting, of promoting change, although he has the illusion of being a psychological subject that everything can and that can be another after the pandemic transit.

KEYWORDS

Carlos Drummond de Andrade. Mental health. Pandemic. Literature. Discourse analysis.

INTRODUÇÃO

As nossas inteligibilidades sobre o viver são construídas de modo complexo, por meio de diferentes vértices, mediadas tanto pelos conhecimentos formais que vamos adquirindo com o tempo, bem como frente às experiências que nos colocam diante de aprendizados importantes. No que se refere aos



conhecimentos formais, tanto as ciências da saúde como as ciências humanas se colocam a serviço da compreensão do humano, ainda que diferentes disciplinas possam conservar objetivos específicos nesse domínio.

Um dos autores que mais contribuem para essa discussão é Antônio Candido, ao tratar do processo de humanização promovido pela literatura. Para este autor, uma das funções da literatura é promover a humanização, com base no despertar da sensibilidade e do reconhecimento de que a arte ocupa uma posição muito importante em nosso processo civilizatório (Candido, 2010). Este estudo parte da integração entre as chamadas ciências da saúde e as ciências humanas, buscando contribuir com um conjunto de investigações que têm se disponibilizado para romper com as fronteiras impostas por essas disciplinas (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021; Mandelbaum, 2019; Oguisso; Silva, 2017; Scorsolini-Comin; Figueiredo, 2018; Silva; Alves; Rodrigues, 2014).

Assim, o presente estudo foi pensado para fortalecer esse diálogo, partindo da premissa de que o processo de humanização, por exemplo, tanto o estudado na literatura por Candido (2010) como pelas ciências da saúde nas práticas de cuidado, referem-se, em essência, a dobras de uma mesma camada que almeja compreender a dimensão do humano. Aventamos, portanto, a reflexão proposta pela literatura como possibilidade de leitura do mundo atual e de humanização (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021), precisamente em como a poesia de Carlos Drummond de Andrade pode contribuir para o estudo da sociedade em meio à pandemia de COVID-19 (Scorsolini-Comin, 2022), período delimitado, oficialmente, pela Organização Mundial da Saúde, entre março de 2020 e maio de 2023.



Carlos Drummond de Andrade, nascido em 1902 e falecido em 1987, é um dos maiores nomes da poesia brasileira. Iniciou sua carreira como autor em 1928, quando publicou o poema *No meio do caminho*, que gerou inúmeras críticas. Logo depois, em 1930, publica sua primeira obra, *Alguma poesia*. Sua poética é baseada em acontecimentos de sua vida e em observações do cotidiano. Dessa forma, retrata experiências, sentimentos e observações sobre o mundo e o humano (Silva *et al.*, 2021).

Drummond pode ser considerado um dos escritores mais completos da literatura brasileira, uma vez que passou pelo jornalismo e dedicou-se a gêneros como a prosa, a crônica, o conto e a poesia, bem como a ensaios. Ainda segundo Silva *et al.* (2021), o mineiro foi notável pelo seu prosaísmo, irreverência, ironia, humor e melancolia, sendo que a sua obra é composta de versos livres e sonetos, linguagem simples e erudita, o que o faz, de fato, um autor multifacetado.

O livro *Alguma poesia* foi publicado por Drummond, em 1930, fazendo sua estreia na poesia. A obra é dedicada a seu amigo Mário de Andrade, com quem trocava cartas sobre literatura. Nessa obra, aborda temáticas como o amor, os amigos, o cotidiano, a discussão sobre a própria poesia e a sociedade capitalista, mas a essência de sua obra é a tríade: um eu todo retorcido, a família e a metrópole (Silva *et al.*, 2021).

Já mais amadurecido, em 1962, publicou sua *Antologia poética*, em um processo de seleção de textos feito pelo próprio poeta. O livro é dividido em nove seções, compostas por poemas presentes em outras obras do escritor mineiro. Seu núcleo temático é diversificado, o que permite uma ampla gama de possibilidades de estudos. Além disso, cada uma das divisões possui um título dado pelo próprio autor que norteia seu eixo



temático: (1) Um eu todo retorcido; (2) Uma província: esta; (3) A família que me dei; (4) Cantar de amigos; (5) Na praça de convites; (6) Amar-amaro; (7) Poesia contemplada; (8) Uma, duas argolinhas; (9) Tentativa de exploração e de interpretação do estar no mundo.

Os textos de Drummond abordam a existência humana e, assim, conseguem instigar o leitor a questionar seu papel no mundo atual ou até seus comportamentos em sociedade. Dessa forma, a crítica literária tem referido que o toque atemporal da poética de Drummond permite que a usemos de empréstimo para ler o mundo à nossa volta, independentemente da época em que são produzidos esses gestos de leitura (Oliva, 2019).

Com esse argumento é que este estudo emprega a poesia do autor para refletir sobre o contexto da pandemia da COVID-19. O primeiro caso de infecção pelo SARS-CoV-2 aconteceu na China em dezembro de 2019 (Xiao, 2020). A disseminação em nível mundial e em escala de tempo curta fez a Organização Mundial da Saúde decretar a pandemia no dia 11 de março de 2020. Devido à gravidade dos sintomas e aumento significativo de casos, as demandas hospitalares aumentaram e, assim, foram necessárias medidas de tratamento e segurança diferentes.

Segundo Ferguson *et al.* (2020), com a ausência da vacina, em primeiro momento, foram avaliadas intervenções não farmacêuticas capazes de reduzir a transmissão do vírus pela diminuição da taxa de contato populacional. Dessa forma, pesquisadores propuseram que a mitigação ideal envolveria isolamento domiciliar de casos suspeitos, quarentena domiciliar para aqueles que tiveram contato com o indivíduo possivelmente infectado e distanciamento social dos idosos e da população dos grupos de risco. Esse conjunto de ações poderia reduzir a demanda do sistema de saúde e as mortes.



No entanto, a pandemia ainda resultaria em milhares de mortes e sistemas de saúde sobrecarregados (Ferguson *et al.*, 2020), até a declaração do fim da emergência de saúde pela Organização Mundial da Saúde, no primeiro semestre de 2023.

Os efeitos da pandemia para a saúde humana vão além dos sintomas físicos da doença, havendo consequências na saúde mental da população. Pacientes infectados ou com caso suspeito podem sentir medo das consequências da doença. Podem experienciar tédio, raiva ou solidão; ademais, os sintomas físicos da doença e os efeitos do tratamento podem aumentar a ansiedade, a insônia e o sofrimento mental (Pfefferbaum; North, 2020; Xiang *et al.*, 2020). De acordo com Wang *et al.* (2020), sintomas de ansiedade e de depressão se ampliaram, principalmente, em profissionais da saúde. Pesquisas com diversas populações trouxeram resultados semelhantes, revelando a perplexidade com que o meio científico e a sociedade se debruçaram sobre a tentativa de compreender esse momento (Jorge; Mello; Nunes, 2020), bem como apontaram para a necessidade de acompanhamentos dos efeitos a médio e longo prazos, o que vem sendo empreendido em diferentes frentes de estudos, sobretudo no campo das ciências da saúde (Scorsolini-Comin, 2023). No entanto, tais repercussões devem produzir inquietações em diferentes disciplinas, a exemplo das ciências humanas e sociais.

Ornell *et al.* (2020) levantam uma questão importante: será que há uma pandemia de medo e de estresse coexistente à pandemia de COVID-19? Na pandemia, muitas pessoas saudáveis tiveram seus níveis de estresse, de medo e de ansiedade aumentados. Inclusive, a maioria dos indivíduos que já possuíam algum transtorno psiquiátrico tiveram os sintomas intensificados. Outrossim, o número de pessoas com saúde mental prejudicada foi maior



que o número de pessoas infectadas. Além disso, as consequências da saúde psicológica prejudicada têm maior duração que a própria epidemia (Ornell *et al.*, 2020).

A Organização Mundial da Saúde afirma que saúde mental é o estado de bem-estar em que a pessoa é capaz de apreciar a vida e de exercer suas atividades diárias, ao mesmo tempo que administra suas emoções. Diversas estratégias podem ser empregadas no cuidado em saúde mental de natureza não medicamentosa. É neste ponto que incluímos o diálogo com a literatura como forma de reflexão sobre o humano e como cuidado em saúde mental (Junqueira; Scorsolini-Comin, 2021).

A leitura, por exemplo, é fundamental no crescimento humano e pode trazer muitos benefícios à vida quando executada: estimula a criatividade, a imaginação, a memória, bem como melhora o processo de escrita, aumenta o vocabulário e atribui um olhar crítico à vida. Segundo Freire *et al.* (2021), a leitura está intimamente ligada com o seu conhecimento de mundo, possibilitando que os indivíduos atribuam significados, compreensões e interpretações diferentes para um mesmo texto. Dessa forma, o leitor enriquece a leitura com o seu saber, com o seu repertório, com as suas experiências.

Para Freire *et al.* (2021), a leitura pode ser enquadrada como um recurso para a promoção à saúde, haja vista que contribui tanto para o desenvolvimento da ludicidade como para o endereçamento de problemas, de angústias, de incertezas, do medo e da solidão, por exemplo. Além disso, o contato com a literatura, como já proposto por Candido (2010), pode contribuir para a humanização, por meio de uma leitura de mundo capaz de abarcar a incompletude de nossa condição, e nos aproximar da essência humana representada na apreciação do belo, na tolerância, no contato



com o diferente, no diálogo que busca o novo, a proximidade e a conexão entre as pessoas.

Diante do panorama apresentado, este ensaio teórico tem como objetivo refletir sobre como a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) pode ser disparadora de uma leitura de mundo mobilizada pelo contexto da pandemia da COVID-19.

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo teórico. Os documentos analisados foram os livros *Antologia poética* (1962) e *Alguma poesia* (1930), ambos escritos por Carlos Drummond de Andrade. O primeiro, *Antologia poética*, foi escolhido por ser uma reunião de poemas já existentes e outros inéditos, organizados pelo próprio autor, mostrando plena consciência de seu repertório. O livro é organizado em nove seções temáticas e oferece uma visão ampla da criação poética de Carlos Drummond de Andrade, desde seu começo até o início da década de 1960, quando fora publicado. Já o livro *Alguma poesia* foi selecionado em função de ser a primeira obra publicada do autor. Nele Drummond explora questões do cotidiano, sentimentos e amarguras, permitindo uma leitura que se aproxima do campo da saúde mental.

Em termos do método empreendido, foi realizada a leitura integral das obras e, posteriormente, houve a seleção dos poemas relacionados ao tema do ensaio. Há que se considerar que os poemas foram escritos em uma época anterior à pandemia da COVID-19, mas que permitem ou podem disparar reflexões sobre o mundo pandêmico (Scorsolini-Comin, 2022). Os poemas selecionados tratam de aspectos como a solidão, a sobrevivência, as mudanças cotidianas, a morte e finitude da vida, por exemplo. Após



a seleção, os poemas passaram por uma análise mais aprofundada, para destacar a visão drummondiana do mundo da época com o contexto vivido na pandemia da COVID-19. As questões mobilizadas pela leitura dos poemas foram refletidas com o apoio da literatura científica produzida sobre esses temas, como a saúde mental na pandemia, a convivência com a morte, a desesperança do mundo, a importância da literatura e da arte no processo de cuidado, bem como a tristeza, o luto, o isolamento social e seus malefícios para a saúde psíquica.

Esse percurso aqui descrito, no entanto, produziria uma visão linear para a obra do autor, posicionando-o como um escritor que ultrapassaria a sua época devido fundamentalmente às suas características pessoais e seus marcadores de estilo, por exemplo. Também possibilitaria uma visão de interpretação como um processo que reafirma a transparência do texto.

Entretanto, questionamos a linearidade, bem como a ilusão de transparência da linguagem. Por isso, a análise do discurso pecheutiana, a AD, foi empregada neste estudo com vistas a problematizar o lugar assumido por um sujeito-autor capaz de retratar a sociedade de uma época. Paradoxalmente, essa posição permite a esse mesmo sujeito-autor ser discursivizado como atemporal por, de certa forma, construir uma visão de mundo que ultrapassaria o universo das experiências individuais e datadas, produzindo reverberações, por exemplo, em nosso contexto contemporâneo.

Na presente análise, partimos da noção de sujeito assujeitado e interpelado pela ideologia, conforme trabalhado pela AD (Pêcheux, 2009), em que os posicionamentos assumidos não são neutros, mas atravessados pelas ideologias e pelos sentidos circulantes, de modo que não é possível a esse sujeito recusar-se totalmente a essa inscrição. Outro ponto de ancoragem



é a noção de autoria (Orlandi, 2007), que envolve a necessidade de o sujeito se posicionar na origem do seu dizer, podendo sustentar um texto coeso, com amarrações, passível de sentido, buscando controlar a deriva e a dispersão do dizer. Com essas noções, podemos nos distanciar de uma visão de autor como sujeito psicológico detentor de um estilo único para a de um sujeito-autor como aquele que assume uma posição capaz de capturar e problematizar o modo como a ideologia produz determinadas formações discursivas que promovem a ilusão de ser o autor a origem do seu dizer e este poder representar, com transparência, o seu sentimento sobre o mundo.

ALGUMA POESIA E A SAÚDE MENTAL

No livro *Alguma poesia*, são explorados sentimentos, amarguras, medos e inquietações que relacionam as experiências de um mundo interno aos acontecimentos do cotidiano. A dimensão política emerge como costura para esses sentimentos, como a evocação do contexto social brasileiro.

Um dos poemas mais emblemáticos desse período, escrito ao final dos anos 1920 e início da década de 1930, é *O sobrevivente*. Nesse poema, o eu lírico explora a evolução da humanidade, ao falar do que ainda viria a ser nomeado como a globalização, bem como a da violência e da desumanização das relações, expondo não apenas o seu descontentamento como a sua incredulidade diante de uma transformação do ser humano. Estando descrente desse processo de humanização, também se sente incrédulo em relação à poesia e à possibilidade de compor diante desse cenário desolador. Ainda que rejeite, em um primeiro plano, a possibilidade de escrever sobre esse mundo, contempla, em um segundo plano, a escrita da poesia como um processo humanizador, assim como defendido pelo poeta.



Vejamos:

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquina terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a O Jornal que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heróicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

Desconfio que escrevi um poema.
(Andrade, 2008, p. 83).

Esses sentimentos de desesperança e de incredulidade também parecem ecoar diante do cenário pandêmico: a tristeza com a evolução da humanidade e a sua impotência diante dos desafios do cotidiano. Há, ainda, uma descrença em relação à própria experiência humana – capaz de desenvolver tecnologias e, ao mesmo tempo, não possibilitar nossa evolução como espécie frente ao estabelecimento de relações de troca, de cooperação, de apoio mútuo (Scorsolini-Comin, 2022). Sentimentos semelhantes afloraram de modo significativo durante a pandemia da COVID-19, conduzindo até mesmo a quadros de agravos à saúde mental. No Brasil, por exemplo, o sentimento



de tristeza atingiu 40% dos adultos durante o ano de 2020, de instalação da pandemia no mundo (Barros *et al.*, 2020).

Embora o poema tenha sido escrito em um momento de desesperança, ainda no período entre guerras, após a gripe espanhola e a crise de 1929, que teve repercussões em nível mundial, este texto dialoga com o contexto de crise vivenciado a partir de 2020. *O sobrevivente*, nesse sentido, reflete a posteridade do humano diante de tantas intempéries, incertezas e desconstrução de um ideal em que o desenvolvimento humano, científico e tecnológico poderia reverter esses efeitos. Embora o termo globalização ainda não fosse corrente à época, o eu-lírico explora o desenvolvimento tecnológico – máquinas, botões e eletricidade – que poderiam, em tese, aproximar as pessoas e melhorar as suas vidas. No entanto, esses elementos promoveriam distanciamento e a descrença na possibilidade de a humanidade fazer frente aos desafios globais.

A globalização promoveu e tem promovido grandes mudanças econômicas, políticas e sociais. O advento do capitalismo costurando o sujeito contemporâneo não ocorre de modo natural, mas capturado pela ideologia (Pêcheux, 2009). Embora possamos pensar na dimensão social do sujeito dessa época, esse poema nos permite também considerar um sujeito individual que passou a ser questionado na pandemia. Durante o trânsito pandêmico, todo sujeito foi convocado a ocupar o papel de auto e hetero proteção, de se isolar, usar álcool em gel e lavar as mãos com maior frequência, por exemplo, visando não apenas a uma proteção individual, mas também coletiva. No entanto, nem toda a população pode seguir essas exigências, principalmente populações vulnerabilizadas e em situação de pobreza também decorrente da crise disparada pela pandemia (Firmino, 2020).



As dificuldades do sujeito da época de Drummond são revividas na economia capitalista e no modelo neoliberal predominantes na pandemia da COVID-19, promovendo e acirrando ainda mais a desigualdade. A tristeza do sujeito drummondiano é reavivada no sujeito contemporâneo que precisa conviver com dificuldades financeiras importantes e que compõem um estressor capaz de disparar o adoecimento, como a depressão em adultos. Além disso, os pensamentos sobre falta de recursos financeiros para comprar alimentos e medicamentos aumentam os impactos psicológicos da pandemia (Barros *et al.*, 2020), o que se assevera também quando consideramos os efeitos do distanciamento e do isolamento social prolongados, sobretudo durante a primeira onda da pandemia, em 2020 (Pereira *et al.*, 2020).

Isso nos leva a considerar que Drummond não está tratando de um sujeito psicológico, que pode controlar seu dizer e seu fazer, interessado na exploração de sua subjetividade enquanto escreve ou na tentativa de essa escrita representar unicamente a si mesmo. O eu-lírico discursiviza sobre o sujeito capturado pela ideologia (Pêcheux, 2009). As relações de exploração e de opressão em nossa sociedade são naturalizadas, privando esse sujeito de viver todas as suas possibilidades, restando-lhe sobreviver a um mundo igualmente cindido, em desmonte, em crise. Esse processo é tecido por um sujeito fragmentado, que vive a/na contradição, pois tenta denunciar as dificuldades, a tristeza, a opressão, ao mesmo tempo em que se vê imóvel diante das condições que o mundo apresenta. Um sujeito fadado apenas a sobreviver, a repetir e a se conformar com a impotência da condição humana, posto que, independentemente do contexto sócio-histórico, a ideologia atua como um mecanismo que faz parecer natural que as coisas sejam como se apresentam, em dado momento (Pêcheux, 2009), pode ser a guerra, a pandemia, o sistema capitalista.



ANTOLOGIA POÉTICA COMO LEITURA DE MUNDO

A obra *Antologia poética*, publicada e organizada por Carlos Drummond de Andrade em 1962, é composta por poemas de outras obras do autor que perpassam diversos pilares temáticos. Na seção *Um eu todo retorcido*, primeira das nove seções do livro, Drummond traz o poema *Soneto da perdida esperança*: “Perdi o bonde e a esperança. / Volto pálido para casa. / A rua é inútil e nenhum auto / passaria sobre meu corpo” (Andrade, 2003, p. 23).

O poema mostra a desesperança do eu-lírico. Para além de uma compreensão desse sujeito psicológico diante de uma desilusão, por exemplo, deve-se pensar na dimensão de um sujeito interpelado pela ideologia (Orlandi, 2007; Pêcheux, 2009) que, por ser assim, tem a ilusão de poder representar um sentimento de desesperança que atravessa a própria condição humana. A literatura científica na área de saúde mental tem afirmado que a desesperança é um sintoma central da depressão (Ornell; Schuch; Sordi; Kessler, 2020; Pereira *et al.*, 2020). Dessa forma, um paciente deprimido não vê um futuro promissor para sua vida, podendo não desejar a continuidade de sua vida como um possível alívio para a situação que está passando. Conforme estamos argumentando, ainda que possa parecer que o eu-lírico esteja abordando uma vivência particular, pela AD sabemos que os sentidos construídos sempre podem vir a ser outros, uma vez que as condições de produção (Pêcheux, 2009) interferem no processo de significação. Pêcheux (2009) compreende as condições de produção como as circunstâncias de um discurso e que envolvem a relação dos interlocutores e do contexto sócio-histórico. Interpretar discursos de desesperança em um contexto de guerra ou de pandemia, por exemplo, pode produzir efeitos de sentido diversos, já que a interpretação não é única, ela é afetada pela ideologia, que está sempre relacionada à luta de classes (Orlandi, 2007).



O cenário pandêmico parece ter contribuído para esse sentimento mais coletivo de desesperança. A pesquisa realizada por Barros *et al.* (2020) revelou que 40% dos adultos entrevistados tinham sintomas de depressão e 50% possuíam sintomas de ansiedade. O poema, aqui, ainda que tenha sido escrito em um outro momento histórico, pode representar os sentimentos vivenciados pela sociedade atual, o que se aprofundou com a pandemia da COVID-19.

Outro sentimento bastante evocado na pandemia foi o de solidão, o que foi potencializado pelas recomendações sanitárias de isolamento social, em um primeiro momento, e de distanciamento social. Essas recomendações promoveram diversos afastamentos das relações sociais, o que impactou na construção e na continuidade de vínculos de trabalho, de amizade e amorosos. Em *A bruxa*, cenário semelhante parece ser descrito – de solidão em meio à existência de milhões de pessoas em uma mesma cidade, por exemplo –, mas em uma mobilização individual de isolamento do sujeito.

Vejamos:

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto,
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído
anunciou vida a meu lado.
Certo não é vida humana,
mas é vida. E sinto a bruxa
presa na zona de luz.

De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto. . .
Precisava de um amigo,
desses calados, distantes,



que lêem verso de Horácio
 mas secretamente influem
 na vida, no amor, na carne.
 Estou só, não tenho amigo,
 e a essa hora tardia
 como procurar amigo?
 (...)

Estou cercado de olhos,
 de mãos, afetos, procuras.
 Mas se tento comunicar-me,
 o que há é apenas a noite
 e uma espantosa solidão.
 (...)

(Andrade, 2003, p. 28-29).

O distanciamento social por longo tempo durante a pandemia aumentou a ansiedade e a depressão devido à separação forçada de amigos e familiares, por exemplo (Santana *et al.*, 2020). No entanto, a solidão não se refere apenas ao fato de se estar sozinho pela impossibilidade ou indisponibilidade para estar com outras pessoas. Refere-se a uma sensação de afastamento e de isolamento ainda que cercada por pessoas, como descrito pelo eu-lírico. Essa sensação conduz a uma experiência de desamparo, como se as relações e as vinculações existentes também não fossem capazes de fazer frente à sensação de estar só e em sofrimento.

Tal sensação descrita em *A bruxa* também está presente em *José*, poema emblemático da produção drummondiana:

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,



e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos, que
ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

(...)
você marcha, José!
José, para onde?

(Andrade, 2003, p. 30-32).

Em *José* encontramos reflexões de base existencialista, como presentes em diversas leituras já endereçadas a esse poema. O eu-lírico apresenta o diálogo com um personagem que, mesmo sendo massificado em sua experiência como homem (o que pode ser indiciado pela escolha de um nome bastante comum, José), lança-se a um exercício reflexivo profundo que assevera o seu desconforto, o seu não saber e a sua incompletude. No poema, José não se trata de um sujeito psicológico, mas de um sujeito que



assume uma posição discursiva na qual está fadado a repetir. A contradição afeta o sujeito que se mostra em movimento, embora sem direção – “(...) *você marcha, José! / José, para onde?*”. Essa falta de direção é reforçada pelas perdas narradas ao início, em que a esperança por uma vida melhor se esvai diante do reconhecimento das dificuldades, dos dissabores, da própria incompletude do viver.

Essa visão pessimista emerge também em *Sentimento do mundo*:

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desafiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microcopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer



esse amanhecer
mais noite que a noite.

(Andrade, 2003, p. 154).

Com uma visão pessimista, o eu-lírico anuncia sua própria morte e a dos outros. Essa guerra pode ser interpretada como a vida e suas batalhas. Ademais, novamente o eu-lírico expõe seu medo de ficar sozinho e, ao final, conclui que o dia já amanhece escuro, triste e sem liberdade. Ao ser convocado para uma guerra para a qual não havia se preparado, reflete sobre o seu tempo e as suas intempéries. Ainda que esteja pessimista em relação ao mundo e aos homens, ainda conserva em si o sentimento do mundo, um modo de pensar e trabalhar com o afeto em meio ao desespero, o desamparo e a desesperança. Podemos dizer que essa visão de mundo também foi e tem sido evocada no contexto da pandemia, uma vez que esse momento histórico trouxe uma série de incertezas e de medos. Em meio a esse contexto, foi necessário seguir, ainda conservando, muitas vezes, uma visão pessimista do mundo, a exemplo do eu-lírico drummondiano.

Drummond é um poeta de seu tempo e que buscou abordar esse desconforto em diversos poemas. Um desses exemplos é *Elegia 1938*, que trata da melancolia em um contexto que antecede a Segunda Guerra Mundial.

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue frio, a concepção.
A noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.



Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o horrível despertar prova a existência do maquinário
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

(Andrade, 2003, p. 157).

O ano de 1938 representa a crise social e política que o mundo atravessava e que culminou na Segunda Guerra Mundial, ocorrida de 1939 a 1945. O eu-lírico observa um mundo em degradação, denunciando a sua impotência diante de tudo. Trata-se da representação de um sujeito assujeitado no contexto capitalista e neoliberal, que pouco ou nada pode fazer em busca de melhores condições de vida ou contra a desigualdade. Indicia, assim, a insuficiência desse sujeito psicológico diante de um contexto macrosocial, como explorado na AD (Pêcheux, 2009). Acaba, pois, materializando o poder da ideologia, que costura uma noção de normalidade, de naturalidade com que a vida segue diante desse olhar que não se conforma, mas que, ao mesmo tempo, sucumbe. Esse sujeito não pode, sozinho, contrapor-se a um sistema que explora o trabalho e o humano, transformando-o em um ser fadado a apenas consumir e a não se posicionar por um mundo mais justo.



Acaba, pois, adiando o que chama de “felicidade coletiva” para o próximo século. Passados mais de 80 anos em que esses versos foram escritos, percebemos uma repetição desse processo que angustia o eu-lírico drummondiano e a geração da qual fez parte o autor: ainda corporificamos uma sociedade injusta e fortemente marcada por relações de exploração, produzindo desigualdades que nos matam e que nos fazem normalizar esse processo, como se o sujeito – que é assujeitado pelas condições de exploração, de desigualdades, marcado pela pandemia – fosse realmente impotente diante desse cenário. Aqui o homem se reduz à condição de observador de um mundo em crise, mas incapaz de fazer frente a esse esfacelamento justamente por pertencer a essa estrutura tanto do ponto de vista simbólico como ideológico e no domínio da linguagem – mesmo que possa se espantar com o mundo diante dos seus olhos, o que é capturado pela melancolia do poema.

Como a “felicidade coletiva” não é alcançada no século que sucede a escrita de Drummond, é *mister* refletir sobre a perenidade desse desconforto diante dos mesmos operadores do mundo no qual o autor habitou e refletiu em sua obra. Com uma pandemia em vigência, compartilhamos de seus sentimentos, o medo que permeia a vida e a tristeza de não poder alterar o que está acontecendo, a descrença na mudança e na própria evolução do humano diante de uma sociedade fadada ao colapso.

Finalizamos essas reflexões como o poema *Congresso internacional do medo*:

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,



cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

(Andrade, 2003, p. 159).

O eu-lírico aborda de modo bastante explícito o sentimento do medo em sua sociedade. Explora medos ancestrais, como da morte e do que pode existir depois dela, mas também de uma morte social, da morte da democracia e da própria capacidade de humanização que permitiria a vida em sociedade. Explora-se, no poema, uma sociedade em ruínas, refém não apenas de um medo individual relacionado às nossas inseguranças e percursos de vida, mas a um medo perene que nos atravessa como sociedade, um medo da própria existência e do que fizemos coletivamente com essa dimensão.

Esse sentimento de medo e de instabilidade tem sido bastante evocado no trânsito pandêmico. Em meio a uma pandemia, quase toda a população ficou com medo, em alguma medida. O medo de morrer, de adoecer, de infectar os mais próximos, de sair de casa e de voltar para casa. Medo de não conseguir pagar as contas, de perder familiares e amigos, de perder a pretensa sensação de controle e de planejamento da vida. A preocupação constante impacta negativamente a saúde mental e contribui para quadros de transtornos mentais, levando os indivíduos a um sofrimento psicológico (Barros *et al.*, 2020).

Esses medos nos afligem em uma dimensão individual e relacionada às pessoas mais próximas, mas também capturam nossa condição humana diante da imprevisibilidade e de diversos processos sociais que concorrem com a pandemia. Como exemplo, citamos as questões políticas envolvidas no manejo da emergência de saúde global, os avanços das direitas ultraconservadoras em diversas partes do mundo, como nos países europeus e na América Latina, a iminência de conflitos



no Oriente Médio e os já instaurados que não retrocederam em função da crise sanitária, como os conflitos por terras, frente aos movimentos migratórios e no que tange à questão climática, apenas para mencionar eventos candentes nesse momento histórico. Assim, Drummond trabalha em uma esfera coletiva do medo, destacando esse sentimento como algo que nos constitui, representando, simbolicamente, uma sociedade do medo.

Ao extrapolar a dimensão do individual, Drummond coletiviza o nosso sentimento de impotência e a nossa própria fragilidade diante da vida, expressões essas que passaram a ser cada vez mais narradas durante a pandemia. Compreendemos que as questões abordadas por Drummond permanecem atuais, não apenas pela sua capacidade de descrever um mundo e o viver para além de sua época, mas pela condição humana. A cada tempo histórico apresentam-se diferentes desafios, também havendo a repetição de intempéries representadas por crises sanitárias e guerras, por exemplo, que só asseveram que a condição humana não pode se alterar como um reflexo direto de um aprendizado decorrente de experiências consideradas negativas e traumáticas, como nos conflitos por terras, nas disputas religiosas ou mesmo em relação à inovação no campo da imunização que, atualmente, esbarram em *fake news*, em desinformação e no negacionismo que compromete avanços conquistados pela ciência. Esse eu-lírico discursiviza sobre o seu pessimismo em relação à condição humana por observar esses ciclos históricos que se repetem e por uma evolução que não se dá de modo natural, como se cada nova experiência pudesse dismantelar aquilo que já se viveu.

Drummond, assim, captura a essência de uma repetição, de um desconforto e de um sofrimento que indiciam, para os analistas do discurso, a reafirmação de um sujeito assujeitado, cindido, que não pode individualmente responder ou mudar (Pêcheux, 2009) – o que nos leva a considerar o pessimismo e a impotência que



costuram os poemas aqui analisados. Esse pessimismo e essa sensação de não poder fazer frente ao medo e à condição que se impõem não revelam uma posição individual, mas, justamente, a sujeição desse sujeito a uma estrutura macrossocial, o que se materializa em uma interpelação do sujeito do discurso pela ideologia dominante. Nesse posicionamento, o sujeito, ainda que tenha a fantasia de controle individual, tende ao equívoco, ao deslize, assujeitando-se diante de estruturas sociais e linguísticas que o afetam. Esse processo nos ajuda a indiciar a nossa fragilidade diante do que vivemos, quer seja o contexto discursivizado pelo eu-lírico drummondiano, quer seja o contexto pandêmico recentemente mobilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, diante de importantes textos de Drummond, presentes nas obras *Alguma poesia* e *Antologia poética*, pudemos refletir sobre o modo como o contexto de referência do autor parece dialogar diretamente com nossas condições contemporâneas, permitindo-nos a sensação de esses textos terem sido produzidos para retratar o que estamos vivenciando, de fato. Obviamente que a capacidade desse sujeito-autor drummondiano produzir textos que ultrapassaram um determinado contexto de produção destaca um traço importante da sua autoria e da construção de suas obras.

No entanto, é importante reforçar que, pela AD, não estamos tentando compreender a perenidade do autor como um sujeito empírico, mas, justamente, a manutenção das condições que tanto afetaram a sua produção, o que nos leva a recuperar o conceito de memória discursiva, que não se aloca nesse sujeito psicológico – Drummond – e na memória do ponto de vista cognitivo e das neurociências. Quando analisamos as condições de produção atravessadas pela pandemia, reforçamos que há uma atualização do medo, da tristeza, da desesperança, indiciando o



assujeitamento frente à destruição causada pelo vírus em termos de infecções, transmissão, sequelas e, em seu ápice, a morte, produzindo uma memória sobre esse dizer. Essa memória, portanto, contribuiria, segundo a presente análise, para o efeito de sentido que parece situar o eu-lírico drummondiano diante das condições de produção contemporaneamente mobilizadas no trânsito pandêmico.

Quando pensamos que esses poemas parecem representar nosso momento atual, de trânsito pandêmico, estamos considerando que o sujeito, interpelado pela ideologia, assume uma posição discursiva para dizer sobre o seu descontentamento, mas que, ao mesmo tempo, não consegue responder de modo a reverter o seu pessimismo, prostrando-se como ser impotente diante do mundo à sua volta. Tanto o sujeito representado na poética drummondiana como o sujeito contemporâneo são impossibilitados de reagir individualmente a um contexto marcado pela opressão, pela desigualdade, pela guerra, pelas crises sanitárias, políticas, econômicas e sociais – que nos atravessaram no século passado e que continuam a nos constituir no século XXI.

Esse sujeito assujeitado é o sujeito do capitalismo, das marcas do neoliberalismo, do esvaziamento e da padronização, como podemos observar em movimentos recentes da educação brasileira, que tem valorizado noções de competências que, por vezes, esmaecem o papel das ciências humanas e diminuem o espaço da literatura no processo formativo e de fruição no espaço escolar. Com isso, privilegia-se uma formação voltada exclusivamente ao mercado de trabalho, com prejuízo de uma formação mais questionadora, mais próxima dos vértices sustentados nas ciências humanas e sociais e na própria literatura. Isso promove, como efeito, uma sociedade que não consegue discutir a sua própria condição, mas que naturaliza esses movimentos como constitutivos de sua humanidade.



As reflexões operadas pelo contexto entre guerras no qual Drummond produziu boa parte de suas obras foram revisitadas contemporaneamente diante da maior crise sanitária do século, a pandemia da COVID-19, permanecendo os indícios de um sujeito que, individualmente, é incapaz de reagir, de promover a mudança, embora tenha a ilusão de ser um sujeito psicológico que tudo pode, que pode fazer a diferença, que pode ser outro após o trânsito pandêmico. Essa incapacidade de reagir e de transformar individualmente a realidade sustenta-se na consideração de que a pandemia, desde o seu início, demandou respostas institucionais, coletivas, posicionamentos partilhados e pactuados para cada onda que se sucedeu, aviltando a necessidade de um fazer com o outro, em relação ao outro, pelo outro.

Essa ilusão é desconstruída quando analisamos o sujeito drummondiano diante de um mundo que perenemente nos assujeita, produzindo o efeito de ser o mesmo sujeito que contempla a nossa sociedade atual diante da pandemia. Assim, para além da capacidade de o autor representar uma sociedade e seu porvir, assevera-se a perenidade de um sujeito assujeitado ideologicamente, oprimido pelo capital e convidado permanentemente a considerar a desigualdade como constitutiva de um mundo que ilusoriamente pode ser modificado pelo individualismo e pela capacidade de cada um reagir diante desse mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. **Alguma poesia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. 52 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BARROS, M. B. A. *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19.



Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, n. 4, e2020427, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/nFWPcDjfNcLD84Qx7Hf5ynq/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

FERGUSON, N. M., *et al.* Relatório 9: impacto das intervenções não farmacêuticas (NPIs) para reduzir a mortalidade por COVID19 e a demanda de saúde. **Imperial College COVID-19**, Londres, mar. 2020. Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-NPI-modelling-16-03-2020.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FIRMINO, P. C. S. Globalização e COVID19: Guerra contra um inimigo invisível. **Revista Contexto Geográfico**, Maceió, v. 5, n. 9, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico/article/view/10148>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FREIRE, K. T. *et al.* Leitura e saúde mental: concepções preliminares. **Revista Philologus**, v. 7, n. 79, 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/83>. Acesso em: 15 abr. 2024.

JORGE, M. A. C.; MELLO, D. M.; NUNES, M. R. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SHLx7YvPkW8jTH7WvpqtsDn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

JUNQUEIRA, L. F. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Psicologia, literatura e saúde mental. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 10, p. e-2117404, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/17404>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MANDELBAUM, B. A Psicologia Social na universidade pública: uma prática psicanalítica de reparação da memória brasileira. **Psicologia USP**, São



Paulo, v. 30, e190031, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/ZGfhh98mm6Sj8HrBnhHmcqR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

OGUISSO, T.; SILVA, O. Literatura y enfermería: Fuentes y saberes para investigación en historia. **Cultura de Los Cuidados**, n. 47, p. 129-148, 2017. Disponível em: <https://culturacuidados.ua.es/article/view/2017-n47-literatura-e-enfermagem-fontes-e-saberes-para-pesquisa->. Acesso em: 15 abr. 2024.

OLIVA, J. T. O espírito do lugar na subjetividade de Drummond. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 73, p. 285-289, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/cBFDLyS9s83g8fpyYBp6scM/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 12–16, 2020. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/35>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PEREIRA, M. D. *et al.* Pandemia de COVID-19, isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 7, e652974548, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/493>. Acesso em: 15 abr. 2024.

PFEFFERBAUM, B.; NORTH, C. S. Mental health and the Covid-19 pandemic. **New England Journal of Medicine**, v. 383, n. 6, p. 510-512, 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMp2008017>. Acesso em: 15 abr. 2024.



SANTANA, V. V. R. S. *et al.* Alterações psicológicas durante o isolamento social na pandemia de COVID-19: revisão integrativa. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v. 2, p. 754-762, 2020. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/4706>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F. Nothing will be as it was: effects of the pandemic on young people's mental health. **SMAD – Revista Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 3, p. 1-4, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/smad/article/view/213441/195456>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F. Uma leitura de O sobrevivente, de Carlos Drummond de Andrade, em tempos de pandemia. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-18, e02219, 2022. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4462/3445>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, F.; FIGUEIREDO, I. A. Concepções de saúde, doença e cuidado em Primeiras estórias, de Guimarães Rosa. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 883-897, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/3HnrZypFbmwDrhBYwRMryzL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SILVA, O.; ALVES, E. D.; RODRIGUES, M. C. S. Liricidade e toque de arte para a produção do conhecimento estético de enfermagem - uma reflexão poética inspirada na Teoria da Complexidade. **Cultura de los Cuidados**, v. XVIII, n. 39, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-127183>. Acesso em: 15 abr. 2024.

XIAO, C. A novel approach of consultation on 2019 novel coronavirus (Covid-19) related psychological and mental problems: structured letter therapy. **Psychiatry Investigation**, v. 17, n. 2, p. 175-176, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/en/covidwho-1913>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Data de recebimento: 03/01/2024

Data de aprovação: 08/04/2024



DO DISCURSO SOBRE A CULTURA E A MORTE: UMA ANÁLISE DA TRILHA MUSICAL DE VIVA, A VIDA É UMA FESTA NA CONDIÇÃO DE DISPOSITIVO DISCURSIVO

FROM THE DISCOURSE ABOUT CULTURE AND DEATH: AN ANALYSIS OF THE SOUNDTRACK OF VIVA, A VIDA É UMA FESTA IN THE CONDITION OF DISCURSIVE DISPOSITIVE

Íngrid LÍVERO¹

Pedro NAVARRO²

RESUMO

Em meio aos discursos que circulam na atualidade, diversos elementos da grande rede de poder que os maneja se constituem objetos de análise acadêmica e social. No que diz respeito a discursos semiológicos, o meio cinematográfico de animação vem desempenhando papel preponderante não só nas possíveis condutas dos sujeitos, mas também na manutenção de memórias e de aspectos culturais. Diante desse potencial, é proposta uma leitura discursiva da constituição musical e imagética do filme de animação *Viva, a vida é uma festa* (2017), pautada nos conceitos teórico-metodológicos desenvolvidos com base nos estudos de Michel Foucault, principalmente no que o filósofo denomina dispositivo, na defesa da existência de um dispositivo musical-cinematográfico, cuja configuração produz saberes a respeito da cultura mexicana veiculada no filme. Por essa produção e pela análise de sequências enunciativas, conforme preconiza o método arqueogenalógico foucaultiano, é possível rastrear os modos pelos quais o dispositivo atua na tríade afetos, emoções e memória, em

¹ Doutoranda em Estudos do Texto e do Discurso na Universidade Estadual de Maringá. Mestra em Estudos do Texto e do Discurso pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ingridlivero@hotmail.com.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professor da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: navarro.pl@gmail.com.



um incessante processo de (re)construção das subjetividades memoriais e culturais nos e dos produtos fílmicos.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Cinema de animação. Memória. Trilha sonora. Dispositivo musical-cinematográfico.

ABSTRACT

Among the discourses that circulate nowadays, various elements from the power network, which handles them, are constituted as academic and social analysis objects. Regarding the semiological discourses, the cinematographic animation field has been performing a preponderant role both in the individuals conducts and in the maintenance of memories and cultural aspects. In face of such potential, it is suggested a discursive reading of the musical and imagery constitution of the movie *Viva, a vida é uma festa* (2017), guided by the theoretical-methodological concepts from Michel Foucault, mainly about what the philosopher designates dispositive, on the defense of the existence of a musical-cinematographic dispositive, which configuration produces knowledges about the Mexican culture present in the movie. By this production and as of the analysis of enunciative sequences, as preconized by the Foucauldian archeogenealogical method, it is possible to track the ways by which the dispositive acts in the triad affects, emotions and memory, in an incessant process of (re) construction of the memorial and cultural subjectivities from and in the filmic products.

KEYWORDS

Discourse. Animation Cinema. Memory. Soundtrack. Cinematographic-musical dispositive.

INTRODUÇÃO

O cinema de animação percorreu um considerável caminho desde o *Pantomimes Lumineuses de Pauvre Pierrot* – primeiro espetáculo de desenhos animados em 1892 –, passando pelo Gato Félix de Pat Sullivan e Otto Messmer até *Branca de Neve e os Sete Anões*, primeiro longa sonoro de animação, produzido pela Disney, para, enfim, desembocar nos premiados enredos da tecnologia de três dimensões conhecidos atualmente. Junto



aos processos de incrementação das técnicas de animação, bem como de inserção de sons nas produções filmicas, os assuntos a serem tratados pela Sétima Arte se submeteram a mudanças, tanto em relação aos temas como ao modo de abordagem.

Diante da inegável perpetuação do gênero por entre públicos e épocas diversos, o cinema de animação possibilitou o tratamento de temas sensíveis por meio de uma abordagem também sensibilizada, sem deixar de lado o elemento extraordinário e o metamorfismo característicos de grande parte das produções, os quais, inclusive, mediam a veiculação de culturas, tradições, lutas e resistências para os espectadores. Para tanto, alguns filmes animados se utilizam largamente do meio musical em concomitância ao imagético para estabelecer sua conexão com o público em potencial, bem como para estender seu domínio para além das telas do cinema, por exemplo, para o nicho mercadológico ou mesmo para perpetuar suas canções, para além de seu período de exibição no cinema, em uma espécie de tradução dos modos de ser dos sujeitos em forma de música que remete à imagem, ou imagem que remete à música.

Em ciência de tais considerações e da multiplicidade de entradas de estudo que podem ser realizadas com o objeto cinema de animação, o presente trabalho propõe uma leitura discursiva do material musical veiculado por este gênero do cinema, a partir da perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, calcados em Michel Foucault. É pressuposto que as ferramentas de análise oferecidas por este viés teórico permitem o entendimento da trilha musical como um elemento que Foucault (2019) define como dispositivo, logo o objetivo é descrever modos pelos quais tal dispositivo se modela para interceptar os indivíduos espectadores por meio



da música das animações e, na rede de poder da qual faz parte, produzir posições de sujeito.

Este trabalho é parte dos resultados da pesquisa realizada por Jordão (2022), em nível de mestrado, que investigou as condições de possibilidade e as características do que fora intitulado dispositivo musical-cinematográfico, com base nas orientações teórico-metodológicas, tanto a respeito do dispositivo quanto sobre o recorte de séries enunciativas que possibilitam encontrar regularidades na dispersão de acontecimentos. Nesse empreendimento, o filme de animação *Viva, a vida é uma festa*, produzido em 2017 pela *Pixar Animation Studios*, foi um dos elementos utilizados como *corpus* para a extração de sequências enunciativas semiológicas. É a partir destas que o funcionamento do referido dispositivo é aqui delineado.

Para os limites estabelecidos neste artigo, após a exposição dos conceitos foucaultianos norteadores da leitura discursiva empreendida, é feita a análise de um conjunto de sequências enunciativas (doravante SE) de *Viva, a vida é uma festa*, o qual se destacou como produção fílmica a respeito da cultura mexicana e um filme animado que alcançou uma multiplicidade de públicos e formas de expressão dos afetos no cinema, trabalhando-os junto à atualização da memória a respeito do país representado. Em atendimento à necessidade de um recorte, as SEs aqui resgatadas se encontram sob um tópico livremente definido como “memória cultural”, ou seja, sequências que, de alguma forma, remontam às tradições do país e as atualizam, conforme são descritos o enredo principal e as histórias paralelas no longa.

Somam-se à perspectiva discursiva brevemente citada aspectos teóricos do campo musical cinematográfico. Estes são mencionados em momentos oportunos, pois o potencial das animações em difundir culturas e alcançar



públicos diversos é minuciosamente regulado na imagem e nas canções. Valendo-se dessa regulamentação, o filme é percebido e interpretado por múltiplos sentidos e por indivíduos de diferentes faixas etárias, podendo se definir um “filme de criança que faz um adulto chorar”.

O CAMINHO METODOLÓGICO FOUCAULTIANO PARA UMA ANÁLISE DO DISCURSO MUSICAL CINEMATOGRAFICO

A análise discursiva empreendida pauta-se no método arqueogenealógico, depreendido dos estudos de Michel Foucault, com base na qual é possível organizar e descrever séries enunciativas e suas regularidades (Foucault, 2008).

Uma análise genealógicamente dirigida investiga os vários núcleos de poder existentes, bem como as formas de resistência que existem em simultaneidade a eles. A partir das regularidades, são identificadas certas singularidades inerentes a cada ocorrência social em contexto e época específicos, sem desconsiderar que há retornos, ressignificações e rupturas, bem como diferentes formas de se dizer e de se fazer que existem em concomitância, permitindo um leque ainda maior de significações. Este é o caso do discurso cinematográfico, que conta com diferentes instrumentos pelos quais faz e diz suas histórias, por exemplo, o gênero animação, o qual é formado por inúmeras ocorrências, mas, a partir da delimitação de séries, apresenta singularidades pelas regularidades.

Direcionando os holofotes ao discurso aqui em questão, depreende-se que existe uma ordem discursiva crítica das artes, que institui quais opiniões advindas de sujeitos específicos são legitimadas para avaliar um produto filmico. Por algum tempo, essa mesma crítica definiu os filmes de animação como direcionados exclusivamente para um público infantojuvenil, ou ainda



como um cinema que não deveria tratar de certos temas “inapropriados” para crianças, como a morte. Dessa forma, para compreender os mecanismos de poder-saber que ensaiam essa ordem, a entrada de análise foucaultiana prevê o enunciado como unidade mínima do discurso (Foucault, 2008), que se realiza com signos – não necessária ou exclusivamente verbais – e aquele pelo qual são postas posições de sujeito na rede discursiva.

Assim, é a partir de enunciados que se pode observar uma mudança na visão sobre filmes de animação, que hoje são meios produtivos pelos quais se veiculam temas tabu para públicos de quaisquer faixas etárias. Também na ordem discursiva do cinema, contemporaneamente, são encontradas demandas de abordagem de diferentes sociedades e sujeitos, no sentido de representar a diversidade cultural e social na qual o mundo globalizado se encontra, por exemplo, tratando de sociedades e tradições de países fora do eixo europeu-estadunidense. A respeito deste último tópico, abrimos um breve espaço dedicado ao contexto de produção do filme aqui tomado para extração das SEs, movimento que também corrobora a lente de leitura discursiva foucaultiana que se demora nas peculiaridades e “ao redor” do objeto de interesse.

Viva, a vida é uma festa trata-se de uma produção estadunidense, da *Walt Disney Studios* junto à *Pixar Animation Studios*, produtoras essas que se estabeleceram na ordem discursiva do cinema animado na dispersão temporal, tanto ao inovarem em tecnologias de animação quanto ao proporem modelos de distribuição de produtos fílmicos atendendo a uma demanda de alcance. Este fator, podemos dizer, foi um dos elementos de critério para filmes e demais produções entrarem ou não na ordem discursiva cinematográfica.

Nesse sentido, não é possível desconsiderar a existência de um sistema econômico lucrativo que em muito participa da constituição da ordem de



produção e repercussão do produto filmico. Conforme Fossatti (2009), muitas das animações se perpetuam por entre públicos e pelo tempo devido a técnicas e sensibilidades que dão vida às criações, porém isso não está dissociado da questão econômica de lucro contínuo, pois, com o advento da computação gráfica, se estabeleceu solidamente o mercado de entretenimento intitulado cinema de animação, “como um acordo entre o que as técnicas ofereceriam de melhor com orçamentos equilibrados” (Fossatti, 2009, n.p.).

Ainda que distante temporalmente do grande *boom* da computação gráfica para filmes animados, *Viva, a vida é uma festa* se encontra nesse meio de relações de forças no que diz respeito a atender uma demanda de alcance ao mesmo tempo que diversifica o entendimento de morte, por exemplo, retratando o México. Discursivizando uma abordagem natural da morte, em contraposição a um modelo predominante da morte junto ao luto, podemos notar um esforço das produtoras de trazer a diversidade de entendimento sobre um tema aparentemente não propício a uma animação.

Inerente à extração e ao estudo de um enunciado, que é uma das entradas para se analisar como essa representação é feita no cinema, está o direcionamento de Foucault (2008, p. 11) a respeito de “em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que séries, mas que ‘séries de séries’ [...] é possível constituir”. A partir dessa construção, é gerado um acúmulo de conhecimento no qual se encontram as regularidades desses discursos descentrados, mas não por isso avessos a similaridades.

É pela busca de regularidades que é compreendida a ideia de acontecimento:



De agora em diante, o problema é constituir séries: definir para cada uma seus elementos, fixar-lhes os limites, descobrir o tipo de relações que lhe é específico, formular-lhes a lei e, além disso, descrever as relações entre as diferentes séries, para constituir, assim, séries de séries (Foucault, 2008, p. 8-9).

Assim, o acontecimento não tem uma unidade material, pois se produz na dispersão e na repetição. Nessas transformações descontínuas pela história também descontínua, cada retomada, mutação ou ruptura que retome ou transforme os saberes podem se constituir acontecimentos. É nesse sentido que *Viva, a vida é uma festa* é compreendido como um acontecimento que institui formas de visibilizar sujeitos e discursos sobre a morte no cinema de animação, cuja ordem discursiva se atualizou para permitir tal tema indizível nesse gênero.

A esse respeito, resgatamos Villasenor e Concone (2012), que analisam a representação da morte na cultura popular mexicana. Segundo os autores, o Dia dos Mortos é marcado por um conjunto de festividades, em um misto de humor, afabilidade e um dose de ironia. Seguem argumentando que esse forma peculiar de lembrar os mortos está inscrita nas gravuras, nas músicas, nas caveiras de açúcar com os nomes de pessoas. Soma-se a isso o entrecruzamento do sagrado com o profano, o que singulariza o modo como os mortos são lembrados em relação a outras culturas. Enquanto a mexicana cria um sincretismo religioso com fortes matizes católicas e indígenas, a brasileira faz uma elisão desta última, pelo menos nas celebrações religiosas de orientação católica. Sendo assim, percebemos certa naturalidade e leveza de tratamento à morte na cultura mexicana, diferentemente de demais culturas ocidentais que investem na preservação do luto e do aspecto cristão do acontecimento.



Certamente, o modo como tais elementos são expostos na dramaticidade filmica sob investigação dão a conhecer os traços que alçam o filme à condição de acontecimento para outras culturas, no que tange a aspectos, tais como: a escolha do cancionero do filme, ambientes retratados, construção da morte para um público infantil. Parece correto dizer que tais aspectos são parte das estratégias do dispositivo em análise, sobretudo no que diz respeito à escolha por tematizar a morte, ao cancionero que, como apresentado adiante, contribui para que sejam exploradas as noções de morte e do morrer ao aliar ritmos típicos mexicanos, cores vibrantes e um tom de aventura a um mundo tido, na dominância ocidental, como exclusivo de pesar.

Também por essas transformações é que se ocasiona o que Foucault (2008, p. 9) define como individualização de diferentes séries, as quais “se justapõem, se sucedem, se sobrepõem, se entrecruzam, sem que se possa reduzi-las a um esquema linear”. Considerar essa individualização não significa dizer que a dispersão dos enunciados é uma grande desordem, pelo contrário, por serem remanentes, os enunciados podem ser esquecidos, retomados, destruídos e cabe à análise observar o que, nos entornos, foi realizado a partir desses movimentos. Com esse respaldo é que foi feita a reunião dos excertos do filme, dispersos pelo produto fílmico e arranjados nas SEs para análise de sua trilha musical, de forma que existem séries justapostas que sobrepõem umas às outras e podem até mesmo entrecruzar-se com séries de outros filmes, demonstrando singularidades e regularidades desse gênero cinematográfico.

Em vista dessa pluralidade na descontinuidade histórica, as posições de subjetividades também são como lugares vazios descontínuos, instituídos e dispostos à ocupação de inúmeros outros sujeitos, bem como cada enunciado



produzido a partir dessas posições tem suas margens povoadas por outros enunciados, constituindo um grande campo associativo.

Este campo associativo pode se manifestar, no âmbito do cinema e até mesmo no âmbito musical, pelo acúmulo de conhecimentos e de referências a outras histórias que um filme pode fazer, por exemplo, ou que uma música faz ao se utilizar de um mesmo campo harmônico³ – o qual pode ser um elemento operante na rede do dispositivo musical-cinematográfico – ou de sequências melódicas semelhantes. A atualização e a transformação de histórias folclóricas ou do imaginário social – sobre a morte, por exemplo – podem igualmente se atualizar quando articuladas com os costumes e com os discursos de hoje por meio de um filme.

De posse de um domínio, o enunciado “está antes ligado a um “referencial” que não é constituído de “coisas”, de “fatos”, de “realidades”, ou de “seres”, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados (Foucault, 2008, p. 103). Para a análise das SES do filme selecionado, o campo associativo de enunciados é primordial para o entendimento de como a cultura mexicana é atualizada e transformada pelos enunciados do filme, de maneira que os sujeitos representados e os que assistem à animação também transformem e atualizem suas posições diante das leis de possibilidade sobre o tema.

³ Conjunto de acordes de cada tonalidade. Cada campo harmônico é constituído de sete acordes, um para cada nota da escala musical. Sua formação leva em conta a nota tônica, a qual determina os acordes subjacentes que são formados utilizando o primeiro, o terceiro e o quinto grau contados a partir da nota principal, por exemplo: o acorde C (dó maior) é formado pelas notas dó, mi (3º) e sol (5º). No campo harmônico de dó maior, temos D (ré maior), Em (mi menor), F (fá maior), G (sol maior), Am (lá menor), Bº (si diminuto), acordes que podem ser usados de forma consonante ao acorde de dó maior.



No que concerne às posições de sujeito, lendo o campo cinematográfico pela teoria foucaultiana, considera-se que um mesmo indivíduo ocupa diferentes posições em momentos diferentes nesse campo, como aqueles envolvidos no processo de produção de um filme. No caso das animações, é envolvida toda uma equipe dotada das habilidades para criar o microcosmo animado, que é produtora e, posteriormente, espectadora. Além disso, após essa produção, também os sujeitos que falam sobre o filme antes de ele chegar ao público – críticos de cinema ou de sites que dedicam um espaço de publicação para esses lançamentos – detêm consigo certa propriedade de fala, cuja repercussão conduz os espectadores, outra posição de sujeito, a assistirem ou não ao filme, ao comentarem sobre ele e que tipo de comentários tecem.

Dessa forma, nas práticas discursivas a respeito de um produto cinematográfico, lugares de sujeito se entrecruzam e se modificam. Por esses meios, compreende-se que não há significados fixados por um discurso, pois, conforme observa Pêcheux (1983, p. 50), a memória deve ser entendida “não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas”. Logo, é preciso extrair objetos passíveis de análise com vistas a se determinar que relações podem ser descritas, como se realizou na extração de cenas da animação *Viva, a vida é uma festa*, a qual não deixa de ser uma modalidade da existência histórica da memória cultural do país retratado.

Ao estender essa concepção de existência histórica ao campo cinematográfico, é possível entender de que forma imagens e sons atuam na manutenção de uma memória, ou porque certos enunciados são reativados ou transformados se uma certa canção se junta à trilha sonora de um filme e produz (novos) significados. Assim, os enunciados não se agrupam sempre



da mesma forma ou por uma simples justaposição, mas são recorrentes no sentido que possuem antecedentes e podem reorganizá-los ou redistribuí-los, como é o caso de enunciados musicais que se reorganizam para acompanhar uma cena, ou uma montagem imagética que se apoia em modelos anteriores para desestabilizar a ordem dada.

Assim, a leitura discursiva aqui empreendida se pauta em singularidades, com enunciados reunidos em sequências pelas quais regularidades são identificadas e, por conseguinte, os modos pelos quais o denominado dispositivo musical-cinematográfico (Jordão, 2022) se organiza na moção de afetos no filme de animação. Feito este panorama do aporte teórico-metodológico, que guia a presente análise, a seção seguinte se detém em aspectos do dispositivo, conforme concebido pela teoria foucaultiana, e sobre algumas das particularidades do dispositivo, aqui, em questão, como chave de leitura da trilha musical do cinema de animação.

O DISPOSITIVO COMO CHAVE DE LEITURA PARA A MEMÓRIA CULTURAL DISCURSIVIZADA NO CINEMA

Antes de nos deter especificamente nas características do dispositivo discursivo conforme o método foucaultiano, passamos por uma breve retomada de outros estudos que tomaram *Viva, a vida é uma festa* como material de investigação. Este movimento tanto destaca a originalidade da abordagem aqui desenvolvida como expõe quais já-ditos circulam a respeito da musicalidade da produção filmica sob análise.

Na procura feita pelos termos “trilha sonora de *Viva, a vida é uma festa*” e “*Viva, a vida é uma festa*” em plataformas de trabalhos acadêmicos, notamos o foco da maioria dos estudos voltado ao aspecto técnico do cinema,



como a narratologia. No trabalho de Felix (2018)⁴, encontramos uma detalhada descrição do percurso de Walt Disney, que justifica a escolha do filme em questão para se desenvolver uma análise baseada na perspectiva semiótica, na qual as canções são compreendidas pela autora como um objeto, da proposta narratológica, que se relaciona com os demais. De certo modo, nos valem do aspecto técnico da narração para empreender a análise discursiva da trilha musical de *Viva*, já que as canções também contam a história, junto às imagens, tanto dos personagens como do México ligado às tradições sobre a morte. Contudo, optamos pela terminologia “semiológica” para nos referir a esse conjunto visual e sonoro para evitar possíveis truncamentos teóricos.

Sendo assim, ao nos voltarmos ao discurso, o trabalho de Borba (2021)⁵ se aproxima de nosso empreendimento ao abordar o esquecimento e a tradição. Nesse trabalho, a autora discorre sobre como o enredo, repleto de tradições conectadas a emoções específicas no decorrer da história da família Rivera, evoca ora a memória de uma tradição, ora o esquecimento para que determinados sujeitos sejam apagados da história. O estudo investe em conceitos de memória e tradição diversos dos que aqui tomamos, no intuito de defender que o esquecimento é seletivo, por parte da sociedade, que escolhe aquilo que se preserva ou se bane.

⁴ FELIX, B. M. *Viva! A vida é uma festa: Uma análise narratológica musical*. 2018. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/23586>. Acesso em: 1 abr. 2024.

⁵ BORBA, C. M de M. “Lembre de mim”: uma análise sobre a memória e o esquecimento no filme “Viva, a vida é uma festa”. 2021. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48188>. Acesso em: 1 abr. 2024.



Enfim, um terceiro resultado que se relaciona a esta investigação da trilha musical de *Viva, a vida é uma festa* é o de Sales e Marins (2021)⁶, que trata sobre a transposição midiática do filme para o livro, produzido a partir do sucesso comercial da produção fílmica. No arcabouço teórico da tradução e dos estudos da intermedialidade, o trabalho tangencia as diferenças e semelhanças entre as diferentes materialidades, bem como a maneira que a representação cultural é feita em cada uma. Tendo em vista que o processo de transposição se deu em uma ordem discursiva na qual *Viva* tomou lugar de grande alcance com o público, entendemos que tal acontecimento está circunscrito em uma rede de poder.

Para os estudos discursivos foucaultianos, ter em conta os saberes e o que a eles é implicado é considerar a existência e a funcionalidade do poder. Os saberes perpassam as forças do poder, as quais moldam os saberes e conferem ou não credibilidade a eles, conforme determinada ordem discursiva, a fim de que os discursos sejam ditos, reproduzidos, modelados, enfim, existam socialmente e sejam entendidos pelo viés anteriormente exposto.

Segundo Sousa (2013, p. 213), na perspectiva foucaultiana, “[...] não existe um poder único, mas relações de poder”. Para analisar esta rede complexa, muitas entradas são possíveis e, dentre elas, o que Foucault chama de dispositivo marca presença por ser o elemento que define as direções dessa rede.

O dispositivo é abordado por Foucault e estudiosos subsequentes como

[...] um conjunto decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares,

⁶ SALES, T. H. da S. de; MARINS, L. C. Transposição midiática e representação cultural em “Viva – a vida é uma festa” (2018). *Travessias*, Cascavel, v. 15, n. 2, p. e27636, 2021. DOI: 10.48075/rt.v15i2.27636. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/27636>. Acesso em: 1 abr. 2024.

leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo (Foucault, 2019, p. 364).

Em vista disso, o dispositivo é delimitado como aquilo que faz ver determinadas formas do discurso, logo, é dotado de uma positividade, assim como o poder, pois congrega os espaços e o dito e o não dito no sentido de produzir saberes e discursos (Foucault, 2019). No encontro desse elemento com o(s) sujeito(s), aflora sua característica de tornar visível, fazer aparecer os poderes e seus consequentes movimentos (sociais, identitários, resistentes, dentre muitos outros). Nesse entrecruzamento de saberes e poderes é que ocorrem os processos de subjetivação, no nível microfísico do poder, nos e pelos quais os sujeitos se inserem, se modificam, suspendem crenças, se subjetivam ao que ali é apresentado, adotam posições.

Ao tratar dos dispositivos de poder, cabe à investigação discursiva “compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força” (Foucault, 1988, p. 88). Dotado de tal multiplicidade, o poder se produz a cada instante, interpela os indivíduos, objetifica-os nos e pelos discursos produzidos. Estes últimos, sumariamente, se articulam em campos de saber, pois existe um saber sobre determinadas produções fílmicas, por exemplo, ou sobre o público cinematográfico; tipos de normatividade, segundo os quais se define o que é aceito naquela ordem do discurso e quais instituições agenciam essa ordem; e formas de subjetividades, nas quais residem as posições de sujeito a serem assumidas. Assim se forma a tríade essencial do discurso: saber, poder e sujeito.

No empreendimento dos estudos a respeito dos dispositivos disciplinares do poder, Foucault (2019) defende que não há poder único ou unificado, do



contrário, é preciso “se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos” (Foucault, 2019, p. 60-61). Este ideal nos embasa para compreender que, por meio das minuciosidades de regulação musical, é possível vislumbrar movimentos genealógicos dos saberes do cinema de animação, bem como os poderes que o atravessam, ao serem veiculados verdades, imaginários e posições de sujeitos.

Com respaldo em Sargentini (2015), estudar o poder é “fazer a análise de um regime de práticas que lhe permitirá ver o modo como um dispositivo erige-se sustentado por uma rede de elementos” (Sargentini, 2015, p. 21). Dessa forma, a autora defende que a rede que sustenta um dispositivo pode ser analisada com base na acontecimentalização, que estabelece um quadro de relações possíveis para se analisar as práticas nas quais estão envolvidos os elementos que constituem o dispositivo.

Uma vez que os dispositivos ativos socialmente são identificados e descritos, eles podem se sobrepor em vista de sua função estratégica dominante, pois “cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com outros” (Foucault, 2019, p. 365). Logo, para um estudo de um dispositivo, é preciso “desnaturalizar aquilo que se põe como assentado na história” (Sargentini, 2015, p. 26), seguindo o ideal foucaultiano de que existe um verdadeiro da época que rege os discursos, exterior aos indivíduos, mas produzido por eles e pelos elementos da rede de poder, de maneira que a verdade não pode existir fora ou sem o poder.

Tomando isso como norte, “se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos” (Foucault, 2019, p. 44). Não obstante, essa perspectiva de verdade também respalda a



utilização de filmes, sejam ou não da ordem da animação, para a mobilização de conceitos caros à sensibilidade humana, já que ainda se propaga, por ambientes sociais diversos, o cânone de objetos acadêmicos frequentemente validados apenas por sua “seriedade” ou rigidez, excluindo da categoria agraciada aqueles que abordam assuntos sensíveis e complexos, sem a desejada complexidade de tratamento.

Tanto a ideia de um cânone de objetos propícios à investigação acadêmica como o movimento de sair do domínio deste cânone confirmam a defesa de Foucault (2019, p. 54) de que a verdade “está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam”. Nesse sentido, inevitavelmente, o poder arrebatada, em diferentes intensidades, os sujeitos que tomam contato com ele e a ele se circunscrevem.

Tratando-se de sujeitos, logo, modos de ser e de se posicionar socialmente, não é possível dispensar questões afetivas no que se refere à música neste empreendimento sobre a trilha musical de um filme, da qual uma das funções é de *affectus movere*, conforme Paschoal (2017). Esse autor afirma também que a criação artística não tem o dever de convencer, logo “os ornamentos [...] não são usados para fins puramente técnicos: baseiam-se, sobretudo, na possibilidade de mover afetos” (Paschoal, 2017, p. 223). Além disso, a recepção musical também depende, em parte, do quanto o ouvinte escuta e de suas referências, assim a moção de afetos difere em processos de subjetivação diferentes.

No que diz respeito às canções veiculadas no meio do cinema, é possível pensar que não se trata de “persuasão em música, como no sentido retórico, mas veremos que muito se diz em relação aos afetos, por meio dos quais, justamente, se convence e se persuade, [...] esse expediente está



intrinsecamente relacionado à “arte” de despertar e mover afetos” (Paschoal, 2017, p. 218). Assim, descrever o dispositivo musical-cinematográfico, após a reunião de enunciados em SEs que permitem vislumbrar singularidades, é se atentar às suas formas de organização que, por meio do material semiológico filmico, têm a potencialidade de despertar e mover afetos. Além disso, têm o potencial também de enunciar saberes com os quais diversos sujeitos irão tomar contato e, a partir disso, vão formar seus próprios saberes.

Para seguir à descrição dos possíveis preenchimentos estratégicos do dispositivo musical-cinematográfico, convém destacar que, na impossibilidade de se descrever um arquivo em sua totalidade – e estendendo tal fato ao dispositivo –, muitas das configurações podem se situar nas subcamadas do dispositivo. Vale reiterar que elas não se excluem entre si, mas se interligam de forma a sustentarem o objetivo estratégico inerente ao dispositivo.

Mediante essas características, entende-se que a linguagem musical cinematográfica pode ser definida pela existência de jogos de saber e poder, além de ser inscrita, nos termos do dispositivo musical-cinematográfico, em um jogo de imagem e som, os quais mexem com o imaginário construído na memória discursiva e o (re)constrói continuamente, como é característico do funcionamento do dispositivo. Assim, em vista de sua constante atualização, são detalhados alguns pormenores de sua atuação na memória cultural, a seguir, a partir das SEs extraídas da grande série que é a trilha musical de *Viva, a vida é uma festa*. Isso é feito de forma que seja possível delinear seu funcionamento como dispositivo e respectivas estratégias de organização.



ESPECIFICIDADES DO DISPOSITIVO MUSICAL-CINEMATOGRAFICO A PARTIR DO MÉXICO MUSICAL DISCURSIVIZADO EM *VIVA, A VIDA É UMA FESTA*

Conforme afirmado pela filosofia foucaultiana, o investimento do poder se dá constantemente, em diversos lugares, em um deslocamento que lhe permite agir de forma microfísica e positiva, produzindo saberes. Isso posto, as atuações dessas linhas de força podem emergir em faíscas, a partir do ato de se assistir a um filme ou na regulagem minuciosa de falas e, aqui, especialmente tratadas, de melodias que sugerem interpretações e subjetivações.

Essas regulagens não ditam as posições de sujeito que emergem, justamente por não deterem todos os significados que os sujeitos podem destrinchar, mas constituem seu campo de manobra para se apresentarem aos espectadores/ouvintes. Na ordem de uma animação que está inserida em um eixo mercadológico, ao mesmo tempo em que é uma produção estadunidense que conta a respeito de uma cultura estrangeira, a mexicana, *Viva, a vida é uma festa* empreendeu uma ambientação visual e sonora nas raízes do respectivo país que, ora sutilmente, ora expressamente, destaca aspectos da herança cultural e age na manutenção da memória coletiva e individual dos sujeitos que tomaram e ainda tomam contato com o longa.

Além disso, a afetividade intrínseca que se dá pela musicalidade cinematográfica favorece o compartilhamento e a moldagem da tríade afetos, emoções e a própria memória (Jordão, 2022), (re)construindo-a a partir das articulações que o dispositivo musical-cinematográfico ensaia para com os campos associados ao que é apresentado pelo microcosmo filmico. No que concerne à produção *Viva*, é perceptível não apenas uma ordem de enunciados regulados para trazer as tradições mexicanas à grande tela, mas



também a sensibilidade construída pela imagem e por determinadas canções para tratar a morte, tema que estaria no rol de assuntos pouco abordados com o público infantojuvenil.

Nesse sentido, não apenas pela presença protagonista na condução de um enredo de uma animação, mas por imbricar crenças diferentes às propagadas na cultura ocidental, o conceito de morte, conforme *Viva* demonstra, expõe tanto a potencialidade de um filme animado em abordar de assuntos ainda considerados tabu, como expõe a necessidade da desmistificação de conceitos diferentes à considerada “normalidade” da morte e do luto, mais largamente disseminados pelo ideal cristão ocidental.

É a partir da sensibilidade e da moção de afetos e de memórias que os modos de funcionamento do dispositivo musical-cinematográfico podem ser vislumbrados para esse empreendimento de falar sobre a morte. Sob o rótulo “memória cultural”, as SEs, neste recorte, que compõem a série analisada, foram selecionadas pelo parâmetro: trechos do filme em que a cultura musical mexicana mais se fazia aparecer no enredo, fosse cantada ou não, em vista do fato de a música ser uma forma de linguagem, neste caso, para relatar o contexto e as tradições nos quais os personagens estão inseridos. A exposição dos conceitos foucaultianos na seção anterior, por conseguinte, foi feita visando respaldar este modo de tratar as singularidades e subjetividades que emergem da organização do dispositivo como é feita no longa.

Junto à constância da música típica do país, presente desde as canções cantadas até os fundos musicais para cenas de diálogo, é apresentada uma cena inicial da relação da família do protagonista, Miguel, com a música, relação na qual se nota a forte presença das tradições familiares e o ideal



de honrar os antepassados. Todos esses fatores delimitam as margens de ação dos integrantes da família Rivera, inclusive definindo o que seria um comportamento transgressor que rompesse tais laços: ser músico. Pelas lentes discursivas, nessa narração, é possível entender traços de um dispositivo familiar que subjetiva os indivíduos da família a sempre seguirem a mesma profissão, de sapateiros, bem como de não expressarem qualquer forma de música sob a supervisão dos membros mais velhos.

Também na cena inicial – a qual é toda acompanhada por suaves melodias de violões que recordam os temas mexicanos – é exposta a relação de Miguel com Mamá Inês, personagem que, no clímax e no desfecho da história, tem grande papel na manutenção da memória da família. Ironicamente, Inês sofre de Alzheimer e se nota, no decorrer do filme, o cuidado que o restante da família tem com ela, voltado exclusivamente à prevenção de estresse ou de perturbações, inclusive não validando coisas que ela diz ou dando a ela a devida atenção em vista de suas falas raras e desconexas. Miguel, nesse contexto, é o único que demonstra atenção, para além de um cuidado médico, com a bisavó, como mostrado na SE1 (*Frames 1 e 2*).

Frames 1 e 2 – SE1: Passatempos de Miguel com Mamá Inês



Fonte: *Viva, a vida é uma festa* (2017).



Materializado o cuidado, esses fragmentos estabelecem uma ponte com o significado produzido por uma das cenas finais do filme, em que Miguel reproduz a canção *Lembre de mim* para Mamá Inês, pois sua coragem de ir contra os princípios tradicionais da família e entoar a canção para a bisavó é motivada por sua relação com ela, pela esperança de que ela irá ativar suas memórias ao ouvir as notas. Essa relação é contada durante todo o enredo, tanto pela linguagem imagética (por exemplo, as cenas das quais os *frames* 1 e 2 são fragmentos), quanto pela linguagem musical, em vista das diferentes modulações que a canção *Lembre de mim* assume a cada vez que é reproduzida. Essas modulações constituem dimensões do dispositivo musical-cinematográfico se reconfigurando para atuar na memória dos espectadores, configurações que podem ser recuperadas pela escavação dos enunciados dispersos no filme.

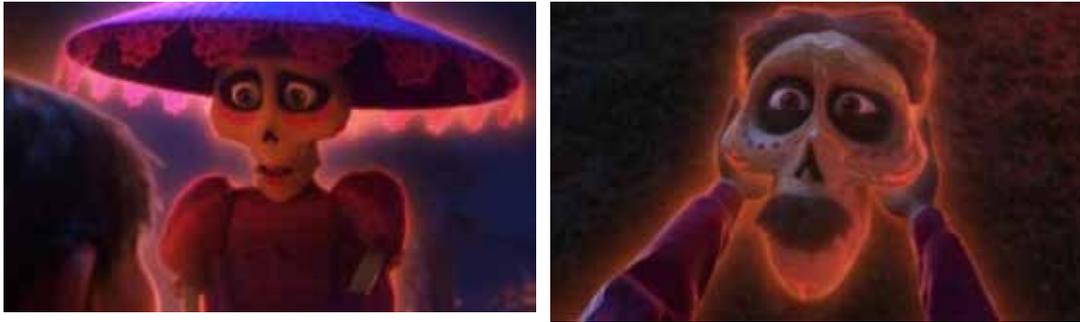
Em seguimento, não apenas a memória no âmbito coletivo da família Rivera é constituída no funcionamento desse dispositivo. No decorrer do processo de corte das cenas, outros elementos estratégicos, tanto imagéticos como do enredo, constituem o campo associativo de uma importante comemoração do México: o *Dia de Los Muertos*. Nessa produção fílmica, ritmos do folclore popular, assim como o vocabulário da cultura mexicana são inseridos em falas e canções, ocorrendo um hibridismo linguístico em canções que mesclam dois idiomas, seja espanhol-português ou inglês-espanhol. Todo o enredo gira em torno da comemoração supracitada, na qual cada família se prepara para celebrar a partida dos entes queridos que, conforme a crença, visitam o Mundo dos Vivos nessa única ocasião.

Esse último elemento discursivo do dispositivo se atualiza imageticamente no filme, com os personagens do Mundo dos Mortos



desenhados na forma de esqueletos contando, inclusive, com detalhes das tradicionais caveiras mexicanas, coloridas e com desenhos em arabescos florais, como mostrado na SE2 (*Frames 3 e 4*).

Frames 3 e 4 – SE2: Detalhes das caveiras mexicanas nos esqueletos



Fonte: *Viva, a vida é uma festa* (2017).

Na microfísica do poder em atuação no microcosmo fílmico, mesmo estando impedido pela família de tocar qualquer instrumento ou de cantar, Miguel é aquele sujeito que faz resistência a essas condições impostas, visto que segue treinando violão e acompanhando músicos às escondidas. No *Dia de los Muertos*, ele encontra sua oportunidade de estreia na festividade local. Após uma discussão com os pais e a avó, Miguel foge para o cemitério, no qual as pessoas estão realizando suas oferendas aos entes falecidos. Neste momento, o espectador é apresentado à dimensão do Mundo dos Mortos, coexistente ao Mundo dos Vivos, em uma enunciação semiológica repleta de cores vibrantes da concepção de pós vida terrena.

Junto aos recursos imagéticos no Mundo dos Mortos, o rastro de memória dos recursos musicais presentes no longa animado se ancora tanto no folclore, quanto em gêneros musicais que incluem o Mariachi, *huapangos*, *rancheras* e baladas inspiradas na Era de Ouro do cinema do México. Mesmo



com a larga presença de músicas, o filme não se insere no gênero musical, o que contribui, inclusive, ao balanceamento entre elementos narrativos imagéticos e sonoros que contam a história de Miguel, habitante nativo do México e conectado às suas tradições.

Ao investigar os saberes locais que são inseridos na produção fílmica, junto aos elementos de imagem citados, estão as ocorrências musicais com a mencionada base folclórica, sendo a execução de *La Llorona*⁷ (81'47" – 83'50") notável resgate de tal tradição. A sequência melódica da canção e sua letra não possuem autoria única e são classificadas como "tradicionais". O instrumental é reproduzido sutilmente em outros momentos do filme, mas tem sua performance completa na cena em que a canção é proferida pela personagem Amélia, ancestral mais antiga da família Rivera.

Frames 5 e 6 – SE3: Amélia canta La Llorona no palco enquanto foge dos seguranças



Fonte: *Viva, a vida é uma festa* (2017).

A composição de *La Llorona* como canção tem base em lendas tanto mexicanas quanto da América do Sul, que contam a história de uma

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hAYUQ1ltJj0>. Acesso em: 9 jan. 2024.

mulher que, após ser traída pelo homem por quem se apaixonara, mata os dois filhos e tira a própria vida em seguida. Atitude por estar cega pelo ódio que sente por ele; sua alma, então, é condenada a vagar pelo mundo, chorando, à procura de crianças que substituam seus filhos. Dentre as figuras equivalentes pelo mundo, no Brasil, a personagem é conhecida como a Mulher da Meia-noite ou a Mulher de Branco. Na Venezuela é chamada de *La Savona*. Essa exterioridade constitutiva permite à análise resgatar traços de uma historicidade contida na referida composição que, embora tenha curto destaque no filme, ancora o exercício de resgate, pela música, de aspectos culturais do país.

Outra execução musical que retoma aspectos melódicos culturais é a de *Proud Corazón*⁸ (94'19" – 96'07"), cena final do longa que, em um ritmo alegre um ano após a aventura de Miguel no Mundo dos Mortos, realiza o desfecho de sucesso para a maioria dos personagens. Com a música contribui com o cenário de figurinos e de elementos decorativos coloridos que sobrepõem, no conjunto visual e sonoro, personagens de ambos os mundos. Com uma letra composta por hibridismo de idiomas⁹ (inglês – espanhol na versão estadunidense, espanhol – português na versão brasileira), a SE3 também se constitui integrante do campo associativo discutido até então, além de explorar vários sentidos do espectador, simultaneamente.

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sLkDCF_EbqI. Acesso em: 9 jan. 2024.

⁹ Não é possível desconsiderar que tal hibridismo também toca questões históricas, as quais não são detidamente expostas no corpo deste trabalho. O movimento que se tem do inglês para o português é uma tradução, entretanto o fato de o vocabulário espanhol estar intercalado nas versões da canção também implica desdobramentos históricos e políticos advindos de processo colonizadores que implicam perdas e ganhos.



Frame 7 – SE3: Cena final da festa do Dia de Los Muertos dos Rivera

Fonte: *Viva, a vida é uma festa* (2017).

Em concomitância às músicas, os elementos coloridos dos cenários exemplificados na SE4 (*Frame 8*), a montagem detalhada do altar dos Rivera (mostrada no *Frame 9*) e os momentos cômicos inseridos na trajetória de Miguel, por entre os mortos, também são exemplos dos aspectos culturais mediados para o mundo no cinema.

Frames 8 e 9 – SE4: Passagem de Miguel por artesanatos de rua e altar de oferendas da família Rivera



Fonte: *Viva, a vida é uma festa* (2017).

Além desses elementos tradicionais, vários dos chamados *easter eggs* (elementos “escondidos” que podem passar despercebidos) compõem a narrativa. Conhecida por essa técnica, a produtora *Pixar* não poupou referências, inserindo esqueletos personalizados de pessoas icônicas da história do México: Pedro

Infante e Jorge Negrete (atores da Era de Ouro do cinema mexicano), o Grande Santo (o lutador mascarado), María Félix (atriz) e Frida Kahlo.

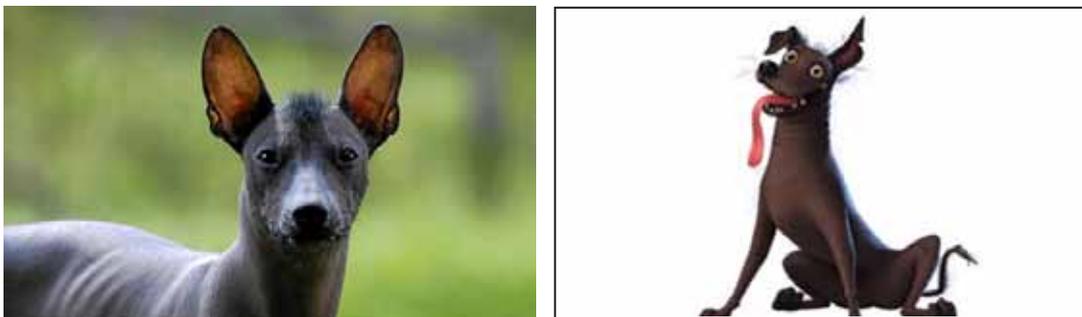
Frame 10 – SE4:
personagens históricos
inseridos no filme

Fonte: *Viva, a vida é
uma festa* (2017).



Também a raça de cães *xoloitzcuintle* (Figura 11, esquerda) foi inserida na animação pelo personagem Dante (Figura 11, direita), fiel amigo canino de Miguel que o segue à Terra dos Mortos. Na tradição, principalmente da região colombiana, os *xolos* eram tidos como animais sagrados enviados para guiarem as almas ao *Mictlan* (submundo). Já os altares de oferendas costumam ter estatuetas desses cães para garantir ao ente falecido o retorno para o seu mundo.

Figura 11 – Cão xolo e personagem Dante



Fonte: *American Kennel Club* (2022) e *Google Imagens* (2022).

Os enunciados semiológicos que constituem a SE4, bem como todo o enredo, não deixam de ser também formas de se enunciar a maneira



que esta cultura trata da morte e como se configura a memória coletiva. A concepção mexicana de morte mais como passagem a outra dimensão, após a qual permanece a crença de retorno dos entes falecidos no *Dia de Los Muertos*, dá continuidade ao entendimento da morte, muito além de um ponto final no mundo terreno, o que pode ser recuperado, constantemente, pelas construções imagéticas do filme, por exemplo, pela paleta de cores vibrantes, inclusive no Mundo dos Mortos.



Frame 13 – Alebrijes no Mundo dos Mortos

Fonte: *Viva, a vida é uma festa* (2017)

Nas construções musicais, por sua vez, as intensidades melódicas variam entre melodias calmas, por exemplo, quando a tradição das fotos do altar é apresentada, e acompanhamentos de animados ritmos mexicanos, nos segmentos do Mundo dos Mortos. Pode-se observar que nenhuma das sequências musicais confere tons de luto ou de saudosismo, conforme entendidos pelas culturas cristãs, ocidentais ou quaisquer outras que encaram a morte majoritariamente pelo seu caráter de pesar. Essa observação ilustra a demonstração da cultura na regulação de todos os materiais que constituem o filme.

Além disso, ao mesmo tempo em que o filme explora a relação da tradição mexicana para com a morte, as ocorrências semiológicas que remetem a esta relação dão ancoragem às posições de subjetividades ali constituídas. Esse



fato leva a se interrogar o modo como os personagens desse microcosmo lidam com as tradições e com a morte. Além dessa interrogação, a outra: de que forma um espectador que não está inserido nessa cultura pode significar essa relação e, se possível, ter outra experiência de como encarar a morte, caso seja motivado a repensar suas crenças sobre a vida e a finitude do ser.

Tal movimento no âmbito musical ilustra, desperta e move afetos, a partir dos recursos expressivos das canções em concomitância às imagens. Conforme Paschoal (2017), a repetição no discurso musical pode se dar para essa moção de afetos, mas aqui é possível acrescentar a produção das canções, de acordo com os ritmos mexicanos também como um recurso para a mesma moção. Seja estranheza, seja uma visão de curiosidade, após ver a mudança que ocorre na memória da família protagonista, os indivíduos que ocupam a posição de sujeito que assiste podem assumir condutas em relação aos próprios afetos e sensibilidades.

De acordo com Foucault (2009, p. 332), a memória popular é “uma maneira de registrar a história, [...] toda uma tradição das lutas que se traduzia seja oralmente, seja através de textos, de canções etc.”. Por este raciocínio, inclui-se o cinema como uma “maneira de *recodificar* a memória popular” (Foucault, 2009, p. 332, grifo do autor), processo pelo qual *Viva* traz à grande tela o México musical, não como o primeiro ou o último a realizar tão processo, mas como um acontecimento que recodifica a memória cultural por meio da configuração do dispositivo musical-cinematográfico. Este, por sua vez, em atendimento à urgência histórica da recodificação, preenche-se estrategicamente nas regulagens demonstradas.

Tais regulagens são resultados de pesquisas em campo por parte do estúdio responsável pela produção, a *Pixar Animation Studios* e a *Walt Disney*



Studios, mediante controvérsias que surgiram principalmente por petições *on-line* diante do anúncio, em 2013, de que seria produzido um filme sobre o Dia dos Mortos mexicano. As petições se pautavam no argumento de que, advindo de uma empresa estadunidense e não do país a ser retratado, o longa corria riscos de trazer imagens estereotipadas e caricatas do país, sobretudo a respeito da maneira como encarar a morte que provoca estranheza e/ou resistência por parte dos “de fora” da cultura.

Dessa forma, considerando o alcance midiático do estúdio responsável pela produção – novamente demonstrando o caráter institucional da ordem do discurso –, o receio de se valorizar um turismo cultural¹⁰ pode agregar também sentimento de “tolerância” para com o diferente. Contudo, pelas lentes do discurso que preconizam não haver enunciado que não atualize outros enunciados, nos é possível entender esse esforço de discursivização da visão mexicana de morte não só visando promover uma posição desconstruída dos estúdios – que ressoa um “representamos outros que não nós em nossos filmes” –, mas também para a manutenção de sua posição na ordem como quem dita o que é ou deve ser aceito como bom filme animado.

Nesse sentido, a produção fílmica analisada se constitui em um acontecimento, assim como as regulagens do dispositivo motivadas pela ordem discursiva, a qual delimitou quais margens de ação os sujeitos envolvidos deveriam respeitar para produzir os enunciados que viriam a compor o longa. Se tomarmos as linhas de visibilidade do dispositivo (Deleuze, 1996), a discursivização cinematográfica da cultura mexicana em *Viva, a vida é uma festa* se constitui uma espécie de transgressão do campo da invisibilidade,

¹⁰ O termo é explicado por Bonnici (2011, p. 22) como um “exotismo que percebe o ‘outro’ e a sua cultura como essencialmente diferente e inferior à própria”.

pois, por sua natureza comumente de pesar, o tema se constitui algo indizível, de fora da ordem do enunciável no discurso filmico animado. Contudo, com a recodificação da memória, ocorre também essa transgressão das instâncias de visibilidade e enunciabilidade inerentes ao dispositivo.

Assim, pode-se entender que as enunciações dos elementos folclóricos e da cultura, em geral, foram resultado do campo associativo no qual *Viva, a vida é uma festa* se insere. Constituído pelo acúmulo de enunciados proferidos desde 2013, com as controvérsias diante do anúncio, passando pelas pesquisas por parte da produtora, chega-se no material discursivo final, que veicula os aspectos aqui analisados a partir das SEs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme são escavados os saberes locais mexicanos nos enunciados de *Viva, a vida é uma festa*, tal como foram inseridos no longa, não dispensando os enunciados que emergiram no produto final, a análise discursiva empreendida deu contornos à existência de um campo associativo da memória cultural do México, em conjunto com as formas imagéticas citadas no decorrer da análise e as demais que não foram detidamente analisadas neste recorte. Esse campo cria condições para o resgate e o acúmulo de saberes sobre tais tradições sobre a morte e modos de vida do país, bem como a singularidade dos enunciados ao serem proferidos no filme e, anterior ou posteriormente, em outro contexto.

Empregando os passos metodológicos para se analisar a rede que sustenta um dispositivo, o filme de animação em pauta foi tomado como acontecimento, em um “corte” a respeito da atualização dos saberes sobre a cultura mexicana e como compreender o morrer. Tal acontecimento foi



inscrito no quadro de relações que a música e a imagem podem estabelecer para essa atualização, analisada nas práticas as quais o dispositivo musical-cinematográfico está envolto e as quais lhe constituem como dispositivo, isto é, como conjunto que tece posições de sujeito e é dotado de uma positividade em vista daquilo que produz.

Pela análise das SEs também foi possível compreender a relação do dispositivo com regulagens técnicas da música para, assim, aliar sensibilidade e tecnologia de forma a demonstrar que características microfísicas, descontínuas e dispersas no arquivo (re)constroem continuamente a tríade afetos, emoções e memória. Esta última possibilita a formação de campos associativos comunitários, neste caso, na atualização de dizeres sobre a cultura mexicana, os quais, em contato com os seres viventes, dão emergência a posições àquelas os indivíduos se subjetivam e, a partir delas, produzem seus discursos.

Esta organização em rede do dispositivo musical-cinematográfico, bem como as relações de poder que o preenchem estrategicamente, guiam o estudo da trilha sonora à ação positiva inerente ao que Foucault compreendeu e estudou como dispositivo, não repressor todo o tempo, tampouco limitante no exercício do poder que se realiza nesse preenchimento. No caso deste dispositivo compilado pela musicalidade do cinema, é possível afirmar que sua ação ocorre na produção e na manutenção da memória, tanto na relação espectador X filme, como nas posições de sujeito que podem se estender para o exterior do cinema. Sendo assim, a abordagem discursiva da música nesse campo de saber pode se estender para muitas outras regulagens e configurações, de outros filmes de animação ou de outros gêneros, que se utilizam da linguagem musical e imagética para proferir seus discursos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? *In*: DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Veja/Passagens, 1996. p. 83-96.

FOSSATI, C. L. Cinema de animação: uma trajetória marcada por inovações. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: Alcar, 2009. Disponível em: www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/CINEMADEANIMACaOUmatrajetoriamarcaadaporinovacoes.pdf. Acesso em: 7 maio 2022.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

JORDÃO, I. F. L. **Um cinema de sinfonias**: a trilha sonora de filmes de animação como dispositivo discursivo e seus efeitos subjetivadores. 2022. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

PASCHOAL, S. Anáfora ou repetição em Música: figura e recurso expressivo. **Revista ouvirOUver**, v.13, n.1, p. 216-230, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/35495>. Acesso em 09 jan. 2024.

PÊCHEUX, M. [1983]. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da Memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 5. ed. Campinas: Pontes, 2020. p. 45-53.



SARGENTINI, V. M. O. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. *In*: SOUZA, K. M.; PAIXÃO, H. P. (org.). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios; Goiânia: UFG, 2015. p. 17-27.

SOUZA, K. M. A História da Sexualidade e outras histórias do presente. *In*: MARQUES, W.; CONTI, M. A.; FERNANDES, C. A. (org.). **Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos**. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 197-215.

VIVA, A vida é uma festa. Direção de Adrian Molina e Lee Unkrich. Produção de Darla K. Anderson e John Lasseter. Estados Unidos: Pixar Animation Studios e Walt Disney Studios, 2018. 1 DVD (105 min.), son., color.

VILLASENOR, R.L.; CONCONE, M.H.V.B. (2012, agosto). A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15(4), pp. 37-47, “Finitude/Morte & Velhice”, Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

Data de recebimento: 11/01/2024

Data de aprovação: 04/04/2024



UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DO EMPREGO DA EXPRESSÃO ALA IDEOLÓGICA NA *FOLHA DE S. PAULO* E EM *O ESTADO DE S. PAULO*

A SEMANTIC ANALYSIS OF THE USE OF THE TERM "IDEOLOGICAL WING" IN THE NEWSPAPERS *FOLHA DE S. PAULO* AND *O ESTADO DE S. PAULO*

André Campos MESQUITA¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise semântico-enunciativa sobre o emprego da expressão *ala ideológica* quando enunciada relativamente aos componentes do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro em dois dos principais veículos de mídia impressa de São Paulo: a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. As análises semânticas neste artigo consideram o texto como um acontecimento enunciativo, formado por um conjunto de enunciados encadeados. Tomaremos o sentido como sendo constituído no e pelo acontecimento da enunciação, na relação do enunciado com o texto e com o locutor. Adotaremos a perspectiva de que a realidade está intrinsecamente ligada à ideologia, e o indivíduo se submete a essa ideologia e se reconhece como sujeito dentro dela. Esses jornais foram escolhidos por serem considerados, inclusive pelo próprio ex-presidente, como tendo sido críticos ao governo Bolsonaro.

PALAVRAS-CHAVE

Enunciação. Semântica. Governo Bolsonaro. Ala ideológica. Ideologia.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: andre.mesquita@usp.br.



ABSTRACT

This article aims to conduct a semantic and enunciative analysis of the use of the expression *ideological wing* when referred to the components of former President Jair Bolsonaro's government in two of São Paulo's main print media outlets: *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo*. The semantic analyses in this article consider the text as an enunciative event, formed by a set of interconnected statements. We will understand meaning as being constituted in and through the act of enunciation, in the relationship between the statement and the text, as well as the speaker. We adopt the perspective that reality is intrinsically linked to ideology, and individuals submit to this ideology and recognize themselves as subjects within it. These newspapers were chosen because they are considered, including by the former president himself, as having been critical of the Bolsonaro government.

KEYWORDS

Enunciation. Semantics. Bolsonaro government. Ideological wing. Ideology.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise semântico-enunciativa sobre o emprego da expressão *ala ideológica* quando enunciada relativamente aos componentes do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro em dois dos maiores veículos de mídia impressa de São Paulo: a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, publicados no ano de 2020, segundo ano de governo.

O problema de pesquisa a ser investigado é: quais relações de sentido são estabelecidas entre a expressão *ala ideológica* e outras expressões costumeiramente empregadas nos mesmos textos, quando enunciadas em um texto jornalístico dos principais veículos de mídia do estado de São Paulo? A expressão “ala” se refere a um grupo ou facção dentro de uma organização, partido político, movimento ou contexto específico que compartilha uma mesma característica ou visão. Quando essa “ala” é qualificada pelo adjetivo *ideológica*, é distinguida das outras alas. Essa



divisão reproduz o implícito de que a ideologia estaria restrita a um segmento específico daquele governo, enquanto os demais segmentos estariam, de acordo com esses veículos de mídia, livres de inclinação ideológica. Não é objetivo deste artigo desmerecer o trabalho de jornalistas ou articulistas. De nossa perspectiva, não nos interessam indivíduos, mas sujeitos do discurso. Também não é finalidade aqui questionar a credibilidade ou imparcialidade de veículos de imprensa; simplesmente, porque não entendemos que um enunciado possa ser imparcial, nem desprovido de ideologia.

A retórica da neutralidade é uma estratégia discursiva na qual se busca transmitir a ideia de que é possível ser imparcial, neutro ou desprovido de qualquer viés ideológico ao apresentar um argumento ou tomar uma posição sobre determinado assunto. Nossa hipótese é que essa retórica foi utilizada pelos veículos de imprensa *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em alguns artigos e colunas durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, buscando conferir legitimidade a determinadas posições daquele governo como sendo as mais razoáveis ou isentas de viés. Segundo Althusser (1985), perspectiva que adotamos como referência neste artigo, a realidade está intrinsecamente ligada à ideologia, e o indivíduo se submete a essa ideologia e se reconhece como sujeito dentro dela. De acordo com Costa (2017), enquanto ser social, o ser humano está imerso em um ambiente permeado por fenômenos ideológicos.

Esses fenômenos são como *objetos-signo* de diversos tipos e categorias, como palavras, afirmações científicas, símbolos, crenças religiosas e obras de arte. Juntos, esses elementos formam o ambiente ideológico que envolve o indivíduo de maneira abrangente. A consciência humana não tem um contato direto com a existência, mas apenas por meio desse ambiente



ideológico que a cerca. É por meio das interações com os objetos-signo presentes no ambiente ideológico que a consciência se desenvolve e se relaciona com o mundo ao seu redor.

O ambiente ideológico é, portanto, a expressão material e exteriorizada da consciência social de uma determinada coletividade. Isso significa que o ambiente ideológico é construído e compartilhado coletivamente, refletindo os valores, as crenças e as ideias de uma sociedade específica. A ideologia está presente na formação e no desenvolvimento da consciência humana, desempenhando um papel significativo na construção do nosso conhecimento e compreensão da realidade.

Para a análise, foram selecionados quatro excertos extraídos de artigos e colunas dos dois jornais mencionados publicados em 2020. A delimitação temporal desta análise ao ano de 2020, para entender a relação entre a imprensa e o governo Bolsonaro, é justificada pelo fato de que este foi o segundo ano de seu mandato e o primeiro ano da pandemia de Covid-19. Analisar o segundo ano permite identificar tendências de longo prazo, padrões de comportamento e mudanças na narrativa que podem não ser evidentes no primeiro ano, quando o governo ainda está se estabelecendo. O segundo ano de mandato frequentemente representa um ponto de transição crítica, no qual as políticas e prioridades estabelecidas no primeiro ano começam a se consolidar ou a enfrentar desafios significativos. Isso pode resultar em mudanças substanciais na dinâmica entre o governo e a imprensa, tornando esse período particularmente relevante para análise. Além disso, foi um ano marcado pelo início das tensões entre o posicionamento do Governo Federal, os Governos Estaduais e a imprensa de modo geral.



Esses jornais foram escolhidos por serem considerados, inclusive pelo próprio ex-presidente, como tendo sido críticos ao governo Bolsonaro (UOL, 2019; *Correio Braziliense*, 2020; *Estadão*, 2021). A estabelecer como delimitação para o corpus de análise dois jornais, – a saber: *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* – inevitavelmente exclui outros enunciados; inclusive dos veículos selecionados, que possuem inúmeros colunistas e jornalistas. Estamos conscientes de que, ao focar nesses dois conglomerados de mídia, que estão localizados no estado de São Paulo, há um silenciamento dos enunciados de outras regiões do país e de pequenos veículos de mídia.

Ao manter o foco nesses conglomerados de mídia, obtemos uma visão de como essas expressões são significadas nesses veículos privados pertencentes a grandes corporações. Conforme Marx e Engels (2007, p. 72), as classes dominantes não apenas têm o poder sobre os meios de produção material (indústrias, produção agrícola em larga escala e comércio), mas também detêm os meios de produção espiritual, ou seja, a produção cultural e intelectual. Isso inclui os veículos de mídia, principalmente as grandes corporações privadas. Além disso, de acordo com Marx e Engels (2007, p. 72), essa classe controla tanto a produção de ideias quanto a regulação e a distribuição dessas ideias em seu tempo. As ideias que atendem aos interesses dessas classes não circulam abertamente como relacionadas a esse segmento da sociedade, mas como se fossem uma espécie de senso comum neutro e compartilhado por todos. Considerando que essa seleção dos enunciados afetará as escolhas, entende-se que os domínios semânticos estão sujeitos à mesma limitação. Além disso, essa análise nos permitirá entender como as ideias da classe dominante lidam com a expressão *ideológica* em enunciados de grandes jornais.



Essa seleção é amostral e não abarca todas as ocorrências da expressão ala ideológica em ambos os jornais. Como a intenção desse artigo é compor uma amostra do emprego da expressão, escolhemos dois textos publicados em colunas de opinião (Oyama, 2020, da *Folha de S. Paulo*; Nahum, 2020, de *O Estado de S. Paulo*) e duas reportagens (Warth, 2020 de *O Estado de S. Paulo* e Coletta, 2020, da *Folha de S. Paulo*). Essa base é composta, portanto, de uma coluna de opinião e uma reportagem de cada um dos veículos de mídia. As reportagens jornalísticas são alegadamente escritas de modo a fornecer uma visão teoricamente imparcial dos eventos. Os colunistas, por outro lado, gozariam de liberdade para expressar opiniões e pontos de vista pessoais. Analisar ambos os gêneros textuais permite capturar uma variedade de perspectivas e entender como essas perspectivas são apresentadas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA

Vamos retomar o texto de Marx e Engels (2007) já mencionado: as classes dominantes têm o poder sobre os meios de produção material e detêm também os meios de produção espiritual; sendo assim controlam tanto a produção de ideias quanto a regulamentação e a distribuição dessas ideias.

Um dos meios de produção espiritual mais eficazes são os veículos de mídia, principalmente as grandes corporações privadas pertencentes às classes dominantes. Se adotarmos a perspectiva althusseriana (Althusser, 1985), mesmo que esses veículos sejam estatais nos países capitalistas, estão a serviço da ideologia dominante e funcionam como um aparato para a difusão da ideologia das classes dominantes. No entanto, essa não é a realidade no Brasil, onde os conglomerados de mídia, com raríssimas exceções, são de propriedade da iniciativa privada. Dentro desse universo, foi coletado um conjunto de excertos



que veiculam a expressão *ala ideológica* e uma variação no segundo excerto em que o adjetivo *ideológica* é substituído pela locução adjetiva *dos ideológicos*, entendendo – conforme pretende-se demonstrar – que se tem como referência o mesmo grupo. Esse conjunto de excertos compõe um corpo de enunciados que foram produzidos, estando submetidos a condições de produção equivalentes: mesma época, mesma cidade, mesmo lugar no tecido social.

Na análise do discurso, tanto o corpus quanto o arquivo desempenham papéis importantes, embora tenham diferentes ênfases e funções. Enquanto o corpus se refere ao conjunto de enunciados concretos e materiais, selecionados e delimitados com base nos objetivos da pesquisa, o arquivo é um conjunto mais amplo de materiais textuais que pode servir como referência ou contexto para a análise. Segundo Pêcheux (1988, p. 59-60), o arquivo não está relacionado apenas à ideologia, mas também está relacionado às formações imaginárias e à própria noção do real. O arquivo me permite estabelecer relações de sentido entre o corpus discursivo. Em outras palavras, ao adotarmos a perspectiva de Pêcheux, é possível estabelecer uma teia de sentidos que conecta enunciados de diversos autores em diversos veículos de mídia. O corpus discursivo, nesse caso, torna-se, segundo Courtine (2009, p. 54), “um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das condições de produção do discurso”. O arquivo compreende também as condições de produção do discurso, a formação discursiva e o interdiscurso. A noção de arquivo apoia trabalhos que buscam estabelecer relações de sentido entre enunciados aparentemente dispersos.

As análises semânticas neste artigo têm como uma de suas orientações teóricas a Semântica do Acontecimento, proposta por Guimarães (2002).



Guimarães (2002, p. 7) afirma que o texto é um acontecimento enunciativo, formado por um conjunto de enunciados encadeados. No entanto, o texto pode ser analisado independentemente do encadeamento lógico que cada enunciado estabelece com os demais enunciados presentes no mesmo texto. Para Guimarães (2002), é possível analisá-los a partir das relações de sentido que se estabelecem quando um enunciado se refere a outro. O sentido é então constituído “no e pelo acontecimento da enunciação, na relação do enunciado com o texto e com o falante/locutor” (Guimarães, 2002, p. 7).

Tanto Ducrot quanto Guimarães partem da perspectiva de Benveniste (1989, p. 84), que considera a enunciação como um processo de apropriação do aparelho formal da língua. A enunciação é tomada como ponto de partida para as análises está relacionada à teoria da enunciação. Ducrot foi pioneiro ao questionar a noção de unicidade na enunciação. Sua abordagem desafiava a visão tradicional que considerava o sujeito enunciator como uma entidade singular e estática. Ele propõe uma revisão da teoria da enunciação de Benveniste, destacando a multiplicidade de vozes e perspectivas presentes no ato de enunciação. O locutor (L) se apropria da língua e a coloca em funcionamento, ou seja, ele utiliza o aparelho formal da língua e enuncia a partir de sua posição de locutor. Nesse caso, uma locução é sempre uma alocução, e sempre que o locutor enuncia, ele estabelece um alocutário. De acordo com Benveniste (1989), a enunciação ocorre sempre que alguém, em algum lugar, se apropria da língua para dizer o que quer dizer. No entanto, Guimarães adverte que:

Tratar a enunciação coloca, desde o início, a questão do sujeito que enuncia e, assim, a questão do sujeito na linguagem. E, para os meus propósitos, isso deve levar a uma reconsideração do lugar dos estudos



da enunciação em um espaço distinto do que eles tiveram ou ainda têm em certas formulações (Guimarães, 2002, p. 7).

Dessa forma, Guimarães (2002) não considera o sujeito da enunciação como uma pessoa indivisível, única e onipotente. O locutor não é o dono incondicional de seus dizeres, que utiliza a língua para dizer exatamente o que deseja. Guimarães prossegue a partir das teorias de Ducrot, desenvolvendo sua própria análise e revisão da teoria enunciativa. Sua contribuição amplia o debate sobre a natureza do sujeito enunciador, destacando a complexidade das interações linguísticas e sociais.

Ducrot (1987, p. 69) argumenta que a enunciação não precisa necessariamente ser entendida como “o ato de alguém que produz um enunciado”, mas é suficiente refletir sobre “o fato de que um enunciado aparece”. Em relação à questão do autor, Ducrot (1987) afirma apenas: “Não tenho que decidir se há um autor e quem ele é”.

Ao propor uma interface entre a teoria dos atos de fala de Austin (1962) e a teoria da argumentação na língua, Ducrot e Anscombe (1981) entendem que o ato de argumentar pode ser compreendido como um ato ilocucionário, ou seja, um ato que ocorre na linguagem. Nesse contexto, o enunciado é considerado um objeto desse ato de argumentar. Para analisar o sentido de um enunciado, é necessário levar em consideração o ato de argumentar presente nele. Isso indica que o significado e a ação por trás de um enunciado não podem ser completamente separados do contexto argumentativo no qual ele está inserido.

Em vez de focar apenas nas palavras isoladas, Ducrot e Anscombe (1981) argumentam que é fundamental levar em conta a situação de fala e o propósito argumentativo subjacente. Para Ducrot (1987), o enunciado não se



limita à voz única e exclusiva do autor-locutor, aquele a quem normalmente é atribuída a responsabilidade pela fala. Também para Ducrot e Anscombre (1981), o locutor não é um indivíduo com poderes onipotentes que simplesmente expressa suas próprias ideias e convicções. Ele é entendido como um sujeito falante que apresenta múltiplas vozes, podendo, por exemplo, incorporar pontos de vista distintos representados por diferentes enunciadores. Conforme Koch (2011, p. 138), a polifonia é definida “[...] como a incorporação que o locutor faz aos seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivas – ao(s) interlocutor(es), a terceiros ou à opinião pública em geral”. Desse modo, um locutor (L) pode incorporar várias personagens discursivas, ou enunciadores distintos: enunciador 1 (E1), enunciador 2 (E2), enunciador n (En). Por exemplo, no caso de dois enunciadores, enquanto E1 apresenta um ponto de vista, E2 pode apresentar um ponto de vista contrário; L, nesse caso, irá aderir a um dos pontos de vista de um dos enunciadores. Um enunciado pode conter vozes diversas, representando diferentes perspectivas, opiniões e pontos de vista. Com base nessa diversidade de enunciadores, o enunciado se torna um espaço de diálogo e interação entre diferentes vozes, permitindo a expressão de diferentes posicionamentos e contribuindo para a complexidade e riqueza da comunicação. Além disso, ao considerarmos a teoria da enunciação, temos de levar em conta os *modalizadores* como elementos linguísticos que atuam na condução do discurso e na construção dos significados comunicados.

De acordo Koch:

Dentro de uma teoria da linguagem que leva em conta a enunciação, consideram-se *modalizadores* todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes



do locutor com relação ao seu discurso. Estes elementos caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso (Koch, 2011, p. 135; grifo nosso).

Ressalva-se, sobretudo, que “indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso” não são fatores explicativos no referencial teórico adotado neste artigo. Koch parte de outro referencial teórico e não compartilha dos pressupostos que orientam as teorias de análise aqui mobilizadas. Apesar disso, suas considerações sobre os modalizadores como um elemento de apoio para a análise linguística contribuem para a compreensão da subjetividade e da intersubjetividade na linguagem, uma vez que refletem a posição e a participação de L na interação comunicativa.

De acordo com Guimarães (2002, p. 18), “espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante”. A enunciação é, desse modo, um acontecimento que deriva de uma relação estabelecida entre linguagem e sujeito. Essa relação é que fundamenta os espaços de enunciação. O espaço de enunciação deve ser entendido como um espaço político; é justamente nesse espaço que são estabelecidas a relação entre a língua e os falantes; nessa relação se dá a disputa pela palavra e seu sentido.

A semântica do acontecimento, tal como proposta por Guimarães (2002), permite uma interface com a Análise do Discurso de linha francesa. Em vez de adotar uma postura estruturalista como Ducrot, Guimarães, assim como Pêcheux (1988, p. 139), vê a necessidade de adotar uma teoria materialista, o



que aproxima a Semântica do Acontecimento às teorias do discurso. Assim como Pêcheux (1988), Guimarães entende que o sentido de palavras, expressões ou termos se dá no acontecimento da enunciação. O sentido de uma palavra não é resultado da vontade do falante, mas da posição sustentada por esse falante quando enuncia tal palavra. Conforme Pêcheux (1988, p. 147), uma palavra “adquire o seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”.

O acontecimento é algo único por si próprio; ele é o que faz diferença em sua ordem. Um acontecimento se diferencia de outro pela temporalidade que constitui, ou seja: um passado, um presente e um futuro. Guimarães (2012, p. 12) afirma que “o passado é, no acontecimento, rememoração de enunciados, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalidade, tal como a latência de futuro”. Desse modo, o passado não é aqui assumido como uma lembrança individual do falante, mas como um memorável de enunciações que dão significado ao presente do acontecimento.

Um texto jornalístico será aqui assumido como um acontecimento enunciativo. Com base nesse acontecimento, iremos entender as relações de sentido que as expressões estabelecem entre si. Essas relações são determinantes na configuração dos sentidos de uma expressão.

AS DESIGNAÇÕES DE ALA IDEOLÓGICA E SUAS RELAÇÕES DE SENTIDO: ANÁLISE DO CORPUS

Durante o mandato do ex-presidente Bolsonaro, veículos de mídia empregaram as expressões *ala ideológica* para distinguir um dos grupos diferentes que se formaram dentro do governo, como, por exemplo: ala militar, ala técnica, ala da economia etc. Vamos começar analisando um excerto



extraído do jornal Folha de S.Paulo, para verificar o funcionamento semântico dessa expressão. Em seguida, será feita uma análise discursiva do excerto.

EXCERTO 1

A cota olavista do governo vê seu espaço diminuir e grita que está sendo atacada pelo “establishment” (a definição de “establishment”, para os bolsonaristas raiz, varia conforme o vai da valsa, mas nos últimos dias atendeu pelo nome de Gilmar Mendes).

É um discurso feito sob medida para funcionar nas redes sociais. Mas, nos corredores do Planalto, até as estátuas sabem que a perda de espaço da chamada ala ideológica do governo não é obra de establishment nenhum, mas consequência de decisões tomadas pelo próprio presidente Bolsonaro – ultimamente mais preocupado em salvar o pescoço do que engrossar o coro ideológico das redes (grifos nossos; Oyama, 2020).

No texto, a expressão *ala ideológica* é mencionada no segundo parágrafo, precedida pelo adjetivo *chamada*. Esse adjetivo indica um distanciamento do locutor em relação ao termo *ala ideológica*. Esse recurso linguístico busca afastar o locutor daqueles a quem ele se refere dessa maneira, ou seja: essa ala é conhecida dessa forma, alguém a chama por esse nome ou ela é reconhecida por esse nome. O texto não deixa claro quem emprega essa expressão para designar essa ala. Esse apagamento cria um efeito de sentido que caracteriza uma espécie de senso comum. Assim, existe um enunciador na polifonia do discurso que se refere a essa ala como ideológica. O modalizador *chamada* expressa a ideia de que o locutor não adere a esse enunciador, ou seja, ele se afasta dele. Conforme Charaudeau e Maingueneau (2014), a modalização na análise do discurso pode ser entendida como um recurso que o locutor utiliza para se posicionar em relação a outros sujeitos falantes e à sua própria fala.



L emprega o modalizador discursivo *aspas* para enunciar o termo “*establishment*” com o objetivo de marcar que essa é uma referência à forma como a *cota olavista do governo* se refere a determinadas pessoas ou segmentos. A expressão *cota olavista* é uma referência aos grupos ligados ao falecido youtuber Olavo de Carvalho.

Ao explicar o emprego de “*establishment*”, na sentença entre parêntesis, L reescreve *cota olavista do governo* por *bolsonaristas raiz*, ou seja, emprega outra expressão para retomar os mesmos indivíduos designados por *cota olavista do governo* da primeira linha. É possível, então, sugerir a hipótese de que L estabelece uma relação de sinonímia entre *cota olavista do governo* e *bolsonaristas raiz*.

Conforme Guimarães (2007, p. 84):

[...] reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado.

Dessa forma, é possível entender que a reescrituração é um procedimento de articulação dentro do texto que pode ser percebido por meio das relações de contiguidade locais entre expressões. Essas articulações são procedimentos enunciativos que ocorrem no interior dos enunciados e na relação que essas enunciações estabelecem entre si.

Alguém poderia questionar essa relação de sinonímia, afirmando que é possível entender que nem todo *bolsonarista raiz* faz parte da *cota olavista do governo*, mas que esses últimos podem ser incluídos no grupo dos *bolsonaristas raiz*. Assim, a relação estabelecida entre as duas expressões seria de hiponímia, e não sinonímia. Desse modo:



Figura 1 – Suposta relação de hiponímia



Fonte: Elaboração própria (2023).

No entanto, essa não é a relação de sentidos que está presente no excerto. Do modo como tomamos as relações de sentido aqui, elas não podem ser inferidas fora das relações estabelecidas dentro do texto. Uma vez que assumimos, neste artigo, que o sentido de um termo é determinado no acontecimento da enunciação, levamos em consideração a relação estabelecida que se dá somente dentro desse enunciado.

Conforme Guimarães (2007, p. 79), o fato de “duas expressões serem formuladas como sinônimas faz parte da determinação das palavras envolvidas”. A afirmação de que há uma relação de sinonímia entre “cota olavista do governo” e “bolsonaristas raiz” só faz sentido dentro do enunciado presente no excerto. Se nem todo bolsonarista raiz faz parte da cota olavista do governo, isso não pode ser extraído a partir do processo de reescrituração de bolsonarista raiz por *ala ideológica*.

O processo de substituição por sinonímia pode ser observado com mais clareza quando estabelecemos uma relação de sentido entre a expressão *cota olavista do governo* e a expressão *ala ideológica*. No primeiro parágrafo,

cota olavista do governo” é empregado para designar aqueles que “veem seu espaço diminuir”, e no segundo parágrafo, a expressão “a chamada *ala ideológica*” designam àqueles a quem a “perda de espaço” se refere. Nesse caso, ao contrário do exemplo apresentado na Figura 1, o grupo designado por *ala ideológica* coincide integralmente com o grupo designado pela expressão *cota olavista do governo*.

Figura 2 – Relação de sinonímia presente no enunciado



Fonte: Elaboração própria (2023).

Se tomarmos o sentido apenas relativamente ao enunciado do excerto 1, todos os elementos do conjunto de *cota olavista* e *ala ideológica* coincidem. Portanto, é possível afirmar que *ala ideológica* é determinada por sinonímia com a expressão *cota olavista do governo*, que, por sua vez, também é determinada por uma relação de sinonímia com a expressão *bolsonaristas raiz*.

Tomemos a sentença enunciada por L: “[...] até as estátuas sabem que a perda de espaço da chamada *ala ideológica* do governo não é obra de establishment nenhum, mas consequência de decisões tomadas pelo próprio presidente Bolsonaro [...]. A fórmula modalizadora “até as estátuas sabem” tem função de enfatizar que algo é amplamente conhecido ou óbvio, até

mesmo para algo inanimado como uma estátua. Indica que uma informação, fato ou ideia é tão evidente ou conhecida que qualquer pessoa, mesmo uma estátua que não tem capacidade de pensar ou entender, poderia reconhecê-la. Por paráfrase, seguindo a teoria polifônica de Ducrot, é possível inferir duas personagens discursivas: (E1) não é evidente que a *ala ideológica* tem perdido espaço; e (E2) é evidente que a *ala ideológica* tem perdido espaço. Sendo que L adere ao ponto de vista de E2. Conforme Koch (2011, p. 135), em orações modalizadoras como essa o “locutor assume total responsabilidade relativamente ao conteúdo asseverado, criando, também, para o interlocutor, *o dever de crer*; em decorrência apresenta seu discurso como autoritário, *não admitindo contestação*” (grifos nossos). Essa sentença cria o efeito similar ao do conto *A Roupas Nova do Rei* de Andersen em que há uma alegada *evidência* que apenas os inteligentes veem. Para não ser tomado como inepto, o interlocutor, deve aderir ao ponto de vista de L.

Desse modo, o enunciado propõe um afastamento do ex-presidente da *ala ideológica*, conferindo a ele uma posição mais pragmática: “salvar o pescoço” em lugar de “engrossar o coro ideológico das redes”.

O próximo texto que iremos analisar, Excerto 2, pertence ao artigo publicado no Blog do Fausto Macedo no Portal do Estadão, de autoria do desembargador Marco Antônio Nahum, e apresenta um parágrafo sobre as divisões no governo. O artigo não tem como foco as alas do governo de Bolsonaro. O tema é a suspeição do ex-juiz, Sergio Moro, no julgamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O artigo possibilita uma análise das representações dessas alas no imaginário compartilhado pela mídia. Nahum (2020) emprega a locução adjetiva “dos ideológicos” em lugar do adjetivo



ideológico para se referir ao mesmo segmento. Em lugar do adjetivo *militar*, ele emprega a locução *dos militares*.

EXCERTO 2

Não se pode negar que o governo Bolsonaro levou o país a uma constante imprevisibilidade política, alimentada pelos efeitos turbulentos da pandemia. O país se divide em grupos ideologicamente antagônicos. O governo tem a ala dos militares, a ala da economia e a *ala dos ideológicos*. O Legislativo também se divide em grupos: bíblia, boi, bala etc. (grifo nosso; Nahum, 2020)

No trecho, o autor relaciona divisões no país, no governo e no Legislativo. O país é dividido em grupos ideologicamente antagônicos. A expressão *grupos* é reescrita e substituída por *ala* na sentença seguinte, sendo retomada novamente como *grupos* na última sentença. Ao usar a expressão *ala*, o autor nomeia cada uma delas: “a ala dos militares, a ala da economia e a ala dos ideológicos”. Ao se referir ao Legislativo, o autor retoma a palavra *grupos*, nomeia três deles e acrescenta a locução conjuntiva *etc.*, indicando que há outros grupos além dos mencionados.

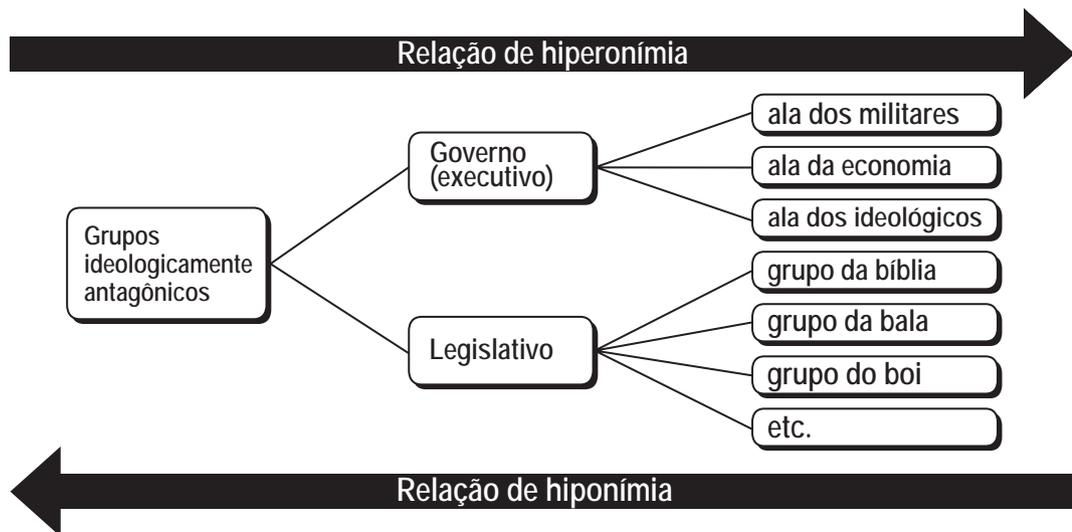
O uso da locução conjuntiva “etc.” no final dos grupos do Legislativo e não nas alas do governo produz um efeito de sentido de que as alas no governo são mais bem delimitadas do que os grupos no Legislativo. No Legislativo, há outros grupos além dos relatados, mas no governo está limitado às alas três mencionadas. Há também uma particularidade no adjunto adnominal de cada uma das alas do governo. Das três, duas sugerem agrupamentos de pessoas que são militares e pessoas que são ideológicas, enquanto a outra é a *ala da economia* e não a ala dos economistas. Ao impessoalizar apenas a



ala da economia, L provoca um efeito de apresentá-la como uma ala menos personalista, com menor grau de subjetividade.

Pode-se tomar como hipótese que o discurso dialoga com pré-construído que existe no imaginário de alguns setores da sociedade de que a “economia” não seria uma área sob a influência de *militares e ideológicos*. Da mesma forma, o parágrafo articula sentidos de que militares e ideológicos ocupam espaços distintos no governo, ou ainda militares não seria uma ala de ideológicos. No entanto, a sentença “O país se divide em grupos ideologicamente antagônicos”, seguida por duas enumerações, tanto no Executivo (*governo*) quanto no Legislativo (*grupos ideologicamente antagônicos*), estabelece uma relação de hiperonímia como as *alas* do governo e com os grupos do Legislativo.

Figura 3 – Relações de sentido grupos/alas



Fonte: Elaboração própria.

Ao observar essa relação de sentidos, percebe-se que todos os grupos e alas têm em comum a característica de serem *ideologicamente antagônicos*. Dentro das relações de sentido de hiperonímia e hiponímia, a *ala dos*



ideológicos é um hipônimo de “grupos ideologicamente antagônicos”. A relação apresentada na Figura 3 nos permite entender que, embora exista uma *ala dos ideólogos*, a relação de hiperonímia entre grupos “ideologicamente antagônicos” e as demais expressões analisadas aqui não exclui a presença da ideologia nos outros grupos e alas. Afinal, para que sejam ideologicamente antagônicos, é necessário que sejam ideológicos.

Em *ideologicamente antagônicos*, a palavra *ideologicamente* funciona como um advérbio, modificando o adjetivo *antagônicos*. Ela indica a maneira ou o modo em que os grupos são antagônicos, ou seja, indica que o antagonismo entre os grupos é baseado em ideologias. Já a locução adjetiva *dos ideológicos*, presente na expressão *ala dos ideológicos*, exerce a função sintática de adjunto adnominal na sentença. Ela modifica o substantivo “ala” ao indicar a característica distintiva dos integrantes desse grupo.

Tanto o advérbio *ideologicamente* quanto a locução adjetiva *dos ideológicos* são formados respectivamente por derivação e flexão do mesmo morfema lexical: o radical *ideolog-*. Os morfemas gramaticais formantes de adjetivo *-ica* (em *ideologicamente*) e *-ico* (em *ideológico*) e o formante modal *-mente* (em *ideologicamente*), bem como a flexão de gênero e número especializam os sentidos veiculados pelo mesmo morfema lexical. O que criaria uma antinomia no parágrafo do excerto, ou seja: uma contradição interna no discurso. Pois, uma vez que o permite distinguir os grupos e alas, o fato é de serem *ideologicamente antagônicos*, o que justificaria ter uma ala que se destaca por ser aquela *dos ideológicos*?

Podemos propor uma hipótese para interpretar essa possível contradição interna. Para que não se crie uma antinomia – pois, uma característica que se refere à totalidade (*ideologicamente*) também é empregada para



distinguir uma ala específica das outras (dos *ideológicos*) –, é preciso supor que o radical *ideolog-* na locução adjetiva carregue sentidos que não estão no advérbio. Isso é possível quando se considera a construção de sentidos pela perspectiva da enunciação.

Nesse caso, L toma todos os grupos e alas referidos como ideológicos e ao mesmo tempo antagônicos na sentença: “O país se divide em grupos ideologicamente antagônicos”. Já a expressão *dos ideológicos* em “O governo tem a ala dos militares, a ala da economia e a *ala dos ideológicos*” significaria tanto a característica de a ala ser ideológica, quanto o reconhecimento de que ela é assim nomeada pela mídia ou pelo senso comum.

Ainda que se trate de um texto escrito – lido, muito provavelmente, por revisores e editores –, não se deve descartar que essa antinomia tenha ocorrido por um deslize ou um ato falho. Mesmo assim, isso não invalidaria esta análise. Pelo contrário, o deslize, o engano, ou o ato falho são elementos reveladores sobre a ideologia presente no discurso. De acordo com Lacan (1998, p. 269), “[...] todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça, e que, no lapso, é a mordança que gira em torno da fala, e justamente pelo quadrante necessário para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra.” O apagamento da ideologia ligado a segmentos militares e a setores econômicos do governo Bolsonaro pode resultar em marcas discursivas como essa.

A expressão *grupos ideologicamente antagônicos* também é um hiperônimo para o grupo da Bíblia (bancada evangélica), do boi (ruralistas) e da bala (indústria armamentista). Essa relação de sentidos propõe um antagonismo entre essas bancadas, apagando o fato de que, na maioria das vezes, as três compõem um bloco único e votam juntas (Mazieiro, 2019; Alessi, 2017). Grupos que poderiam ser considerados antagônicos, como, por exemplo, uma frente



parlamentar de ambientalistas, são apagados do discurso ou incluídos em um grupo maior e mais genérico representado no texto pela expressão *etc.*

Mais uma vez verificamos a presença de outra fórmula modalizadora bem no início do excerto: “Não se pode negar que [...]”. Como efeito de sentido, ela tem uma função semelhante a “[...] até as estátuas sabem [...]”; embora poder-se-ia alegar que ela tem uma força ilocucionária menor. Do mesmo modo, são colocados em cena duas personagens discursivas: (E1) “Pode-se negar”; e (E2) “Não se pode negar”, sendo que L adere ao último. Mais uma vez L recorre a uma oração modalizadora para enfatizar a relação de poder e autoridade na comunicação, em que L assume uma posição de controle e dominação sobre o discurso, restringindo a participação do interlocutor e impondo sua visão de forma autoritária.

Até agora, vimos como essa expressão vinha sendo significada dentro dos discursos enunciados pelos dois veículos. Serão analisados dois excertos que apresentam uma posição ou ideia defendida por essa *ala ideológica*: alinhamento aos EUA. O primeiro deles (Excerto 3) foi publicado pelo jornal *Folha de S.Paulo*:

EXCERTO 3

A cota de importação atual vence no final de agosto, quando o presidente Jair Bolsonaro precisará decidir se atende ao pleito de seu aliado estratégico ou não. Tentam resistir ou ao menos reduzir os impactos de uma nova concessão os produtores nacionais de etanol, a bancada ruralista no Congresso e a ministra da Agricultura, Tereza Cristina.

No governo brasileiro, as principais vozes em defesa do fim da cota para o etanol americano são o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente da República.

Eles são expoentes da chamada *ala ideológica* e advogam por um alinhamento automático com os Estados Unidos (grifo nosso; Coletta, 2020).



No Excerto 3, são relacionados dois atores designados como *expoentes da chamada ala ideológica*: o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e o deputado federal Eduardo Bolsonaro (na ocasião filiado ao PSL-SP), filho do então presidente da República. Aqui podemos observar que a composição da ala ideológica vai além das relações institucionais propostas no Excerto 2, que restringiam a designação da ala ideológica apenas ao Executivo e dividiam o Executivo em grupos da bala, do boi e da Bíblia. No Excerto 3, um integrante do Legislativo (o deputado federal Eduardo Bolsonaro) e um integrante do Executivo (o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo) são retomados por substituição por *expoentes da chamada ala ideológica*. Isso indica que não há consenso sobre o que é designado como ala ideológica; um artigo localiza essa ala no Executivo, enquanto outro a considera um grupo pouco definido.

Há outros atores mencionados no Excerto 3, como os produtores nacionais de etanol, a bancada ruralista no Congresso e a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, que se opõem ao fim da cota para o etanol americano. Esses atores não recebem uma designação que os agrupe em um bloco específico. Podemos inferir apenas que eles não são considerados expoentes da ala ideológica. De acordo com o Excerto 3, a “entrada do álcool estrangeiro no país afeta principalmente pequenos usineiros no Nordeste”. O enunciado emprega a expressão “afetados” para indicar que alguém será atingido ou impactado de modo passivo pelos eventos. Esses afetados seriam “pequenos usineiros no Nordeste”. Os usineiros recebem um adjetivo avaliativo que expressam um julgamento de L. Eles são os *pequenos* que serão os principais *afetados*. O encadeamento argumentativo toma a posição da bancada ruralista no Congresso e da ex-ministra da Agricultura



como uma defesa dos *pequenos* que serão *afetados* com “a entrada do álcool estrangeiro no país”. A própria ex-ministra da Agricultura havia sido uma indicação da chamada bancada ruralista (Matoso; Salomão; Sousa, 2018).

Já os expoentes da chamada ala ideológica defendem “um alinhamento automático com os Estados Unidos”. Assim, o alinhamento automático é uma posição da ala ideológica, enquanto a manutenção da cota é uma posição de um grupo não ideológico. No discurso do excerto, a bancada ruralista é colocada como um defensor dos pequenos produtores Nordestinos, enquanto a *ala ideológica* é apresentada como uma defensora de um alinhamento aos Estados Unidos. Orlandi (2007) aborda o tema do silêncio e sua relação com o significado. O silêncio não é apenas a ausência de palavras ou sons, mas um modo de significar. O sujeito que permanece em silêncio não é nem tão visível (porque não está se expressando verbalmente) nem tão certo (porque o silêncio pode carregar ambiguidade e incerteza).

Orlandi propõe uma compreensão da censura, que não é vista apenas como uma proibição imposta por um indivíduo consciente, mas como um fenômeno produzido pela história. Ao pensar a censura a partir da noção de silêncio, a própria ideia de censura se amplia para abranger qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito na construção de sentidos.

Além do silenciamento sobre a ideologia da posição da bancada ruralista, há o silenciamento sobre posicionamentos de outros grupos. O que pensavam outras bancadas sobre o assunto foi silenciado. A compreensão do silêncio como um modo de significar nos permite enxergar a censura não apenas como uma ação restritiva, mas como um conjunto de práticas e discursos que *limitam a expressão e o acesso a diferentes sentidos*, restringindo a participação dos sujeitos na construção do sentido. Ao silenciar sobre todas



as outras posições possíveis, o interlocutor tem o seu *acesso a diferentes sentidos* limitado. Os dois únicos caminhos são o da bancada ruralista ou o da *ala ideológica*, qualquer outra possibilidade foi apagada.

O efeito de sentido construído por esse movimento semântico-enunciativo é que uma decisão é pautada pela ideologia (da *ala ideológica*), enquanto a outra não o é (bancada ruralista). A posição da bancada ruralista é exposta como estando fora do escopo da ideologia. Como já foi dito na introdução, de acordo com Marx e Engels (2007), as classes dominantes são tanto as produtoras de ideias, quanto aquelas que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo:

Por exemplo, numa época e num país em que o poder monárquico, a aristocracia e a burguesia lutam entre si pela dominação, onde portanto a dominação está dividida, aparece como ideia dominante a doutrina da separação dos poderes, enunciada então como uma “lei eterna” (Marx; Engels, 2007, p. 47).

As classes dominantes negam para si o *status* de ideológica, suas ideias são apresentadas como sendo neutras e imparciais, ou como sendo uma lei eterna. No excerto 3, a ideia apresentada como *ideológica* é injusta e prejudicial aos pequenos produtores. Representante dos produtores rurais e do agronegócio, a Bancada Ruralista é tratada no excerto como não-ideológica. Temos um caso de dominação dividida entre dois grupos: um favorável aos interesses estadunidenses e outro favorável ao agronegócio. L argumenta em favor do agronegócio e, nessa construção argumentativa, qualifica os interesses estadunidenses como sendo *ideológicos*. A decisão ideológica é, no excerto, negativa.



Conforme Althusser (1985) – perspectiva adotada em nosso artigo –, a realidade é inescapável e insuprimível da ideologia. O indivíduo se submete a essa ideologia e se reconhece como sujeito dentro dela: “é preciso situar-se fora da ideologia, isto é, no conhecimento científico, para poder dizer: estou na ideologia (caso excepcional) ou (caso mais geral) estava na ideologia” (Althusser, 1985, p. 97). O que nos leva a inferir que, de acordo com Althusser, as duas posições são ideológicas. E não poderia ser diferente; uma vez que independentemente da posição defendida ela seria inevitavelmente ideológica. Por fim, no nosso entendimento, ideologia não é boa ou ruim. Ela é inevitável.

No Excerto 4, a seguir, temos novamente a relação entre a expressão ala ideológica e o alinhamento com os Estados Unidos. Esse trecho foi retirado de um artigo de *O Estado de S. Paulo* que relata a participação da empresa chinesa Huawei em redes 5G.

EXCERTO 4

Se publicamente os ministérios não se pronunciam sobre o tema, nos bastidores há uma guerra sobre o tema. O ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo, ligado à *ala ideológica*, tem deixado clara sua posição a favor de um alinhamento aos Estados Unidos e contrário à China em suas redes sociais. Sobre a pandemia do novo coronavírus, chamado por ele de “comunavírus”, ele considera haver um plano para implantar o comunismo em organismos internacionais (grifos nossos).

Já o vice-presidente Hamilton Mourão, por exemplo, já deixou claro ser contra qualquer restrição à Huawei. No ano passado, ele viajou à China, onde se encontrou com o vice-presidente da companhia e reiterou haver um clima de confiança com o país asiático. O tema também preocupa a ministra da Agricultura, Teresa Cristina, já que a China é o principal destino das exportações de soja. Qualquer barreira à Huawei pode ter consequências diretas sobre o agronegócio brasileiro.

Liberal, o ministro da Economia, Paulo Guedes, tem dito que quer as três fornecedoras – além da chinesa Huawei, a finlandesa Nokia e a sueca Ericsson – competindo para oferecer o melhor serviço ao País (grifo nosso; Warth, 2020).



No enredo do Excerto 4, temos quatro figuras representadas por quatro personagens: Ernesto Araújo, o ideológico, Hamilton Mourão, o militar, Tereza Cristina, representante do agronegócio, e Paulo Guedes, o liberal. Há uma distinção entre aquilo que todos veem, que é público, e aquilo que ninguém vê, que acontece apenas nos bastidores. A disputa sobre a participação da empresa chinesa Huawei nas redes 5G do Brasil é descrita no excerto como algo que se desenrola nos bastidores, ou seja, que ocorre em segredo. Publicamente, o que se observa é o silêncio dos ministérios em relação ao tema. Nesse contexto, há uma exceção: o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que é referido no texto como ligado à *ala ideológica* do governo, expressa sua oposição à participação da Huawei nas redes 5G, ao defender uma postura de alinhamento com os Estados Unidos.

Ao dividir a posição dos ministérios e isolar a posição de Araújo, L indica que o alinhamento com os Estados Unidos não é uma posição institucional, mas pessoal; já que é um assunto veiculado nas redes sociais do então ministro. Uma breve pesquisa em uma rede social de Araújo, sua conta no Twitter (@ernestofaraujo), mostra que não há uma clara separação entre o institucional e o pessoal. É possível encontrar tanto publicações institucionais do Itamaraty (Araújo, 2020a), quanto comentários sobre textos que o ex-ministro havia lido (Araújo, 2020b). Somente pelo que Araújo posta em suas redes não é possível definir se essa opinião não é institucional. Ao reconhecer e tomar essa posição como sendo atribuída a uma ala específica, L promove um apagamento de que essa posição seja do governo Bolsonaro, apesar do posicionamento constante de subserviência do próprio ex-presidente em relação ao governo norte-americano (Benites, 2020; Romero; Teixeira, 2020).



Araújo, o membro da *ala ideológica*, é descrito como um indivíduo delirante, mostrado como tendo ideias extravagantes, envolto em paranoias, como um negacionista da pandemia de COVID-19, questionando sua gravidade e adotando uma postura contrária às evidências científicas e à opinião da maioria dos especialistas. Além disso, é mencionado como alguém que acredita em teorias de conspiração global, como a suposta implementação do comunismo em organismos internacionais.

A posição de Mourão é baseada em sua visita à China; ou seja, em uma constatação em loco e objetiva; a de Cristina é baseada em uma preocupação com as consequências diretas sobre o agronegócio brasileiro; e Guedes quer as três empresas competindo para oferecer o melhor serviço. L silencia sobre as posturas de Mourão, Cristina e Guedes sobre a pandemia. Apenas o negacionismo de Araújo é exposto. Como se o negacionismo tivesse sido uma postura isolada e não tivesse sido uma postura do governo.

Assim como o Excerto 3, no Excerto 4, temos a localização da ideologia apenas em um segmento. O militar, o agronegócio e o liberal são colocados fora do campo da ideologia. A ideologia é mostrada não só como nociva, mas como delirante e paranoica. Postura de alinhamento aos EUA e negacionismo da pandemia são localizados dentro da ideologia, fruto de uma *ala ideológica*, parecendo uma posição minoritária dentro do governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expressão *ala ideológica* não é uma designação institucional, mas uma forma de se referir a esse segmento do governo. Importa para sua determinação semântica como os sentidos são construídos no acontecimento da enunciação.



A análise do discurso em sua interface com a semântica – com base em dois veículos de imprensa escrita de São Paulo sobre a expressão *ala ideológica* – nos ajuda a compreender a realidade dos mecanismos de poder que atuam sobre nós.

Por meio da análise dos enunciados presentes nos excertos recortados para esta pesquisa, percebe-se que há um apagamento dos adjetivos *ideológica* e *ideologia* ao se referir a outros segmentos do governo, além da ala delimitada por esses adjetivos. A única exceção é o excerto 2, em que por meio de um processo de hiperonímia, ao caracterizar os grupos como *ideologicamente antagônicos*, classifica tanto as alas do executivo quanto os grupos do legislativo dentro da ideologia. Embora, ao que tudo indica, os sentidos para ideologia sejam diferentes quando empregada em diferentes momentos do texto.

O emprego dessa expressão nos veículos de imprensa não é neutro nem isento de viés. Ao contrário, carrega consigo uma carga ideológica própria, refletindo as posições políticas e ideias subjacentes aos veículos de mídia em questão. O discurso é mobilizado como instrumento de poder, influenciando a forma como se percebe a realidade. A análise da expressão *ala ideológica* é resultado da influência da ideologia da classe dominante na construção da realidade política e social.

A análise semântico-enunciativa da expressão *ala ideológica* nos permite desvelar as relações de poder presentes no discurso midiático e nos convida a assumir uma postura crítica e reflexiva diante das narrativas que nos são apresentadas. Mesmo veículos de imprensa, tomados como opositores do governo do ex-presidente Bolsonaro, eles atuaram para normalizar diversas posições de seu governo; bem como silenciaram sobre posições e ideias que estavam fora da ideologia dominante; construíram uma ideia de que a ideologia



era algo negativo, anômalo e que poderia existir uma política pura, neutra, desprovida de qualquer viés ideológico. Essa concepção rejeita a natureza intrinsecamente ideológica de qualquer sistema político e social, bem como a necessidade de reconhecer e debater diferentes perspectivas para uma sociedade verdadeiramente plural e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, Giuliana. Bancada da Bala, Boi e Bíblia impõe ano de retrocesso para mulheres e indígenas. **EL PAÍS**, Brasil, 07 dez. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/01/politica/1512148795_433241.html. Acesso em: 8 janeiro 2024.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARAÚJO. Ernesto. (@ernestofaraujo). “Hoje às 19:00 farei uma live sobre a repatriação de brasileiros durante a pandemia, juntamente com colegas do Itamaraty que participam da equipe de repatriações”. 10 de jun de 2020a, as 17h58. **Twitter** Disponível em <https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1270815085196382209>. Acesso em: 8 janeiro 2024.

ARAÚJO. Ernesto. (@ernestofaraujo). “Lendo os Ensaios de Eric Voegelin: ‘Uma sociedade não pode renunciar à ordem do espírito sem destruir-se a si mesma.’ As ideologias totalitárias do Século XX foram as grandes inimigas do espírito e destruidoras de sociedades. Hoje esse papel cabe ao politicamente correto”. 22 de ago de 2020b, as 20h13. **Twitter**. Disponível em <https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1297311012991926273>. Acesso em: 8 janeiro 2024.

AUSTIN. J. L. **How to do things with words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard Press, 1962.



BENITES, Afonso. Por alinhamento com Trump, Bolsonaro ignorou aposta de Paulo Guedes para presidência do BID. **EL PAÍS Brasil**, [S.l.], 18 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-18/por-alinhamento-com-trump-bolsonaro-ignorou-aposta-de-paulo-guedes-para-presidencia-do-bid.html>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

CHARAUDEAU; P. MAINGUENEAU, D (orgs). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

COLETTA, R. D. Embaixador dos EUA nega ter defendido reeleição de Trump em negociação do etanol. Mercado. **Folha de S. Paulo**. Publicado em 3.ago.2020, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/embaixador-dos-eua-nega-ter-defendido-reeleicao-de-trump-em-negociacao-do-etanol.shtml>; acessado em 26 de agosto de 2020.

CORREIO BRASILIENSE. Bolsonaro, sobre repórter da Folha: 'Ela queria dar um furo'; jornal reage. [Online] 18 fev. 2020, 11:53, Brasília: **Correio Brasiliense**, Política. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml. Acesso em: 8 janeiro 2024.

COSTA, L. R. **A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin: e os embates no discurso de divulgação científica na revista Ciência Hoje**. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos (SP): EdUFSCar, 2009.

DUCROT, O.; ANSCOMBRE, J.-C. **Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas**. Maria A. Barbosa, Maria de Fátima G. Moreira, Cidmar T. Pais. São Paulo: Global, 1981.



DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

ESTADÃO. Bolsonaro volta a atacar 'Estadão', chama jornalistas de 'jumentos' e nega orçamento secreto. Política. **Estadão**, 14 maio 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-atacar-o-estadao-chama-jornalistas-de-jumentos-e-nega-orcamento-secreto/>. Acesso em: 8 janeiro 2024.

GUIMARÃES, E. R. J. **Análise de Texto**. Procedimentos, análises, ensino. São Paulo: Hucitec, 2012.

GUIMARÃES, E. R. J. Domínio semântico de determinação. in: GUIMARÃES, E. R. J.; MOLLICA, M. C. **A palavra. Forma e sentido**. Campinas: Pontes, 2007. pp. 79-96.

GUIMARÃES, E. R. J. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MARX, K. ENGELS, F. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATOSO, F.; SALOMÃO, L.; SOUSA, Y. Ruralistas indicam, e Bolsonaro anuncia Tereza Cristina como ministra da Agricultura. **Portal G1**, Política, Publicado em 7 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/07/tereza-cristina-assumira-ministerio-da-agricultura-no-governo-bolsonaro-informa-gabinete-de-transicao.ghtml>. Acesso em: 8 janeiro 2024.

MAZIEIRO, Guilherme. Chave na eleição, bancada “boi, bala e Bíblia” agora nega apoio a Bolsonaro. **Uol**, Brasília, Publicado em 30 abr. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/04/30/>



bancada-boi-bala-biblia-governo-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 28 jun. 2023.

NAHUM, Marcelo A. A suspeição de Sérgio Moro. Blog do Fausto Macedo. **Estadão**, São Paulo, 7 ago. 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/a-suspeicao-de-sergio-moro/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

OYAMA, T. Olavistas veem diminuir seu espaço no governo e esperneiam. Coluna. **UOL** Publicado em 16 jun. 2020. <https://noticias.uol.com.br/colunas/thais-oyama/2020/07/16/olavistas-veem-diminuir-seu-espaco-no-governo-e-esperneiam.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 8 janeiro 2024.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

ROMERO, F.; TEIXEIRA, P. Bolsonaro quer alinhar relação com Estados Unidos após “congelamento” de Biden. **CNN Brasília**, 26 mai. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-quer-alinhar-relacao-com-estados-unidos-apos-congelamento-de-biden/>. Acesso em: 8 janeiro 2024.

UOL. Bolsonaro sobre Folha de S. Paulo: Envenena meu governo. **UOL**. Política. Publicado em 01 nov. 2019. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/videos/bolsonaro-sobre-folha-de-s-paulo-envenena-meu-governo-16718915>. Acesso em: 29 jun. 2023.

WARTH, A. 5G coloca Bolsonaro em saia justa política. **Estadão**. Política. Publicado em 13 jul. 2020. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/5g-coloca-bolsonaro-em-saia-justa-politica/>. Acesso em: 8 janeiro 2024.

Data de recebimento: 08/01/2024

Data de aprovação: 04/04/2024



O SUJEITO PROFESSOR EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS: POSIÇÃO-SUJEITO DE AUTORIDADE X DESAUTORIZADO

THE SUBJECT TEACHER ON NEWSPAPERS ARTICLES: SUBJECT-POSITION OF AUTHORITY X UNAUTHORIZED

Adéli Bortolon BAZZA¹

Ludmila Vitória SOARES²

RESUMO

Amparada em uma perspectiva de verve foucaultiana, esta pesquisa buscou descrever práticas discursivas que constituem a subjetividade do docente, circulante em matérias jornalísticas. Como recorte, a série enunciativa analisada é composta de 42 textos publicados no *site* UOL-Educação e na seção Educação do jornal Público, de Portugal, coletados entre novembro 2022 e janeiro de 2023. Tal delimitação teve como objetivo contrapor o processo de subjetivação do docente em dois países lusófonos, em continentes e realidades culturais diversas. Mobilizando conceitos como, discurso, subjetividade, poder e resistência, a descrição dos enunciados demonstrou que questões sobre provas de vestibulares, inovação em educação e relações entre política e docência configuram uma regularidade temática na série em análise. Em relação ao primeiro trajeto temático, observou-se a voz do professor ser convocada dentro do fio enunciativo assumindo uma posição-sujeito de autoridade. No conjunto de matérias, tal prática de subjetivação constitui-se bastante distinta da posição de desautorizado e/ou explorado a partir da qual se subjetiva o docente, quando se discutem as questões de política e docência. Isso indica a relação entre os dispositivos e o referente da função enunciativa como determinantes de tais diferenças.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso, Docência, Subjetivação.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - Área de concentração Estudos Linguísticos. Professora da Universidade Estadual do Paraná. E-mail: adellibazza@hotmail.com.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Paraná.



ABSTRACT

Anchored in a discursive perspective of Foucauldian strand, this paper aimed to describe discursive practices which constitute the teacher subjectivity that is currently exhibited on newspapers articles. The analyzed enunciative series is composed of 42 texts publicized on the Brazilian newspaper Uol-Educação and in the Education section of the Portuguese newspaper Público. The analyzed texts were collected between November 2022 and January 2023. By delimiting the corpus to two Portuguese-speaking countries, this paper sought to oppose the process of teacher subjectivation in countries of different continents and cultural realities. As concepts such as discourse, subjectivity, power and resistance were mobilized, the description of the analyzed texts statements demonstrated that themes such as entrance exams, innovation in education and relations between politics and teaching represent a thematic regularity in the analyzed series. Concerning the first thematic path, it was observed that the teachers' voice was summoned within the enunciative thread of the texts, assuming a subject-position of authority. In the set of the analyzed newspaper articles, such practice of subjectivation is relatively distinct from the unauthorized and/or exploited position from which teachers subjectify themselves, when discussing issues of politics and teaching. This indicates the relationship between the devices and the referent of the enunciative function as determinants of such differences.

KEYWORDS

Discourse, Teaching, Subjectivation.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira passou por diversos obstáculos e desafios. Um exemplo das lutas por valorização da carreira docente é o 29 de Abril de 2015, quando os professores do Estado do Paraná estiveram em um confronto violento com a polícia em Curitiba, em protesto a medidas do Estado sobre o fundo de aposentadoria da classe. Posteriormente, houve, em nível nacional, ocupações das escolas por estudantes secundaristas, como tentativa de refrear a implantação do Novo Ensino Médio, bem como sua posterior aprovação. Esses eventos, colocam-se em rede com inúmeros outros acontecimentos que afetaram e/ou indicaram movimentação no campo do exercício da



docência no Brasil. Bazza (2022) explicita uma parte dessa rede discursiva, ao relacionar acontecimentos discursivos como a atuação de um movimento chamado Escola sem Partido, a constante troca de ministros da Educação no governo de Jair Bolsonaro, os recorrentes cortes e bloqueios de verbas no orçamento da educação em nível federal e estadual, situações em que professores foram confrontados por pais de alunos ou por alunos a respeito da escolha de temas e/ou encaminhamentos didáticos em aulas, a militarização de escolas no Estado do Paraná, as discussões sobre ensino domiciliar, a instauração de um ensino remoto na pandemia de Covid, o posterior ensino híbrido e as estratégias de retorno ao presencial, dentre outras.

Além de questões salariais e burocráticas, há discussões a respeito das práticas, da formação e da própria subjetividade docente, colocando como parte dessa formação, a circulação de subjetividades como a de professor: relapso, despreparado, esquerdista, modelo, etc. Diante de tal cenário social, este artigo se propõe a apresentar uma pesquisa sobre os docentes, por meio dos discursos sobre a situação da educação, com foco nas suas práticas de subjetivação e de resistência.

Em contraponto à realidade brasileira, pretende-se traçar um comparativo entre educadores brasileiros e portugueses. Dessa forma, esta pesquisa tem como norte os estudos discursivos foucaultianos e, amparada neles, recorta como temática a constituição das subjetividades a partir do falar dos próprios docentes. Embasada nos conceitos de discurso, subjetividade, poder e resistência, objetiva descrever as subjetividades constituídas no jogo discursivo e as práticas assumidas por sujeitos professores, como resistência às coerções de dispositivos como o governamental, o acadêmico, o religioso etc. A série enunciativa a ser analisada será composta de enunciados de



matérias jornalísticas do site UOL e da seção Educação do jornal Público Correio da Manhã, de Portugal, entre novembro de 2022 e janeiro de 2023.

O OLHAR DISCURSIVO

Na década de 1960 na Europa, houve uma efervescência intelectual por embates epistemológicos e edificações disciplinares, contexto no qual emergiram os estudos sobre a análise do discurso. Nessa época, na França, despontaram os estudos de Michel Foucault. Advindo da História e da Filosofia, foi um renomado historiador e filósofo do século XX. Em suas explorações, Foucault dedicou-se a examinar as práticas discursivas que transpõem os distintos aspectos sociais, com a finalidade de desvendar os processos pelos quais a verdade é estabelecida. Em uma ampla gama de tópicos, estudou a respeito da loucura, em “*A História da Loucura na Idade Clássica*” (1978); da análise da sexualidade, em obras como “*História da Sexualidade: Volume I*” (2004), “*História da Sexualidade: Volume II*” (1998), “*História da Sexualidade: Volume III*” (2005b); das formas jurídicas e suas implicações sociais em “*Vigiar e Punir*” (1997) e “*Microfísica do Poder*” (2013). Por movimentar distintas discursividades, as teorias do autor podem ser encaixadas nos estudos da Análise do Discurso, e servir de instrumentos a diversas áreas de pesquisa de educação, como em Letras e Pedagogia. Bazza (2018) e Sommer (2007) são exemplos de autores oriundos desses campos, que lançaram mão de conceitos foucaultianos em perspectivas distintas, a fim de discutir questões de ensino.

Na obra *Arqueologia do Saber* (2008), Foucault pondera que, sem signos linguísticos, não haveria os enunciados, ou seja: os enunciados são importantes para a condição de existência de uma língua. O enunciado, está no



plano do acontecimento, mas é necessário considerar que os acontecimentos possuem alcances diferentes, mesmo que estejam na mesma amplitude cronológica. Para Foucault (2008):

o enunciado aparece como **um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele**; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso (Foucault, 2008, p.90, grifos nossos).

Em síntese, segundo o Foucault, o enunciado não pode ter caráter próprio e também não é isolado em si mesmo, precisa de um contexto sócio histórico. No caso desta pesquisa, ele limita-se aos enunciados sobre docentes publicados em veículos jornalísticos, em 2022 e 2023.

Para Foucault (2008, p. 56), os discursos são feitos de signos, mas “o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala”. O ‘mais’ será descrito por meio da compreensão das possibilidades históricas de emergência de um determinado discurso e das redes que selecionam determinadas práticas como adequadas ou inadequadas.

Veyne (1998, p. 248) explica a noção de prática discursiva, ao ponderar que “não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto: é o que fazem as pessoas”. Nessa perspectiva, interrogar sobre o professor na contemporaneidade é uma forma de problematizar as práticas discursivas que circulam como desejáveis e a forma como essa circulação culmina por definir subjetividades docentes propostas (e às



vezes impostas) aos indivíduos ocupantes da posição-sujeito professor, bem como aventar caminhos para a resistência.

Bazza (2016) menciona que, na teoria foucaultiana, o enunciado está direcionado a um referencial e que, de acordo com as possibilidades, é possível definir a posição hierárquica do discurso em proporção ao seu valor de verdade. A observação das práticas discursivas é, portanto, uma forma de verificar a constituição das verdades circulando na sociedade e de descrever o saber de uma época. Isso interessa, pois desvela as relações de poder que orientam a formação dos enunciados.

A verdade é outro conceito importante para a pesquisa aqui desenvolvida. Foucault aborda que postula que o conceito de verdade é resultado da singularidade do acontecimento. Segundo Voss e Navarro (2011), na perspectiva foucaultiana, os discursos referem-se aos enunciados que desempenham algum tipo de regimento na sociedade e estão em circulação pela vontade de verdade. Eles são produtores de diversas verdades, entre elas, a verdade dos sujeitos. Por se considerar os indivíduos em constante transformação, a teoria discursiva busca descrever as subjetividades criadas à medida em que os indivíduos interagem com a sociedade e seus múltiplos enunciados e dispositivos.

Foucault (2013, p. 43), propõe que:

Queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história.



No projeto teórico do autor, o conceito de poder não é centralizado, mas agrupado em esferas, coordenando-se semelhante a uma teia de aranha. Diferentemente de uma tradição intelectual que compreendia o poder como algo que se detém, para Foucault (2005b, p. 35), ele se exerce; não é atributo de um grupo específico. Não é algo externo ao sujeito do qual ele se apropria, ele circula e organiza as práticas discursivas e, conseqüentemente, as subjetividades que elas agenciam. Dessa forma, “o indivíduo é um efeito do poder e é, ao mesmo tempo, na mesma medida um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu”. No caso dos professores, há um jogo de poderes que prescreve o que é e como deve agir um docente na contemporaneidade. Os indivíduos, constituídos nessa teia e confrontados por ela, ora assumem as práticas propostas, ora resistem a elas.

Nesse sentido, é possível estabelecer hierarquias de valor e resistências. Entre os componentes da rede discursiva, estão os dispositivos, compreendidos como o elemento que engloba discursos de instituições heterogêneas, incluindo o dito e o não dito de uma rede (Foucault, 2016). Quanto aos dispositivos relevantes para os enunciados analisados nesta pesquisa, pode-se destacar a política, a escola, a Universidade, o jornalismo, etc. Em uma análise discursiva, a investigação do saber deve remeter às condições de poder que lhe constitui. Conforme Veiga-Neto (2003, p. 66), nos estudos chamados genealógicos “o que passa a interessar Foucault, então, é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre ambos”. Partindo da possibilidade de investigar questões de subjetividade como resultado de um determinado discurso, propõe-se, nesta pesquisa, voltar o olhar às formas de subjetivação dos sujeitos professores.



A REGULARIDADE SOBRE O DOCENTE NA DISPERSÃO DISCURSIVA

Calcada no aparato teórico-metodológico dos estudos discursivos, esta pesquisa assume um caráter descritivo-analítico. Para tanto, embasa-se, principalmente, no método arqueo-genealógico foucaultiano, o qual pressupõe que o mesmo discurso se manifesta em diferentes enunciados, e em diversos campos (Cf. Foucault, 2008). Dessa forma, o trabalho do pesquisador consiste em escavar, na dispersão histórica, as diversas manifestações de remanência ou de contingência dos enunciados. No âmbito da educação e de seus sujeitos, o critério para a seleção da série enunciativa foi a ocorrência de enunciados que materializem as subjetividades de docente e as lutas de poder que as permeiam. Por uma questão de delimitação metodológica, tais enunciados foram rastreados em matérias jornalísticas do *site UOL-Educação* e da seção Educação do jornal *Público*, de Portugal, em períodos dos anos de 2022 e 2023. Justifica-se a escolha dessa materialidade devido à compreensão de que os meios midiáticos detêm grande parcela de divulgação dos discursos que circulam a respeito das práticas de educacionais. Dentre eles, os veículos jornalísticos apresentam-se como mais institucionalizados, o que permite verificar, em alguma medida, que determinados efeitos de verdade são criados para o sujeito professor.

A respeito desses veículos ressalta-se que, o grupo UOL é a maior empresa brasileira que gera conteúdo jornalístico e recebe em média 114 milhões de visitantes por mês. É um *site* amplo, abrange sobre política, carros, cotidiano, economia, folha, esporte, saúde e entre outros. O *corpus* coletado faz parte das publicações da aba de matérias sobre educação. Na cena jornalística portuguesa, o *Correio da Manhã* é um diário que publica desde 1979. É responsável por trazer uma linguagem objetiva e acessível de temas cotidianos, divididos em seções como “Atualidade”, “Correio de



Hoje”, “Correio do Leitor”, “Cultura & Espetáculos”, “Doming”, “Economia” e “Vidas”. Em termos de estilo adota características visuais inerentes a um “tabloide” e um tratamento noticioso assumido por eles como independente, mas considerados por muitos como sensacionalista.

Procurou-se compor a série enunciativa com publicações que tenham a voz do professor descrevendo-se e/ou descrevendo a prática docente, como entrevistado. Para o *corpus*, o processo de coleta aconteceu entre novembro de 2022 e janeiro de 2023, e consistiu em ler as matérias semanalmente, selecionando aquelas em que houvesse espaço para depoimentos/falas de professores e salvar os *links* em um documento do Google Docs. A coleta resultou na seleção de 45 matérias. A sequência do trabalho consistiu na leitura desse arquivo no intuito de criar subcategorizações a partir do critério de temática abordada pelo texto. Dessa forma, as matérias selecionadas foram agrupadas conforme recorrências temáticas. A saber: a) provas de vestibulares, b) assuntos diversos e c) inovações e docência e d) questões políticas.

Formados os grupos temáticos, o objetivo foi analisar o jogo discursivo configurado, a partir dos temas levantados e da frequência com que ocorrem. Quando o grupo era constituído por publicações de ambos os países, optou-se por selecionar uma postagem de cada origem. Para selecionar a matéria de cada lugar, o conjunto de postagens de cada nação era lido no intuito de sistematizar recorrências e rupturas discursivas quanto à temática e à abordagem. Havendo um tema recorrente, selecionava-se a matéria que mais dava espaço para os comentários/depoimentos dos professores. Nos grupos 3 e 4, seguiu-se esse critério e foram analisadas uma matéria de cada país. No grupo 1, por não haver postagens portuguesas sobre a temática, foram



analisadas duas matérias brasileiras. No grupo 2, excepcionalmente, foram analisadas uma notícia do *site* português e duas do jornal brasileiro, dado o fato de que tratavam de temáticas diferentes, igualmente regulares no arquivo constituído e bastante debatidas socialmente. A discussão do material teve como objetivo sistematizar os dispositivos atuantes na subjetivação e as práticas sugeridas/impostas por esses dispositivos.

No primeiro grupo, de modo geral, os professores comentam provas de vestibulares. A prova mais comentada foi a Fuvest, com o total de 6 matérias; em seguida o Enem totalizando 3; em terceiro, a UNICAMP, com o total de 2; o pré-vestibular carioca obteve 1. Isso totalizou 12 matérias sobre vestibulares. Em oposição, foi possível constatar que não apareceram notícias portuguesas em relação a vestibulares ou provas de seleção/concurso. Dessa forma, esse conjunto é todo proveniente do *site* brasileiro. Isso pode demonstrar que essa temática não se configura como importante na discursivização do professor, em Portugal. Esse fato ocorreu por conta de um sistema educacional distinto: lá não há vestibulares ou provas como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), mas sim um ensino médio, chamado de secundário. Nele, cada nota do estudante é adicionada a uma nota de corte, que definirá a possibilidade de ingresso na faculdade.

Na discursividade das notícias brasileiras, o professor assume a posição-sujeito de auxiliador do aluno com dicas para realização das provas, analisando respostas de vestibulares passados para que os estudantes se concentrem melhor nos assuntos mais recorrentes e na forma como são cobrados. Há também uma regularidade de falas a respeito de temas possíveis para a redação e conseqüentemente, o aluno terá um maior domínio do tema.



Isso, como parte de um discurso que assume como verdadeira e natural a ocorrência de tais provas.

Grupo 1 - Professores e Vestibulares

Título	Autoria	Data	Jornal/ País
Fome, vacina e influenciadores: as apostas de temas para redação do Enem	Ana Paula Bimbati	08/11/2022	Uol
Fuvest: com alta de casos de covid, vestibular terá uso obrigatório de máscara	Beatriz Bulhões	25/11/2022	Uol
Fuvest 2023: 1ª fase aborda milícia, racismo e gênero; professores comentam.	Silvia Tancredi	01/12/2022	Uol
Especial Fuvest 2023: confira como são provas e diferencial do Vestibular	Silvia Tancredi	01/12/2022	Uol
Racismo, armas e aporofobia são temas no 2º dia de prova da Unicamp	Saulo Pereira Guimarães	11/12/2022	Uol
2ª fase Unicamp 2023: confira comentários das provas	Miguel Souza	13/12/2022	Uol
O Enem 2022 teve 26,7% de abstenção; número de inscritos foi o 2º menor desde 2005	Giovanna de Castro	14/11/2022	Uol
Confira como é a redação do vestibular da Fuvest	Silvia Tancredi	05/01/2023	Uol
Professores e alunos comentam as provas de Linguagens e redação do Enem 2022	Silvia Tancredi	05/01/2023	Uol
Fuvest: Tema da redação é 'refugiados ambientais e vulnerabilidade social'	Giuliana Saringer	08/01/2022	Uol
2ª fase Fuvest 2023: veja comentários do 1º dia de provas	Miguel Souza	09/01/2023	Uol
Cecierj oferece mais de 6 mil vagas em Pré-Vestibular 2023 gratuito	Lucas Afonso	09/01/2023	Uol

Fonte: autoras



No segundo conjunto, “Questões sociais e a prática docente”, foram agrupadas o total de 06 publicações, dentre elas 04 são brasileiras e 02 portuguesas. Os enunciados se enquadram em assuntos variados de professores fora do ambiente escolar. Ao contrário do primeiro critério, foi obtido um *corpus* com temáticas diversificadas e, por isso, foi necessário classificar em subtópicos. No primeiro caso, são enquadrados os textos em que o docente cria materiais didáticos fora do convencional (livro didático, quadro branco/negro, giz/canetões, lápis e caderno). Exemplo disso foi o que ocorreu durante o período de Copa do Mundo de 2022, as crianças colecionaram álbuns de figurinhas dos jogadores da Copa. Nesse contexto, surgiu a notícia sobre uma docente que desenvolveu um álbum de figurinhas para alunos em fase de alfabetização. O discurso é semelhante ao que circula nas matérias de vestibulares, porque são alvos do mesmo objetivo: formas de auxiliar o desenvolvimento do aluno, embora sejam em fases educacionais diferentes. O segundo subtópico abrangeu os confrontos e preconceitos entre professor e alunos. Um exemplo disso é um caso de racismo entre um estudante negro e um professor. É importante ressaltar que a escola tem o papel de ensinar para o aluno sobre o racismo, inclusive preparando atividades para programação da Consciência Negra. Em relação ao *corpus* português, obtivemos um subtópico a respeito da luta por um ensino de qualidade e sem burocracias que dificultam a aprendizagem dos alunos. Nesse critério, há uma maior diversidade nas temáticas encontradas.

Grupo 2- Questões sociais e a prática docente

Título	Autoria	Data	Jornal
‘Qual é a sua forma?’: Livro infantil usa matemática para levar mensagem de respeito às diferenças	Uol	01/11/2022	Uol



Título	Autoria	Data	Jornal
Professora cria álbum de figurinhas da Copa do Mundo para crianças na fase de alfabetização	Uol	18/11/2022	Uol
Professor que denunciou racismo na UnB é constrangido durante conferência	Uol	25/11/2022	Uol
Professora que se recusou a orientar estudantes “esquerdistas” é desligada da Rede Bionorte	Uol	29/11/2022	Uol
Ele tem só 14 e fez história ao passar no vestibular mais difícil do país	Camila Corsini	15/12/2022	Uol
Professores unidos continuam a luta à margem dos sindicatos	Não informada	31/01/2023	Correio da manhã

Fonte: autoras

O terceiro grupo, “Inovação e Docência”, abarcou o total de 06 matérias coletadas, das quais apenas 01 é de Portugal. Tratam-se de textos com foco em informar o leitor, nos quais a fala do professor aparece para sustentar a veracidade dos fatos, conferindo-lhe uma voz de autoridade.

Grupo 3- Inovação e Docência

Título	Autoria	Data	Jornal
Museu de São Roque expõe relíquias	Correio da manhã	10/11/2022	Correio da manhã
Fiódor Dostoiévski	Warley Souza	04/12/2022	Uol
Soneto	Warley Souza	04/12/2022	Uol
Jesus Cristo existiu mesmo? Como era a aparência dele?	Matheus Adami	24/12/2022	Uol
Inteligência Artificial e GPT-3: avanços e desafios das tecnologias na educação	Lucas Afonso	23/01/2023	Uol



Título	Autoria	Data	Jornal
Nascimento de Jesus não foi dia 25: por que Natal é celebrado nesta data?	Lucas Afonso	24/12/2022	Uol

Fonte: autoras

E, por fim, no quarto grupo, “Política e Docência”, foram reunidas 13 matérias brasileiras e 05 portuguesas, com o total de 21 publicações relacionadas à política. O contexto do Brasil, no momento da coleta do *corpus* era o fim do Governo Bolsonaro e o começo do Governo Lula, portanto há muita fala a respeito dos dois governos, bem como do processo de transição de um governo a outro. Além disso, as matérias portuguesas apresentaram falas da Federação Nacional dos Professores (FENPROF) e também sobre a luta pela educação, pois, no período equivalente, em Portugal, houve uma série de manifestações a respeito de propostas de governo, melhorias na profissão como o aumento de salário, defesa da educação pública.

Grupo 4- Política e Docência

Título	Autoria	Data	Jornal
Cortes na educação deixaram universidade federal de MG com R\$ 71 na conta.	Uol	07/12/2022	Uol
Governo Bolsonaro deixa de comprar parte dos livros para alunos da rede pública	Uol	02/12/2022	Uol
Ministro critica Lula por querer fim de escolas cívico-militares: Equívoco.	Uol	18/12/2022	Uol
MEC não tem como pagar milhares de residentes e bolsistas da Capes, diz transição.	Uol	05/12/2022	Uol



Título	Autoria	Data	Jornal
Após críticas, MEC diz que diretoria para surdos não será extinta.	Uol	05/01/2023	Uol
Governo abandonou acompanhamento e avaliação de cotas desde 2017	Carlos Madeiro	08/11/2022	Uol
Equipe de transição diz não haver recursos para compra de livros em 2023.	Uol	07/12/2022	Uol
Educação: 10 medidas emergenciais que Lula deve adotar no início do mandato.	Uol	28/12/2022	Uol
Camilo Santana assume MEC, cita Paulo Freire e faz promessas.	Uol	02/01/2023	Uol
Reitora da UFRJ, ex-secretários de Manaus e Sobral: os novos nomes do MEC.	Uol	06/01/2023	Uol
Alvo de investigação, FNDE sai das mãos do centrão; MEC tem mais mulheres.	Uol	07/01/2023	Uol
Nova equipe do MEC avaliará ações de Bolsonaro até fim do mês.	Uol	09/01/2023	Uol
87 melhores escolas do país: por que Lula insiste no Ceará na chefia do MEC.	Uol	17/12/2022	Uol
Dirigente sindical promete continuar luta da Educação se governo não alterar propostas	Não informada	20/01/2023	Correio da manhã
BE diz que sem despesa estrutural na educação Governo está “a fazer de conta” que negocia	Não informada	20/01/2023	Correio da manhã
Federação Nacional da Educação convoca greve nacional para 08 de fevereiro.	Não informada	25/01/2023	Correio da manhã
Conselho Nacional da Educação espera “compromisso histórico” entre professores e Governo	Não informada	26/01/2023	Correio da manhã



Título	Autoria	Data	Jornal
Serviços mínimos permitem minimizar impacto nos alunos com necessidades específicas	Não informada	01/02/2023	Correio da manhã

Fonte: autoras

A VERDADE E A SUBJETIVIDADE DOCENTE POSTAS EM CIRCULAÇÃO

A sistematização das matérias em grupos de temáticas, por si só já se constitui como uma escavação do dizível a respeito dos professores nos veículos recortados para análise. Percebe-se uma tônica na carreira docente e sua luta, bem como nas estratégias de manutenção do prestígio e da autoridade dos profissionais (temáticas 1 e 4), enquanto as questões de práticas e metodologias de trabalho têm espaço menor dentro desse conjunto, aparecendo em textos dos grupos 2 e 3.

O primeiro conjunto de textos selecionados, mobiliza a temática dos vestibulares, com enunciados nos quais os professores apresentam dicas para os alunos passarem nas provas. Nesse sentido, a verdade é estabelecida com a participação dos docentes como convidados a confirmarem a veracidade do que está dito. A primeira matéria analisada tem como título “Cecierj oferece mais de 6 mil vagas em Pré-Vestibular 2023 gratuito”. A notícia é sobre a Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj), com informações para as inscrições do pré-vestibular carioca, gratuito. Para comprovar a eficiência da Cecierj, foi apontado que a iniciativa já completou 20 anos e atendeu mais de 250 mil pessoas. Além dos dados, há uma fala do Dr. Serginho, o secretário de



Ciência, Tecnologia e Inovação, para enfatizar a importância do projeto, como exemplificado no excerto 1:

Disponibilizar o pré-vestibular para auxiliar os estudantes que não têm condições de pagar um cursinho particular é de extrema importância para democratizarmos o acesso à educação e ao ensino superior em nosso estado. Tenho certeza que a nova turma vai obter excelentes resultados no Enem e nos demais vestibulares se somando à história exitosa de muitos ex-alunos (Afonso, 2023).

É contextualizada a importância de um ensino democrático, já que por sua vez, os estudantes com condições financeiras farão um cursinho e sairão com uma maior vantagem no Enem, conquistando o ensino superior. A posição-sujeito de doutor confere autoridade e *status* de verdade ao discurso que ele sustenta. A notícia está direcionada a alunos cariocas, concluintes do ensino médio e à procura do ensino superior. Nesse sentido, convidar um professor com doutorado agrega legitimidade ao discurso proferido acerca do pré-vestibular, ou seja, o Dr. Serginho, que está na posição-sujeito como voz de autoridade, é o responsável por mobilizar a verdade.

Outra notícia do primeiro grupo refere-se ao vestibular da Universidade de São Paulo (USP), uma das mais concorridas do país. Na matéria jornalística em questão, é divulgada a data da aplicação da prova e detalhes sobre o formato do texto solicitado na prova de redação. Para sustentar o dito, o coordenador de Redação do Curso Etapa paulista, Wellington Borges, comenta a prova da Fuvest, cujo diferencial é a necessidade de um título: “Esse pode ser um interessante diferencial, pois o título é um momento em que o texto pode fugir da seriedade e da formalidade que envolve a linguagem do texto dissertativo e assumir um tom mais livre e criativo” (Tancredi, 2023).



Além de Wellington, Vanessa Bottasso, a professora de redação do colégio e curso de Oficina do Estudante de Campinas (interior de São Paulo), também comenta sobre o concurso: “A redação da Fuvest não é uma prova para a qual o aluno deve se preparar para sugerir medidas de solução ao final do texto, mas sim demonstrar capacidade de organização de uma sequência de argumentos e informações em defesa de uma tese” (Tancredi, 2023). Para finalizar a parte dos conselhos aos vestibulandos, Arthur Medeiros concorda, dizendo que a redação do vestibular é o espaço para o candidato fazer uma análise ampla das sociedades contemporâneas. Em seguida, há uma seção com os dez últimos temas de redação, para que o aluno estude a redação por meio dos temas antigos. Para fechar a notícia, há dicas topicalizadas com as fotos de cada professor que participou da reportagem. Em termos de funcionamento discursivo, o uso do discurso direto - abrindo espaço para a fala desse profissional- contribui para que ele assuma o papel de voz de autoridade dentro da reportagem. Sua relevância, em nível textual, apresenta-se reforçada pelo destaque que recebe ao ter até sua foto inserida no texto.

Em termos teóricos, o enunciado está direcionado a alunos brasileiros específicos. Para sustentar o texto, os três professores desempenham um papel fundamental na construção da posição-sujeito como voz de autoridade, capazes de mobilizar a verdade. Em contraste, Portugal possui um sistema educacional diferente. Dessa forma, não foi encontrado nenhum *corpus* a respeito de vestibulares portugueses. A análise desse bloco de publicações aponta uma regularidade na função enunciativa, especificamente em relação à posição-sujeito do professor: a subjetividade constitui-se a partir da autoridade em um conhecimento específico.



O segundo bloco de sequências enunciativas analisado versa sobre professores tratando de situações atípicas que atravessam tópicos escolares e chegam às questões sociais dos alunos. A presença e análise dessas temáticas vai ao encontro da afirmação de Sommer (2007 p.58) a respeito do papel desses referentes na subjetivação docente:

Ao mesmo tempo, a circulação, a disseminação, o compartilhamento de certos enunciados que compõe essas práticas discursivas estão implicados na produção das identidades das professoras, nas suas formas de enxergar a sala de aula, os alunos, nas suas formas de enxergar a sala de aula, os alunos, a educação, enfim, na própria materialização da educação escolar, na operação de práticas não-discursivas, especialmente no ensino fundamental.

A notícia “Professor que denunciou racismo na UnB é constrangido durante conferência”, conta a história de Ari, o primeiro aluno negro no doutorado em antropologia da UnB. Em 1998, sem justificativa concreta, foi reprovado e o caso foi considerado racismo institucional. A situação gerou um projeto de cotas étnico-raciais na universidade. Após 24 anos, o pesquisador voltou para a Universidade do Estado da Bahia, marcando presença no evento ‘Negras Antropologias’. No momento de sua fala, o ex-aluno foi interrompido por uma professora da instituição, alegando que a reprovação não foi por racismo, justificando que outros alunos também foram reprovados, assim como ele. O texto trata da repercussão do fato nas redes sociais e em ações de pixação na faculdade.

Sobre o fato noticiado, é importante lembrar que as instituições educacionais têm o dever de discutir o racismo, conscientizar os alunos, conteúdo definido por documentos e regulamentações. Tal papel é descrito discursivamente por Sommer (2007, p.60, grifos nossos):



O que chama a atenção não são exatamente esses conceitos, mas a interdição de outros. Ao mesmo tempo em que se privilegia a formação moral, encapsulada na aprendizagem de regras de convivência, nota-se que a palavra “ensino” não é contemplada. **A escola não é definida como um lugar de ensinar, é um lugar de aprender a comportar-se (regras de convivência, socialização).**

Na situação retratada na notícia, o referente do discurso é o ensino e as questões raciais, demarcando uma posição-sujeito de luta para os negros, que, apesar do trabalho de conscientização, ainda sofrem racismo. Ambiguamente, as instituições de ensino assumem o papel de dispositivos que enfrentariam as práticas racistas, mas também funcionam como lugar onde elas ocorrem. A verdade estabelecida é a presença do racismo na sociedade, inclusive no meio acadêmico. E o sujeito professor, colocado nesse contexto, assume o papel de formador de consciência crítica em seus alunos.

Já na notícia ‘Professora cria álbum de figurinhas da Copa do Mundo para crianças na fase de alfabetização’, a temática volta-se a uma prática discutida de maneira positiva pelo veículo de comunicação. A iniciativa, indicada pelo título, serviu como um meio de interação e apoio às disciplinas na Escola Social, que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Nesse texto, o discurso versa sobre ajudar os alunos no processo de alfabetização. Em termos de dispositivos, há diferenças: na primeira notícia, os sujeitos estão inseridos no meio acadêmico, enquanto na segunda, no meio escolar. Mas, nos dois casos, esse ambiente de estudos está atravessado pelas questões da vida e de relações sociais dos alunos. O professor se configura, então, como um mediador que atenda às necessidades dos educandos.



Publicada pelo portal de notícias Público, “Professores unidos continuam a luta à margem dos sindicatos”, notícia que, na Escola Secundária Quinta do Marques, os docentes convocaram reuniões *on-line* para dias de greve. Esse movimento aconteceu para que a classe fosse ouvida. Margarida Gil, uma professora de 59 anos, efetiva na escola de Oeiras, há mais de duas décadas, é convidada a falar do movimento: “O dia do cordão humano foi a primeira vez que as duas escolas se juntaram e sentimos que estamos todos juntos por uma causa comum” (Professora, 2022).

Em uma visão teórica, o enunciado aponta a classe docente como batalhadora e que reivindica seus direitos para progredir na carreira. Os sujeitos almejam fazer resistência ao governo, enquanto o sistema de educação nacional exerce poder sobre eles. Nesse contexto, os dispositivos mais atuantes são: a escola, o sistema educacional e o governo português. A verdade estabelecida por esse discurso é a necessidade de luta para conquistar os seus direitos. O contraste entre as matérias brasileiras e a portuguesa demonstra que, aqui, a subjetividade é constituída e enfocada a partir das demandas/necessidades dos alunos, enquanto os professores portugueses, na série enunciativa ora analisada, são retratados lidando com questões de sua carreira. Tal discursivização está atrelada às próprias condições de emergência para o discurso em cada veículo. Conhecidamente classificado como neoliberal, o Uol atua como superfície de emergência para inúmeras notícias sobre vestibulares, fazendo circular o discurso do esforço e da meritocracia. Já no contexto português, a inclinação independente favorece a materialização de outras temáticas e de outras perspectivas discursivas.

Dentro do conjunto de reportagens que relacionam a docência a tecnologias, a publicação “Inteligência Artificial e GPT: 3 avanços



e desafios das tecnologias na educação”³ apresenta informações em relação à inteligência artificial (IA), destacando um algoritmo que gera informações de diversas áreas, como o caso do GPT-3, e produz textos que podem ser confundidos com produções feitas por pessoas. O professor Dr. Anderson Soares, da Universidade Federal de Goiás (UFG), define como uma máquina é capaz de realizar determinadas tarefas inteligentes e menciona o *machine learning*. Outro professor, Dr. Paulo Boa Sorte, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), apresenta um vídeo mostrando o funcionamento da ferramenta: “O GPT-3 apresenta uma nova dimensão ao universo dos algoritmos de escrita, pois abrange uma variedade de gêneros textuais e vocabulários, graças a um banco de dados de escala ampliada. Além disso, o algoritmo traz a possibilidade de referenciação de citações, o que demanda, assim como em qualquer produção acadêmica, várias reflexões e enorme cautela” (Afonso, 2023).

O discurso em circulação define como referencial os conhecimentos possíveis neste momento histórico a respeito de uma determinada ferramenta tecnológica e reserva aos professores convidados a falar a posição-sujeito de especialistas no assunto. Assim como ocorre no conjunto de textos sobre provas e vestibulares, eles participam da matéria como vozes de autoridade. A questão da tecnologia aplicada ao ensino apresenta-se como polêmica. Muitos interpretam essa entrada como uma forma de suprimir o quadro docente, gerando economia para as empresas educacionais. Tal escolha

³ AFONSO, Lucas. *Inteligência Artificial e GPT-3: avanços e desafios das tecnologias na educação*. UOL, 2023. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/noticias/inteligencia-artificial-gpt-educacao/3128787.html>>. Acesso em: 25/01/2023.



divide setores da sociedade entre os entusiastas do digital e os defensores da importância do professor presencialmente.

Na matéria portuguesa integrante dessa temática, destacamos a notícia Museu de São Roque que expõe relíquias⁴. Nela, há uma professora explicando o que são as relíquias. Pelo papel que desempenha, figura como uma voz de autoridade. Em uma relação de poder, há uma resistência ao novo, uma forma de conservar memórias, por meio de museus e a própria história portuguesa como dispositivo. Sua fala trata de um relicário da Igreja de São Roque “Um património ímpar pela dimensão religiosa e carácter artístico” e sustenta o posicionamento de a história precisa ser conservada.

O conjunto de enunciados que tematiza as inovações no campo educacional reserva aos professores que dão depoimentos a posição-sujeito de autoridade. Contudo, o campo associado para esses enunciados remonta a memória das polêmicas e as subjetivações negativas de docentes oriundas desses debates: em oposição ao especialista em tecnologia, também é recorrente a caracterização do professor como retrógrado e defasado.

Durante a coleta da pesquisa, o Brasil passava por um período eleitoral. Isso acarretou um grande número de matérias relacionando docência a política. Destaca-se, por exemplo, a publicação brasileira⁵ tratando de o governo ter abandonado o acompanhamento e a avaliação de cotas desde

⁴ *MUSEU de São Roque expõe relíquias*. **Correio da Manhã**, 2023. Disponível em <<https://www.cmjornal.pt/c-studio/especiais-c-studio/por-boas-causas/detalhe/20221110-1054-museu-de-sao-roque-expoe-reliquias>>

⁵ MADEIRO, Carlos. *Governo abandonou acompanhamento e avaliação de cotas desde 2017, diz TCU...* - Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/11/08/governo-abandonou-acompanhamento-e-avaliacao-de-cotas-desde-2017-diz-tcu.htm?cmpid=copiaecola>. **UOL**, 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/11/08/governo-abandonou-acompanhamento-e-avaliacao-de-cotas-desde-2017-diz-tcu.htm>>



2017. Para tratar da questão, uma educadora e os ministros do Tribunal de Contas da União são convocados a falar, como vozes de autoridade. Nesse enunciado, o governo brasileiro e as universidades atuam como dispositivos. Eles trabalham para o estabelecimento de uma visão positiva sobre as cotas e negativa sobre o acompanhamento governamental.

A notícia de solos portugueses pertencente a esse grupo temático, trata do Conselho Nacional da Educação⁶, que espera “compromisso histórico” entre professores e Governo. A rede discursiva versa sobre a classe docente, crise e desavenças com o governo português. O enunciado retoma memórias a respeito da carreira docente portuguesa, possuindo o presidente do CNE, como voz de autoridade. Os dispositivos encontrados foram a educação, governo português e o Conselho Nacional da Educação (equivalente ao Ministério da Educação, no Brasil). A verdade estabelecida é que há as reivindicações de condições trabalhistas e salariais, mas a classe já não responde às necessidades da sociedade portuguesa, pois é preciso tornar a carreira mais atrativa para que os alunos escolham ser educadores por meio do ensino superior.

O conjunto das publicações analisadas evidencia que a polêmica no nível das práticas políticas atravessa também a esfera da subjetivação do docente. A posição-sujeito de autoridade e de crítico disputam espaço com a posição-sujeito de profissional desatualizado e desvalorizado. A descrição desse processo aponta referenciais nos quais o saber sobre o docente e a sua subjetivação se apresentam regularmente discursivizados de forma positiva,

⁶ *Conselho Nacional da Educação espera “compromisso histórico” entre professores e Governo. Correio da Manhã, 2023.* Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/conselho-nacional-da-educacao-espera-compromisso-historico-entre-professores-e-governo?ref=Pesquisa_Destaques>. Acesso em: 01/02/2023.



enquanto outros referenciais, posto que polêmicos, atualizam as posições-sujeito e as subjetividades decentes negativas, ainda que sub-repticiamente. Apesar do entendimento de que todos os temas constituem a dinâmica da existência desse profissional, tal rastreio indica melhores caminhos para estratégias comunicativas quando se trata da tentativa de formar uma imagem pública da categoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematização das análises demonstrou uma recorrência temática nas matérias dos veículos estudados. No Brasil, predominam notícias e reportagens sobre provas de vestibulares; questões sociais do alunado; inovações em sala de aula e questões políticas relacionadas à docência. Em Portugal, não se verificou a presença do primeiro grupo temático, dado o sistema educacional diferenciado, sem provas de vestibulares. No primeiro grupo, a posição-sujeito destinada aos professores é de autoridade no assunto, portanto positiva. No segundo grupo, a posição-sujeito a partir da qual os docentes falam torna-se rarefeita, posta a variedade de temáticas abarcadas nesse critério. As subjetividades constituídas oscilam entre positivas e negativas. No terceiro grupo, a constituição discursiva repete a do grupo 1, fornecendo ao professor a posição-sujeito de autoridade. No quarto grupo, a diferença entre os países novamente se destaca: enquanto em Portugal a tônica do referente é sobre as lutas da categoria pela valorização da profissão, no Brasil, também há discussões a respeito do posicionamento político de esquerda/direita dos professores. A resistência docente pôde ser verificada fortemente pela atuação discursiva e não discursiva demarcada no quarto grupo de matérias e também pelo trabalho em busca da manutenção da



posição-sujeito de autoridade tanto em temas caros à docência, quanto em questões de inovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Lucas. Cecierj oferece mais de 6 mil vagas em Pré-Vestibular 2023 gratuito. **UOL**, 2023. Disponível em: <<https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/noticias/cecierj-oferece-mais-de-6-mil-vagas-em-pre-vestibular-2023-gratuito/354115.html>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

ARAÚJO, Matheus. Professor que denunciou racismo na UnB é constrangido durante conferência. **BOL, UOL**, 2022. Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2022/11/25/conferencia-na-unb-reacende-discussao-sobre-racismo-institucional.htm>>. Acesso em 11 nov. 2023.

BAZZA, Adéli Bortolon. A constituição da subjetividade no discurso do idoso sobre si. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 449-464, set./dez. 2016.

BAZZA, Adéli Bortolon. **Ser Idoso na Atualidade** - Subjetividade e discurso. Guarapuava: UNICENTRO, 2018.

BAZZA, Adéli Bortolon. O professor em discurso: subjetividade e poder. **Heterotópica**, v. 4; n. 1, jan.-jun. 2022.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.



FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2005a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 6 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016. p. 363-406.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, Saulo Pereira. Racismo, armas e aporofobia são temas no 2º dia de prova da Unicamp. **UOL**. 2022. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/12/11/racismo-armas-e-aporofobia-sao-temas-no-2-dia-de-prova-da-unicamp.htm>> Acesso em: 31 jan. 2024.

PROFESSORA cria álbum de figurinhas da Copa do Mundo para crianças na fase de alfabetização. **RECREIO UOL**, 2022. Disponível em:<<https://recreio.uol.com.br/noticias/escola/professora-cria-album-de-figurinhas-da-copa-do-mundo-para-criancas-na-fase-de-alfabetizacao.phtml>> Acesso em: 25 nov. 2023.

PROFESSORES unidos continuam a luta à margem dos sindicatos, **Correio da Manhã**, 2023. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/professores-unidos-continuam-a-luta-a-margem-dos-sindicatos>. Acesso em 22 jan. 2024.

SOMMER, Luiz Henrique. A ordem do discurso escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.



TANCREDI, Silvia. Confira como é a redação do Vestibular da Fuvest. **UOL**, 2023. Disponível em: <<https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/noticias/confira-como-e-a-redacao-do-vestibular-da-fuvest/354042.html>>. Acesso em: 23 fev. 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo. O segundo domínio: o ser-poder In: VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.65-93.

VEYNE, Paul. **Como Se Escreve a História**: Foucault revoluciona a história. 4. ed. Brasília, DF: Ed. da Universidade de Brasília, 1998.

VOSS, Jefferson; NAVARRO, Pedro. Sobre o conceito de formação discursiva em Foucault e o tratamento de objetos da mídia. *In*: POSSENTI, Sirio; BENITES, Sonia Aparecida Lopes. **Estudos do Texto e do Discurso: Materialidades diversas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

Data de recebimento: 06/02/2024

Data de aprovação: 28/03/2024



QUEM ACENDEU O PAVIO? A PRÁTICA DE ENSINO COM O GÊNERO CANÇÃO À LUZ DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E DA PERSPECTIVA ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

WHO LIT THE FUSE? TEACHING PRACTICES WITH THE SONG GENRE IN LIGHT OF HISTORICAL-CRITICAL PEDAGOGY AND THE ENUNCIATIVE-DISCURSIVE PERSPECTIVE

Rodrigo GONÇALVES DIAS PITTA¹

Sheila Cristina Trevisol GUIMARÃES²

Maria Amélia Dalvi SALGUEIRO³

RESUMO

Trata-se de uma abordagem concernente a práticas pedagógicas com o gênero canção. Como base teórico-metodológica no plano linguístico, amparamo-nos nas concepções de língua, linguagem e gênero do discurso, conforme aquelas desenvolvidas pelo círculo de Bakhtin; no campo educacional, recorremos a teoria crítica da educação, a saber, a Pedagogia Histórico-Crítica, idealizada por Saviani e desenvolvida coletivamente por pesquisadores. Evidenciamos as contradições inerentes ao sistema capitalista e seus reflexos na língua, nos gêneros e nos processos educacionais. Defendemos a abordagem ampla dos enunciados, observando sua historicidade, assim como as particularidades do gênero em estudo, indo além do gosto pessoal e das fórmulas espontaneístas no desenvolvimento das práticas de

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rodrigopitta@hotmail.com.

² Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: sheilatrevisolg@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: dalvimariaamelia@gmail.com.



ensino. Por fim, analisamos brevemente a canção “Pavio do destino”, abordando os reflexos das contradições sociais por ela evidenciadas.

PALAVRAS-CHAVE

Pedagogia Histórico-Crítica; Círculo de Bakhtin; Gênero; Canção.

ABSTRACT

This study addresses pedagogical practices related to the song genre. The theoretical and methodological foundation, on the linguistic level, is grounded in the concepts of language, discourse, and genre as developed by the Bakhtin Circle. In the field of education, we turn to the critical theory of education, namely, Historical-Critical Pedagogy, conceived by Saviani and collectively developed by researchers. We highlight the contradictions inherent in the capitalist system and their reflections in language, genres, and educational processes. We advocate for a comprehensive approach to utterances, considering their historicity as well as the specificities of the genre under study, going beyond personal preferences and spontaneous formulas in the development of teaching practices. Finally, we briefly analyze the song “Pavio do destino,” addressing the reflections of the social contradictions it brings to light.

KEYWORDS

Historical-Critical Pedagogy; Bakhtin Circle; Genre; Song.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos possibilidades pedagógicas com o gênero canção, amparadas na concepção enunciativo-discursiva da língua conforme o Círculo de Bakhtin e nos estudos acerca do campo educacional orientados pela Pedagogia Histórico-Crítica.

Entendemos que os escritos de Volóchinov (2021) acerca da língua e da linguagem, sobretudo, por sua vertente marxista dentro do Círculo, incorporam os processos socioideológicos que as influenciam. Sua base no



materialismo histórico-dialético explicita a luta de classes no interior dos signos, que são ideológicos: “O signo transforma-se na arena da luta de classes” (Volóchinov, 2021, p. 113). Desse modo, percebemos a sua afinidade com os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica, a qual, como teoria crítica da educação, desvela as contradições das teorias hegemônicas no seio de uma sociedade estruturada em classes sociais com interesses antagônicos.

O estudo dos gêneros do discurso (Bakhtin, 2016), por sua vez, considerando sua historicidade, conforme veremos adiante, deve-se seguir a partir da totalidade do enunciado (Brait; Pistori, 2012). Assim, ao definirmos o gênero canção como objeto de estudo, é preciso atentar para suas especificidades, uma vez que se trata de um gênero híbrido, com aspectos musicais e verbais, sendo, por isso, literomusical. Ademais, toda canção é não apenas lida ou ouvida, mas performada e interpretada.

Conforme tais considerações, propomos, além da discussão acerca da noção de gênero, das concepções de língua/linguagem e do papel da Pedagogia Histórico-Crítica na sistematização e socialização do saber elaborado, uma breve análise da canção “Pavio do destino” (2005), do compositor capixaba Sérgio Sampaio. A composição remete às condições materiais que geram a violência em nossa sociedade, refletindo os aspectos da realidade de uma sociedade capitalista, logo, marcada por contrastes sociais, disparidade e exclusão.

A COMPLEXIDADE DO GÊNERO CANÇÃO NA PERSPECTIVA ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

Ao partir do pressuposto de que a contradição social também se faz presente na língua/linguagem e nas outras formas pelas quais os seres



humanos se comunicam, podemos considerar que (Bakhtin, 2016) os gêneros são inúmeros, de maneira que surgem novos tipos, conforme o desenvolvimento das sociedades e as mudanças nas relações sociais. Desse modo, nos novos gêneros se conserva algo dos antigos, ao mesmo tempo em que esses elementos antigos são transformados pelo novo. Isso significa que o contexto de produção, o modelo de sociedade, a língua e a historicidade dos enunciados trazem ao gênero uma estabilidade relativa. De acordo com o autor, “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 12).

Por essa perspectiva, entendemos por que são inúmeros os gêneros do discurso e como muitos outros podem vir a ser criados, consoante às necessidades sociais de cada período, uma vez que derivam da atividade humana, a qual é de natureza social e histórica, gerando constante movimento e transformação, estreitamente ligada às formas de enunciação. Por esse viés, a linguagem e os gêneros discursivos se relacionam como produtos da atividade humana concreta. Sua materialização se dá nos processos de interação social, por isso são ideologicamente marcados.

Acerca das relações entre a ideologia e seus reflexos na língua e, conseqüentemente, nos gêneros do discurso, recorreremos ao conceito de meio ideológico explicitado por Medviédev:

O meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade. De fato, a consciência individual só pode tornar-se uma consciência quando é realizada nessas formas presentes no meio ideológico: na língua, no



gesto convencional, na imagem artística, no mito e assim por diante (Medviédev, 2019, p. 56).

Tais afirmações nos levam a perceber como se entrelaçam as concepções de gênero do discurso, língua, linguagem e ideologia nos escritos produzidos pelos integrantes do Círculo de Bakhtin, denotando a organicidade da perspectiva enunciativo-discursiva em face das relações entre língua, indivíduo e sociedade.

Acerca das peculiaridades dos gêneros, Bakhtin (2016) traça uma distinção não normativa, mas flutuante, uma vez que pode ser alterada conforme o enunciado, o tempo, a finalidade e o auditório específico. Ele os divide em primários e secundários.

Os gêneros primários são aqueles formados “nas condições da comunicação discursiva imediata” (Bakhtin, 2016, p. 15), adequados à cotidianidade, tais como os diálogos cotidianos e espontâneos, a carta pessoal, os chistes, entre outros, ou seja, não comportam uma elaboração complexa. Em geral, também não são produzidos tendo suportes de longa duração, tendendo, pois, ao “desaparecimento” na própria situação de sua produção.

Os gêneros secundários, por sua vez, são considerados complexos por advirem “de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (Bakhtin, 2016, p. 15). Logo, além dos documentos formais, das leis, dos textos científicos, encontram-se, nesse nicho, os gêneros escritos com finalidade artística, tais como o conto, o romance, o poema, a canção. Logicamente, considerando a relativa estabilidade dos gêneros, uma piada ou uma fala coloquial podem ser inseridos em um romance, tornando-se parte de um gênero complexo.



Com base em Medviédev, Brait e Pistori (2012) apresentam suas considerações acerca dos gêneros do discurso:

[...] **gênero** é o conjunto de modos de orientação coletiva dentro da realidade, encaminhando para a conclusão de que, por meio do gênero, é possível compreender novos aspectos da realidade, ou, em outras palavras, a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo da comunicação, ligados de forma estreita ao **pensar** (Brait; Pistori, 2012, p. 385 – grifos das autoras).

As autoras alertam para o risco de se analisar isoladamente os elementos que Bakhtin entende que diferenciariam um gênero discursivo de outro: tema, forma composicional e estilo. Fazê-lo limitaria a compreensão do enunciado que se realiza como um gênero discursivo em dada trama discursiva, o que terminaria por mascarar a realidade por ele refletida:

Nos trabalhos aqui evocados, o objeto para a reflexão sobre os gêneros do discurso é o **enunciado como totalidade**, que se produz em espaço e tempo reais, implicando auditório, recepção, dupla orientação na realidade. Sem essa compreensão, corre-se o risco de deixar de lado a **interioridade**, a organização do material, aí incluídos os elementos linguísticos, ou a **exterioridade constitutiva**, relacionada, por exemplo, às esferas ideológicas. E, então, a redução a estilo, forma de composição e tema pode significar o abandono da totalidade do enunciado, de sua dupla orientação, do tema. Não é demais repetir que o Círculo, sem dispensar os aspectos formais da língua, propõe a articulação necessária com um novo ponto de vista, isto é, a totalidade do enunciado, afirmando que **cada gênero possui determinados princípios de seleção, determinadas formas de visão e concepção da realidade, determinados graus na capacidade de abarcar e na profundidade de penetração nela**, que o tema deriva do enunciado completo, enquanto ato socio-histórico determinado, inseparável tanto da situação da enunciação quanto dos elementos linguísticos (Brait; Pistori, 2012, p. 397 – grifos das autoras).



Essas considerações nos esclarecem a necessidade de observar o gênero canção a partir de sua integralidade e totalidade como enunciado literomusical, que sofre as influências de inúmeros fatores, incluindo a complexa relação entre a arte e a indústria cultural, as escolhas do artista e a produção musical como instância coletiva, a dimensão performática como constitutiva da obra, a linguagem e o público ao qual se destina dentro de um determinado contexto histórico e como tais elementos refletem a realidade em períodos posteriores.

Isso significa que a canção, concebida como gênero do discurso, no processo de interlocução, remete a sujeitos socio-historicamente constituídos. Suas marcas estruturais, seus temas e o estilo empregado resultam das relações dialéticas entre o sujeito e a sociedade, de maneira que os traços de cada época, os pressupostos ideológicos e as condições materiais de produção/circulação/recepção são elementos imprescindíveis a sua compreensão. Por se tratar de gênero híbrido (que aglutina letra, música e performance – e, neste último caso, nem sempre a performance é apenas do artista que assina a canção) a questão é ainda mais complexa, pois comporta enunciados construídos a partir do diálogo entre os âmbitos verbal, musical e performático, articulados pela relação indissolúvel entre eles.

O ESTUDO DA CANÇÃO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Na condição de teoria crítica da educação, por isso, contra-hegemônica, a Pedagogia Histórico-Crítica visa à prática social como ponto de partida e de chegada do processo educativo (Saviani, 2011). Pelo viés do materialismo histórico-dialético, essa teoria entende que o modo de produção capitalista se funda em classes sociais com interesses antagônicos, reconhece a



complexidade do ser humano e as relações contraditórias que regem as sociedades, estabelecendo disparidades que as dividem, em linhas gerais, entre dominantes e dominados.

Se as teorias hegemônicas visam romper a hierarquia entre os conteúdos a serem desenvolvidos na educação formal, enfatizando as formas cotidianas e o direcionamento a postos de trabalho, a Pedagogia Histórico-Crítica, sem negar a existência de outros saberes legítimos e válidos (mas que, todavia, podem ser socializados em outros espaços e tempos), vai de encontro a essas propostas. Essa teoria preza pela transmissão, na escola, dos saberes histórica e coletivamente produzidos pelos seres humanos (conhecimentos artísticos, científicos e filosóficos) que podem possibilitar um salto qualitativo no desenvolvimento do psiquismo dos estudantes. Por esse viés, objetiva-se que estejam preparados para a intervenção consciente na própria realidade (não apenas reproduzindo o cotidiano alienado ou se inserindo na lógica do mercado de trabalho).

Com isso, pretende contribuir para a superação das contradições sociais, elevando culturalmente a classe dominada, a fim de que se conscientize, planeje e transforme o modo social de produção em vigor, cunhado pelo capitalismo.

Segundo Saviani:

Os trabalhadores, entretanto, não podem aspirar à hegemonia sem passar de condição de classe-em-si para a condição de classe-para-si, o que implica a elevação cultural das massas, que é obra da educação. A elaboração de uma teoria da educação radicalmente crítica se põe, portanto, como um instrumento necessário para orientar a intervenção deliberada e sistemática nos vários níveis e modalidades da rede de ensino, visando assegurar a toda a população uma educação de elevado padrão de qualidade, adequado aos seus interesses e às suas necessidades (Saviani, 2019, p. 236).



Uma educação que vise à superação do sistema opressor passa pela sistematização, socialização e apropriação dos conteúdos escolares clássicos (no sentido de aqueles que já são dominados pelos dominantes e que mantêm uma relevância explicativa em relação à concreticidade da vida natural e cultural), incluindo as manifestações artísticas em seus diversos gêneros. Tais gêneros abarcam, é bom retomar, para além de temas, estilos e formas composicionais aquilo que Brait e Pistori (2012) pontuam: espaço e tempo reais, auditório, recepção, dupla orientação na realidade, organização do material, esferas ideológicas, princípios de seleção, visão e concepção de mundo, capacidade e profundidade ao abarcar e penetrar na realidade, questão do valor e das formas de acesso e circulação dessa produção – enfim, a totalidade do enunciado.

Como prática social no espaço escolar, a canção pode contribuir para o desenvolvimento psíquico do estudante em conjunto com os demais saberes imprescindíveis à complexificação do pensamento. Porém, isso deve ocorrer com foco na totalidade do enunciado.

Os saberes elaborados que possibilitam a compreensão crítica do mundo (seja ele natural, cultural ou ambos), selecionados pelos critérios de relevância socio-histórica e de capacidade explicativa, didatizados na forma de conteúdos clássicos, tendem a contribuir para uma melhor objetivação da realidade, que se transforma continuamente e, portanto, não pode ser capturada ou reproduzida em conceitos essencialistas, dogmáticos ou enrijecidos. A apropriação, então, de conceitos que incorporam a historicidade, tende a favorecer o desenvolvimento de um psiquismo que não seja dicotômico, polar, parcial e, portanto, tende a viabilizar a formação de sujeitos menos maniqueístas e mutilados, com uma subjetividade mais complexa e íntegra.



Como uma possibilidade de prática de ensino, observamos que o gênero canção, no contexto brasileiro, se bem selecionado e didatizado, possui atributos que o qualificam como um conteúdo relevante para o desenvolvimento integral dos estudantes, desde que esteja aliado à análise dos processos históricos e sociais inerentes a cada enunciado, assim como à análise de seus reflexos na contemporaneidade. A canção é difundida massivamente em ambientes diversos, mas a qualidade musical do que é transmitido aos ouvintes por mídias distintas, acessíveis às massas, é questionável. Logo, é preciso trazer ao espaço escolar canções que apresentem qualidade em sua complexidade artística, histórica, social e com possibilidade de aprofundar a compreensão da realidade humana, quer individual, quer coletiva.

Concernente a esse gênero discursivo e a seus reflexos nas práticas de linguagem, de maneira que se articulem as necessidades pedagógicas e a canção como objeto de ensino, Guedes (2016) afirma:

Compreendemos, portanto, a relevância social e cultural da canção como prática de linguagem, não apenas pelos breves recortes históricos de que utilizamos para situar a historicidade do gênero canção, mas por percebermos, também, a existência de um diálogo entre a canção, por ser uma prática de linguagem e um gênero discursivo, e o ensino de língua portuguesa, que se ocupa da linguagem e do tratamento dos gêneros como objeto de ensino (Guedes, 2016, p. 24).

Logicamente, uma prática de ensino que aborde a canção como um de seus objetos precisa que haja um trabalho sistemático, no sentido de organização da proposta pedagógica, com foco no dialogismo para que, dialeticamente, a percepção da realidade objetiva seja provocada no estudante.

Em diversos materiais didáticos, em exames para concursos públicos e em avaliações em larga escala, tais como o Enem (Exame Nacional do Ensino



Médio), deparamo-nos com o gênero canção como objeto de análise, seja pelos aspectos semânticos, seja pelos elementos gramaticais. Entretanto, o foco das análises se restringe quase sempre aos aspectos verbais do enunciado, isolando a letra, quer do contexto de produção/circulação/recepção, quer do conjunto da obra do artista, quer das dimensões musicais e performáticas.

Desse modo, a canção muitas vezes é tratada como um gênero escrito com o propósito de ser lido, ou declamado, não cantado. Assim, as peculiaridades sonoras, as entonações e o processo de significação denotado pelos aspectos melódicos passam despercebidos pelo estudante, tornando limitada sua compreensão acerca do enunciado. Acerca dessa questão, Rocha (2018) defende que:

De fato, o lugar da canção, no universo acadêmico, é deveras movediço, justamente por ser ela um saber multidisciplinar, que se move entre a poesia e a música – o que, inclusive, gera questões sobre se compositor é mais músico do que poeta ou se poderíamos dizer que determinados compositores, como *Chico Buarque* [grifo nosso], podem ser chamados de poetas. Na verdade, por trás desse tipo de questionamento descortina-se a ainda pouca clareza de que poema e canção são gêneros distintos ou, ademais, que letra de canção é apenas uma parte do todo constitutivo do gênero (Rocha, 2018, p. 29).

Assim, as especificidades da canção, como gênero do discurso, devem ser objeto de trabalho pedagógico planejado, intencional e sistematizado, pois seus elementos constitutivos são imprescindíveis à produção de sentido. Segundo Napolitano (2002):

Palavras e frases que ditas podem ter um tipo de apelo ou significado no ouvinte, quando cantadas ganham outro completamente diferente, dependendo da altura, da duração, do timbre e ornamentos vocais,



do contraponto instrumental, do pulso e do ataque rítmico, entre outros elementos (Napolitano, 2002, p. 80).

Além disso, a complexa relação entre o artista, o processo de composição, o público e a indústria cultural deve ser trazida à discussão para que se entendam os processos sociais e históricos que participam da totalidade de cada enunciado. Por tais razões, a escola deve ultrapassar as ideias espontaneístas, as quais se atêm ao que seria de suposto interesse para os alunos sem que de fato atenda a suas necessidades formativas. Caso o ambiente escolar ofereça apenas os enunciados já dominados pelos estudantes, as canções que se repetem no cotidiano, os alunos deixarão de experimentar novas possibilidades com esse gênero, de maneira que continuarão a reproduzir os enunciados difundidos para as massas.

Cabe ressaltar que não estimulamos a discriminação acerca das produções apreciadas pela maioria do corpo discente, mas defendemos que seria relevante para sua formação o conhecimento de obras que apresentem um grau de labor artístico dotado de complexidade.

Na próxima seção, abordaremos uma possibilidade pedagógica, empregando uma canção, cujo teor remete à reflexão acerca de uma realidade marcada pela exclusão e pela violência promovidas por um sistema hegemônico-burguês.

OS REFLEXOS DA REALIDADE OBJETIVA, CONTRADIÇÕES E IRONIA EM “PAVIO DO DESTINO”

Em 1994, o compositor capixaba Sérgio Moraes Sampaio, cujo nome artístico era Sérgio Sampaio, antes de morrer, deixara uma gravação em fita cassete contendo 50 canções, algumas delas perceptivelmente com recursos



caseiros. Ao conhecer a ex-mulher deste artista, o cantor e compositor Zeca Baleiro, em 2005, recebeu essa fita; trabalhou na remasterização do material, acrescentou instrumentos já que, originalmente, foram gravados com apenas voz e violão e lançou, em 2006, o álbum *Cruel*, projeto inacabado pelo compositor capixaba em razão de sua morte⁴.

Antes disso, sempre seguindo uma direção contrária ao que lhe era exigido pelo mercado fonográfico, Sérgio Sampaio fora tratado como um pária por sua postura anticonvencional, sua rebeldia constante, sua vida atribulada, o consumo excessivo de álcool e apresentações públicas que desagradaram público e mercado.

Independentemente da construção de uma imagem de artista popular, e sem trabalhar na direção de consolidar uma imagem de “bom moço”, o compositor buscou posicionar-se com independência. O sucesso avassalador de “Eu quero é botar meu bloco na rua” (1972), apresentado em um festival e lhe rendendo um Troféu Imprensa no ano seguinte, não estagnou sua criatividade. Em vez disso, o artista buscou experimentações em sua obra, dialogando com o samba, o choro, o *reggae*, o brega, explorando os reflexos da realidade objetiva na sociedade e diretamente em sua carreira artística. Recebeu a alcunha de “maldito”, termo hoje cultuado por representar indivíduos que atuaram à margem da indústria cultural, priorizando o processo criativo e sem prescindir de suas convicções e ideais.

Segundo Barbosa:

Como uma mônada dos anos de chumbo na vida cultural brasileira nos anos 1970, o compositor traz tanto em seu viver como em sua obra

⁴ Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/noticia/cruel-2006-as-cancoes-perdidas-de-sergio-sampaio/>, acessado em 16 de out. de 2023, às 16h40.

as marcas das arbitrariedades pelas quais o Brasil se viu submetido naqueles tempos. Isso se pode ler tanto em “Eu quero é botar meu bloco na rua”, como em sua recusa em ceder aos apelos mercadológicos e, em nome dos princípios de padronização da indústria cultural, compor novos “blocos na rua”, novos *hits* que apenas reproduziriam de maneira esquemática aquela canção de sucesso. Há no binômio obra-corpo uma presença indelével do tempo histórico. Com ele e contra ele, é necessário frisar. Em Sérgio Sampaio, será quase sempre contra, pois um dos sinais daqueles tempos arbitrários era justamente a normatização do artista aos padrões da indústria, tanto no aspecto especificamente musical, como na adequação de sua *persona* ao gosto do público (Barbosa, 2018, p. 110).

Seu labor artístico refletiu por vezes o ostracismo ao qual fora condenado pelo mercado fonográfico, denotando uma luta incessante pelo reconhecimento de sua obra e, obviamente, pelo seu sustento. Entretanto, mais do que uma forma sintética de representar o mundo, o cancionário de Sérgio Sampaio expõe a dialética das relações sociais marcadas pela agressividade do sistema capitalista.

O álbum *Cruel* comporta a maturidade artística, equilibrando o cuidado estético, a criticidade ao meio social e ao tempo histórico em processo, o lirismo amoroso de quem foi amadurecendo suas relações mais íntimas e, além disso, o humor ácido, denotado pelas formas irônicas em algumas canções. Tal manifestação artística, por seu grau de complexidade, pode contribuir de modo significativo com a formação dos sujeitos no espaço escolar.

Ao visar a uma discussão acerca da potencialidade do gênero canção na prática pedagógica, desde que sejam considerados os elementos que possibilitem um salto qualitativo na aprendizagem dos estudantes, indo além do gosto pessoal, faremos uma breve análise de alguns elementos da canção “Pavio do destino”. Especificamente, discorreremos acerca da nona faixa (do total de catorze) do álbum póstumo do compositor em questão,



sem esquecer que aqui apontamos apenas para uma das muitas dimensões que devem constituir o processo pedagógico:

O bandido e o mocinho,
são os dois do mesmo ninho
Correm nos estreitos trilhos,
lá no morro dos aflitos
Na Favela do Esqueleto,
são filhos do primo pobre
A parcela do silêncio
que encobre todos os gritos
E vão caminhando juntos,
o mocinho e o bandido
De revólver de brinquedo,
porque ainda são meninos

Quem viu o pavio aceso?
Do destino
Quem viu o pavio aceso?
Do destino

Com um pouco mais de idade
e já não são como antes
Depois que uma autoridade
inventou-lhes um flagrante
Quanto mais escapa o tempo
dos falsos educandários
Mais a dor é o documento,
que os agride e os separa
Não são mais dois inocentes,
não se falam cara-a-cara
Quem pode escapar ileso
do medo e do desatino?



Quem viu o pavio aceso?

Do destino

Quem viu o pavio aceso?

Do destino

O tempo que é pai de tudo

e surpresa não tem dia

Pode ser que haja no mundo

outra maior ironia

O bandido veste a farda

da suprema segurança

O mocinho agora amarga

um bando, uma quadrilha

São os dois da mesma safra

os dois são da mesma ilha

Dois meninos pelo avesso,

dois perdidos Valentinos

Quem viu o pavio aceso?

Do destino

Quem viu o pavio aceso?

Do destino⁵

Introduzindo a primeira estrofe, os sons do violoncelo e do violão são desenvolvidos em um movimento lento, denotando a sonoridade o sentimento melancólico que se estendem por toda a canção. A situação inicial da narração que compõe a letra apresenta os dois personagens: duas crianças marcadas pela pobreza, que brincavam de “mocinho e bandido”, brincadeira também conhecida, na infância de muitos, como “polícia e ladrão”.

⁵ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sergio-sampaio/715573/pavio-do-destino-print.html>, acesso em 16 de out. de 2023, às 18h07.



Numa perspectiva socio-histórica, o jogo exercido por essas crianças comporta a antítese representada pelos pares opostos bandido x mocinho, os quais reproduzem a complexidade do tecido social, em que a autoridade governamental opõe-se aos grupos marginalizados socialmente.

Provavelmente com a finalidade de manter o jogo de rimas, o primeiro personagem citado é o “bandido”, seguido do termo “mocinho”, que rima com “ninho” no final do verso seguinte. Consoante à perspectiva enunciativo-discursiva do Círculo de Bakhtin, os termos que definem as personagens comportam os estigmas socialmente difundidos, cuja valorização ocorre com o termo “mocinho” (a autoridade, a lei), ao passo que o seu oposto, o “bandido”, carrega o ônus da condenação pela sociedade antes mesmo do devido processo legal, expondo a relação maniqueísta entre o bem x o mal.

Acerca da origem das personagens, percebemos o campo semântico que reflete a dialética social, abrangendo os elementos relacionados à pobreza: favela, morro dos Aflitos, primo pobre, mesmo ninho. Isso revela que os dois meninos são irmanados e, por estarem inseridos nesse contexto de exclusão, silenciados pelo sistema, conforme explicitado no verso “a parcela do silêncio”. O narrador tenta promover o desmonte da imagem de marginalidade imposta socialmente às personagens, quando ainda crianças, explicando que o revólver era um brinquedo usado em uma brincadeira infantil. O lirismo se intensifica ao aumentar o tom de voz na pronúncia de “meninos”, em que a vogal “e” é alterada para “i”, aproximando-se da realização oral e popular “mininus”⁶.

⁶ Nesse processo, ocorreu o fenômeno da harmonia, ou harmonização vocálica, em que há troca das vogais médias /e/ e /o/ pelas vogais altas /i/ e /u/, denotando o processo de variação linguística.

No refrão, executado pelo coro, a pergunta feita pelo narrador problematiza as consequências sofridas pela população em decorrência de um sistema excludente e violento, o qual se alimenta dessas disparidades sociais ao passo que alimenta o surgimento da criminalidade nesses espaços. O termo “pavio” pode representar o cordão ou barbante que é usado para acender uma vela, ou, consoante o contexto da canção, um artefato explosivo, já que seu complemento “do destino” sugere um desfecho desfavorável num ambiente de tensão.

Na estrofe seguinte, a narrativa apresenta um salto temporal em que as personagens são vítimas de uma artimanha policial para incriminá-las. Ao expor, ironicamente, que “uma autoridade inventou-lhes um flagrante”, o narrador tece uma crítica ao sistema que, utilizando-se de suas forças de segurança, ao invés de proteger os cidadãos, elimina as opções de superar a condição de miséria, relegando os sujeitos à marginalidade. O resultado dessa intervenção das forças oficiais na vida dos indivíduos é o afastamento dos dois irmãos, o trauma, a revolta após a condenação cumprida em um “falso educandário”. Essa expressão, inclusive, comporta a crítica às instituições as quais deveriam promover a ressocialização do indivíduo em lugar de projetá-lo para a criminalidade. Então, a violência do Estado funciona como mais um impulso para o desfecho trágico dessa canção, reforçando a consciência crítica em relação ao papel estatal na organização dos interesses da classe antagônica aos meninos pobres.

A partir do quinto verso da terceira estrofe, ouve-se novamente o violoncelo, num movimento melancólico, acrescido de acordes de guitarra. No refrão, ao coro é acrescida a cuíca, instrumento popular amplamente utilizado na execução de sambas, intensificando o sentimento de tristeza.

Na estrofe seguinte, o narrador apresenta a concepção de ironia concernente à inversão de posicionamento social, rompendo uma fantasiosa



expectativa. O fato de os meninos assumirem, no jogo infantil, os postos antagônicos “mocinho” e “bandido”, que denotam valores sociais difundidos de forma esquemática (e, portanto, isenta de criticidade), não significa que necessariamente estariam determinados por esses papéis no decorrer da vida. A falta de oportunidades, a violência e a injustiça sofridas provavelmente os manteria à margem da sociedade.

Contudo, nessa narrativa, a ironia eventual se dá na transformação do “bandido” em um agente da segurança pública, ironizada pela expressão “suprema segurança”, ou seja, ele se tornou um reproduzidor da mesma violência a qual sofrera na infância. Já o “mocinho” permaneceu na esfera da marginalidade, cumprindo o desígnio estabelecido pelo poder hegemônico a pessoas de sua origem. Há aqui, portanto, uma rasura e subversão às expectativas do próprio receptor, pela evidenciação de que o papel de policial ou criminoso é distribuído socialmente de modo quase aleatório, de tal forma que podem ser compreendidos como faces de uma mesma moeda. Ao abordar a expressão “amarga um bando, uma quadrilha”, o enunciador expõe a crueza da realidade objetiva na qual não há glamorização da criminalidade. O sofrimento mais do que permanece, ele se intensifica.

Os signos empregados ao explicitar as consequências dos acontecimentos na trajetória das personagens, “safra”, “ilha” e “avesso”, são metáforas que sinalizam o contexto que os gerou, colocando-os em circunstâncias opostas. Entretanto, não se trata da fórmula maniqueísta do bem contra o mal, pois ambos exercem a função de agentes da violência: uma institucionalizada e a outra não. Ambos continuam, segundo o narrador, “perdidos Valentinos”, com aumento da voz neste último termo, enfatizando a sílaba tônica, a fim de intensificar o lirismo da canção. O termo “Valentino” pode ser o nome próprio, que por sua vez deriva



do latim *valentinus*, diminutivo de *valens*, ou seja, valente, cheio de vigor. A valentia foi considerada em decorrência dos esforços dos meninos em prol de sua sobrevivência em condições tão adversas. Obviamente, não seriam imunes à pressão sofrida ao longo da infância. Finalmente adultos, eles continuam a portar revólveres, porém não são mais de brinquedo.

Em relação à performance musical de Sérgio Sampaio, recuperada e remasterizada pelo trabalho de Zeca Baleiro, fica patente que o trânsito entre os papéis de mocinho e bandido, de inocente e culpado é também aquele mesmo que marcou a história do artista em sua relação com o mercado: ora recebendo as benesses do sistema, ora se pondo na linha de frente da oposição à lógica do mercado fonográfico.

Em um contexto escolar, a complexidade desse enunciado deve ser explorada com foco em sua totalidade, considerando os aspectos literomusicais e as significações por eles constituídas. Além disso, a historicidade subjacente a essa canção e os reflexos da realidade objetiva que ela comporta na contemporaneidade constituem uma potente forma de diálogo com o cotidiano de grande parcela da população, demonstrando a articulação entre ética, momento histórico, qualidade estética e repertório cultural. E tais fatores devem ser considerados no desenvolvimento das práticas pedagógicas, direcionadas à prática social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, apresentamos, à luz da Filosofia Enunciativo-Discursiva da Linguagem e da Pedagogia Histórico-Crítica, uma defesa do trabalho pedagógico com o gênero canção, amplamente difundido socialmente na realidade brasileira. A partir da discussão sobre a indivisibilidade do gênero



(Brait; Pistori, 2012) e da necessidade de considerá-lo em sua totalidade, ressaltamos que tal trabalho pedagógico não poderia restringir-se à análise da letra ou da linguagem verbal.

Ao considerar a complexa relação entre o artista, o público e a indústria cultural, a título de exemplificação, trabalhamos com a canção “Pavio do destino”, de Sérgio Sampaio, observando, além das especificidades do gênero e das peculiaridades linguísticas, as contradições da sociedade capitalista marcadas nesse enunciado. Nosso intuito foi demonstrar que, para além do gosto pessoal, a canção deve atender às necessidades formativas de maneira que supere o espontaneísmo, apontando a necessidade de explorar as relações entre o enunciado e a realidade em que está inserido. Isso requer uma reflexão acerca da historicidade do enunciado, das relações de poder subjacente ao momento de sua composição e a sua articulação com a contemporaneidade.

O refrão de “Pavio do destino” traz uma indagação que talvez expresse a estupefação diante do descaso do poder público e da negligência da sociedade, alinhados ao sistema hegemônico-burguês, que torna invisíveis os grupos marginalizados. Considerando a prática social como ponto de partida e de chegada do trabalho pedagógico, a provocação a ser lançada aos sujeitos inseridos no processo educativo seja, em vez de perguntar quem viu o pavio aceso, problematizar quem acendeu o pavio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. L. V. **Adorneando um velho bandido: Sérgio Sampaio à luz de Theodor W. Adorno**. 2018. 238 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2018.



BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo. **Alfa: revista de linguística**. São Paulo, 56 (2): 371-401, dez. 2012.

GUEDES, Karol Costa. **O funcionamento discursivo do gênero canção no Exame Nacional do Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2016.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2019.

NAPOLITANO, M. **História & Música: História cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROCHA, Sílvio Rodrigo de Moura. **Pra onde vai a canção?: uma proposta de educação estética**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2018.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2019.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2021.

Data de recebimento: 10/02/2024

Data de aprovação: 15/04/2024

Revista Policromias
Volume 09 | Número 1

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

IMAGENS PARA PENSAR O OUTRO: A TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO NO NÃO VERBAL

IMAGES TO THINK ABOUT OTHERS: THE TEXTUALIZATION OF THE POLITICIAN IN THE NON-VERBAL

Jean Ignacio LIMA¹

RESUMO

Este escrito tem como objetivo analisar os mecanismos discursivos como meios de controle social em diálogos interficcionais, ao considerar o personagem Simão Bacamarte, de Machado de Assis, e o *médium* brasileiro João de Deus. A discussão demonstra a textualização do político no não verbal por meio da análise de imagens dos livros *O Alienista* (2019), de Machado de Assis, e *A Casa*, de Chico Felitti (2020). Buscamos, portanto, caminhos que guiassem a investigação do que Pêcheux (1990) intitula “acontecimento discursivo”, na perspectiva de um encontro de uma memória com uma atualidade – explorando a possibilidade de deslizamento de sentido entre sujeitos dominantes e uma interpelação que os metaforize em um só sujeito discursivo. A base teórica adotada para análise segue os pressupostos da Análise do Discurso de escola francesa, bem como as considerações de Souza (1998 e outros) quanto à análise do não verbal. Consideramos uma relação possível de semelhança entre os mecanismos discursivos de controle social exercido pelos sujeitos Simão Bacamarte e João de Deus em seus respectivos polos ficcionais.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem. Discurso. Poder.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Rio Claro. *E-mail*: jeanignacio.uerj@gmail.com.



ABSTRACT

This paper aims to analyze discursive mechanisms as means of social control in interfictional dialogues, considering the character Simão Bacamarte by Machado de Assis (2019) and the Brazilian *medium* Jhon of God. The discussion demonstrate the textualization of the politician in the non-verbal terms through the analysis of images from the books *O Alienista* (2019) by Machado de Assis and *A Casa* by Chico Felitti (2020). We therefore sought paths that would guide the investigation of what Pêcheux (1990) calls “discursive event”, from the perspective of an encounter between a memory and a current situation – exploring the possibility of a slippage of meaning between dominant subjects and an interpellation that metaphorizes them in a single discursive subject. The theoretical basis adopted for analysis follows the assumptions of French school Discourse Analysis, as well as the considerations of Souza (1998 and others) regarding the analysis of non-verbal. We consider a possible relationship of similarity between the discursive mechanisms of social control exercised by the subjects Simão Bacamarte and João de Deus in their respective fictional poles.

KEYWORDS

Language. Discourse. Power.

INTRODUÇÃO

Sujeitos de inscrições em formações discursivas influentes têm notável força, poder de mobilidade e visibilidade social. Regido tão somente pela ciência e renomada estirpe, *O Alienista* (2019), obra de Machado de Assis, narra a chegada e permanência de Simão Bacamarte à cidade de Itaguaí – Rio de Janeiro. Inscrito em formações discursivas (FDs) dominantes, Bacamarte demarca uma posição discursiva de poder, que lhe confere influência sobre os demais cidadãos da região e impõe ali sua ideologia como verdade absoluta. Embora médico, Bacamarte é leigo nos estudos psiquiátricos e sua posição discursiva o projeta como uma (e única) referência médica na cidade, levando-o ao incontestável por grande parte das interlocuções estabelecidas na obra.



Do mesmo modo – de outro polo discursivo –, o *médium* brasileiro João de Deus, acusado de crimes de abusos sexuais, expostos no livro-reportagem *A Casa* (2020), margeia vítimas a um particular silêncio (autocensura) por muito tempo. Também sujeito alinhado a FDs de força, João de Deus, a partir de sua posição discursiva, promove práticas sociais por meio de condução constrangedora, em que as vítimas acabavam por se assujeitar a tudo que por ele era imposto como condição para a cura.

Este texto oferece um recorte acerca da textualização do político no não verbal, assim como aborda os princípios basilares da Análise do Discurso Materialista de escola francesa para o tratamento dos objetos de análise, cujo interesse são as imagens do *médium* brasileiro João de Deus em práticas de cura. Tem-se o objetivo de analisar os meios de controle social, explorando o caso de João de Deus em relação a Simão Bacamarte como acontecimento discursivo: o encontro de uma memória com uma atualidade (Pêcheux, 1990). Mediante a isso, os *corpora* selecionados para a investigação se delimitam às imagens do livro-reportagem *A Casa* (2020) e de *O Alienista* (2019). Diante de cenários que inter cruzam ficção e não ficção, pretende-se salientar as ideologias que fazem a manutenção das relações e inter-relações de força.

BACAMARTE, DEUS E AS SUAS MARGENS

A obra de Machado de Assis, *O Alienista*, surge primeiro em uma coletânea de contos do autor intitulada *Papéis Avulsos*. O conto retrata um Brasil ainda nos tempos de colônia, em uma pequena cidade do Rio de Janeiro – Itaguaí. O personagem central da obra é um alienista (médico de alienados, de loucos). Simão Bacamarte é um grande médico, formado na Europa que, depois de muito tempo, decide regressar à cidade de Itaguaí



a fim de experimentar um novo campo da ciência na cidade: a psiquiatria. Decide, então, inaugurar no Brasil um sistema de tratamento moderno para tratar a loucura: a abertura de uma casa de orates – um manicômio – que parecia, assim, o grande feito do médico de renome no exterior para com sua terra natal.

Ao que nos interessa, discursivamente, é certo que um Brasil colônia, desprovido ainda de universidades na época, não seria tão atrativo para Bacamarte. Então, por que migrar para Itaguaí? Pela dinâmica discursiva, o médico não encontraria grandes oposições e dificuldades para instaurar suas práticas experimentais naquela cidade. Sendo ele a única figura que representa a ciência e a saúde, certamente, suas interlocuções seriam mais eficazes ao seu próprio favor. Sendo essas ações experimentais, e o médico ainda em início de carreira na psiquiatria, há práticas que submetem os demais a violações, a tipos de violências. A obra de Machado de Assis releva muito sobre aspectos sociais os quais o autor já se debruçava e criticava, com mestria e ironia, no século XIX.

Um tanto adiante, no século XXI, em uma perspectiva não ficcional, é apresentado o caso de crimes cometidos por João de Deus – o ilustre e respeitoso *médium* brasileiro. Chico Felitti é o autor do livro-reportagem *A casa: a história da seita de João de Deus* e propõe um olhar sobre os aspectos sociais e ações criminosas praticadas pelo *médium*.

A obra *A casa: a história da seita de João de Deus* resulta de um estudo de campo realizado pelo jornalista Chico Felitti em Abadiânia – Goiás –, local onde João de Deus realizava atos criminosos revestidos pelo ideal de cura de seus fiéis e visitantes. Nesse livro-reportagem, há um percurso pesquisado



e relatado por Felitti (2020), no qual se pode ter um panorama da história do *médium*, desde a sua infância e ascensão até a sua queda e condenação.

Nesse caminho, ao mobilizar conceitos da Análise do Discurso Materialista, selecionam-se imagens entre os sujeitos das situações nos dois polos ficcionais, a fim de analisar os mecanismos que possibilitam demonstrar um diálogo interficcional, a partir de um acontecimento discursivo: de uma memória atravessada na atualidade (Pêcheux, 1990).

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A AD (Análise do Discurso) de escola francesa nasce da necessidade de se considerar a maneira pela qual a linguagem – materializada na ideologia e como esta na língua – significa em sua engrenagem enquanto sistema (Orlandi, 2015). Não se trata de uma nova Linguística, mas de uma forma de investigar a construção de sentidos que, no que lhe concerne, relacionam-se com as materialidades da linguagem.

Pensa-se, então, que a AD se ocupa dos instantes do significar:

Se assim é, a própria língua funciona ideologicamente, ou seja, tem em sua materialidade esse jogo, o lugar da falha, do equívoco: todo enunciado, dirá Pêcheux (*idem*), é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Todo enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo, portanto, suscetível de tornar-se outro (Orlandi, 2015, p. 11).

A AD observa o percurso do sentido pela memória constitutiva dos discursos. Esse lugar do significar, como dito acima por Orlandi (2015), é suscetível a novas interpretações. Todo enunciado é, então, uma possibilidade de significação diante de sua discursividade e de seus atravessamentos pelo



interdiscurso. É sensível ao que emerge da linguagem em dado momento histórico, às concepções ideológicas pelo percurso do sentido em suas variadas materializações e aos sujeitos que fazem o trânsito entre significar-se e significar os sentidos no/do mundo.

O que há de importante para a AD não habita exclusivamente na engrenagem, no sistema da língua, mas no discurso (seu objeto). Surge, então, uma crítica à própria Linguística e as Ciências Sociais, segundo Orlandi:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (Orlandi, 2015, p. 14).

A crítica da AD à maneira que a Linguística considera o texto, em maioria, reside no tratamento semântico exclusivo dado ao sistema linguístico – na historicidade interna do enunciado –, na desconsideração do discurso em sua materialidade interpelada pela historicidade externa, pela ideologia e pelo sujeito enquanto acontecimento histórico significativo. O texto, para a AD, é heterogêneo em sua completude: na sua materialidade (sendo ela qual for em composição), em suas linguagens e em suas formações discursivas por si, atravessadas pelo interdiscurso.

Certamente, a AD se importa com os sentidos construídos pelo próprio sistema linguístico, mas sua principal função é a imersão nos sentidos



outros, aqueles invisíveis e insensíveis² aos sentidos da matéria linguística manifestada em determinado tempo e espaço. A AD busca na materialidade do texto, em determinados corpos linguísticos, uma alma significativa, uma memória, que já habita o discurso em matéria muito antes. Busca, pelo percurso do sentido, sentidos outros que ali já estavam construídos pelos sujeitos (Orlandi, 2015).

SUJEITO E IDEOLOGIA

A tese principal é a de que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, identificação na qual o sentido é produzido como evidência pelo sujeito e, simultaneamente, o sujeito é produzido como “causa de si” (Pêcheux, 1997, p. 261).

A noção de sujeito para a AD é diferente de o sujeito ideal postulado por Chomsky (1978) como falante/ouvinte ideal – aquele capaz de reconhecer na língua e pela língua aceitabilidades sobre gramaticalidades e agramaticalidades. Para a AD, o sujeito não é o centro do sentido, não é autônomo, embora possua a ilusão de autonomia de seu dizer. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia (Orlandi, 2015).

Por essa relação condicionada entre sujeito e ideologia, em sua forma-sujeito histórico, é que Orlandi (2015) sustenta o que é dito por Pêcheux (1997, p. 214) – na seguinte fala: “os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam

² Partimos do pressuposto de que a memória discursiva dos dizeres está condicionada a uma historicidade inerente (Orlandi, 2015). Desse modo, quando dizemos acima que os sentidos construídos exclusivamente pelo sistema linguístico abrem margem para o “invisível” e o “insensível”, tocamos no ponto em que o tratamento dado aos sentidos que emergem do sistema, de modo unilateral, apaga a historicidade constitutiva dos discursos atravessada na língua.



na ‘linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” – ressaltam a condição do sujeito como assujeitado pela ideologia e pela língua, em que a construção de sentido é pré-determinada pela historicidade constitutiva dos discursos.

A ideologia para a AD também destoa do padrão das Ciências Sociais. Ela não é convocada aos discursos, mas sim condição para a produção de sentido, em que relações de força, aliança e conflito balizam inscrições discursivas e interpelam indivíduos em sujeitos. Ao mesmo tempo em que se fala em ideologia, não se pode deixar de falar em sujeito. Ambos são necessários para suas respectivas existências. O sujeito conduz ideologia e, ao mesmo tempo, seu dizer é conduzido por ela. São mecanismos discursivos intimamente ligados e condicionados um ao outro para que haja espaço para o significar.

É pelo mecanismo ideológico que o sujeito é interpelado pelas formações discursivas em seu dizer, sendo a ideologia “parte, ou melhor, condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (Orlandi, 2015, p. 44). Segundo a autora, toda interação entre o sujeito e o mundo, portanto, leva indivíduos, diante de objetos simbólicos, a significar. E nesse processo, suas FDs o posicionam de modo a interpretar segundo suas inscrições no discurso.

Se a língua funciona ideologicamente e o sujeito é interpelado pelos elementos acima, vale questionar a evidência do sentido, uma vez que a historicidade se circunscreve na estrutura e no acontecimento. Certamente, a interpretação exclusivamente pela língua não é tão assertiva uma vez que ela

não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social. Ela é garantida pela memória sob dois aspectos: a. a memória institucionalizada (o arquivo), o trabalho social da interpretação onde se separa quem tem e quem não tem



direito a ela; b. a memória constitutiva (o interdiscurso), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo) (Orlandi, 2015, p. 45).

Há mecanismos histórico-ideológicos que fazem a manutenção de um já-dito pela interpretação. A instituição (Estado) e a memória atravessam as interpretações nas quais as ideologias interpelam sujeitos e, inconscientemente, seus olhares diante dos objetos simbólicos. As posições discursivas nas quais se inscrevem os sujeitos estão sempre inseridas em uma memória constitutiva dos discursos.

A MEMÓRIA DISCURSIVA

A memória para a Análise do Discurso deve ser entendida nos sentidos que entrecruzam a memória mítica, a memória social inscrita em práticas, além da memória construída pelo historiador. A memória para a AD é discursiva e está ancorada na historicidade dos sentidos. A memória psicológica do indivíduo não dá lugar ao sentido, mas conduz seu trânsito pela enunciação quanto este é interpelado em sujeito ao tomar uma posição no discurso:

Na hipótese discursiva, pois, ao contrário do modelo chomskiano, o atestado constitui um ponto de partida, não o testemunho da possibilidade de uma frase, e a memória não restitui frases escutadas no passado mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase. Estas considerações deslocam o estatuto do que é provável historicamente, porque a operação de retomada se localiza nesse nível (Achard, 2015, p. 17).

Essa relação de paráfrase se estabelece por sentidos pré-estabelecidos, por já-ditos – alimentados pela memória discursiva, pela ordem do inconsciente.



A memória é a voz que fala antes, que ecoa, no percurso, de modo que aos sujeitos são impostos sentidos já construídos, (pré-construídos) pela historicidade, mesmo diante de suas ilusões de autonomia de sentido.

O conceito operatório de pré-construído é o que permite pensar o mecanismo da inscrição do sujeito em um domínio de saberes. Trata-se do elemento que torna possível a constituição/reprodução do efeito-sujeito, uma vez que a mobilização (não-sabida) de um saber do interdiscurso para o interior da formulação aponta para o processo de inscrição do sujeito em uma FD. É trabalho da ideologia promover essa inscrição, demonstrando que o sujeito não é a causa de si e que o efeito-sujeito se mostra justamente no momento em que o saber mobilizado do interdiscurso para o intradiscurso sofre uma determinação: ele já vem selecionado por um filtro ideológico próprio a uma FD (Pavan; Galvão, 2019, p. 179).

Desse modo, os sentidos pré-construídos, pelo trabalho da memória discursiva, vinculados a posições ideológicas, ecoam vozes outras que atravessam os sujeitos a partir de suas inscrições em determinadas formações discursivas. A memória discursiva e os sujeitos estão intimamente ligados no trânsito dos sentidos. Ao partir desse ponto de vista, o sujeito é atravessado por já-ditos, que ecoam da memória do discurso.

FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS, FORMAÇÕES DISCURSIVAS E FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

Os discursos estão sempre atravessados por uma memória, um já-dito que os pré-diz antes mesmo de sua materialização. Esse mecanismo concebe à materialidade sentidos que emergem para além de sua estrutura – sentidos já em curso. É importante pensar na memória constitutiva dos discursos, pois ela aponta para heterogeneidades ideológicas das quais eles são formados.



Essa reunião ideológica (as formações ideológicas) que atravessa os discursos coincide com a sua formação discursiva, que “se define por aquilo que em uma FID (formação ideológica) dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que se pode e deve ser dito” (Orlandi, 2015, p. 41). Também podem ser compreendidas como “regionalizações do interdiscurso. Configurações específicas dos discursos em suas relações” (Orlandi, 2015, p. 41). As FIDs atuam nas relações de força das FDs, nas quais estão inscritos os sujeitos.

Diante das dinâmicas sociais, impulsionadas pelas lutas de classes, os discursos se valem de uma constante disputa de sentido na qual as ideologias alimentam formações discursivas que estabelecem relações de força na língua. “Toda a luta de classes pode, às vezes, ser resumida na luta por uma palavra, contra uma outra. Algumas palavras lutam entre si como inimigas” (Pêcheux, 1997, p. 210). Antes mesmo da evidência do sentido dada pela ilusão do sujeito, a palavra é interpelada pela ideologia, nas formações discursivas nas quais ela está inscrita:

Podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (Orlandi, 2015, p. 40).

É pelo ideológico que os sentidos oscilam, e as palavras entram em constante conflito para significar diante das posições discursivas para as quais são convocadas. Elas “lutam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com



outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (Orlandi, 2015, p. 40). A memória está intimamente ligada aos discursos e às suas FDs, FIDs e FIMs. São por elas que os sentidos do dizer são atravessados por já-ditos, de modo parcial ou integralmente inconsciente, pelo histórico e ideológico na linguagem.

Para explicar as formações imaginárias, Orlandi recorre primeiro às relações entre os próprios discursos. Segundo a autora:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relações de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outro. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outro que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto, nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (Orlandi, 2015, p. 37).

Vale observar como os sentidos se estabelecem na interação em consideração ao outro. E é justamente no contraste, na oposição, na filiação, na inscrição aos outros discursos que os dizeres constroem relações de sentido. Inserido nas condições de produção do discurso, um dos mecanismos importantes é o da antecipação. Desempenhado pelas formações imaginárias, ele resulta da capacidade que todo sujeito tem de “experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem.” (Orlandi, 2015, p. 37).

Diante das relações de força balizadas pela ideologia nos discursos, as estratégias de antecipação de sentido são fornecidas pelo imaginário que



se faz na interação entre os sujeitos. E uma vez que esse imaginário está inscrito na história, Orlandi (2015, p. 39) também pondera que “pensando as relações de força, a de sentidos e a antecipação, sob o modo de funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história”. As FIMs se constituem nas projeções que o “eu” faz de si diante do “tu” e do “tu” para o “eu”. Esses mecanismos discursivos que integram as formações imaginárias fornecem ao sujeito um arcabouço de imagens para pensar o outro na arena de disputas de sentido.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO E PARÁFRASE

Convém ressaltar que a Análise do Discurso não se vale de um inventário metodológico fechado em seu método de análise. Contudo, ela dispõe de alguns dispositivos dos quais lança mão para investigação.

As condições de produção do discurso não podem ser meramente consideradas como contexto, muito embora elas também observam o sentido estrito, o contexto imediato, da circunstância enunciativa. O papel das condições de produção visa ao sentido mais amplo, considerando o contexto ideológico, social e histórico.

É pelo trato amplo dado ao discurso que a memória discursiva exerce uma função essencial à interpretação – atribuir aos dizeres um já-dito:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível que todo dizer e que



retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível sustentando cada tomada da palavra (Orlandi, 2015, p. 29).

A memória é um mecanismo discursivo histórico-ideológico que atravessa os dizeres. O dizer é evocado pelo interdiscurso como um já-dito que, segundo as inscrições ideológicas no discurso, posiciona o sujeito de modo pré-determinado na sociedade. Por efeito, a paráfrase, para (Orlandi, 2015), funciona por intermédio do interdiscurso, do já-dito, ela “representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização.” (Orlandi, 2015, p. 34). Se a memória discursiva estabelece já-ditos – configurando o retorno ao mesmo espaço dos dizeres –, é possível identificá-la como um importante mecanismo para o trabalho da paráfrase. Desse modo, as diferentes formulações do mesmo dizer se inserem em sentidos pré-construídos pelo fio da memória discursiva.

Diante disso, é possível identificar em Simão Bacamarte e João de Deus espelhamentos, pelas relações discursivas, que os interpelam em sujeitos semelhantes do ponto de vista das relações de força balizadas pelas suas formações discursivas. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1: Condições de produção do discurso

Simão Bacamarte	João de Deus
Figura masculina	Figura masculina
População menos letrada	População menos letrada
Cidade pequena	Cidade pequena
Práticas ancoradas em FD cientificista	Práticas ancoradas em FD religiosa/cientificista



Atravessando o contexto imediato nas situações em pauta, chega-se à historicidade constitutiva desses cenários. Em ambos, há um já-dito que posiciona figuras masculinas em lugares de prestígio, com dizeres de prestígio e práticas de prestígio. Ambos, com consciência de suas ocupações como indivíduos sociais, selecionam, pelo subjugo, indivíduos outros, lugares outros, diferentes daqueles, em que suas posições discursivas não encontram retalhação e força igual ou superior para, assim, promover práticas experimentais, abusivas e criminosas. Pelo imaginário, Bacamarte e Deus se antecipam do outro e fazem deles mesmos dominadores nos grupos aos quais pertencem. Pelo jogo de antecipação, pelo imaginário que João de Deus e Simão Bacamarte fazem, respectivamente, de suas vítimas, eles as subjugam como incapazes de embates e contraposições. Cometem, assim, crimes e violações conforme as imagens adiante.

A ARQUITETURA DO NÃO VERBAL

Em Souza (1998), arrolam-se as primeiras considerações acerca do tratamento do não verbal, no Brasil, pelas lentes da Análise do Discurso Materialista. Lendo Orlandi (1993), Souza (1998, p. 2) ressalta o que é posto pela autora quanto aos mecanismos de análise entre o verbal e o não verbal, salientando o efeito ideológico de apagamento “que se produz entre os diferentes sistemas significantes, dando sustentação, dentre outros, ao ‘mito’ de que a linguagem só pode ser entendida como transmissão de informação, ou como sistema para comunicar”. Em termos teóricos, essas discussões sobre o trato do não verbal perpassado pelo verbal já vem sendo



esmiuçadas, contudo, Souza (1998) propõe, em prática, alguns caminhos para se pensar a arquitetura do não verbal.

O tratamento dado ao não verbal, no processo de significação da imagem, quando perpassado pelo verbal, reduz sua arquitetura aos traços do signo linguístico. Souza (1998, p. 3) leva, então, em consideração um trato que põe em evidência a significação inerente aos mecanismos da própria materialidade da imagem: “extensão e distância, profundidade, verticalidade, estabilidade, ilimitabilidade, cor, sombra, textura etc., buscando-se a definição de que modo se dá a apreensão (ou leitura?) da imagem naquilo que lhe seria específico.”.

Souza pontua ainda que:

Ao se pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem. A palavra fala da imagem, a descreve, a traduz, mas jamais releva a sua matéria visual. Por isso mesmo, uma “imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer”. A palavra não pode ser moeda de troca das imagens (Davidson, 1984). É a visualidade que permite a existência, a forma material da imagem e não sua co-relação com o verbal (Souza, 1998, p. 3).

Em uma experiência semântica mais expressiva, ao se pensar, então, na significação da expressão “um beijo fala mais que mil palavras”, ‘o beijo’ não emerge de seu viés estrutural, mas sim da ação praticada, da dinâmica interacional – pelo gesto simbólico –, é perceptível que alguns sentidos estão materializados em linguagens desgarradas dos signos linguísticos. Ele (o beijo) fala mais que mil palavras porque fala sem falar, significa pelo gesto simbólico, por uma semântica que, depois, conceptualiza-se à estrutura linguística. Nesse caso, o sentido está antes da palavra, com suas semioses



próprias diante dos sujeitos que o experienciam. Sendo assim, é necessário pensar nas características próprias que as compõem em si – não usando uma como ponto de partida/chegada para outra(s).

Em outras leituras convocadas ao texto de Souza (1998, p. 4), surgem as noções de implícito e silêncio. A autora pontua que a percepção de Ducrot de implícito “prevê modos de expressão implícita, que permitem deixar entender sem ficar a descoberto a responsabilidade de se ter dito.” e que a de silêncio “não pode ser confundida com implícito.”. O implícito é realizável, nas estruturas, pelo caminho lógico linguístico, entre as lacunas do posto preenchidas pelos pressupostos. Diferentemente do implícito, o silêncio é, ele significa. Ele é antes da palavra e por isso seus processos de sentidos não podem partir de um arcabouço linguístico. Sendo assim, o silêncio não pode ser confundido com o implícito porque este se realiza pelo linguístico e aquele por configurações próprias em si.

POLICROMIA

São as inquietações sobre o Silêncio trabalhado por Orlandi (1997) que levam Souza a pensar sobre a arquitetura do não verbal, postulando o conceito de Policromia. Aos estudos discursivos, Souza oferta uma teoria ao trato do político no não verbal (1996; 1997; 1999; 2000; 2001; 2011; 2012; 2013a; 2013b; 2014; 2016). Esse percurso de análise do não verbal vem sendo feito pela autora, de modo a fornecer um método de investigação das materialidades discursivas do não verbal.

A proposta de Polifonia de Ducrot (1987) apresenta no trato ao texto verbal uma gama de vozes convocadas em sua estruturação. Essas vozes outras constituem o caráter heterogêneo do texto verbal. Certamente,



diante das discussões acima, o tratamento dado ao não verbal não poderia partir de ancoragens teóricas do verbal – segundo Souza (1998). Por isso, é desenvolvido por Souza o conceito de Policromia que

recobre o jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não verbal. O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc. nos remete à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo **eu** na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através da outra (Souza, 1998, p. 8).

A proposta de Souza (1998) aproxima-se da Polifonia de Ducrot, contudo rejeita mecanismos verbais ao tratamento das imagens. A autora compreende que a manifestação de linguagem verbal é constituída por elementos próprios do sistema da língua. Não podendo a imagem, portando, receber impulsos de linguagens outras para sua descrição. Fato é que o não verbal, assim como o verbal, possui constituintes específicos em sua materialidade, e são essas especificidades que Souza (1998) intenciona investigar, salientando o caráter discursivo da imagem. Sendo assim, a Policromia recobre a projeção de imagens outras no gesto do interpretar, nas quais as materialidades não são visíveis, mas se tornam pelo simbólico, frente aos atravessamentos de olhares interpelados pelo trabalho da memória discursiva.

Em Souza (2018), mencionam-se três conceitos ao trato da imagem: *Punctum* (Barthes, 1984; 1990), Intericonicidade (Courtine, 2013) e Policromia (Souza, 1997; 2001). Lendo Barthes (1990), Souza sobrepõe o conceito de *punctum* (traço essencial da foto) ao nível discursivo:



Do ponto de vista discursivo, defino o punctum como um traço de textualidade inerente ao caráter de incompletude da fotografia. O punctum se define como algo casual, fugaz, por isso mesmo, do nosso ponto de vista, tem relação com a memória, com o interdiscurso, porque abre a interpretação. A partir do punctum, há toda uma instituição de dizeres, que nos remete à atualização da memória face ao sentido instituído pelo esquecimento. Ainda do ponto de vista discursivo, o punctum pode significar a falta, a ausência daquilo que o olhar não vê, mas que está lá significando (Souza, 2018, p. 21).

Segundo a autora, o fio da memória trabalha em face às perspectivas do invisível, pelo caráter de incompletude da imagem. Sendo assim, do ponto de vista de seus recortes no gesto de interpretação, a memória discursiva recobre à imagem com efeitos de sentido instituídos pelo esquecimento, pela falta, pelo ato falho.

O conceito de intericonicidade (Courtine, 2013) atua em uma rede de formulação de imagens nas quais se projetam imagens outras, a partir de um ponto imagético referente. Um processo de sentido em que o “sempre já” atravessa o gesto de interpretação da imagem pelos sujeitos, na qual se institui uma relação de “imagem pela imagem” em uma rede de associação.

O conceito de Policromia formulado por Souza se define como uma rede de operadores discursivos nos quais a imagem se constitui como linguagem. Nesse sentido, a imagem não significa tão somente pela rede de formulação com outras, mas pela sua incompletude, pela sua rede de elementos visuais implícitos ou silenciados. Como dispositivo de análise, o conceito “policromia se define como gesto que permite, ao se interpretar a imagem, projetar outras imagens, cuja materialidade, não é da ordem da visibilidade, mas da ordem do simbólico e do ideológico” (Souza, 2018, p. 7).



A recursividade, nesse sentido, é um importante componente discursivo no parafraseamento das imagens, segundo Souza (1987).

Ao se interpretar a imagem pelo olhar – e não através da palavra – apreende-se a sua matéria significante em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não-verbal. O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita (Souza, 1987, p. 7).

O recorte pelo olhar, para Souza (1987), recobre o caráter recursivo da imagem. Os olhares, interpelados pelas formações histórico-ideológicas – pelas formações sociais – dão espaço ao caráter policrômico das imagens, aos seus deslizamentos possíveis pela rede de associação a imagens outras, pelo recorte visual, em uma rede de parafraseamento, na qual “produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita” (Souza, 1987, p. 7).

DOIS INDIVÍDUOS, UM SUJEITO: IMAGENS PARA PENSAR O OUTRO

As relações de antecipação se evidenciam, de imediato, já nas nominalizações utilizadas por Simão e João. Sendo, respectivamente, Bacamarte e Deus. Bacamarte é uma antiga arma dos séculos XVIII e XIX com carga de chumbo grosso, de 20 a 40 balas de 10 milímetros de diâmetro. Ela era usada contra massas de tropa. E Deus, pela memória discursiva – nos entrecruzados com a memória mítica e social inscritas em práticas (Achard, 2015) –, é projetado como o todo-poderoso, pai de todos, o ser que, antes de tudo, era. João de Deus e Simão Bacamarte assim se projetavam pelo

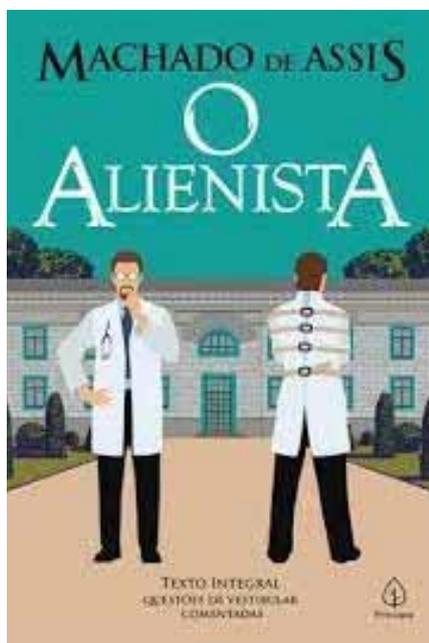


imaginário, sujeitos capazes de atos grandiosos, mas, acima de tudo, eles estavam acima de todos.

Diante do processo de interpretação do político no não verbal, Souza (1998, p. 5) propõe um trato a imagem e seus implícitos a partir, também, de configurações de implícitos da própria imagem (configurações essas que não devem ser perpassadas pelo verbal, como já vimos acima). Sendo assim, “há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, implícitas a partir de imagens previamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas, dando lugar a um caminho aberto à significação, interpretação”.

A partir de possíveis sugestões abaixo, oferece-se um lugar de interpretação entre as imagens. Vejamos:

Capa do livro *O Alienista* de Machado de Assis



Fonte: Fotografia nossa.

Capa do livro *A casa: a história da seita de João de Deus* de Chico Felitti



Fonte: Fotografia nossa.



Essas são as capas dos livros nos quais se analisam os diálogos entre sujeitos de formações discursivas dominantes e suas vítimas, na ficção e na não ficção. O imaginário que nos cerca apresenta a figura do médico como autoridade, com características próprias como o uso do jaleco branco, sendo, no caso acima, a Psiquiatria a área de atuação de Simão Bacamarte. Apresentam-se também a camisa de força e o asilo de loucos. Na imagem do livro-reportagem *A casa* (assim era, de fato, chamado o lugar onde João de Deus atuava), o espaço da interpretação abre margem para a sugestão de que em ambos: no asilo de loucos (a Casa Verde) e na Casa (o espaço de João de Deus), o indivíduo conseguiria a cura, ainda que, nos dois casos, submetido a violações e abusos.

As imagens apresentam deslizamentos possíveis de figuras de poder que se legitimam pelo imaginário, por operadores discursivos do não verbal (Souza, 2018), por suas vestimentas em branco em que o simbólico trabalha o funcionamento discursivo da legitimidade nos atos de cura. Aqueles que vestem branco, pela memória social, são autoridades em determinados meios, como, por exemplo, no campo da saúde.

Além dos deslizamentos possíveis entre as nominalizações dos espaços: *A casa Verde* (Simão Bacamarte) e *A Casa* (João de Deus), chama atenção também para o efeito de sentido das cores. No fundo da foto de João de Deus, o verde trabalha o simbólico da esperança, assim como o adjetivo “verde” no sintagma utilizado na nomeação do manicômio de Simão Bacamarte (*A Casa Verde*)³. E o branco que tanto lhes atribuiu poder provoca o deslizamento de sentido do mesmo fim de dois indivíduos metaforizados em um só sujeito:

³ Gostaríamos de agradecer, especialmente, à professora Angela Baalbaki (UERJ) pela contribuição com esse gesto de interpretação.



o recolhimento de ambos, que agora usam branco na condição simbólica de interditados pelas instituições.

Tanto Simão Bacamarte quanto João de Deus se projetavam como a esperança para as suas respectivas cidades. Por meio de práticas abusivas e criminosas revestidas de cura, eles acreditavam ser intocáveis benfeitores. Suas posições discursivas conferiam-lhes um lugar de privilégio social, mas bem mais que prestígio, esse lugar oferecia a Bacamarte e a Deus passabilidade diante de seus crimes revestidos de cura.

Em seguida, selecionam-se três imagens para análise de deslizamentos de sentido entre Simão Bacamarte e Deus.

Figuras 1 e 2: “cirurgia”.



Fonte: Felitti (2020).

Nas **figuras 1 e 2**, Deus realiza raspagem nos olhos e incisões no tórax de voluntários, com instrumentos não esterilizados. Algumas



pesquisas da USP, descritas no livro *A Casa* (2020), apontaram que os tecidos retirados eram células de gordura, e não cânceres, como afirmava o *médium*. Muitas pessoas passaram por essas “cirurgias” durante quatro décadas de atuação de João de Deus.

Quando Souza aponta sobre o caráter heterogêneo das imagens, ela recorre à capacidade de projeções de imagens outras recortadas pelo olhar, suportadas pelo papel da memória, no trabalho da interpretação. O jogo discursivo das paráfrases visuais não entrega o visível, mas sugerem, pela discursividade do não verbal, as outras imagens ali contidas, encobertas: “Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, e cada discurso, ao pressupor esse imaginário, recorre à (re)construção, dando lugar a uma filiação parafrástica, constituindo uma rede de sentidos.” (Souza, 2018, p. 26).

O que se propõe aqui é a possibilidade de um recorte, que recobre a percepção de um deslizamento de sentido da forma-sujeito *médium* de João de Deus em uma forma-sujeito *médico*, como a de Simão Bacamarte. O olhar que recai sobre João de Deus o metaforiza como Simão Bacamarte, tanto pelas práticas quanto pelas formas de controle.

Simão Bacamarte era a única referência médica influente em Itaguaí, pequena cidade do Rio de Janeiro. Sua eloquência fez com que, mesmo leigo nos estudos psiquiátricos, os outros se sujeitassem aos seus diagnósticos descabidos de loucura. O imaginário é um mecanismo forte na manutenção do poder entre Bacamarte e os pacientes. Ao mesmo tempo em que alguns opositores, como o padre Lopes, discordavam. Não havia um sujeito projetado pelo imaginário de modo tão influente para um embate direto com o médico.



João de Deus, do mesmo modo, instaurava práticas experimentais e criminosas pelo imaginário projetado de si para os outros e dos outros para si mesmo. O tratamento dado às pessoas influentes, como ele, era respeitoso e de igual para igual. Contudo, aquele que, segundo seu imaginário, era favorável ao subjugo, tornava-se vítima de suas práticas criminosas. Bacamarte e Deus interpelam-se em um único sujeito por uma paráfrase visual (Souza, 1987 e outros), assumindo posição discursiva dominante. Ambos se utilizam do imaginário como mecanismo de antecipação para promoverem suas práticas e manterem sob controle suas respectivas cidades.

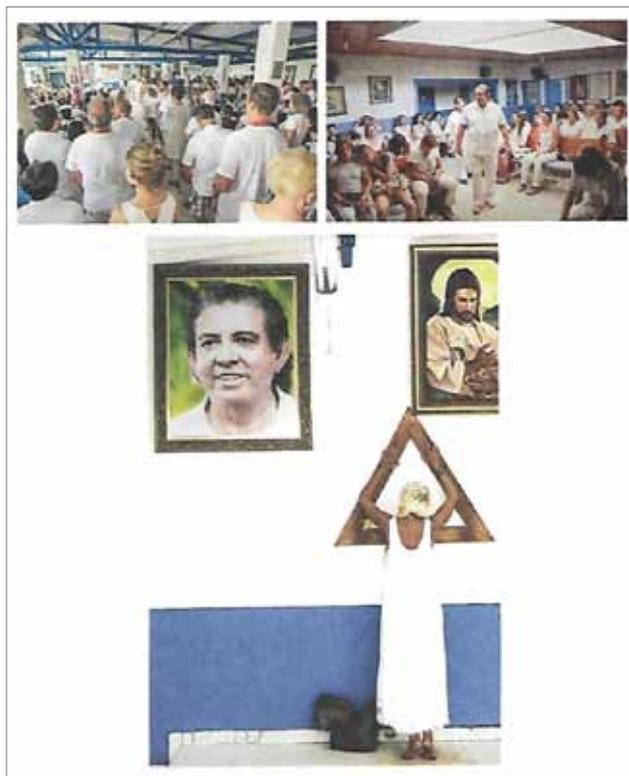


Figura 3: sala de espera.

Fonte: Felitti (2020).

Na figura acima, há a sala de espera, geralmente lotada. Os trabalhos começavam ali, com instruções em ao menos três línguas com as regras de funcionamento do lugar (sendo uma delas o uso obrigatório do branco).



Mais abaixo, na mesma imagem acima, demonstra-se uma fiel, debruçada no triângulo que ornamentava uma parede da sala de espera. O símbolo era sagrado na seita, e João afirmava que cada um dos lados representava um dos seus pilares: fé, amor e caridade (este último um tanto controverso, já que Deus monetizava seus feitos).

Deus também vivia pelo ofício. Pelo simbólico, o *médium* impôs aos fiéis vestimentas específicas, brancas, para conexão com o espiritual durante as sessões de cura. O triângulo que Deus metaforiza os preceitos de sua prática também remete à memória dos preceitos defendidos pela Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade), ou ainda a Sagrada Trindade.

Pela ordem do simbólico, João de Deus era interpelado pela sua posição discursiva, de fato, como o todo-poderoso. Aquele capaz de entregar aos seus seguidores cura e prosperidade, as quais o fio da memória parafraseia também a ideia de instituição igualitária pelo triângulo da Revolução Francesa e pela entidade religiosa absoluta nesse serviço: Deus (assim adotando para se autointitular: João de Deus)

Outra paráfrase visual (Souza, 1987 e outros) conduzida pelo fio da memória remete à imagem de Jesus, que circulava entre os necessitados. É possível fazer essa projeção, a partir das primeiras duas imagens na **figura 3**. João de Deus posicionado ao meio, e seus seguidores ao redor ansiosos por atos de cura, remetendo à mesma memória mítica de Jesus em seus feitos. De certo modo, essa projeção de filho de Deus, aquele que veio para curar, o escolhido (ou o próprio Deus) é depreendida nas duas imagens, também na **figura 3**, na qual João põe seu retrato lado a lado ao de Jesus, numa perspectiva de semelhança entre benfeitores



sociais. O que distancia a forma-sujeito *médium* de Deus de suas práticas sociais, contudo, são seus métodos de cura. E, então, é que se pode observar o deslizamento de sentido entre as forma-sujeito *médium* e forma-sujeito *médico*.

As **figuras 1 e 2** remetem a práticas de um médico, de um cirurgião. João de Deus utilizava-se da crença (social/religiosa) das pessoas para se legitimar em uma forma-sujeito diferente da de um *médium*. Não só isso, como também lançava mão desse jogo de antecipação por meio do imaginário para abusar e violentar, a partir da seleção de vítimas em potencial, ou seja, aquelas que poderiam ser abusadas sem que lhe causasse problemas – as pessoas menos influentes. A manipulação do *médium* transcendeu tantos limites que, mesmo diante de tantos crimes, ainda havia pessoas devotas a ele, presas ao imaginário de um benfeitor que foi injustiçado.

Bacamarte também não violava e submetia seus semelhantes (influentes discursivamente). Nesse sentido é que o político da **figura 3** remete, pelo fio da memória discursiva, em sua materialidade da memória social, a Simão Bacamarte:

Na ordem do discurso, o papel da memória é aquele que dá viabilidade ao acontecimento histórico, já que a própria estruturação do discursivo constitui a materialidade da memória social. O que nos leva a considerar aí o estatuto dos implícitos no âmbito da memória. (Cf.: ACHARD, 1999) Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, e cada discurso, ao pressupor esse imaginário, recorre à (re)construção, dando lugar a uma filiação parafrásica, constituindo uma rede de sentidos (Souza, 2018, p. 26).



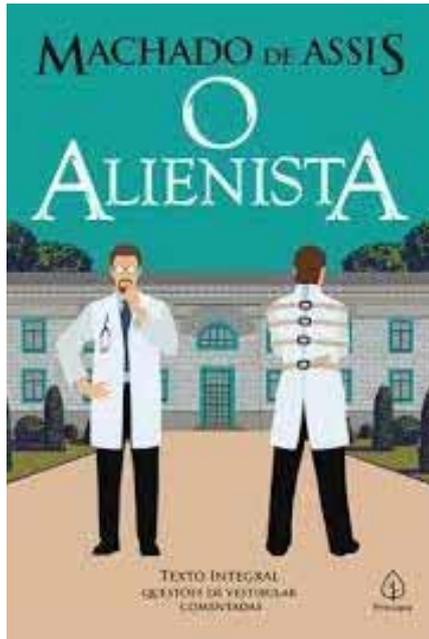
O médico se utilizava das antecipações imaginárias nas relações discursivas de poder e diagnosticava seus pacientes por puro experimentalismo e achismo. Em ambos os cenários (de Bacamarte e de João de Deus), a cura prometida era condicionada a submissões e violações. Com efeito, dando lugar a uma filiação parafrásica, constituindo uma rede de sentidos, Simão Bacamarte é visualmente parafraseado por João de Deus. Esses dois indivíduos são interpelados na possibilidade de um só sujeito, com condições de produção de discurso semelhantes, inscritos em formações discursivas dominantes. De modo mais verossímil, com práticas, ainda que experimentais, de uma mesma forma-sujeito *médico*.

Abaixo, trabalha-se o recorte que permite projetar imagens outras (a de Simão Bacamarte) ao fim de João de Deus. Ao tecer considerações sobre Policromia, Souza (2018) aponta a heterogeneidade das imagens pelo gesto da interpretação:

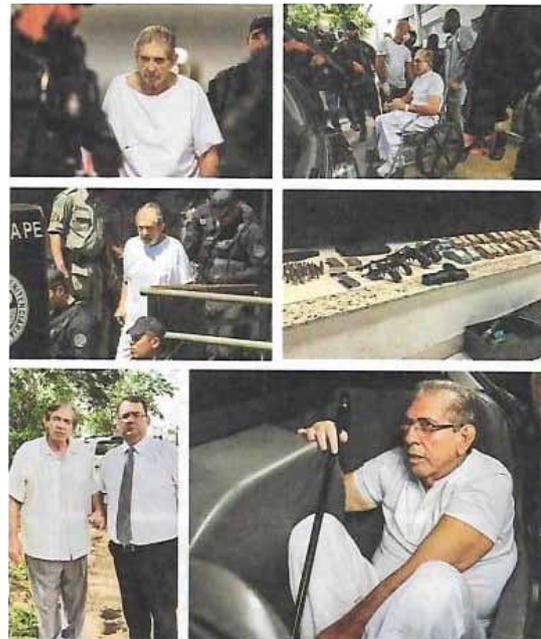
Ao se definir policromia como rede de elementos visuais, implícitos ou silenciados, verifica-se que são esses os elementos que possibilitarão as diferentes interpretações do texto não-verbal. Com isso, se diz que as imagens não são visíveis, tornam-se visíveis a partir da possibilidade de cada um projetar as imagens possíveis, que necessariamente, não compõem a estrutura visual do texto não verbal em si, mas que compõem a rede de imagens mostradas, indiciadas, implícitas, metaforizadas ou silenciadas (Souza, 2018, p. 23).

Observe as seguintes imagens em que a metaforização de Simão Bacamarte em João de Deus torna-se visível pela heterogeneidade das imagens projetadas pelo fio da memória discursiva:



Figura 4: O fim de Bacamarte.

Fonte: Fotografia nossa.

Figura 5: O fim de Deus.

Fonte: Felitti (2020).

Na **figura 4**, João Teixeira de Faria está sob custódia. Em um ano preso, foi internado primeiro em um hospital onde permaneceu por algumas semanas, perdeu 37 quilos e passou a se locomover com o apoio de uma bengala e cadeira de rodas. Uma avaliação médica da Justiça, em dezembro de 2019, descartou qualquer doença que exigisse prisão hospitalar ou domiciliar. Munição e dinheiro foram encontrados pela polícia nas casas de João de Deus.

Ao lado, **figura 4**, a capa do livro *O alienista* (foto nossa) revela o desfecho da narrativa. Simão Bacamarte experimentou a psiquiatria de tal modo – internando na Casa Verde qualquer um que destoasse comportamentos tidos por ele “normais” – que acabou chegando à conclusão de que ele sim era o louco, por violar tantas pessoas.



Na **figura 5**, também se pode observar o momento em que o *médium* se entrega à polícia em uma estrada rural próxima da Casa, em 16 de dezembro de 2018. Mais uma vez, o gesto de ambos entrega o efeito de sentido de suas posições discursivas: poder. Bacamarte e Deus não foram pegos. Ambos se autojulgaram e, assim, entregaram-se às autoridades. Esse gesto demarca suas posições de poder e salienta a projeção de autossuficiência que os dois faziam de suas próprias imagens.

As imagens das capas dos livros também demonstram, por mais um gesto de interpretação, a partir dos movimentos das imagens, a autossuficiência pelas relações de poder exercidas. Posicionados de frente, Bacamarte e Deus eternizam o movimento de chegada, de esperança para as suas respectivas cidades (essa esperança pode ser resgatada pelo simbólico da cor verde). Esse movimento anuncia a cura para o povo, como podemos visualizar pelos operadores discursivos não verbais: o estetoscópio e o jaleco. No caso de Deus, pelas figuras **1 e 2**, o operador se mostra a partir da faca (simulando o bisturi) nas incisões e do branco utilizado pelo *médium*.

Junto a isso, o movimento de saída, nas **figuras 4 e 5**, sugere o fim atravessado por uma mesma posição de poder. Pode-se observar, a partir da **figura 4**, que Bacamarte se autodiagnostica como louco (visível pela imagem de saída, em que o médico se prende a uma camisa de força). E o mesmo gesto (**figura 5**) é observado em Deus, no qual o *médium* se entrega às autoridades em uma estrada próxima à Casa. Ambos, assim, decidindo seus respectivos futuro. Bacamarte e Deus, a partir de suas práticas criminosas revestidas de cura, acreditavam ser intocáveis e benfeitores, pela projeção do imaginário que faziam de si mesmos. Foram tocados, porque se permitiram



ser tocados (para pagar pelos seus crimes), mas não benfeitores porque violaram o outro, manipulando a imposição do toque como condição de cura.

Durante este escrito, buscaram-se caminhos discursivos que guiassem a possibilidade de investigar o que Pêcheux (1990) intitula “acontecimento discursivo”, na perspectiva de um encontro de uma memória com uma atualidade, cujo fim de Simão Bacamarte metaforiza João de Deus. Suas posições discursivas entregavam-lhes credibilidade sem limite em seus “atos de cura”. Ainda em seus respectivos fins, João de Deus e Simão Bacamarte não foram pegos, mas se entregaram por ato próprio, decidindo seus destinos. Aos verdadeiros loucos (**figuras 4 e 5**) resguardou-se o mesmo fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de mestrado tomou por objetivo investigar os mecanismos discursivos de controle social em um diálogo interficcional entre Simão Bacamarte, em *O Alienista* (2019), e João de Deus, em *A Casa* (2020). Pôde-se analisar e explicitar alguns meios de controle social, com a proposta de um parafraseamento entre as duas situações em questão, evidenciando o encontro de uma memória com a atualidade.

Do ponto de vista de alguns dos mecanismos de controle, o imaginário, que os sujeitos fazem de si e dos outros, no jogo de antecipação, constituiu a manutenção da relação de poder nas situações ficcional e não ficcional. Simão Bacamarte e João de Deus são indivíduos interpelados por posições discursivas dominantes e em um só sujeito que se projeta de modo influente socialmente, em suas respectivas formas-sujeito pelo interdiscurso.



Verificaram-se, ao longo do texto, que as condições de produção do discurso, nos casos de Bacamarte e Deus, evocam, de uma memória discursiva, a posição de um sujeito historicamente pré-determinado. Os espaços que compreendem a religião e a ciência sempre foram presentes nas sociedades. Esses campos discursivos, em suas respectivas áreas, agrupam formas, fornecendo àqueles indivíduos que se posicionam nesses espaços do dizer, em suas práticas, uma repetição histórica de seus controles, de seus poderes. Estes ecoam da memória do discurso, do seu componente ideológico, no qual sua força está inscrita socialmente. Ecoam das formações discursivas nas quais se inscrevem os sujeitos (aqui, nas situações em questão), o espaço do dizer, pela memória, constitui um pré-construído, no qual a forma-sujeito *médico* e a forma-sujeito *médium* atravessam Simão Bacamarte e João de Deus, respectivamente, e lhes atribuem mobilidade e influência social.

Pelas inter-relações discursivas, identificaram-se como os efeitos de sentido salientam as posições poder e sujeição socialmente. Pela análise da arquitetura do não verbal, pôde-se projetar imagens para pensar os atos de cura de João de Deus inscritos em uma memória de uma forma-sujeito *médico* (visualizando, assim, Simão Bacamarte).

Este trabalho visou a oferecer um olhar – mais um dos muitos que ainda podem surgir de possibilidades futuras que considerem os efeitos de sentido que emergem do político na arquitetura do não verbal (Souza, 2018). O escrito visou também a motivar inquietações no meio acadêmico e social que considerem vozes outras no trabalho de pesquisa. Vozes continuamente silenciadas no percurso dos sentidos que se inscrevem na história.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. Jandira, São Paulo: Principis, 2019.

BARTHES, R. [1980]. **A câmara clara**. Petrópolis, RJ: Editora Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Petrópolis, RJ: Editora Nova Fronteira, 1990.

COURTINE, J-J. **Decifrar o corpo** – Pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Armênio Amado ed., Coimbra, 1978.

FELITTI, Chico. **A casa**: A história da seita de João de Deus. São Paulo: Todavia, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Efeitos do verbal sobre o não verbal**, Encontro Internacional da interação entre linguagem verbal e não verbal, Brasília, março, 1993.

ORLANDI, E. Texto e discurso. In: ORLANDI, E. **Interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAVAN, Paula Daniele; GALVÃO, Alessandro Nobre. Da produtividade do conceito de pré-construído e seus diferentes modos de funcionamento: uma abordagem teórico-analítica. **Revista Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 173-191, jan./abr. 2019.



PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani (*et al.*). 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

SOUZA, Tania C.C. **Imagem e Sentido**, texto-apostila utilizado no curso ANÁLISE DO DISCURSO do Instituto de Artes de Comunicação Social, Niterói, primeiro semestre de 1996.

SOUZA, Tania C.C. **Discurso e imagem**: perspectivas de análise do não-verbal, Conferência no 2º Colóquio de Analistas del Discurso, Universidad del Plata, Instituto de Linguística da Universidad de Buenos Aires, La Plata e Buenos Aires, 1997.

SOUZA, Tania C.C. Discurso e imagem: perspectivas de análise do não-verbal. **CIBERLEGENDA**, Niteroi, RJ, v. 1, p. 15-32, 1998.

SOUZA, Tania C.C. Carnaval e memória: das imagens e dos discursos. **Contracampo**, Niterói, RJ: 5, UFF, 2000.

SOUZA, Tania C.C. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Rua**, Campinas, n. 7, Unicamp, 2001.

SOUZA, Tania C.C. Discurso e imagem: uma questão política. *In*: LENZI, L.H.C.; Da ROS, S.Z.; SOUZA, A.M. Alves de.; GONÇALVES, M.M. (Org.). **Imagem**: intervenção e pesquisa. Florianópolis, SC: NUP, 2006. p. 79-101.



SOUZA, Tania C.C. Mito e discursividade: um processo metonímico. **Revista Boitatá**, v.6, p. 23-35, 2008.

SOUZA, Tania C.C. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. *In*: BRANCO, L.K.A.C; RODRIGUES, E.A.; DOS SANTOS, G.L. **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre**. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora RG, 2011. p. 387-400.

SOUZA, Tania C.C. Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Nimuendajú: índios no Brasil. **Comunicação VII Jornadas de Estudos de Linguagem – JEL**, UERJ: 2012.

SOUZA, Tania C.C. Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Nimuendajú: índios no Brasil. **Revista FSA**, v. 10, p. 287-301, 2013.

SOUZA, Tania C.C. Discurso e cinema: (i)materialidades discursivas e efeitos metafóricos. **CASA** (Araraquara), v.11, p. 23-37, 2013a.

SOUZA, T. C. C. de. Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal. **RUA**, Campinas, SP, v. 24, n. 1, p. 17–35, 2018. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652400> Acesso em: 2 nov. 2022.

SOUZA, Tania C.C. Três perspectivas na análise da imagem. **Palestra**. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, Cascavel, PR: Unioeste, 2016.

Data de recebimento: 25/01/2024

Data de aprovação: 28/04/2024

Revista do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som
LABEDIS - www.labedis.mn.ufrj.br
Museu Nacional, UFRJ



LABEDIS

Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som

Museu Nacional • Universidade Federal do Rio de Janeiro • Rio de Janeiro

www.labedis.mn.ufrj.br